

UNEMAT

PROFLETRAS

MESTRADO

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

Rede Nacional

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado



PROFLETRAS

Rede Nacional

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem
Cidade Universitária - Cáceres-MT
Tel. (65) 3224-1307
profletrascaceres@unemat.br

UNIDADE CÁCERES

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -
PROFLETRAS**

AULENI DIAS FREITAS DE MORAES

**LEITURA DO ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER: A CONSTITUIÇÃO DA
AUTORIA NA ESCOLA**

**CÁCERES-MT
2021**

AULENI DIAS FREITAS DE MORAES

**LEITURA DO ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER: A CONSTITUIÇÃO DA
AUTORIA NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de Mestra em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sandra Raquel de A. Cabral Hayashida.

**CÁCERES-MT
2021**

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

M8271	<p>MORAES, Auleni Dias Freitas de. Leitura do Espaço Público de Lazer: A Constituição da Autoria na Escola / Auleni Dias Freitas de Moraes – Cáceres, 2022. 226 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022. Orientador: Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida</p> <p>1. Práticas de Leitura e Escrita. 2. Autoria. 3. Discurso. 4. Espaços Públicos de Lazer. I. Auleni Dias Freitas de Moraes. II. Leitura do Espaço Público de Lazer: A Constituição da Autoria na Escola: .</p> <p>CDU 028.1:81'42</p>
-------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

AULENI DIAS FREITAS DE MORAES

LEITURA DO ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER: A CONSTITUIÇÃO DA AUTORIA NA
ESCOLA

BANCA EXAMINADORA

PARTICIPAÇÃO DE FORMA VIRTUAL

Prof.^a Dr.^a Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida (UNEMAT)
ORIENTADORA

Prof.^a Dr.^a Claudia Regina Castellanos Pfeiffer (UNICAMP)
AVALIADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta (UNEMAT)
AVALIADORA

APROVADA EM 28/09/2021

Dedico este trabalho a DEUS, “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!”. (Romanos 11:36).

Aos meus amados pais e irmãs, pelos ensinamentos e incentivos, essenciais para minha vida.

Ao meu esposo Wanderley e filhos: Rodrigo e Iasmym, pela compreensão e dos quais usurpei o tempo necessário para estudo e elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu Senhor, pai, amigo e fiel companheiro, que cuidou de cada detalhe, que me ensinou a esperar com paciência, sabedoria e determinação o seu bom tempo e assim me capacitar e permitir realizar o sonho de cursar o Profletras. Toda honra e glória a Seu nome. “Oh! Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia”. (Salmos 34:8).

A minha querida família (Freitas e Bueno), meu porto seguro, em especial ao meu pai, José Nunes (*in memoriam*), saudade imensa, que me ensinou cedo o valor do estudo e o significado do amor e respeito pela educação. A minha mãe Eliza, pelo exemplo de fé, honestidade, coragem, sabedoria e esperança.

As minhas irmãs, Aldeneide e Alzeni pelo incentivo, pelas orações e pela companhia na vida. Minha eterna gratidão e todo meu amor.

Aos meus amados sobrinhos, em especial Aline, por tantas vezes que indagaste: “Lendo Pêcheux?”. Vocês são fantásticos!

Toda gratidão, de modo singular, ao meu marido, Wanderley Bueno, e a nossos filhos, Rodrigo e Iasmym, por fazerem parte da minha vida, pela paciência, compreensão, por estarem comigo em todos os momentos e pela motivação incondicional para que eu prosseguisse em meus estudos. Esta conquista é nossa!

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida, fonte inesgotável de aprendizado e de inspiração, um inexprimível “OBRIGADA!”. Pela orientação incansável, firme e generosa. Por me ensinar a pesquisar, pela confiança, serenidade, pela competência, sabedoria, pelos conhecimentos riquíssimos compartilhados e por ser incentivadora na superação dos meus limites e me orientar a melhores formulações. Minha profunda admiração!

À Banca Examinadora, meu respeito, intensa alegria e admiração: Dr.^a Claudia Regina Castellanos Pfeiffer e Dr.^a Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta, pela generosidade, pelas valiosas contribuições na qualificação do meu trabalho e por aceitarem fazer parte da minha banca. “Muito obrigada!”

À Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Cáceres, instituição promotora deste Mestrado Profissional em Letras, pela formação proporcionada, por reverberar de maneira tão especial e significativa na minha vida acadêmica e profissional.

Ao PROFLETRAS – Unidade de Cáceres/MT, em especial à Prof.^a Dra. Maristela Cury Sarian, pela prontidão, excelência, zelo e comprometimento em tudo que realiza.

À Prof.^a Dra. Vera Regina e aos professores do Profletras da UNEMAT/Cáceres, que fizeram parte deste caminhar, por todos os valiosos conhecimentos e ensinamentos compartilhados e pelo empenho com a formação docente.

À CAPES, pelo investimento da formação em nível de mestrado aos profissionais da Educação Básica.

Às colegas da turma VI do Mestrado Profissional em Letras, que tive a oportunidade de conhecer, em especial Patrícia e Célia, pela parceria e companhia nas idas e vindas à Unemat.

Àquelas que de colegas da turma VI, hoje são amigas especiais, Luciana e Rosângela, pelo entusiasmo com os quais sempre pude contar, pelos momentos de cumplicidade, apoio, escuta, pela compreensão, troca de saberes, paciência e amizade sincera para a vida. A amizade de vocês fez o caminho ficar mais leve e florido. Obrigada pelo carinho e respeito!

À Kelly Carvalho Cajango e Yonice, minhas amadas amigas/irmãs em Cristo, gratidão pela amizade e orações a meu favor.

À Seduc-MT, pela licença para Qualificação Profissional, concedida durante a realização do curso.

À assessora pedagógica do município de Araputanga, Patrícia Otênio, pelo apoio e respeito.

À Secretária de Cultura, Karla Oliveira, pelo excelente atendimento no Centro de História, Educação e Cultura de Araputanga-MT (CHEC).

À gestão, funcionários, coordenadores e professores da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, escola tão amada, em especial ao Jefferson Capeletti, Sandro Charnoski e Lucileda Rios, pela confiança e respeito.

À família Xavier: Ma. Joana Darc Xavier Alves, Ma. Vanusa Irene Xavier dos Santos e Francisco Xavier (Chico Gato), pelas riquíssimas contribuições e apoio durante o processo.

Ao meu colega, Rafael Heliodoro, por apoiar, incentivar meu trabalho e ceder fotografias de qualidade e excelência.

A todos aqueles professores que, assim como eu, apesar das ondas bravias, ainda resistem e continuam acreditando na educação, e sonham que, por meio dela, podem mudar a vida de seus alunos.

Aos alunos de ontem e de hoje, em especial, aos alunos do 8º ano da turma 2019, pela inquietação em relação aos espaços públicos de lazer na cidade de Araputanga, que me fez definir a temática desse trabalho. Sintam-se vencedores também!

Enfim, a todas as pessoas que torceram por mim, intercederam a meu favor e que participaram direta e indiretamente desta conquista. Minha gratidão!

“Porque Deus não nos deu um espírito de temor, mas de fortaleza, amor e moderação”. (2 TIMÓTEO 1:7).

“[...] todo sujeito é constitutivamente colocado como autor de e responsável por seus atos [...]”. (PÊCHEUX, 2014, p. 198).

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma proposta de leitura e escrita a ser desenvolvida em uma turma do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, no município de Araputanga-MT, como parte dos trabalhos realizados no Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Unidade UNEMAT/Cáceres/MT. Ancorada na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso pecheuxtiana, busca-se construir um arquivo de leitura sobre os espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga, com o objetivo de oferecer condições aos alunos de assumirem gestos de autoria para a produção de um Atlas sobre esses espaços públicos de lazer. Nesse sentido, abordou-se as condições de produção do trabalho, apresentando, inicialmente, um estudo sobre a cidade de Araputanga, discorrendo sobre o processo de sua fundação até os dias atuais. Posteriormente, mostrou-se o percurso teórico, que possibilitou deslocamentos e rupturas necessários para assumir a posição-professor que media o conhecimento, bem como para trabalhar a língua e a linguagem na sala de aula, desenvolvendo uma proposta discursiva com a leitura e escrita com vista à autoria. Nessa direção, o arquivo de leitura foi constituído de diferentes materialidades discursivas como textos historiográficos sobre a cidade, textos jurídicos sobre o lazer, mapas, vídeos, fotografias, enquetes, verbetes de dicionário, entrevistas, dentre outros. A partir dessas materialidades foi possível pensar como se dá o trabalho de leitura e escrita sob o ponto de vista discursivo para conhecer a cidade. Assim, a proposta trabalha a língua/linguagem fazendo sentido na prática, ou seja, em suas situações reais de uso, compreendendo que os sujeitos são interpelados pela ideologia e pelas condições de produção. O sentido de lazer foi ampliando a cada leitura, pois existe um leque de possibilidades para significá-lo. Várias práticas de linguagem foram utilizadas, mobilizando a teoria adotada e abordando questões referentes à leitura, à interpretação e à autoria. Pode-se dizer que, com as práticas de leitura e escrita, aqui, propostas, os alunos venham a constituir uma memória discursiva sobre o lazer, de modo a assumirem-se autores na produção de um Atlas dos Espaços Públicos de Lazer de Araputanga. Desse modo, esta proposta oferece condições de produção que possa possibilitar a constituição da autoria na escola e (re)significar o ensino-aprendizagem da língua/linguagem nas aulas de língua portuguesa.

Palavras-chave: Práticas de Leitura e Escrita. Autoria. Discurso. Espaços públicos de lazer.

RESUMEN

Esta disertación presenta una propuesta de lectura y escritura a desarrollar en una turma del nono año de la Enseñanza Fundamental en la Escuela Estatal Nossa Senhora de Fátima en el municipio de Araputanga-MT, como parte de los trabajos realizados en el Programa de Posgrado, Maestría Profesional en Letras - PROFLETRAS, de la Unidad UNEMAT/Cáceres/MT. Anclada en la perspectiva teórico-metodológica de la Análisis del Discurso pecheuxtiana, se busca construir un archivo de lectura sobre los espacios públicos de ocio en la ciudad de Araputanga, con el objetivo de ofrecer condiciones a los alumnos de asumir gestos de autoría para la producción de un Atlas sobre estos espacios públicos de ocio. En ese sentido, se acercó las condiciones de producción del trabajo, presentando, inicialmente, un estudio sobre la ciudad de Araputanga, discurrendo sobre el proceso de su fundación hasta los días actuales. Posteriormente, se mostró el recorrido teórico, que posibilitó desplazamientos y rupturas necesarios para asumir la posición-profesor que media el conocimiento, bien como para trabajar la lengua y el lenguaje en la clase de aula, desarrollando una propuesta discursiva con la lectura y escritura con vista a la autoría. En esa dirección, el archivo de lectura fue construido de diferentes materialidades discursivas como textos historiográficos, sobre la ciudad, textos jurídicos sobre el ocio, mapas, videos, fotografías, encuesta, entradas de diccionarios, entrevistas de entre otros. A partir de esas materialidades fue posible pensar cómo se da el trabajo de lectura y escritura bajo el punto de vista discursivo para conocer la ciudad. Así la propuesta trabaja la lengua y el lenguaje haciendo sentido en la práctica, o sea en sus situaciones reales de uso, comprendiendo que los sujetos son interpelados por la ideología y por las condiciones de producción. El sentido de ocio fue ampliado en cada lectura, porque hay un abanico de posibilidades para significarlo. Varias prácticas de lenguaje fueron utilizadas movilizandando la teoría adoptada y abordando cuestiones referentes a la lectura, a la interpretación y a la autoría. Se puede decir que, con las prácticas de lectura y escritura aquí propuestas, os alumnos vengan construir una memoria discursiva sobre el ocio, para asumirse autores en la producción de un Atlas de los Espacios Públicos de Ocio de Araputanga. De ese modo, esta propuesta ofrece condiciones de producción que puede posibilitar la constitución de la autoría en la escuela y (re) significar la enseñanza- aprendizaje de la lengua/lenguaje en las clases de lengua portuguesa.

Palabras-clave: Prácticas de lectura y escritura. Autoría. Discurso. Espacios públicos de ocio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fotografia de derrubada em fazenda da Gleba paixão	27
Figura 2 - Relatório de fundação da cidade de Araputanga.....	28
Figura 3 - Declaração de doação	31
Figura 4 - Araputanga na 2ª Geração de emancipação dos municípios de Cáceres.....	33
Figura 5 - Bandeira da cidade de Araputanga, MT.....	34
Figura 6 - Fotografia da Escola Rural Mista na Rua 23 de Maio de 1971	36
Figura 7 - Fotografia de desfile dos alunos Escola Rural Mista 23/05/1975.....	36
Figura 8 - Fotografia da Escola Estadual de 1º Grau João Sato, Araputanga, MT.....	37
Figura 9 - Fotografia do Bairro Jardim Primavera	39
Figura 10 - Fotografia de Inauguração da Escola Nossa Senhora de Fátima-1993	40
Figura 11 - Fotografia Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima	40
Figura 12 - IDEB- Rede Estadual- Araputanga -MT.....	44
Figura 13 - Mosaico dos espaços públicos de lazer.....	46
Figura 14 - Mapa da cidade (parte do mapa).....	55
Figura 15 - Fotografia da Avenida 23 de Maio (1981).....	95
Figura 16 - Fotografia da Avenida 23 de Maio Centro (2020).....	95
Figura 17 - Mapa do estado de Mato Grosso e seus municípios	99
Figura 18 - Mapa da Região Sudoeste de MT – Araputanga.....	100
Figura 19 - Araputanga: localização dos espaços públicos de lazer.....	101
Figura 20 - Livro O que é lazer	108
Figura 21 - Recorte do Código de Postura de Araputanga -MT.....	112
Figura 22 - Fotografia da Praça Romeu Furlan	120
Figura 23 - Fotografia da Praça São José	120
Figura 24 - Fotografia- Lago Azul	121
Figura 25 - Fotografia da Campo Municipal Márcio Mendes.....	121
Figura 26 - Fotografia da Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas.....	122
Figura 27 - Painel das praças Romeu Furlan e São José	123
Figura 28 - Análise das praças.....	125
Figura 29 - Quadro se verbetes da palavra “praça” em dicionários	126
Figura 30 - Fotografia da Igreja São José -1969.....	128
Figura 31 - Fotografia da Praça São José- 2021	128

Figura 32 - Fotografia do Lago Azul-1994 (após represamento)	129
Figura 33 - Fotografia - Araputanga passado (Lago Azul).....	130
Figura 34 - Fotografia do Lago Azul- 2020	130
Figura 35 - Ficha de registro de observação de espaço público de lazer.....	132
Figura 36 - Quadro- Sentidos de lazer em dicionários	137
Figura 37 - Fotografia do Lago Azul- Espaço para caminhada.....	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. ESCOLA E CIDADE: PALCO DE ENTRELAÇAR SENTIDOS.....	24
1.1 A cidade de Araputanga: breve tecitura histórica.....	24
1.2 A constituição da escola e os sujeitos-alunos	38
1.3 Espaços públicos de lazer: lugares de memória.....	45
2. DESLOCAMENTOS E RUPTURAS NA CONSTRUÇÃO DA TRAMA TEÓRICA: TECENDO A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	51
2.1 Os sentidos produzidos pelo Profletras: diálogos e ressignificações na mobilização do nosso trabalho.....	51
2.1.1 Reflexão após a qualificação do projeto de intervenção.....	54
2.2 As considerações e os trajetos da teoria no nosso caminhar.....	63
2.3 Leitura e escrita na perspectiva da Análise de Discurso Francesa: (des)atando os nós	69
2.4 O lugar do lazer na sociedade: delineando sentidos.....	72
3. PROPOSTA PARA A MATERIALIZAÇÃO DISCURSIVA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER: (RE)DEFINIR PRÁTICAS E MOVIMENTAR SENTIDOS	77
3.1 As condições de produção e(m) seus desdobramentos.....	78
3.1.1 Entre surpresas e (re)composições: o percurso da natureza propositiva.....	82
3.2 Marcas da história de Araputanga e(m) sala de aula: um percurso para conhecer, ler e interpretar a cidade sob o ponto de vista discursivo.....	85
3.2.1 O ponto de partida: a leitura do texto.....	86
3.2.2 Lendo o processo de fundação da cidade.....	91
3.2.3 Leitura do mapa do Estado e mapa da cidade.....	97
3.3 Sentidos de lazer em diferentes materialidades discursivas.....	102
3.3.1 Leitura de vídeos: sentidos de lazer.....	102
3.3.2 Sentidos de lazer: leitura de livro.....	108
3.3.3 Sentidos de lazer: leitura de documentos oficiais que instituem o lazer na cidade.....	111
3.4 Espaço público de lazer em (dis)curso: a constituição da autoria na escola.....	118
3.4.1 Os espaços públicos de lazer em fotografias: uma leitura discursiva da imagem.....	119
3.4.2 Leitura e interpretação de entrevista.....	133

3.4.3 Reflexão sobre os espaços de lazer de Araputanga: uma questão de cidadania.....	138
3.5 A produção de texto e o arcabouço dos sentidos produzidos: desenlace e circulação dos gestos de leitura e escrita do Atlas dos espaços públicos de lazer.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS: EFEITO IMAGINÁRIO DE PONTO FINAL.....	146
REFERÊNCIAS.....	154
ANEXOS.....	169

INTRODUÇÃO

Não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra.

(PÊCHEUX, 2015, p. 29).

Tendo como base e reflexão as palavras de Pêcheux, compreendemos que durante a nossa jornada nos deparamos, damos *de encontro*, com a necessidade de mudança em nossa prática docente. E a partir desse encontro fomos instigados ao inconformismo em relação ao leite que ganhamos, sentimos vontade e necessidade de receber e buscar alimentos sólidos, que nos revigorassem, que nos fizesse crescer fortes e aptos para o enfrentamento das barreiras que dia após dia encontramos em nossa jornada e que precisamos resistir e prosseguir. Nessa direção, Lagazzi-Rodrigues (1988) afirma que no jogo da transitividade, o sujeito resiste porque resiste contra algo. E nós resistimos ao sistema que coíbe o sujeito e mesmo em silêncio, buscamos não ficar inertes à conjuntura que nos encontrávamos, porque “[...] no silêncio, o sentido é”. (ORLANDI, 1997, p. 33).

O desejo em ser professora é de longa data. Desde criança sempre gostei de brincadeiras que envolvia a escola, a sala de aula, os livros, sendo uma diversão encantadora que cada vez se aguçava mais, pois meus pais, em especial meu pai, *in memoriam*, sempre cobrou com seriedade os estudos e incentivou suas filhas a ingressarem na carreira de professoras, o que foi de grande alegria para ele quando isto aconteceu.

A relação que tive com os professores, em especial durante minha vida estudantil foi significativa, uma vez que residi e estudei em uma cidade do interior de Mato Grosso. Assim, o contato do professor com a família dos alunos foi de “laço estreito”. Tudo isto contribuiu para minha formação e decisão em me tornar professora.

A educação infantil estudei em uma escola denominada Nossa Senhora Aparecida, uma extensão da Escola Estadual João Sato, hoje, escola Plena de período integral em Araputanga, que tinha como professoras as Freiras Católicas, que prestavam serviços à comunidade de Indiavaí¹ devido à falta de professores e nessa época, Indiavaí era distrito de Araputanga – MT. Cursei o Ensino Fundamental e Médio, no Magistério, na Escola Estadual Paulino Modesto, em Indiavaí. A graduação em Letras foi com habilitação em Português / Espanhol, realizada junto à Universidade de Várzea Grande (UNIVAG) no período de 2000/2004, quando houve uma extensão do curso no município de Indiavaí. Nesse momento eu

¹ Distrito criado com a denominação de Indiavaí, pela lei estadual nº 4153, de 14-12-1979, subordinado ao município de Araputanga.

lecionava na escola Municipal Arthur Mezanini. A pós-graduação em Linguística concluí em 2005, pelo Instituto Cuiabano de Educação (ICE), na cidade de Mirassol d'Oeste – MT.

Em 1997, iniciou-se minha experiência com a docência, como professora municipal contratada em uma escola rural denominada Gervásio de Oliveira na comunidade de Águas Claras (distrito de Indiavaí) e, nesta ocasião, lecionei em uma sala Multisseriada². Em 1998, fui contratada para trabalhar na escola Municipal Arthur Mezanini, onde lecionei durante nove anos consecutivos com turmas do Ensino Fundamental I e II e com algumas turmas do Ensino Médio, na escola Estadual Paulino Modesto, disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola, sendo as duas instituições no município de Indiavaí.

Em 2006, trabalhei na escola pública municipal rural, comunidade Santa Cecília (AR-2,72 Km de Aripuanã) também multisseriadas, (turmas do Ensino Fundamental II), denominada Governador Fragelli, pertencente ao município de Aripuanã – MT. Em 2007, retornei para o município de Indiavaí para lecionar na escola Arthur Mezanini e permaneci até o ano de 2009, ocasião de nossa posse no concurso da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-MT). Atualmente sou professora de Português para o Ensino Fundamental e Médio, na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima no Município de Araputanga-MT.

Nossa profissão passa por adversidades que marcam nossa trajetória e nos instigam a buscar outros caminhos, a desconstruir algumas certezas, desfazer alguns mitos. E nesse complexo emaranhado, não foram poucas as vezes que nos inferiorizaram por termos sempre estudado, assim como trabalhamos “no mesmo lugar”, em cidades do interior, ou seja, o que fazia emergir a falta. E conforme Pfeiffer (2000, p. 41), o “[...] discurso fundador que define nossa educação pela falta, uma falta que se dá sempre presentificada em contraste com um passado que se retemporaliza a todo instante”. E identificamos a presença deste contraste em nossa trajetória o que nos fortaleceu e abriu horizontes.

Efeito de tudo o que foi mencionado, da exigência de um extenso currículo, com uma gama de conteúdo, da cobrança de resultados favoráveis nas avaliações internas e externas, dos embates que encontramos para o trabalho com a leitura e escrita e como é de conhecimento nosso, como relata Motta (2016, p.9) “[...] o fracasso na área da leitura recai, sobretudo, ao profissional da área da Língua Portuguesa”. Também tivemos divergências na sala de aula, na autoria, tanto dos nossos estudantes quanto nossa porque, segundo Pfeiffer (1998, p.103), “[...] não é só ao aluno que é retirado o direito ao gesto interpretativo, mas também ao professor” e ainda pelo cenário, marcado pela falta, que sentimos “sede” por experiências que nos

² Forma de organização de ensino na qual o professor trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente, tendo de atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes.

desacomodassem e o desejo de “ganhar asas e voar” em busca de formação é que nos propomos cursar o Mestrado.

Assim, Por meio dessa experiência ímpar, de cursar o Mestrado profissional em letras-Profletras, lançamos o olhar para nós, a fim de revisitar nossos caminhos e produzir melhores formulações que fossem *de encontro* com o real da sala de aula, que contribuíssem e transformassem o aprendizado dos estudantes e nessa direção, concordamos que “[...] essa mudança só pode se efetivar com outra que se efetive no próprio discurso pedagógico escolar que promoverá novos gestos de ensino na prática docente com vistas às práticas sociais”. (FERNANDES, 2018, p. 37). Nessa direção, fomos em busca desses novos gestos para nosso trabalho e procedimentos sociais e nossa dissertação mostra que tem surtido resultado.

Nesse sentido, entendemos que foi a escolha apropriada, enredar por estes caminhos, porque a proposta do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) em rede nacional é efetivar de maneira em que teoria e prática andem totalmente ligadas, sendo o nosso porto seguro em nossas experiências durante o curso, de maneira que procuramos um fazer pedagógico que rompesse com as práticas estagnadas e reverberasse sentidos significativos no trabalho com a língua e com o sujeito-aluno, questionador e intrigado com o que o cerca, de forma que ele fosse provocado a trabalhar em sua própria história de leitura. (ORLANDI, 2012). Ainda segundo a autora, “[...] histórias no plural”. (ORLANDI, 2012, p. 57). Esse fazer pedagógico tem sido relevante em todos os aspectos na nossa atividade em sala de aula e na sociedade, pois o que realizamos na escola, reflete fora dos muros escolares, ou seja, na sociedade.

Ressaltamos que inicialmente as leituras realizadas no curso, provocaram inquietude e o desejo de mudança aflorou ainda mais. E nesse anseio impetuoso de conversão fomos afetadas pela Análise de Discurso (doravante AD) e, então, percebemos que era impossível permanecer como antes, e por isso, escolhemos o dispositivo teórico da Análise de Discurso, devido à ruptura que ele provoca, mostra que “[...] um sentido não é literal, nem transparente, mas é incompleto, opaco e produz diferentes efeitos [...]” (GRIGOLETTO, 2005, p. 95); também retira as certezas cristalizadas, as completudes, desassossega o sujeito e busca “[...] compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. (ORLANDI, 2015, p. 13). Fato que é primordial para o trabalho com a língua em sala de aula. Esta teoria também dá suporte para “[...] trabalhar um sujeito afetado pelo inconsciente, e constituído pela ideologia”. (ORLANDI, 2017, p. 18).

O encontro com a Análise de Discurso foi fundamental para mudar o modo como trabalhávamos a língua, conforme Andrade; Cabral Hayashida, “[...] foi um importante passo para repensarmos nossas práticas pedagógicas, que até então se realizavam por meio de métodos

de ensino que forneciam conhecimento pronto, em vez de criarem oportunidade para o aluno construir seu conhecimento, compreendendo que os sentidos não estão prontos e, portanto, precisam ser construídos”. (2021, no prelo).

Desse modo, nossa proposição tem como objetivo trabalhar sobre os espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga, a partir da prática de leitura e escrita na perspectiva discursiva, dando condições aos alunos de realizarem a autoria para produção de um Atlas sobre esses espaços de lazer, porque segundo nos aponta o filósofo e sociólogo francês, acerca da cidade e o urbano, a cidade é lida porque foi escrita e para examinar o texto é preciso recorrer ao seu contexto. (LEFEBVRE, 2001). Pela perspectiva teórica que adotamos neste trabalho, compreendemos que os dizeres “São pistas que ele [o analista de discurso] aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção”. (ORLANDI, 2015, p. 28). É importante dizer que as condições de produção para a Análise de Discurso, consistem nas circunstâncias da enunciação e o contexto sócio histórico e ideológico.

Para desdobrar o objetivo, é preciso compreender junto com os alunos os diferentes modos de significação do lazer, e sua importância para o sujeito, bem como entender qual a sua relação com a cidade. E cabe ao professor, construir junto com o sujeito o estudante um arquivo de leitura sobre a cidade de Araputanga e os espaços públicos de lazer, constituído de várias materialidades discursivas³, porque de acordo com estudiosos e pioneiros da Análise de Discurso francesa, “[...] o arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes”. (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 2014, p. 170) e por trazer à tona significantes configurações é que pensamos na sua reunião.

É interessante pesquisar sobre os sentidos de “espaços de lazer” a fim de “[...] fazer emergir sentidos possíveis [...]” (CARROZA; DIAS, 2019, p. 116) para a geografia, educação física, urbanismo, sociologia, e nesse movimento em busca da compreensão dos sentidos de lazer, sugerimos que os alunos interpretem entrevista, realizada com sujeito da cidade de Araputanga (morador antigo do município), buscando compreender a relação com os espaços de lazer disponíveis na cidade, bem como conhecer a impressão sobre estes espaços e a cidade de Araputanga desde a sua chegada ao município.

Torna-se importante também um outro aspecto que consideramos para a realização deste trabalho. Trata-se como já mencionamos, de criar condições para que os alunos, a partir

³ Materialidades discursiva: propomos trabalhar textos historiográficos, documentos oficiais, vídeos, mapas, fotografias, entrevistas, enquetes, dentre outros.

da leitura do arquivo, efetivem a autoria na leitura e na escrita de seus textos e produzam um Atlas sobre os espaços de lazer da cidade de Araputanga, porque “[...] ninguém ensina ninguém a escrever. Aprende-se escrever, escrevendo. Sei também que, para escrever, é preciso ter algo para contar, algo sobre o que escrever”. (INDURSKY, 2019, p. 98). E nossos alunos a partir de tudo que está proposto neste trabalho, terão muito o que escrever, o que contar sobre os espaços de lazer no município de Araputanga e assim, daremos visibilidade aos gestos de interpretação na cidade, pois queremos os nossos alunos autores e “[...] temos o sujeito na função autor, toda vez que ele produz discurso, ao colocar-se na origem do dizer”. (SILVAGNI, 2016, p. 62). E na produção do Atlas, os alunos estarão na origem do dizer, pois as impressões e produções serão deles e assim, juntarão a autoria ao lazer e a arte, no espaço social, criando outro sentido. (ORLANDI, 2017).

No que tange ao trabalho com a leitura na sala de aula, percebemos que muitas vezes “aborta-se” as leituras dos alunos, concedendo apenas a voz da repetição. De acordo com Orlandi (2012), a escola tem excluído a prática de leitura não escolar que o aluno traz para a escola. E mais, não compreende que “[...] o aluno não lê só na escola, mas também fora dela” (ORLANDI, 2012, p. 51), o que nos faz perceber a presença do discurso autoritário do professor, que silencia o dizer do sujeito, coíbe a polissemia e apaga a relação aluno/professor. De acordo com Coelho (2016, p. 53), “[...] apagando a língua fluída [...]”, ou seja, uma língua em constante movimento que não pode ser “presa”. E a autora mostra ainda que “[...] é necessário cada vez mais valorizar e reconhecer este saber, o da leitura, como um saber que falta para o desenvolvimento da cidadania, da ciência e do próprio conhecimento”. (COELHO, 2016, p. 56), o que não cabe é o silenciamento do sujeito e o autoritarismo do professor.

Orlandi (2012), em seus estudos, apresenta três tipos de discurso: o autoritário, o polêmico e o lúdico. O discurso autoritário é o dominante, ou seja, a polissemia é contida e impõe um só sentido. O discurso polêmico é o possível, há a possibilidade de mais de um sentido e a polissemia é controlada. E já o discurso lúdico tende para a total polissemia, é ruptura, ou seja, a polissemia é aberta.

Segundo a autora (Ibidem), o discurso pedagógico se apresenta-se como autoritário, e a sua presença na escola inibe o direito do aluno à cidadania. É preciso que a polissemia se faça presente no espaço das nossas salas de aulas. É a partir de um trabalho com os discursos polêmico e lúdico que a polissemia estará aberta e os interlocutores poderão apresentar os efeitos de sentidos diversos, imprescindíveis a assunção da autoria dos alunos. A sala de aula precisa criar espaço de significação, dando voz aos alunos, o direito de se expressar, de concordar, discordar e propor suas ideias. Em relação à autoria, Orlandi (2007, p. 97) afirma que:

O que caracteriza a autoria é a produção de um gesto de interpretação, ou seja, na função autor o sujeito é responsável pelo sentido do que diz, em outras palavras ele é responsável por uma formulação que faz sentido. O modo como ele faz isso é que caracteriza sua autoria. Como naquilo que ele faz sentido ele faz sentido como ele interpreta o que o interpreta.

No modelo de ensino que está instalado, questiona-se como o aluno pode se responsabilizar pelo que diz? Como pode produzir gestos de interpretação? Hoje, a partir das leituras que temos feito, podemos dizer que neste modelo de educação, isto é improvável. Primeiramente porque o próprio professor precisa passar por um processo de formação para compreender o funcionamento da língua e seu ensino, para que possa ter respaldo teórico consistente para implementar qualquer mudança em sua sala de aula. Ou seja, o professor precisa também ser autor de suas práticas pedagógicas.

Precisamos compreender que não é fácil o processo de formação, não é fácil romper com o “mesmo” e entender que o “bem dizer” é difícil, conforme Pfeiffer (2000, p. 174) “[...] compreender o funcionamento deste estar no bem dizer consiste em um processo complexo e denso de embate com questões sempre inacabadas, em movimento”. E mesmo sabendo que este movimento é necessário, nós, professores, resistimos e por vezes não valorizamos o dizer do aluno, o conhecimento.

Nesse sentido, a posição, sujeito professor deve valorizar a historicidade do aluno, o seu dizer como sujeito que já tem potencial a ser desenvolvido e ou aprimorado, ouvir o que tem a dizer e permitir, pelo gesto de interpretação, que eles se posicionem e acessem outros textos, pois, conforme Pfeiffer:

É preciso que a escola dê condições para que o sujeito escolar se posicione na função da autoria. Uma das formas de se produzir isso é ler os textos dos alunos esperando encontrar marcas de construção de sentidos que não necessariamente condigam com o modelo canônico textual. Ouvir sentidos é atribuir autoria ao sujeito, atribuir autoria é abrir espaços de interpretação. A autoria deve ser construída e não simulada. (2000, p. 20).

É fundamental que a escola/professor abra espaço para que o aluno exponha seus gestos de autoria e que não seja simulada, um “faz de conta”. Para Guedes e Souza (2007, p. 139), “[...] é um direito de cidadania do aluno ter acesso aos meios expressivos construídos historicamente pelos falantes e escritores da língua portuguesa para se tornar capaz de ler e compreender todo e qualquer texto já escrito nessa língua”. E ainda dizem que “[...] ler para chegar a uma resposta que está pronta é o contrário de ler; é contrário de produzir sentido”. (GUEDES; SOUZA, 2007, p. 146).

A nossa experiência com a educação tem mostrado que o ensino de língua ainda vem sendo realizado com base na estrutura, distante do modo como a Análise de Discurso a concebe, que a compreende como língua opaca, carregada de sentidos, de história, de ideologia. Muitas vezes a escola e até mesmo as políticas públicas têm buscado soluções imediatas para resolver o problema do ensino, mas na maioria das vezes são desvinculadas do real. Sobre essas metodologias, Orlandi diz que se trata de “pedagogismos” e enfatiza que:

O pedagogismo, para mim, é acreditar em soluções pedagógicas desvinculando-as do seu caráter sócio-histórico mais amplo: para resolver a questão da leitura se propõe técnicas para que se dê conta, em algumas horas semanais, dessa propalada incapacidade. (ORLANDI, 2012, p. 46).

Dessa forma, o que se vê é que apesar da escola mobilizar metodologias para resolver a questão a curto prazo, não tem ocorrido a apropriação da leitura e da escrita fora do estruturalismo, ou seja, conforme o francês, expoente da Análise de Discurso francesa “[...] ela traduz um reconhecimento de um fato estrutural próprio à ordem humana: o da castração simbólica”. (PÊCHEUX, 2015, p. 46).

O que ainda se vê na escola é que o ensino de língua está “preso” ao ensino da gramática normativa. E o livro didático tem sido muitas vezes o único material usado em sala de aula. Entendemos que a realidade de muitas escolas é muito complexa e que acaba levando o professor a esse tipo de situação, todavia precisamos avançar. Segundo Orlandi (2012, p. 57), “[...] atualmente, a leitura ideal do professor está amarrada àquilo que é fornecido pelo livro didático. Ou seja, o professor orienta-se por aquilo que é fornecido, pronto-a-mão, no livro didático [...]”, ainda acrescenta que:

Na escola, a colocação das leituras previstas (possíveis e /ou razoáveis) por um texto escamoteiam, em geral, o fato de que se dá uma leitura prevista para ele, como se o texto, por si, a suscitasse inteiramente. Exclui-se dessa forma, qualquer relação do texto, e do leitor, com o contexto histórico-social, cultural, ideológico. (ORLANDI, 2012, p. 58).

Percebemos, assim, que a leitura na escola acaba não tendo relação com o real do aluno, ou seja, com as condições de produção que ele vivência no seu cotidiano, com suas contingências ideológicas, históricas e sociais. Dessa maneira, a escola não considera que, “[...] ler é desvelar o desconhecido”. (LEFFA, 1999, p. 31). Ou seja, não leva em conta o sujeito, sua constituição, apaga seu interesse, sua inscrição histórica, tolhe sua liberdade. Nesse sentido, é urgente considerar o que diz Zoppi-Fontana que é preciso “[...] refletir sobre a leitura, considerando-a como uma prática discursiva [...]” (1999, p. 52). E porque ler constitui-se em uma prática social, queremos este aprendizado para a vida dos nossos discentes.

No que concerne aos processos de identificação dos sujeitos e dos sentidos construídos no dia a dia da sala de aula, notamos que nossos estudantes ainda estão tomados por uma imagem de ensino de língua, baseado na gramática normativa, em regras estabilizadas, em conteúdos e:

Todos os exercícios de gramática exigem do aluno apenas a devida classificação da linguagem nas “caixinhas” pedidas pela gramática, corroborando mais uma vez com a ideia da linguagem enquanto código e tendo seus sentidos colados desde sempre nas palavras. (PFEIFFER, 1998, p. 94).

Assim, os estudantes não se sentem autorizados a deslocar deste procedimento para o discursivo. Em vista disto, a escolha em trabalhar a leitura e a autoria, também, visa irromper com a hegemonia, legitimar os alunos a produzir o gesto autoral na leitura e na escrita de seus textos, uma vez que:

O nosso sujeito-autor está vinculado ao sujeito de direto que tem responsabilidade sobre o que diz, mas ao mesmo tempo, tem o dever de dizer o esperado. Nós homogeneizamos continuamente o sujeito escolar. Há opção para tal prática? Não me cabe propor soluções (o que é pretencioso e acima de minhas possibilidades), mas cabe-me trazer à tona os processos de funcionamento para que tomemos consciência de nossas práticas - o que cada qual fará com tal consciência faz parte da história individual de cada um, mas o desvelamento, com toda a certeza, provoca efeitos. (PFEIFFER, 1995, p. 44).

Entendemos que a escola deve romper com a inércia presente no ensino da leitura e da escrita e desenvolver práticas discursivas, que envolvam diversas materialidades discursivas. Segundo Fernandes (2013, p. 149) “[...] é preciso estabelecer um observatório de análise específico para cada materialidade”. Ao estabelecermos estudo de materialidades discursivas distintas provocaremos os sentidos outros. Para isso, nos inscrevemos nos estudos da Análise do Discurso de base pecheuxtiana, pois entendemos que é na sala de aula que as relações com a linguagem, esta, “[...] fenômeno complexo [...]” (ORLANDI, 2012, p.136), se movimenta e por isso é necessário o deslocamento de uma prática de linguagem estagnada para a posição discursiva, pois:

A sala de aula não existe por si só. Não surgiu em um passe de mágica, nem mantém sua existência por mero acaso. Nela, a linguagem permeia as relações entre os alunos e professores, colocando sujeitos, história e ideologia em movimento durante o processo de ensino-aprendizagem. É esta língua e seu funcionamento na sala de aula [...]. Para pensarmos em língua e linguagem, é preciso refletir sobre os sentidos que elas produzem. [...] Eles são determinados pela história e pela ideologia no funcionamento da língua. (BOLOGNINI, PFEIFFER e LAGAZZI, 2009, p. 9).

E ainda, o processo da leitura e constituição da autoria perpassa o lugar onde o sujeito

reside, a cidade, de “[...] dimensão *paradigmática*; implica em e mostra oposições, a parte interna e a parte externa, o centro e a periferia, o integrado à sociedade urbana e o não integrado”. (LEFEBVRE, 2001, p. 70, grifo do autor). Além disso, a cidade é lugar sem consenso, com injustiças, incoerências e divisões sociais que massacram a minoria pois:

O consenso é uma construção imaginária e o discurso social, como estamos procurando mostrar não é homogêneo. Na sua aparência consensual, ele é, na realidade, uma metáfora da divisão social, administrada por uma dominante ideológica. [...] a opinião pública não é consensual, o lugar comum é atravessado pela divergência [...] (ORLANDI, 2004, p. 62).

Pensando nesta divergência, na divisão social que é tão marcante no espaço urbano, é que trazemos ao mesmo tempo para discussão do ensino da leitura e escrita a escolha dos alunos em estudar os espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga-MT como temática. Nesse sentido, é preciso pensar “[...] a cidade como um espaço de linguagem em que se cruzam relações de poder”. (ORLANDI, 2004, p. 81).

O estudo desta temática se justifica porque em uma conversa inicial com os alunos, eles manifestaram descontentamento com os espaços públicos de lazer em Araputanga, em relação à estrutura, a equipamentos inadequados e, até mesmo, a falta desses lugares na cidade. Ressaltamos que em distintas condições de produção, esses sujeitos muitas vezes não têm voz, ou seja, não são ouvidos. Não lhes permitem participar ativamente das decisões a respeito do lugar, ou seja, não exercem a cidadania e sobre isso, Orlandi (2004, p. 90) ressalta que “[...] é preciso dar voz, capacidade de decisão, propiciar a qualificação da cidadania em grande escala”.

Em relação à cidade, conforme Lefebvre (2001, p. 52), “[...] a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”. E ainda, considerando o que diz a arquiteta e urbanista Rolnik (1988, p. 22), “[...] o conceito de cidadão não se refere ao morador da cidade, mas ao indivíduo que por direito, pode participar da vida política”. E nossos alunos precisam ser ativos na sociedade e em sua vida política.

Pensando assim, projetamos este trabalho para ser desenvolvido na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, município de Araputanga-MT. Vale ressaltar que organizamos tudo para o ano letivo de 2020 que se iniciaria dia 23 de março de 2020, mas começa a pandemia pela Covid-19⁴ e a suspensão das aulas. O momento era de reclusão, todavia demos sequência as atividades/estudo. Diante de tantos outros decretos e avanço da pandemia, surgiu a Resolução

⁴ Segundo o ministério da saúde, é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19, causa a doença chamada de coronavírus (COVID-19).

nº 003/2020⁵, do Conselho Gestor, de 02 de junho de 2020. Esta permitiu que os trabalhos da VI turma do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) fossem de forma interventiva de caráter remoto ou propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial. E como as nossas condições de produção, bem como as de nossos alunos em relação à internet de qualidade, aparelho celular ou computador/notebook não permitiriam a realização da intervenção remota, (re)significamos o trabalho e optamos pela natureza propositiva.

Assim, para desenvolver o trabalho de caráter propositivo, como já estava previsto, propomos por práticas de linguagem com a leitura e a escrita, almejando a autoria dos alunos, devido às inquietações que fazem parte de nossa prática docente e o interesse dos alunos do Ensino Fundamental, 8º ano (2019) em discutir o tema espaços públicos de lazer na cidade de Araputanga-MT. Nossa proposta consiste na leitura/escrita e sua relação com a cidade, uma vez que entendemos que o papel da escola também é de sair de seus muros, de levar a escola às ruas, de pensar a textualidade que a constitui, de problematizar os sentidos, de desnaturalizá-los, e, assim, dar condições aos alunos de construir gestos de interpretação, mexendo com a verticalização, que como explica Orlandi (2004), só produz a violência e a segregação.

Dessa forma, tomando como base os acontecimentos que são comuns na sala de aula e compreendendo que “[...] discurso é a linguagem na boca do homem, uma linguagem em movimento” (CABRAL HAYASHIDA, 2012, p. 64), é que propomos, como dissemos anteriormente, trabalhar a leitura e a escrita na perspectiva discursiva. Entendemos que o trabalho com a língua/linguagem em sala de aula, por meio de práticas de leitura e de escrita são fundamentais para a formação do sujeito, e sabemos que seu ensino enfrenta obstáculos, distanciando do que se espera de um leitor e produtor autônomo. Sabemos que é preciso, na sala de aula, unir as distintas formas de linguagem pois:

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens não são alternativas. Elas se articulam. (ORLANDI, 2012, p. 52).

Nessa perspectiva de articular a linguagem, para desenvolvimento da proposta de trabalho, nos pautamos em conhecimentos do domínio teórico-metodológico da Análise de Discurso, filiada à Michel Pêcheux, na França, e desenvolvida, aqui no Brasil, por Eni Orlandi e outros pesquisadores. Também queremos nos pautar em estudiosos da sociologia urbana/lazer

⁵ Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do Mestrado Profissional em Letras – Profletras.

a exemplo do sociólogo francês Dumazedier (2000) e do estudioso do lazer, Marcellino (1996, 2007). Pretendemos abordar a relevância da leitura e escrita, do discurso cidadão e das práticas pedagógicas para a formação do sujeito leitor/autor, tais como: Pêcheux (2014, 2015), Orlandi (2004, 2007, 2012, 2015), Pfeiffer (1995, 1998, 2000), Gallo (1989), Indursky (2010, 2016), entre outros que têm como objetivo fomentar os gestos de leitura e autoria.

Para explicitar todas as fases/etapas do trabalho, dividimos a presente dissertação em três capítulos, acrescido da introdução e considerações finais. No primeiro capítulo, buscamos situar nosso leitor a respeito das nossas angústias ao longo da nossa jornada na educação, o que nos motivou a entrar no Programa de Mestrado, as inquietações que impulsionaram a construção de uma proposta de trabalho com a leitura e escrita em que os alunos assumissem a autoria desse processo.

Situamos o lugar e os sujeitos para quem a proposta está prevista. Desta forma, apresentamos a cidade, a escola e os sujeitos para quem se dirige a proposição, trazendo à tona uma reflexão a respeito de como a história da cidade é rica e proporciona inúmeras práticas pedagógicas significativas. Orlandi (2004) diz que a cidade tem seu corpo significativo e por isso, queremos abordar esses conhecimentos que são indispensáveis para a vida dos nossos discentes.

No segundo capítulo, discorremos sobre a constituição da proposta, desde a ascensão da problemática, a mudança de natureza (de interventiva para propositiva) até a definição do produto final. Para isso, mobilizamos os conceitos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso para pensarmos sobre o trabalho com a leitura e escrita e os deslocamentos que pretendemos, tanto no que se refere a leitura e a análise de documentos oficiais quanto nos estudos dos espaços de lazer e condições de produção do trabalho.

No terceiro e último capítulo, apresentamos o funcionamento discursivo da leitura do arquivo, mostrando as práticas de leitura e de escrita a ser desenvolvida com os alunos do 9º ano Ensino Fundamental, que vão culminar na produção do Atlas dos espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga. Neste momento trazemos a sequência de aulas, utilizando diversas materialidades discursivas, como já apontamos anteriormente, que mostra a constituição do arquivo de leituras sobre o tema abordado, provocando e mobilizando os sentidos.

Por fim, apresentamos as considerações finais, com o intuito de sintetizar, por meio de caráter avaliativo, os resultados procedentes da relação teoria-prática em funcionamento na elaboração do nosso trabalho propositivo, bem como nossa relação com a Análise de Discurso, os impactos que todo este processo provocou em nossa profissão docente, as expectativas e o aprendizado que tivemos.

CAPÍTULO I

ESCOLA E CIDADE: PALCO DE ENTRELAÇAR SENTIDOS

Neste capítulo vamos discorrer sobre as condições de produção do trabalho. As condições de produção, segundo Orlandi (2015), compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação, o sentido estrito, que diz respeito as circunstâncias da enunciação e o sentido amplo, que incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

Sobre isso, Andrade e Cabral Hayashida (2021, no prelo)⁶ dizem:

As condições de produção consideram o sentido estrito, que é o contexto imediato, e o sentido amplo, o contexto sócio-histórico e ideológico. Assim, abordar as condições de produção do trabalho é falar dos sujeitos – professor e aluno –, da escola, do conhecimento, da língua e seu ensino, considerando o contexto imediato e amplo.

No nosso caso, vamos abordar sobre a cidade de Araputanga, a Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima e os sujeitos professor e alunos, bem como o ensino de língua, que constituem as condições de produção do nosso trabalho, que passamos a tecer.

1.1 A cidade de Araputanga: breve tecitura histórica

A cidade é um espaço significante, investido de sentidos e de sujeitos, produzidos em uma memória. Quando se fazem certos gestos em relação a essa memória, se está transformando, modificando, ou não, essa memória. (ORLANDI, 2004, p. 83).

Pensar a cidade como espaço significante, investido de sentido e de sujeito é que nos conduz a realizar este trabalho de natureza propositiva, planejado para ser desenvolvido na cidade de Araputanga⁷, que está localizada na região Sudoeste de Mato Grosso.

Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁸, a região de Araputanga foi habitada por povos indígenas Bororó desde tempos imemoriais e esses habitantes eram denominados pelos paulistas de índios Cabaçais. Atualmente, desses indígenas não se encontram descendentes no município, os remanescentes foram conduzidos para uma área

⁶ ANDRADE, Cléia do Nascimento Moraes; CABRAL HAYASHIDA, Sandra Raquel de Almeida. Práticas discursivas de leitura e escrita com nomes próprios de pessoa. In: LIMA, José Leonildo; SARIAN, Maristela Cury. SILVA, Nilce Maria. MARTINS E SILVA, Vera Regina. Teorias, práticas e políticas no ensino de língua portuguesa: com a palavra o PROFLETRAS Cáceres. Unemat Editora: Cáceres-MT. 2021. E-book (no prelo)

⁷ Araputanga - Os termos Araputanga e mogno têm o mesmo significado.

⁸ O IBGE é o principal provedor de informações geográficas e estatísticas do Brasil.

indígena denominada Umutina. De acordo com Monzilar (2019), a Terra Indígena Umutina está localizada a 15 km da sede do município de Barra do Bugres, no centro norte do Estado de Mato Grosso. Conforme a autora, no século XX, eram 23 sobreviventes. (MONZILAR, 2019).

Segundo Guimarães (2018, p. 176)⁹, do ponto de vista da Semântica do Acontecimento, todo nome próprio significa, “[...] porque seu funcionamento significa sempre, na sua história de enunciações, a enunciação que o estabeleceu de algum modo”. A cidade em estudo teve três nomes em sua história: Ituinópolis, Gleba Paixão, Araputanga.

O povoamento do município de Araputanga originou-se em função do movimento de colonização programado e incentivado pelo governo estadual, iniciado na década de quarenta. Conforme o IBGE, o Estado vendia as terras a preços baixos como incentivo para povoar a região, quem comprasse se comprometia com o governo “[...] a abrir estradas e assentar infraestrutura para a colonização”¹⁰. Na década de 50, as terras daquela região foram medidas pelo Dr. Nelson da Costa Marques, que separou e legalizou a posse de um pedaço para si, localizado no Vale das Pitas, do Bugre, Água Suja e do Córrego Grande.

Conforme IBGE, no final da década de 50, um grupo de imigrantes coreanos e japoneses compraram terras com o objetivo de implantar uma colonização que fosse modelo, e deram o primeiro nome ao lugar de **Ituinópolis**, mas acabou não dando certo e a maioria daquelas pessoas foram embora.

Magro (2016, p. 56, 57), ao analisar o primeiro nome de Araputanga diz:

A formação do nome Ituinópolis produz esse efeito semântico: Pólis do grego que significa cidade-estado. Na Grécia Antiga, a pólis era entendida como um pequeno território localizado geograficamente no ponto mais alto de cada região, cujas características deveriam ser equivalentes a uma cidade. A formação do nome, de certa maneira, diz de um memorável cidadão, e ao nomear abre-se uma futuridade, possibilitando novas enunciações para o espaço e do espaço, o acontecimento recorta, possivelmente, outros memoráveis como o da nomeação da cidade do estado de São Paulo Itu, cidade que possui presença marcante de imigrantes japoneses e seus descendentes.

Dr. Nelson da Costa Marques decidiu lotear as suas terras e a partir de 1958, a região começou a ser habitada por diversas famílias, que iniciaram limpando a mata e começando a lavoura de subsistência. Ainda segundo o IBGE, a primeira escritura pública foi lavrada a 26 de julho de 1958, em terreno adquirido por Alcides Vidal Salomé. Com ele, outros nomes são

⁹ Trazemos aqui Eduardo Guimarães, nas obras *Semântica do Acontecimentos e Semântica enunciação e sentido*, porque ele discute, entre outras coisas o processo de nomeação, o mapa como texto, que mais adiante vamos trabalhar. Mesmo que seja uma teoria que se diferencia da AD, olhamos para aquilo que se aproxima.

¹⁰ IBGE, consultado em outubro de 2020.

mencionados pelos historiadores que adquiriram a terra e estabeleceram naquela localidade: Gabriel Villas Boas, Bertolino Micheles, Írio Mathias, Fumio Itai e Zé Cearense.

O ano de 1959 registra o nascimento dos primeiros moradores daquele povoado. Conforme Costa (2020), o povoado recebeu o nome de **Gleba Paixão**, substituindo o primeiro nome, Ituinópolis. A escolha do nome deve-se ao fato de que os pioneiros se apaixonaram pela natureza rica do lugar, composta por mata superabundante.

Conforme Magro (ibidem, p. 60,61):

A nomeação da gleba por Paixão rememora, constatações do pioneiro ao fazer leituras do lugar e das suas circunstâncias e de como tal lugar proporciona bem estar e encantamento. A nomeação Paixão descreve o sentimento do migrante pelo lugar, paixão pela terra e pelo o que ela podia oferecer. O apego, o gosto pela terra e tudo o que nela há se dá pela questão da relação do pioneiro e o lugar. Percebemos aqui que o processo de renomeação recorta um sentimento que diz do contato e da vivência do pioneiro com o espaço, enunciar Gleba Paixão é materializar tal sentimento.

A partir do início da década de 1960, outras famílias começam a chegar e estabelecer no povoado, como: Mamedes, Pimenta, Sato, Tavares, Horácio, Chiquinho Tatu, Benedito Sardinha, dentre outras. Em um relatório sobre a fundação da cidade de Araputanga, encontramos um manuscrito de Shiguemitsu Sato; ele relata que em 1961 fez a primeira visita ao loteamento denominado de Gleba Paixão, acompanhado de um corretor. Ele gostou da terra porque nela tinha muita madeira, segundo ele, “[...] madeira famosa, mogno Araputanga”.

Assim, o Sr. Sato adquiriu 600 alqueires de terra, que, segundo Sato, “[...] estavam reservadas para a fundação da cidade”. Sato chega as terras (Araputanga), no dia 30/05/1962, abre uma serraria e começa a exportar mogno para o exterior. No primeiro ano, planta arroz e após a colheita (maio de 1963), inicia-se o loteamento para a cidade de Araputanga.

Para Guimarães (2018, p. 175), do ponto de vista da Semântica do Acontecimento, “[...] é inseparável, do funcionamento e sentido do nome próprio, o acontecimento que o tornou nome próprio para algo”. O nome Araputanga foi dado por Nelson da Costa Marques, por conta do nome da madeira que se chamava mogno araputanga. A madeira impressionava devido sua grandiosa espessura conforme registros encontrados no CHEC em fotografias da década de 60 (sessenta), figura 1, que nos convida a ver a expressividade e mostra os registros escritos acerca da madeira, como ressalta Lagazzi (2020, p.110), “[...] a fotografia, em seu convite ao olhar, se abre para a deriva e se apresenta como uma tecnologia política de linguagem [...]”.

Figura 1 - Fotografia de derrubada em fazenda da Gleba paixão



Fonte: CHEC (2020).

A fotografia cedida pelo CHEC é forte e nos convoca a dizer que esse momento de derrubada em fazenda da Gleba Paixão ocorreu por volta da década de 70 e “nessa década, de 70, o Brasil encontra-se destituído de uma política ambiental [...]” (Motta, 2019, p. 116). Daí a naturalidade dos moradores em realizar e fotografar esse acontecimento. Além disso, em se tratando da fotografia, “o texto de imagem interpela o sujeito à leitura. Há cores, luminosidade, composição visual em cena. No fotograma, imagens e escrita impõe sentidos sobre o ambiente. Significa distintamente a trajetória da memória discursiva, o interdiscurso. (MOTTA, 2019, p.119).

A imagem (fotografia) mostra que as características morfológicas da árvore são de grande estatura, que pode atingir 30 metros de altura e seu tronco chega em média a 50 e 80 centímetros de diâmetros, possuindo uma cor avermelhada. Justamente por essas características foi muito procurada para fabricação de móveis de luxo, especialmente no exterior, pela qualidade e durabilidade da madeira, por conta dessa procura, quase chegou em extinção¹¹. No relatório manuscrito, embora diferente da ata que tem como objetivo provar o que está registrado, por isso os presentes na reunião assinam tal documento, o relatório, mesmo não assinado por várias pessoas é o que está legitimando, ou seja, documenta a chegada do Sr. Sato e a fundação do município, figura 2, encontramos um relato do Sr. Sato sobre o lugar e a madeira. Vejamos:

¹¹ Fonte: <http://faunaeflora.terradagente.com.br/>. Acesso 19/08/2021.

Agradei da terra e na mata tinha madeira Famoso Mogno Araputanga. Cabou comprando esta área 600 alqueires, que estava reservado para a fundação da cidade, Dia 30 de maio de 1962 chegamos com mudança neste lugar, montamos serraria para serrar mogno e exportar para o exterior. (Relatório de fundação da cidade de Araputanga).

Como podemos ver, a madeira era famosa e atraia pessoas para trabalhar com ela, como cita o relatório em que o Sr. Sato abre uma serraria para exportar o magno para o exterior.

Figura 2 - Relatório de fundação da cidade de Araputanga

Relatório de Fundação da Cidade Araputanga

Primeira visita de loteamento gleba Passa
 Confirmação feita de ano 1961,
 Intermediário Agremensol e corretor de venda de
 terra quicô Uemura Naomasa Residente
 em Cuiabá,
 Agradei da terra e na mata tinha madeira
 famoso Mogno Araputanga,
 Cabou comprando esta área 600 Alqueires que
 estava Reservado para fundação de cidade,
 Dia 30 de Maio de 1962 chegamos com muda
 - ca neste lugar,
 montamos serraria para serrar mogno e
 exportar ^{para} exterior,
 Primeiro ano que chegou abrimos mais 40 Alqueires
 plantamos toda área em Arroz
 Depois de colheita de Arroz Maio de 1963
 Começamos loteamento de Cidade Araputanga
 Este nome de Araputanga foi dono de Gleba
 Passa Dr Nelson Costa Marque que pediu nome
 Cidade Araputanga porque nesta gleba Passa
 tinha muito este famoso madeira,
 Shigeo Sato

Fonte: CHEC (2020).

Para Magro (2016, p. 65):

O nome da madeira passa a ser o nome do lugar. O lugar passa a ser identificado por ser a terra onde há a madeira araputanga, o nome da madeira nobre identifica, localiza, nomeia e designa a cidade. A renomeação vem pela constituição de sentidos próprios da origem e quantidade de madeira na região. É a natureza a responsável pela releitura que fazem do lugar para produzir a renomeação.

A autora observa em seus estudos que a mudança de nomes não se dá por mudanças no espaço, mas a uma mudança de posição enunciativa, mudança do lugar social do dizer que nomeia. Ituinópolis é nomeado pelo lugar social do pioneiro que deseja instalar uma colônia para a produção de hortaliças. Como vimos pelo texto historiográfico, os imigrantes queriam tornar o lugar um modelo, no entanto não conseguiram. A Gleba Paixão foi nomeada, significada, do lugar social do migrante fazendeiro que faz a doação de terras para a construção da cidade. Estes sujeitos vieram para essa região do Estado pelo relato que receberam sobre a terra. O nome Araputanga é renomeado por Dr. Nelson da Costa Marques, ele reconceitua o lugar dando novos sentidos ao já-nomeado. Ou seja, a madeira produzida no local determina os sentidos. É a cidade que se institui como nome da madeira Acrescentamos: lugar de mogno, lugar de madeira nobre, lugar promissor para importação de madeiras.

No que diz respeito ao desenvolvimento de Araputanga, segundo informações coletadas junto ao IBGE, a povoação da comunidade se desenvolveu rapidamente, tornando-se distrito, com território jurisdicionado ao município de Mirassol D'Oeste, por meio da Lei nº 3.922, de 04 de outubro de 1977:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO:

Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Artigo 1º - Fica criado, no Município de Mirassol d'Oeste, o Distrito de Araputanga.

Como o desenvolvimento continuou significativo, o distrito foi elevado à categoria de município, por meio da Lei Estadual nº 4.153, de 14 de dezembro de 1979 (ANEXO 3), desvinculando-se, portanto, do município de Mirassol D'Oeste:

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO:

Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado decreta e eu sanciono a

seguinte lei:

Art. 1º Fica elevado à categoria de Município, com o nome de Araputanga, o Distrito do mesmo nome, criado como unidade integrante do Município de Mirassol D' Oeste, pela Lei nº 3.922, de 04 de outubro de 1 977.

O município de Araputanga, atualmente, possui algumas localidades como: Cachoeirinha, Farinópolis, Monterlândia, Nova Floresta, entre outros povoados menores que compõem o território araputanguense. Em relação ao nome Araputanga, o IBGE diz que o:

Significado do Nome: O atual nome de Araputanga foi dado por Nelson da Costa Marques. A denominação é devida a grande quantidade de mogno existente na região. Os termos araputanga e mogno têm o mesmo significado, designando árvore da família das meliáceas, cientificamente conhecida por *Swietenia macrophylla*, uma espécie de vegetal que se distribui desde a América Central até a região do Centro Oeste brasileiro. É madeira de cor avermelhada e bastante apreciada para fabricação de móveis, e está em franco processo de extinção.

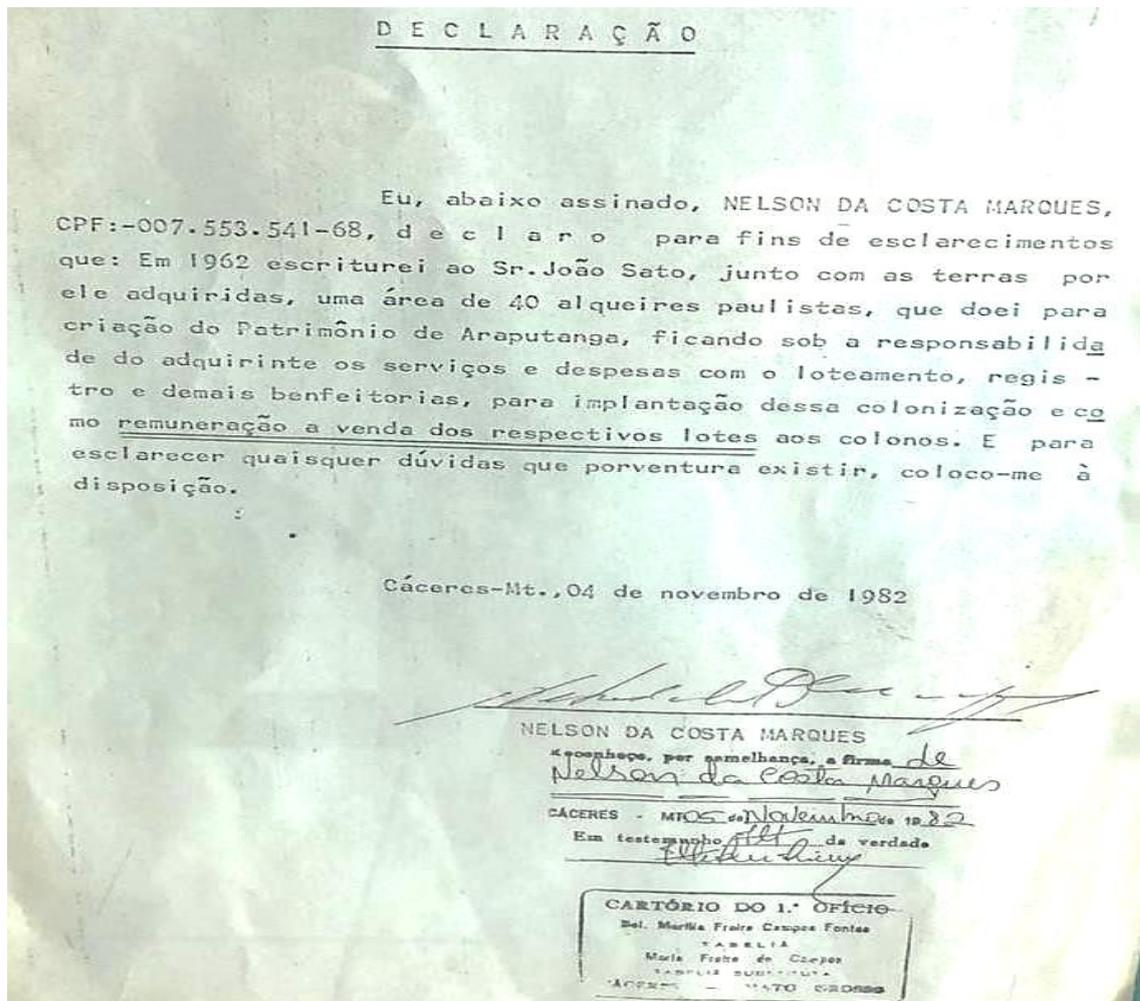
Em documento (figura 3), o Dr. Nelson Costa Marques declara no ano de 1982, a doação realizada por ele ao senhor João Sato, sendo uma área de 40 alqueires paulistas de terra para, em suas palavras, “criação do patrimônio de Araputanga”. Araputanga, mogno, madeira nobre!

Os fatos acerca da fundação da cidade nos inquietaram, uma vez que há um jogo de poder, e notamos isto ao observarmos os dois registros e porque “[...] partimos do princípio de que há sempre interpretação. Não há sentido sem interpretação. Estabilizada ou não, mas sempre interpretação”. (ORLANDI, 2007, p. 21).

Desta forma, sabendo que o gesto de interpretação ocorre porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio e porque a interpretação é o vestígio do possível, lugar próprio da ideologia que é materializada pela história. (ORLANDI, 2007).

Assim, tomamos como base a interpretação realizada das duas imagens e compreendemos um embate entre estas, pois dois dos fundadores mostram versões divergentes sobre a fundação da cidade, conforme podemos ver nas imagens (figuras 2 e 3), ambos falam das terras (da Gleba Paixão) de maneira distinta.

Figura 3 - Declaração de doação



Fonte: CHEC (2020).

Na escrita, do próprio punho, por Senhor Shiguemitsu Sato¹² (figura2), encontramos o dizer que em 1962, ele agradou e comprou terras que estavam reservadas para a fundação de Araputanga. Já o Sr. Nelson da Costa Marques declara que em 1962, doou ao Senhor João Sato (pai de Shiguemitsu Sato), 40 alqueires paulistas de terras para a criação do Patrimônio de Araputanga e escriturou outras que o senhor Sato adquiriu.

A divergência mostra que não há unicidade, pela materialidade simbólica, e sim brechas o que nos provoca a questionar e reverberar outros sentidos para a fundação de Araputanga e a entender o que o linguista e historiador Courtine, juntamente com a socióloga Haroche diz:

Este desdobramento e seus efeitos fundamentam a própria representação do

¹² Shiguemitsu Sato - filho de Shigeyoshi Sato (João Sato – in memoriam), um dos fundadores de Araputanga.

político. Esta inscreve-se, com efeito, em um jogo de *formas duplas* onde sempre se interroga o “real” sob a “aparência”: as intenções aquém dos discursos, a sinceridade atrás da retórica, o homem real sob a máscara do soberano, a verdade além das aparências. (COURTINE; HAROCHE, 1998, p. 39, grifo dos autores).

Podemos depreender, então, que há no desencontro entre os fundadores um jogo de poder que camufla os acontecimentos, provoca o deslizamento dos sentidos e mostra a incompletude que atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível. (ORLANDI, 2015, p. 50). E compreendemos que nesses dizeres, nessa falta, há outras possibilidades, ou seja, outros sentidos a serem ditos. Também concebemos que não nos cabe explicar, deixar transparente o ocorrido, completar a incompletude mesmo porque como analista de discurso, queremos desacomodar os sujeitos porque “[...] não há um sentido central, só margens”. (ORLANDI, 2012, p. 36).

Desta forma, queremos questionar o que é dito, notando o não-dito em meio aos discursos citadinos de fundação da cidade de Araputanga nas vozes de seus fundadores e isso importa para nós como cidadãos que têm como relevante entender o lugar onde vivemos, seu surgimento, seus dissabores e suas glórias.

Já a respeito de sua origem, em estudos, encontramos registros que o município surgiu da cidade de Cáceres, pois dela é sua linhagem na segunda geração de municípios, conforme podemos verificar, na figura 4, mais adiante, no quadro apresentado por Ferreira (2017, p. 227).

O município possui 16.951 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2020, e a base econômica é a pecuária de corte e leiteira, agricultura, indústria e comércio. Percebemos que a cidade movimentou e se transformou ao longo das décadas, o que adverte Orlandi (2011) é que são inevitáveis os movimentos que ocorrem na sociedade e eles são parte da materialidade e do real da história social, pois no que concerne à vida rural, citadina e econômica, o município conta com um frigorífico bovino, o JBS¹³, um Frigonelore¹⁴ uma cooperativa de laticínios, a LACBOM¹⁵ e inúmeros comércios que são relevantes para a economia dos araputanguenses.

¹³ JBS-Empresa que leva o nome de seu criador José Batista Sobrinho.

¹⁴ FRIGONELORE- Frigorífico de abate de bovinos.

¹⁵ LACBOM- Cooperativa Agropecuária do Oeste de Mato Grosso, fundada em 1975. Em 1981 a cooperativa passou a fazer a coleta leite de toda a região e industrializá-lo, tornando-se mais tarde conhecida nacionalmente pelos produtos (LACBOM) que fabrica e comercializa em todo o País.

Figura 4 - Araputanga na 2ª Geração de emancipação dos municípios de Cáceres

MÃE	1º Geração	2º Geração	3º Geração	
Cáceres	Barra do Bugres	Arenápolis	Nova Marilândia	
			Santo Afonso	
		Tangará da Serra		
		Denise		
		Nova Olímpia		
		Porto Estrela		
	Mirassol D' Oeste	Araputanga	Indiavaí	
		São José dos Quatro Marcos		
		Glória D'Oeste		
	Rio Branco	Reserva do Cabaçal		
		Lambari D'Oeste		
	Salto do Céu			
	Jauru	Figueirópolis D'Oeste		
		Porto Esperidião		
	Curvelândia			

Fonte: Elaborado por Ferreira (2017) a partir de Silva (1992).

Em relação às transformações ocorridas no decorrer dos anos, reportamos a Lefebvre (2001, p. 58), quando diz:

A cidade se transforma não apenas em razão de "processos globais" relativamente contínuos (tais como o crescimento da produção material no decorrer das épocas, com suas conseqüências nas trocas, ou o desenvolvimento da racionalidade) como também em função de modificações profundas no modo de produção, nas relações "cidade-campo", nas relações de classe e de propriedade.

A cidade de Araputanga transformou-se rapidamente e teve a participação ativa do Padre (hoje, Monsenhor) Celso Ermínio Duca, da Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Conforme Santos (2017), o Padre Celso Duca chegou ao povoado de Araputanga no dia 23 de março de 1975. Veio para assumir “[...] novos desafios religiosos, com o objetivo de evangelizar, coordenar e estruturar a comunidade e a paróquia”¹⁶. Assumiu, à época, a Igreja São José. Após construir o templo da matriz, em 1984, e estruturar a paróquia, muitos outros projetos foram implementados pelo padre, hoje com 93 anos de idade. Ele criou a Instituição chamada Obras Sociais para atender à comunidade. A partir dessa instituição criou outras obras, a exemplo da Cooperativa Agropecuária do Oeste-MT (LACBOM), criada em 1976. Criou também a Gráfica Oscar que na época funcionava a gráfica e a marcenaria. No final da década de 80, organizou a Difusora Arco-Íris. Idealizou ainda a Coopnoroeste, Sicredi. Em relação a

¹⁶ COSTA, Antonio. História de um servo de Deus e apaixonado por Nossa Senhora: Monsenhor Celso Duca. ZakiNews. 06/09/2021.

área educacional, o Padre idealizou a escola Padre José de Anchieta e a Faculdade Católica Rainha da Paz de Araputanga (FCARP), que iniciou os trabalhos em 13 de março de 2000¹⁷.

A bandeira chama nossa atenção. O autor do desenho da bandeira, Romar Antonio Araújo¹⁸, retratou a Bandeira com as cores fundamentadas no verde e amarelo e no Brasão colocou os símbolos econômicos do município, como mostra a figura 5:

Figura 5 - Bandeira da cidade de Araputanga, MT



Fonte: Prefeitura Municipal de Araputanga, MT.

Como podemos observar, alguns elementos aparecem estampados, a exemplo da pecuária, indústria e agricultura, embora segundo relato, na década de 80, o município não tenha contado com significativa produção de café.

Outro fato interessante é que o brasão é um modelo imperial, usado pelas cidades histórica, antigas, da época do império, que contrasta com a cidade de Araputanga, que na época da escolha do símbolo, era uma jovem cidade de 30 e poucos anos, embora tenha sido escolhido pelos vereadores na época, que selecionaram aquela bandeira, aquele brasão. (Informação verbal).¹⁹

Desse modo, entendemos: “[...] que as palavras expressões, mudam de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam e também de acordo com aqueles que as interpretam”. (GRANTHAM; CAZARIN, 2018, p. 482). Ou seja, para entendermos melhor o fato mencionado, precisamos nos ater as posições dos sujeitos que realizaram a escolha, bem como a posição daquele que a desenhou e ainda verificar nossa

¹⁷ Informação verbal, coletada por meio de relato junto à Ma. Joana Darc X. Alves, no dia 05/09/2021.

¹⁸ Desenhista e ganhador (1º, o 2º, e 3º) lugar do concurso de desenho bandeira e brasão da cidade de Araputanga.

¹⁹ Informação coletada por meio de relato junto a Mestra Joana Darc Xavier Alves, no dia 04 de julho de 2020.

posição como sujeitos que realizam a interpretação da materialidade simbólica.

Também compreendemos que “[...] o modo como as palavras fazem sentido tem a ver com a língua, com o sujeito, com a história.” (ORLANDI, 2007, p.137). O que justifica imaginariamente a escolha realizada da bandeira e brasão do município de Araputanga é a relação dos sujeitos com a memória discursiva, com o interdiscurso de que uma cidade precisa ter um brasão, um imaginário de que desse modo ela ganha um status de grandeza, de cidade forte, poderosa.

A respeito do Hino Municipal, Coradini (2009), (ANEXO 1), registra que foi realizado um concurso para selecionar a letra e a música de autoria inédita que melhor manifestasse o espírito cívico e de amor ao município, que também reafirmasse a importância da preservação das tradições, culturas, belezas naturais, povo, origem, economia e projeção futura do município. E está presente tais elementos alusivos ao pioneirismo, a cultura do povo, a religiosidade, economia entre outros e por esses retratos esta letra foi escolhida para hino de Araputanga.

Em um trecho da entrevista com o Romar Antomio, ele destaca que: *“São seis estrofes intercaladas por um refrão[...]. Onde procurei desde o primeiro momento estar traduzindo essa história [...] no início da segunda estrofe nós temos aí esse paralelo que procuramos traçar entre o nome de Araputanga que na verdade é um mogno. [...] A 3ª estrofe inicia fazendo uma alusão ao solo, as riquezas do solo de Araputanga[...]. A 4ª estrofe inicia falando de uma das grandes características de Araputanga, [...] com essa idéia de cooperação[...] 5ª e penúltima estrofe, [...] a questão da cultura[...] Fazemos também uma referência à educação[...] na sexta e última estrofe, [...] volto a frisar, [...] independentemente da religião, a busca da fé de Deus²⁰[...]”*

Na área educacional, registra-se que a primeira escola da comunidade começou a funcionar aos 23 dias do mês de março de 1961. Esta foi construída com tabuinhas de mamica²¹ e por volta dos anos 70, começou a funcionar a escola denominada Escola Mista Rural da Gleba Paixão, conforme fotografias e registro do CHEC, (figuras 6 e 7).

²⁰ Entrevista com José Nivaldo de Lima, compositor do Hino Oficial de Araputanga, realizada em 08 de março de 2010, por Joana Darc Xavier Alves.

²¹Mamica - Nome comum de algumas árvores da família das Rutáceas e que têm protuberâncias, ou seja, saliências em sua casca.

Figura 6 - Fotografia da Escola Rural Mista na Rua 23 de Maio de 1971



Fonte: CHEC (2020).

Figura 7 - Fotografia de desfile dos alunos Escola Rural Mista 23/05/1975



Fonte: CHEC (2020).

Saber das primeiras escolas na comunidade é muito expressivo, pois significa oportunidade de conhecimento e desenvolvimento social e “[...] como educadores e pesquisadores com compromisso social, buscamos sempre desenvolver nossas atividades com um passado próximo, estabelecendo um diálogo com o presente e com os diversos modos de viver”. (DOMINGUES; LARAIA, 2019, p.104).

Dessa forma, saber acerca do estudo e as condições de produção dos primeiros moradores (seus filhos) na então Gleba Paixão é para nós um importante acontecimento que de

acordo com Massmann e Salles (2019, p. 66), “[...] se produzem, colocando em funcionamento uma memória discursiva sobre o conhecimento, a escola e a sociedade”. E que deve ser afluído e valorizado na memória e na vida dos sujeitos cidadãos.

Além disso, devido à necessidade de ampliar o ensino e atender melhor os alunos registra-se a data de 1975, como a inauguração da primeira escola estadual de 1º grau, denominada João Sato²², figura 8, que era até então escola Rural Mista Gleba Paixão. Posteriormente, foi inaugurado o primeiro Jardim da infância, na casa das irmãs de Nossa Senhora do Monte Calvário.

Figura 8 - Fotografia da Escola Estadual de 1º Grau João Sato, Araputanga, MT



Fonte: Igreja Batista Um Novo Tempo.

Atualmente, na Educação municipal e estadual, a cidade de Araputanga possui três instituições estaduais, na sede, e duas na zona rural; conta com duas instituições municipais, na sede, e uma, na zona rural; três centros de educação infantil na sede e um na zona rural. A cidade tem também uma instituição privada de ensino na educação infantil, fundamental e médio e conta com seis instituições de ensino superior particular, que atendem um percentual proeminente de estudantes locais e da região, por ser próxima aos municípios circunvizinhos. Isso nos encoraja e conforta e por isso seguimos alertas quanto a educação, sua importância para a sociedade e a vida do sujeito. Assim, trazemos as Instituições de Ensino Superior presentes em Araputanga com cadastro no e- MEC (2020), são elas:

²² João Sato - Shiguemitu Sato em 1975 doou a área para construção da Escola João Sato, nome dado para homenagear um dos fundadores do município. Hoje é escola de período integral, Plena.

- ✓ Centro Universitário Claretiano – CEUCLAR
- ✓ Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas- FMU
- ✓ Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL
- ✓ Faculdade Católica Rainha da Paz de Araputanga – FCARP
- ✓ Faculdade Invest de Ciências e Tecnologia – INVEST
- ✓ Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO

A importância da escola e da educação, torna-se preciso a tomada de posição por parte dos sujeitos para não serem “postos na caixa”, homogeneizando-os e Mariani (2016, p. 50) alerta que quando “[...] os alunos chegam às instituições escolares, recebem uma grade curricular em que o efeito de evidência da unidade e homogeneidade da língua já está posto, ou seja, já se encontra, sem discussão, o pressuposto de homogeneidade e unidade de A língua que vão estudar”. E nós, como analistas de discurso, não podemos tomar tal comportamento com naturalidade e aceitar esta proposição dada pelos discursos da escola, do Estado porque “[...] nos processos discursivos há sempre ‘furos’, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência”. (ORLANDI, 2017, p. 213). E nós resistimos a essas imposições reverberando em nossas práticas em sala de aula e na sociedade e seguimos a luta.

1.2 A constituição da escola e os sujeitos-alunos

Não se trata de evocar simples modificações no social e suas incidências sobre a subjetividade de cada um, mas de examinar uma transformação que está produzindo seus efeitos. (ORLANDI, 2011, p. 5).

Buscamos compreender, neste item (1.2), as transformações que ocorreram ao longo dos anos na Instituição de ensino de que fazemos parte e sugerimos este trabalho, que pode ser realizado em outras instituições, caso haja interesse, bem como, analisar os efeitos que têm produzido na sociedade araputanguense e modos de subjetividade de nossos estudantes. A instituição a qual este trabalho está proposto é a Escola Nossa Senhora de Fátima²³.

Trata-se de uma instituição estadual na cidade de Araputanga que está sediada a Rua Marquês de Pombal, nº. 445, Bairro Jardim Primavera (figura 9), um bairro distante do centro da cidade e por este fato, os discentes são a maioria do bairro Jardim Primavera e dos bairros vizinhos e embora seja distante do centro, também recebe alguns alunos do centro da cidade.

²³ Nome atribuído a instituição devido à padroeira da cidade Nossa Senhora de Fátima.

Vale ressaltar também que o bairro em que a escola está situada tem boa estrutura e é composto pela maioria de casas residenciais e com poucos comércios.

Figura 9 - Fotografia do Bairro Jardim Primavera



Fonte: Rafael Heliodoro/ Portal L7.

A Instituição foi inaugurada em 23/05/91, com o nome de Escola Municipal I Grau “Jardim Primavera”. Podemos dizer que esta foi criada para atender a demanda do bairro e dos circunvizinhos, visto que as outras duas instituições estaduais se localizam no centro da cidade. Em 27/12/91 foi criado o Núcleo de Educação Permanente (doravante NEP). Em 25/05/92, pela resolução n°. 091/92, a escola foi autorizada a ministrar os cursos Supletivos: Suplência do Ensino Fundamental Fase I e II e Ensino Médio. No Diário Oficial de 22/10/1993, tem o antigo nome extinto e passa a ser intitulada de Escola Estadual de Suplência de 1º e 2º Graus “Nossa Senhora de Fátima”, (figura 10), nome que se deu devido à escolha realizada em votação pelos funcionários.

Atualmente, a escola (figura 11), tem a denominação de Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima. No Diário oficial de 09/12/2005, a instituição é autorizada a ofertar o Ensino Médio no nível de Educação Básica.

Figura 10 - Fotografia de Inauguração da Escola Nossa Senhora de Fátima-1993



Fonte: CHEC (2020).

Figura 11 - Fotografia Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Rafael Heliodoro/ Portal L7(2020).

Por ter sido uma escola de suplência, ainda é chamada de “NEP” e está presente na memória dos araputanguenses uma imagem inferiorizada pelo processo de estudo por meio de ensino de suplência, que durou mais de uma década. Assim, constituiu-se em parte da sociedade uma projeção de incapacidade intelectual para aqueles que estudam nesta instituição, mesmo que haja aprendizado bem sucedido, ensino de qualidade, ainda assim há esse “fantasma” imaginário de inabilidade.

Algumas pessoas usam com o sentido de saudosismo, quando mencionam acerca da escola Estadual Nossa Senhora de Fátima e o ensino que receberam, as experiências que viveram, mas nem todos tem o mesmo sentimento, o que deixa a comunidade escolar constrangida, com sentimento de inferioridade em relação às outras instituições da cidade, o que nos faz compreender que de acordo com a formação imaginária dos sujeitos, serão suas reações, ou seja seus imaginários. Estes que são relevantes para a linguagem, para seu funcionamento.

Sabemos que o sentimento diminuto não é obra do acaso, porque vivemos em uma sociedade dominante e opressora, repleta de oprimidos, permeada por uma desigualdade que massacra e silencia a minoria. E conforme aponta Orlandi (1997), o silêncio é condição de produção de sentido e é o lugar que permite a linguagem significar. E a instituição de ensino, mesmo que em silêncio ou com sentimento de inferioridade por parte de alguns sujeitos, produz sentido na sociedade araputanguense uma vez que tem contribuído para a formação dos cidadãos.

Retomando as formações imaginárias dos sujeitos, conforme esclarece Orlandi (2012, p. 22):

Todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação. Os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações no interior do discurso: são as formações imaginárias. O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constitutivo das significações.

É por entender que todo falante e todo ouvinte ocupa um lugar na sociedade e que isso faz parte da significação é que abordamos os imaginários a respeito da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima que constituem e fazem parte da vivência dos estudantes. E é interessante pensar também que “[...] essas ilusões, esse imaginário, constituem a realidade desse sujeito, produzindo assim seus efeitos sobre suas práticas.” (ORLANDI, 2011, p. 5). E em nossa sala de aula, nos discursos dos sujeitos alunos esses efeitos são percebidos.

A Escola Nossa Senhora de Fátima, segundo consta no PPP²⁰, é uma instituição legitimada para formar cidadãos ativos e reflexivos através do processo de ensino e de aprendizagem, este voltado ao desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos para vivenciar as diferentes práticas sociais.

Conforme registros no PPP, a equipe de profissionais que atua na escola busca no coletivo desenvolver ações que possam contribuir para sanar os problemas apresentados no cotidiano, planejar as estratégias para melhorar a aprendizagem dos discentes e, conseqüentemente, a qualidade do ensino, aprofundando seus conhecimentos por meio do

projeto de formação continuada em serviço, espaço em que se discutem os problemas vivenciados na escola.

A instituição pública, Nossa Senhora de Fátima, conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2020), atende a uma comunidade de 621 alunos e oferta vagas tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Ensino Fundamental é organizado em ciclo/fase e o Ensino Médio é seriado, sendo a maioria adolescentes e jovens, com poucos adultos. No regular são 165 alunos no Ensino Fundamental e 404 alunos no Ensino Médio, e, na EJA, 52 alunos do Ensino Fundamental. Tem-se alunos da zona rural e da zona urbana, de diferentes classes sociais, sendo a instituição que mais recebe alunos da zona rural no Ensino Médio.

Quanto à estrutura física, ainda conforme o PPP (2020), a escola tem 2.146,09 m² de área construída e dispõe de várias dependências. A equipe de trabalho é composta por 01 Diretor, 02 Coordenadores Pedagógicos, 32 Professores, 04 Técnicos Administrativo Educacional (01 Secretário, 02 Técnicos para Secretaria, 01 Técnico para Biblioteca), 13 Apoios Administrativos Educacionais (04 Merendeiras, 05 de Manutenção de Infraestrutura/Limpeza e 04 Vigias). Atende 21 turmas em três turnos (10 Turmas no Matutino, 05 Turmas no Vespertino e 06 Turmas no Noturno), com um total, conforme já mencionado, de 620 alunos, no Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos, envolvendo as diferentes áreas de conhecimento.

A turma que sugerimos para desenvolver a proposição pedagógica é o 9º ano do Ensino Fundamental, porém este trabalho pode ser desenvolvido também com outras turmas do Ensino Fundamental II. Os sujeitos-alunos escolhidos para essa prática pedagógica são de classes sociais distintas, de famílias heterogêneas, algumas presentes na vida escolar dos filhos e outras ausentes. Alunos residentes na cidade e alguns na zona rural.

Em relação à leitura e escrita, percebemos quando trabalhamos com a turma – no primeiro semestre do ano letivo de 2019 –, que alguns desses estudantes apresentavam dificuldades na prática da leitura e interpretação de textos, apresentavam muita insegurança em manifestar suas impressões, buscavam sempre amparar suas respostas nos sentidos recorrentes na sala de aulas, tanto os dados pelos colegas, quanto nos sentidos dado pelo professor e/ou pelo livro didático. A turma possuía nesta ocasião, alunos que realizam leitura de maneira tímida, “mecânica” e outros que liam palavras simples (o próprio nome), por conta disso procurávamos atender aos alunos conforme suas particularidades. Nessa turma, tínhamos também alunos que ousavam questionar, problematizar tanto a leitura quanto a escrita. Em outras palavras, estamos diante de uma turma bastante heterogênea para realizar a intervenção,

o que também contribuiu para nossa escolha.

O trabalho foi pensado para o 9º ano²⁴, em especial como turma, a ser desenvolvido em 2019 (segundo semestre). Durante uma visita realizada para conversa prévia com a turma sobre o desenvolvimento do projeto²⁵, manifestaram o interesse de discutir o tema “Espaços públicos de lazer na cidade de Araputanga-MT”. Os estudantes demonstraram inquietude e insatisfação com as condições atuais em que se encontravam tais espaços de lazer, notaram a falta de manutenção desses locais, falta de segurança entre outros.

Como afirma Orlandi (2012, p. 36), “[...] todo discurso se produz em certas condições”. Assim, tomamos como relevante construir nosso trabalho com base no discurso/questionamentos dos nossos estudantes, na realidade que eles vivenciam no cotidiano de suas vidas e queremos dar voz e ouvir suas necessidades e isso envolve os espaços públicos de lazer de Araputanga, MT.

Desta forma, escolhemos trabalhar a nossa proposição com a leitura e a escrita da cidade, almejando a autoria dos alunos, devido às inquietações que fazem parte de nossa prática docente na escola, da necessidade de como professores, termos voz e sermos ouvidos na escola e na sociedade. Também nos pautamos nas provocações suscitadas por nossos discentes, a incompletude que sentem no que se refere ao lazer público do nosso município. Além disso, é relevante dizer que no movimento da nossa carreira como educadora, foram muitos os reveses enfrentados, pois além da desvalorização do professor pelos nossos governantes, tivemos que encarar os desafios de aprendizagem na leitura e na escrita a qual nos deparamos em sala de aula.

É preciso entender que há ainda, uma coerção do sistema e da sociedade em produzir dados positivos na disciplina de Língua Portuguesa ante as avaliações (internas e externa) que os alunos são submetidos durante o ano letivo, mesmo que tais resultados não mostrem produção de sentidos significativos, o importante são os números elevados, pois entra em cena a publicidade, ou seja, os números passam a funcionar como propaganda, o que causa incômodo, restringe o conhecimento do estudante, o trabalho do professor, impõe o tradicional²⁶ na sala

²⁴ Partimos do pressuposto e convicção que nós, na ocasião oportuna, realizaremos este trabalho com uma turma de 9º ano, conforme projetado quando ainda íamos desenvolver o projeto de intervenção pedagógica e mesmo com a mudança de natureza do trabalho, almejamos realizar com a referida turma, embora possa ser desenvolvido com outras turmas do Ensino Fundamental II.

²⁵ O projeto que nos referimos é o de intervenção pedagógica que devido a pandemia do COVID-19 não pôde ser desenvolvido, que por isso foi projetado na forma propositiva.

²⁶ O tradicional é imposto na metodologia do professor porque a organização das aulas “gira” em torno de simulados, treinos, o que afeta a autonomia e autoria dos educandos, em especial, porque o “vale tudo” são os números serem elevados, não importa se ocorreu aprendizagem significativa.

de aula, na metodologia do professor. Assim, pensando nessa “repressão”, trazemos a figura com os números/dados retirados do site do IDEB, figura 12, em que mostra a situação atual das instituições de ensino da rede estadual do município de Araputanga.

Destacamos que a escola da qual fazemos parte, Nossa Senhora de Fátima, tem alcançado os números que estão projetados ao longo dos anos, porém sentimos necessidade de resistir a coerção imposta pelo sistema que nos aflige e provocar a mudança de direção em nossa prática de ensino em sala de aula, que seja pautada em uma concepção de língua/linguagem que não esteja presa à estrutura da língua, mas que olhe para as questões semânticas e discursivas. Vejamos o resultado do IDEB para os 8º e 9º anos:

Figura 12 - IDEB- Rede Estadual- Araputanga -MT

8º/9º ANO																
	IDEB OBSERVADO								METAS PROJETADAS							
	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
EE JOAQUIM AUGUSTO COSTA MARQUES	4.2	4.3	4.7	5.3	5.2	5.3	5.5	4.8	4.2	4.3	4.6	5.0	5.4	5.6	5.9	6.1
EESPGS NOSSA SENHORA DE FÁTIMA	2.6	3.5	4.7	4.3	4.3	4.9	*	4.5	2.6	2.8	3.1	3.5	3.9	4.2	4.5	4.7
EESPGS JOÃO SATO	3.6	2.9	4.3	4.5	4.1	4.5	**	5.6	3.6	3.8	4.1	4.5	4.9	5.1	5.4	5.6

Fonte: IDEB (2021).

A leitura que se produz, Diante desta situação, impulsiona a resistir, conforme propõe Lagazzi, “[...] resistir é também opor-se, mas não só. Resistimos em uma determinada posição, defendendo o que nos identifica, resistimos para mudar, ainda que não saibamos qual será essa mudança. Isso significa que a resistência abre possibilidades dentro do inesperado”. (2019, p. 309). E, na resistência, buscamos pela qualificação profissional questionar o que restringe o saber, porque, como afirma Mittmann (2010, p. 86) “[...] o discurso surge do conflito, da resistência da língua e da contradição da história”.

É em meio a esse conflito e a resistência da língua que nos (re)significamos e nos propusemos estudar, cursar o Profletras. E por meio dele podemos compreender o fato de que a “[...] linguagem não é precisa, nem inteira, nem clara nem distinta”. (ORLANDI, 2012, p.29). A respeito da língua, para que ela faça sentido, é necessário que a história intervenha, através da opacidade e da espessura material do significante. O que explica que o sentido, na verdade não está nas palavras, não está no texto. Ou seja: o que faz com que um texto tenha sentido, é o processo da leitura e o da intervenção história. (GRANTHAM, 2001).

No que concerne à leitura e escrita dos nossos educandos, optamos, por este curso porque enxergamos nele a possibilidade de estudar de forma a reverberar, na sala de aula, porque como esclarece Orlandi (2012, p. 45) “[...] a leitura é uma questão linguística, pedagógica e social ao mesmo tempo”. E ainda por causa da necessidade de mudanças em nossa prática de sala de aula que esteve sempre visível, mas realizar essas mudanças nunca foi tarefa fácil, mas sempre a tivemos como importante e por isso, compreendemos que valeu a pena investir na mudança. Já notamos e sentimos essa mudança, pois não há possibilidade de sermos e termos as mesmas práticas anteriores ao Profletras e mesmo que quiséssemos permanecer nos velhos costumes, não conseguiríamos, somos outros sujeitos, agora, conhecedores de outros sentidos, outras possibilidades, melhores e mais enriquecedoras para o ensino-aprendizagem.

Assim, com este estudo, nosso interesse é que na prática de sala de aula nossos alunos compreendam que, conforme Orlandi (2012, p.114) “[...] há leituras previstas para um texto, embora essa previsão não seja absoluta, pois sempre são possíveis novas leituras dele”. E no que tange a escrita, sabemos que nossos discentes são silenciados e nós também nem sempre temos voz e quando isso acontece, é preciso se apoiar nas palavras de Orlandi:

A hipótese de que partimos é que o silêncio é a própria condição de produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço “diferencial” da significação: lugar que permite a linguagem significar. O silêncio não é o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do “vazio” da linguagem como um *horizonte* e não como *falta*. (ORLANDI, 1997, p.70, grifo da autora).

Como podemos ver, o silêncio está carregado de sentidos e possibilidade de brechas, frestas a serem pensadas, utilizadas e significadas. E nós, sabendo deste fato, temos, mesmo em silêncio, ido à luta na busca de significar nossas práticas pedagógicas. Ainda de acordo com a autora “[...] o silêncio é contínuo e há sempre sentidos a dizer”. (ORLANDI, 1997, p. 73). E temos significado através do nosso silêncio porque compreendemos que o não-dizer tem sentido, já que quando dizemos algo, silenciamos e ou omitimos outros dizeres, por isso é preciso atenção ao que é dito e suas condições de produção, uma vez que estão imbricadas entre si.

1.3 Espaços públicos de lazer: lugares de memória

É preciso, conforme Araújo; Pacífico; Romão (2011), uma interpretação em conformidade com a Análise de Discurso que considere a posição-sujeito, a memória, o interdiscurso e que autorize o sujeito a perceber que os sentidos estão em jogo e que podem ser outros. Só desta forma será possível aproximar das margens de leitura, dos sentidos e dos

sujeitos, imprescindíveis para o processo interpretativo. Nas palavras das autoras, é necessário considerar a posição-sujeito, a memória e o interdiscurso para que de fato a interpretação seja de conformidade com a Análise de Discurso.

Buscamos considerar a memória, o interdiscurso e a posição-sujeito porque temos como singular autorizar os discentes a serem autores de seus gestos de leitura e escrita e queremos que estes, ao estudar os espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga percebam os sentidos em jogo e notem que vários sentidos estão imbricados nesses lugares, a partir da leitura de documentos, de fotografias, de falas dos sujeitos cidadãos araputanguenses e que cabe aos alunos desmistificar a ideia de unicidade presente nas interpretações realizadas em sala de aula e ainda entender que “[...] não se transportam sentidos de um discurso para outro”. (ORLANDI, 2012, p. 153).

É importante, salienta a autora, não perder de vista que “[...] a língua se estrutura pela falha e todo discurso se produz no equívoco já que a relação fato/linguagem é atravessada por outra: sujeito/história. Não há dizer único”. (ORLANDI, 2012, p. 143). Sabendo, então, que o dizer não é único, e que a linguagem é atravessada pelo sujeito e pela história, nos propomos a vivenciar na prática, dentro e fora da sala de aula e da escola, como são postos os dizeres a respeito dos espaços públicos de lazer de Araputanga.

Vejamos as imagens dos espaços públicos a serem estudados:

Figura 13 - Mosaico dos espaços públicos de lazer



Fonte: Fotos do arquivo pessoal da autora. Mosaico elaborado pela autora (2021).

A partir das inquietações suscitadas, elegemos²⁷ juntos com os alunos do Ensino Fundamental II, a turma do 8º ano, em 2019, os espaços públicos de lazer que mais causam preocupações, inquietações e questionamentos nos sujeitos-alunos: Praça São José, Campo Municipal Márcio Mendes, Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas, Praça Romeu Furlan, Lago Azul (figura 13).

Em relação aos nomes dados aos espaços públicos de lazer em estudo, destacamos que o nome da praça Romeu Furlan homenageia o primeiro prefeito nomeado para a cidade de Araputanga, o S.r. Romeu Furlan. O nome São José que nomeia a praça, homenageia o primeiro padroeiro da comunidade, São José, que depois, com a chegada do Padre Celso Duca, a padroeira passou a ser a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A praça Romeu Furlan recebe a nomeação por determinação política, e a praça São José recebe determinação religiosa, pois, segundo Guimarães, [...] o nome próprio de pessoa é, na nossa sociedade, uma construção em que relações semânticas de determinações constituem o nome [...]. (2002, p. 35)

Em relação ao processo de nomeação do Lago Azul, segundo moradores, o espaço público de lazer recebeu esse nome porque antes, naquele local tinha uma lanchonete com o nome Lago Azul, que tinha grande visibilidade na cidade, assim quando revitalizaram o lago deram o nome de Lago Azul. Sobre isso, remetemos ao que diz Orlandi sobre o esquecimento número um, que é da instância do inconsciente, que mostra como o sujeito é afetado pela ideologia, “Por esse esquecimento temos a ilusão de ser origem do que dizemos quando na realidade, retomamos sentidos pré-existentes”. (2015, p. 35). Analisando o nome Lago Azul podemos perceber que o espaço remete à localização geográfica, o lugar onde se encontra o lago e o modo como se mostra para os sujeitos da cidade, a lanchonete renomeia o lugar, com um nome já estabilizado e posteriormente, quando a gestão municipal decide por sua revitalização, o nome permanece, uma vez que a nomeação tem a ver com a memória do dizer, o nome Lago Azul além de ser estabilizado na cidade, também é um nome que nomeia vários lagos em cidades brasileiras, como ponto turístico. Assim, Orlandi (Ibidem) diz que o esquecimento é estruturante, porque “É assim que suas palavras adquirem sentidos, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre e, movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas, ao mesmo tempo, sempre outras” (Ibidem, p. 36).

²⁷ É importante ressaltar que a escolha partiu dos estudantes e quando dizemos que elegemos os espaços junto com os alunos, nós mediamos a escolha, porque nos importa que sejam eles os produtores das escolhas feitas e assim, sujeitos dotados das responsabilidades com a autoria.

Quanto à quadra Poliesportiva Sidney de Freitas e ao campo Municipal Márcio de Oliveira Mendes, os nomes homenageiam atletas. A quadra faz homenagem a Sidney de Freitas, atleta que morreu de infarto e o campo também homenageia Márcio de Oliveira Mendes, um atleta.

Assim, a partir da seleção dos espaços públicos de lazer, tomamos como imperativo ouvir os discentes, suas angústias em relação a cidade, o lazer e queremos que os estudantes participem desta “real cidade”, com suas diferenças e semelhanças e que isto possibilite a convivência, o aprendizado e o crescimento social de cada sujeito envolvido no trabalho, por isso nossa proposta intenta tomar como relevante o que registra o PPP (2019) da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, instituição em que nos inserimos, que é propiciar aprendizagens que possibilitem a formação de crianças, jovens e adultos para que haja justiça social para todos: emprego, moradia, trabalho, saúde, formação, exercício da cidadania e agregamos a essas possibilidades de cidadania, o estudo do lazer com vistas a fomentar a leitura e escrita dos educandos para uso da linguagem na prática social, porque como questiona Orlandi (2004, p. 90):

O que essa cidade, enquanto espaço de sujeitos que significam, exige para harmonia na maneira de administrar o espaço público, de convivência social no qual estamos imersos, necessariamente, como seres históricos que significam? O desafio é fazer com que essa cidade mais real, concreta tome uma forma que torne possível a convivência dentro de um espaço em que se qualifica a vida, considerando as diferenças materiais e outras que existem entre os habitantes desse espaço.

Desta forma, ao tomar a cidade como objeto de estudo, queremos observar o lazer pelo viés da linguagem com todas as divergências presentes nos espaços e na vida dos moradores de Araputanga. Assim, é possível e necessário realizar uma escuta atenta a respeito de cada local determinado pelos estudantes a fim de analisar de perto como a linguagem funciona em cada um deles, porque conforme Nunes (2011), a cidade é constituída por práticas discursivas e projeções imaginárias que elas mobilizam e pelas relações entre sujeitos e discursos no contexto urbano e pela historicidade dos sentidos que leva em conta a espessura da língua.

Assim, sabendo da importância de considerar os sujeitos, pois de acordo com Orlandi (2012), temos várias perspectivas de leitura e diferentes posições do sujeito-leitor, queremos observar os discursos no espaço urbano, a espessura da língua e as diferentes posições dos nossos estudantes e por isso nos propomos a perpassar por este desafio, pensando que este estudo irá contribuir com a escola, a formação profissional dos professores envolvidos, com a comunidade araputanguense e com a vida dos estudantes.

Sem dúvida, estamos diante de um desafio grande. De acordo com o Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (DRC/MT, 2018, p. 21)²⁸, “[...] quando o aluno se torna o protagonista de sua aprendizagem, ele se torna proficiente, garantindo, nesse sentido, qualidade na aprendizagem”. Sabemos que trabalhar no sentido de formar protagonistas é uma questão muito complexa, mas pela perspectiva da Análise de Discurso, e no modo como ela pensa o sujeito e a língua, nos propomos a repensar a nossa sala de aula e o ensino da língua para formar os nossos alunos. Uma formação para a liberdade, em outras palavras, formar alunos que pensam, que problematizam os espaços públicos de lazer, que estudem estes espaços no sentido de compreender como eles funcionam na cidade, bem como construam a autoria na produção da leitura e da escrita. Assim, podemos dizer que está imbricado em nossa proposição, a formação de alunos que duvidem/questionem o mundo a sua volta, tornando-se sujeitos atuantes na vida escolar e fora dela.

Na nossa proposta, também planejamos trabalhar com a leitura de documentos oficiais de fundação da cidade, bem como trechos da Constituição Federal e leis que abordam a questão do lazer, para que os nossos alunos compreendam que o lazer é um direito fundamental e que o poder público deve estabelecer políticas para a garantia desse direito aos cidadãos e enxergamos nesse trabalho propositivo a oportunidade para mediar um tema que afeta toda a sociedade como os espaços públicos de lazer do município de Araputanga-MT.

Além disso:

A luta pela cidadania é prática constante no currículo da escola e está intimamente associada à construção de novas formas de regulação democrática de nossas sociedades, em especial a araputanguense. Nossa compreensão é que cidadania e democracia são dimensões de um mesmo processo que aponta para a construção de capacidades na sociedade para que todos possam saber escolher e efetivar suas escolhas. (PPP, 2020, p. 15).

Desta forma, compreendendo que cidadania e democracia são constituintes do mesmo processo, é de fundamental importância que seja oportunizado aos nossos estudantes viver na prática e conviver com outros sujeitos, dentro e fora da sala de aula o movimento da cidadania porque:

[...] a Escola tem de restituir o espaço simbólico da conviviabilidade criando condições para as contradições, apontando como significativo, praticando, tornando visível esse jogo entre o vertical e o horizontal urbano do qual todo sujeito é parte e ponto de atrito (ou sustentação). (ORLANDI, 2004, p. 153).

²⁸ DRC/MT- Documento de Referência Curricular para Mato Grosso fundamentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Assim, é preciso criar condições para o debate, a troca de experiências, o embate entre vertical e horizontal no espaço citadino a fim de que o sujeito, mesmo com suas particularidades se sinta parte integrante da sociedade que é permeada por adversidades que estabelecem distintos elos de sentidos e afeta de maneira diferente cada um, enriquecendo as relações urbanas.

No próximo capítulo, vamos percorrer um trajeto teórico e metodológico que sustenta o trabalho que propomos com a leitura e escrita que visa a autoria dos alunos.

CAPÍTULO II

DESLOCAMENTOS E RUPTURAS NA CONSTRUÇÃO DA TRAMA TEÓRICA: TECENDO A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo apresentamos as bases teóricas e metodológicas que sustentam a nossa proposta de intervenção pedagógica com a leitura e a escrita no Ensino Fundamental. Vamos procurar explicitar a inscrição teórica na Análise de Discurso e os deslocamentos e rupturas que a teoria proporcionou no trabalho com a língua e o seu ensino.

2.1 Os sentidos produzidos pelo Profletras: diálogos e ressignificações na mobilização do nosso trabalho

Quem se apropria do dizer precisa ter o que dizer, mas só isto não basta, é preciso saber como dizer. O ensino se ocupa disso. Esta opinião não é mais da ordem do subjetivo (emoção), mas do individual racional. Não é da ordem do produtor do conhecimento, mas da ordem daquele que sabe apreender o conhecimento já produzido. Ter uma opinião significa ser um-discernível no mundo, ter capacidade de se apropriar do conhecimento disponível e emitir sua posição pessoal: dar sua opinião. (PFEIFFER, 2000, p. 125).

A partir das palavras de Pfeiffer (2000), podemos dizer que, por meio do ingresso no PROFLETRAS, da UNEMAT, Unidade/Cáceres-MT, apreendemos um conhecimento já produzido sobre a relação da Análise de Discurso e Ensino de Língua. Pois, como dissemos anteriormente, tomamos conhecimento da teoria da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, já na primeira disciplina²⁹, ofertada pelo programa. Nesse primeiro contato com a teoria, começamos a fazer uma autorreflexão, percebendo que ela, “[...] coloca a interpretação em questão”. (ORLANDI, 2015, p. 23). E isso já nos inquietava, era tudo novo e ao mesmo tempo surpreendente. Porque a cada disciplina, pesquisa, escuta e leitura realizada, atravessava nosso caminho o desejo por mudança, necessidade de trabalhar a língua distinta da forma como estava presentificada em nossas práticas pedagógicas.

A disciplina de Texto e Ensino³⁰, marcou fortemente, nossa opção para desenvolver com os estudantes um trabalho discursivo, pois pudemos estudar e compreender a concepção de texto na perspectiva da Análise de Discurso pecheuxtiana, pensando a relação discurso e

²⁹ Disciplina Elaboração de projetos, ministrada pela Prof.^a Dra. Maristela Cury Sarian.

³⁰ Disciplina de Texto e Ensino, ministrada pela Prof.^a Dra. Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida, orientadora desse trabalho no qual nos debruçamos.

texto, suas condições de produção sócio-histórica, ideológicas e também as formações imaginárias. Para Orlandi, “[...] as condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos”. (ORLANDI, 2015, p. 37). Em outras palavras, o que é dito, possui relação com os dizeres imaginados ou possíveis, que afeta o discurso que o sujeito realiza.

Estudamos nessa disciplina sobre as práticas de leitura e escrita de textos de diferentes materialidades discursivas, a fim de que os sujeitos alunos se constituam autores de suas produções, que faz parte dos objetivos da disciplina Texto e Ensino. Nessa direção, é importante considerar o que diz Orlandi,

Porque há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diversas materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significante e/ou sua percepção afeta o gesto de interpretação e dá forma a ele (ORLANDI, 2007, p.12).

O arquivo de leitura instituído durante a realização das disciplinas contribuiu para nossa compreensão de como a Análise de Discurso compreende a língua, o texto, a leitura, o sujeito. Durante a constituição do arquivo, fomos envolvidas, na trama discursiva, a pensar sobre o ensino da leitura e da escrita, bem como o uso do Livro Didático (LD) em sala de aula³¹ e nossa prática pedagógica no trabalho com a língua. Ante este acontecimento, compreendemos que para conhecer a língua que ensinamos, precisamos nos atentar para seu funcionamento e não apenas para as regras e normas. (FERNANDES, 2017).

Diante disto, passamos a questionar acerca das nossas concepções pré-construídas sobre língua, métodos de ensino da leitura e escrita que faziam parte de toda a nossa trajetória ao longo dos anos de trabalho em sala de aula. Analisando hoje a nossa atuação, podemos dizer que a língua sempre foi tomada como transparente, embora fossemos marcados pela inquietude e ausência de uma teoria que fundamentasse nosso fazer pedagógico e nos deslocasse para um espaço que não fosse o senso-comum (ORLANDI, 2012). Assim, o Profletras promoveu ruptura do laço e nó que nos “amarrava” e redefinimos, desestabilizamos o que estava consolidado e pensamos na produção de sentido, no jogo da língua que “[...] nesta perspectiva, representa as

³¹ Compreendemos que o LD é um instrumento linguístico, que não substitui o lugar do professor como mediador do conhecimento. Em outras palavras, o professor não deve ficar preso ao livro, mas analisar o livro, formular outras questões para desenvolver o trabalho com a língua/linguagem em sala de aula. O livro didático, dada as condições de produção dos nossos alunos e das nossas escolas, pode ser aproveitado em sala de aula, mas não como o único instrumento de ensino.

condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos [...]” (GRANTHAM, 2018, p. 9).

Com efeito, a mudança na nossa prática em sala de aula, quando acontece, não se dá de maneira desértica e solitária, pois o movimento ao mexer com o professor, desloca para os sujeitos à sua volta, ou seja, aluno e sociedade, constituindo possibilidades, implicações e entrelaçando outros sentidos porque em Análise de Discurso “[...] por mais que cerquemos o sentido, ele sempre pode escapar”. (GRANTHAM; CAZARIN, 2018, p. 480). Ou seja, ele poderá produzir brechas, tecer gestos singulares e deixar pegadas, rastros em outros caminhos.

Vale dizer que sempre trabalhamos a língua na sala de aula com afinco, voltado para a responsabilidade, participamos do processo de formação que o Estado oferece. Trabalhamos a língua por meio do livro didático (muitas vezes sem ressignificar as propostas oferecidas ou adequar a realidade da sala de aula), também desenvolvíamos atividades com a leitura e a escrita, no entanto começamos a notar que não tínhamos uma teoria bem definida para nos dar suporte para um trabalho com a língua, de modo que a impressão que tivemos em contato com a Análise de Discurso é de que tudo que fazíamos não daria o resultado que todo professor espera.

Desse modo, o deslocamento que realizamos a partir do mestrado nos possibilitou entender que o trabalho com a língua e linguagem em sala de aula, por meio de práticas de leitura e de escrita, são relevantes para a formação do sujeito. E para que nosso estudante se constitua independente e produtor, é fundamental que a escola/professor abra espaço e meios para:

[...] mostrar-lhe os caminhos de sua “emancipação” leitora. Mesmo que esta emancipação nunca seja livre do assujeitamento ideológico, pode ser, ao menos, mais consciente, sabendo indicar para quais direções os discursos apontam, e assim, aceitando tomar o mesmo rumo ou não, ou ainda “escolhendo”, sob o véu da ideologia, de qual lado ficar. (FERNANDES, 2018, p. 37).

E ao decidir de qual lado ficar, o aprendiz poderá expor seus gestos de autoria e, desta forma este gesto não será artificial, um “faz de conta” ou uma repetição/reprodução. Mesmo porque, “[...] é preciso que a escola entenda que produzir texto significa produzir sentido (no momento da leitura e/ou no momento da escrita) e que isso é muito mais do que reproduzir ou repetir o que a escola ou o professor querem ouvir ou ler”. (CORACINI, 1999, p. 77). No que se refere a repetição, Orlandi (2007, p. 70) aponta e distingue:

- a) a repetição empírica, exercício mnemônico que não historiciza de,
- b) a repetição formal – técnica de produzir fases, exercício gramatical que também não historiciza – de,
- c) a repetição histórica, a que inscreve o dizer no repetível enquanto memória

constitutiva, saber discursivo, em uma palavra: interdiscurso. Ele, a memória (rede de filiações), que faz a língua significar. É assim que sentido, memória e história se intrincam na noção de interdiscurso.

Nesse sentido, buscando a repetição histórica, pensamos na proposta que tem permeado inquietações, desacomodado sujeitos, impelido reflexões. Consiste em propor aos nossos alunos, práticas de leitura e escrita de textos a respeito dos *espaços públicos de lazer*. Ressaltamos que a nossa questão sobre o espaço público de lazer é instigante, porque “[...] as relações entre o lazer e as obrigações da vida cotidiana e as existentes entre as funções do lazer, umas com as outras, determinam de certo modo uma participação crescente e ativa na vida social e cultural”. (DUMAZEDIER, 2000, p. 34). É desafiadora porque é configurada no tecido da cidade, perpassando pela interpretação, e, segundo Indursky (2010, p. 30), “[...] a Análise do Discurso faz uma abordagem totalmente interpretativa do sentido, não obedecendo a nenhum modelo prévio”. Já Orlandi (2004) chama nossa atenção para a necessidade de compreensão da interpretação.

Compreendemos que realizar todo esse percurso não foi tarefa fácil, mas certas do nosso propósito/escolha e teoria, tivemos nossos encontros com a orientadora, pontuamos nosso interesse e fomos orientadas no recorte necessário para nosso projeto.

2.1.1 Reflexão após a qualificação do projeto de intervenção

Neste item apresentamos as contribuições que recebemos da Banca de Qualificação, esse momento tão esperado, que nos provocou com questões tão importantes para enriquecimento do trabalho e por isso, procuramos contemplar cada uma delas porque, segundo Orlandi (2012, p.161), “[...] em cada passo, o sentido se formula, se elabora, se estabelece”. Desse modo, diante das colocações tão significativas, revisitamos nosso trajeto e as introduzimos a fim de melhorar o trabalho com a leitura, escrita e autoria dos estudantes.

A primeira questão incide sobre a escolha dos espaços de lazer, o porquê desses espaços e não outros. Para discutir esta questão vamos retornar um pouquinho para compreender como se deu essa escolha. Como já mencionado no capítulo I, em contato com os alunos e falando sobre o projeto, eles escolheram estudar os seguintes espaços de lazer: Praça Romeu Furlan; Praça São José; Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas; Lago Azul e Campo Municipal Márcio Mendes de Oliveira. Quando mudamos a natureza do projeto de interventiva para propositiva, decidimos manter a escolha realizada.

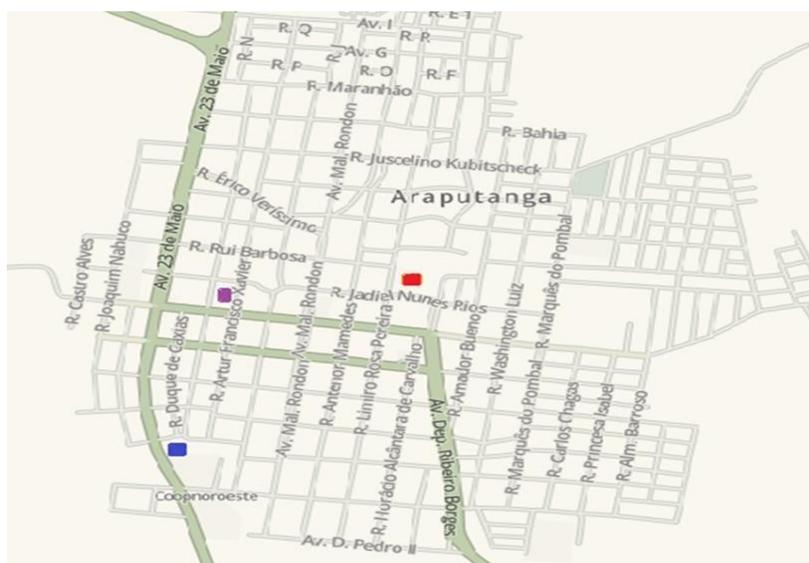
A partir dos estudos pêcheuxtianos que os sentidos não são fixos, estagnados, por isso

a escolha não se deu de forma aleatória e sim ocorreu porque são esses os locais que têm significado na memória discursiva destes estudantes, e “[...] o sujeito se constitui dos discursos que o atravessam e produz conhecimento a partir desse lugar[...].” (SILVA; HARB; PETRI, 2019, p.15), por isso os questionamentos feitos durante nossa visita e conversa informal acerca da realização do estudo e leitura da cidade e, segundo esclarece Rosa (2018, p.146), “[...] o sujeito, via memória discursiva, recupera intradiscursivamente o que está no interdiscurso e faz com que o texto tenha sentido. E é assim porque, em algum momento, foi dito, foi visto, foi discursivizado, tornando a língua ou os sentidos históricos”.

A escolha dos alunos por esses espaços e não outros pode estar ligada a afinidade deles com esses lugares. Pode também ser porque todos os espaços de lazer estão ligados ao movimento citadino que remete o lazer ao esporte. E, uma outra razão, pode ser as condições atuais em que esses espaços se encontram, uma vez que muitos alunos comentaram que esses espaços estão com a sua infraestrutura em más condições, contando também com equipamentos inadequados; mencionaram inclusive a falta de lugares públicos para o lazer na cidade.

Outra possibilidade seria que os espaços de lazer escolhidos estão localizados na zona urbana, que é o que mais frequentam, pela proximidade com esses lugares. Estão localizados muito próximos ao centro da cidade em relação a outros existentes no município e três desses espaços: Lago Azul, Praça Romeu Furlan e Praça São José tem uma proximidade significativa, como podemos constatar (figura14) no mapa da cidade

Figura 14 - Mapa da cidade (parte do mapa)



Fonte: Waze Navegação e Trânsito ao Vivo (2020 grifo meu).

Fizemos algumas marcações (grifo) com cores para compreensão de quais locais se tratam e são eles: na cor vermelha, a localização do Lago Azul; na cor roxa, a praça Romeu Furlan e na cor azul, a praça São José. Desta forma, a questão que conduz à análise desta proximidade entre estes espaços de lazer na cidade e trazer para nosso debate é o de buscar entender que efeitos de sentidos estão sendo configurados no imaginário do nosso discente ao escolher esses locais para estudar. E pensar, ainda, nas condições de produção que se fizeram presentes para o Poder público tomar a iniciativa de constituir esses espaços nesses lugares.

Em relação ao espaço público, de acordo com Orlandi (2004, p.85, grifo nosso) é preciso “[...] fazer desse espaço um espaço social, política e culturalmente mais arejado. É necessário produzirem-se condições, infra-estrutura, colocar escola, programas de cultura, **de lazer**, cuidar do espaço físico, iluminação, transporte” (Grifo nosso). Esses saberes consideramos indispensáveis para nossa proposição.

Instiga-nos saber que esses sujeitos-alunos, muitas vezes, não têm voz, ou seja, não são ouvidos. Não lhes permitem participar ativamente das decisões a respeito do lugar, pois não são dadas condições para que eles exerçam a cidadania. Diante disso, não podemos e nem queremos nos calar, necessitamos ir além e para realizar isso, é preciso:

[...] inquietar-se pela mudança, é ser interpelado e interpelar pela ação, é ocupar o lugar de autor, de sujeito do dizer, é refletir e agir na sociedade como agente de uma prática discursiva, é inquietar e encorajar o outro, desacomodando-o e desacomodando-se ao mesmo tempo. (FERNANDES, 2018, p. 37).

Assim, na busca por nos desacomodar e desacomodar o outro, escolhemos para desenvolver a proposição pedagógica a turma do 9º ano do Ensino Fundamental, mas nada impede que o trabalho seja desenvolvido com qualquer outra turma do Ensino Fundamental II, uma vez que o foco da proposta incide sobre a cidade, mais especificamente sobre os espaços públicos de lazer.

Pensando nas inquietações dos discentes é mister as sugestões que recebemos da banca para leitura de textos que abordam a questão da cidade, leitura e escrita e trazemos para reflexão no que se refere a leitura, o que Orlandi destaca que é preciso considerar o contexto sócio-histórico em que ela é produzida. (ORLANDI, 2012). E isso tem reverberado positivamente sobre a nossa proposição e temos respeitado essa questão.

Em relação ao lazer, remetemos a Barbosa quando diz (2017, p.19): “[...] devemos lembrar que lazer não é apenas divertimento ou descanso. Nele podemos encontrar também uma grande possibilidade de desenvolvimento, tanto dos aspectos biológicos e psicológicos, bem

como da relação do indivíduo com a sociedade”. Desse modo, consideramos pertinente focar nossos estudos na temática da leitura cidadina dos espaços públicos de lazer, a fim de entender essa gama de possibilidades que o lazer proporciona para o sujeito e seu relacionamento com a sociedade. Assim, trouxemos para a nossa proposta de intervenção variados objetos, que foram ampliados com as sugestões que recebemos da Banca de Qualificação.

Dentre as questões apontadas pela Banca de Qualificação, destacamos a importância do relacionamento do sujeito-estudante com a sociedade. Assim, a banca sugeriu que, além de realizarmos uma noite de autógrafos na escola como efeito de fechamento do trabalho³², que antes retornássemos nos espaços de lazer, como na Praça Romeu Furlan e Praça São José, para fazer a semana da escola na cidade, ou seja, mostrar para a cidade os efeitos de sentidos produzidos com a execução desta proposta, porque o trabalho com a leitura em sala de aula tem que dar voz aos alunos para que eles construam o próprio percurso de aprendizagem e que este aprendizado ocorra para além dos muros da escola. (LIMA; CABRAL HAYASHIDA, 2019). Ou seja, que deve ocorrer fora do ambiente escolar e “[...] como espaço de autoria, o que nem sempre foi possível”. (LAGAZZI- RODRIGUES, 2015, p. 93). Isto significa que é preciso dar condições para os estudantes protagonizarem toda a atividade.

Podemos dizer, com isso, que as sugestões dadas para nosso trabalho, convocaram a produção de outros sentidos e novos olhares para a nossa jornada. É interessante que a banca, entre as sugestões, nos indicou a leitura do Código de Postura da cidade. Na leitura desse documento, percebemos que há um apagamento do lazer público, uma vez que não há tratamento aos espaços de lazer público. No artigo 110 do Código de Postura, encontramos a menção de locais e recintos com “frequência pública”, mas não se refere ao espaço público de lazer, vejamos:

Art. 110 - O Poder Público fica obrigado a Inspeccionar permanentemente os locais e recinto da **frequência pública** visando obrigatoriedade do cumprimento das exigências tratadas neste capítulo e ainda limitar a lotação dos recintos e tomar as demais providências que incolumidade e o conforto dos frequentadores em geral, sendo responsabilizada pelos danos que sua omissão venha causar a coletividade. (Grifo nosso).

Após o Código de Postura, fomos em busca da textualidade de outras leis criadas no município de Araputanga e nos deparamos com a Lei Municipal N.º 1.319/2018 que criou o Conselho Municipal do Esporte e Lazer (CMEL), com o objetivo de fortalecer o esporte e o

³² Na proposta inicial, planejamos a realização de uma noite de autógrafo na escola, para dar visibilidade às produções dos alunos, organizada em um Atlas dos espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga-MT.

lazer no município de Araputanga. E nos chamou atenção o que diz o Artigo 6º (grifo do autor):

Art. 6º - O Conselho Municipal do Esporte e Lazer (CMEL) tem as seguintes competências básicas:

I - Desenvolver estudos, projetos, debates, pesquisas relativas à situação do esporte e lazer no Município;

[...]

IV - Analisar propostas e sugestões manifestadas pela sociedade e opinar sobre denúncias que digam respeito a programas, projetos, competições e eventos culturais da cidade;

Como vimos, há no documento a menção da abertura para a participação/sugestão da sociedade nas questões referentes ao lazer. Isso nos conduz a buscar compreender se a sociedade tem participado das implementações de políticas para o lazer na cidade. Em entrevista³³ que realizamos com um morador que pertence à família de fundadores do município, o entrevistado disse que Araputanga dispõe de poucas opções para lazer público. A partir dessa colocação, passamos a questionar, conforme Orlandi (2004, p. 90):

O que esta cidade, enquanto espaço de sujeitos que significam, exige para que seu movimento não seja rompido, para que haja possibilidade de harmonia na maneira de administrar o espaço público, de convivência social no qual estamos imersos, necessariamente, como seres históricos que significam?

Entendemos que para não romper com o movimento cidadão e a harmonia, é ímpar a participação ativa da sociedade; os cidadãos têm que ter voz nas decisões tomadas nos espaços públicos de lazer. É preciso questionar ainda se há conhecimento por parte dos cidadãos araputanguense da existência dessa lei. Se na prática, ela tem funcionado, ou seja, cumprido seu propósito de criação.

Ainda sobre as leituras indicadas, a dissertação de Cidarley Grecco Fernandes Coelho intitulada *Discursos sobre a leitura no Brasil: dos documentos oficiais e do livro (no) digital*, é uma sugestão importante por tratar de um assunto tão pertinente. Essa leitura dialoga com nossas ansiedades, necessidades e tem reverberado em nossos estudos discursivos, pois conforme relata Coelho na apresentação do seu trabalho acerca desse processo que se constitui a cada leitura, recorte e reformulação efetivada, há descobertas imprescindíveis:

³³ Entrevista realizada e autorizada para divulgação na data de 20/01/2021 com o senhor Francisco Xavier. Esta foi realizada com o intuito de ouvir o morador acerca do município e ainda para a partir desta entrevista organizarmos um plano de aula (consta no capítulo 3 deste trabalho).

E descobrimos que as perguntas são tão importantes quanto os nós de cada bordado. O bordado em si também significa, mas o que constitui a bordadeira é o processo de construção. Sempre fazer perguntas, recortar o tecido, reformular os questionamentos e os desenhos, ponto-a-ponto, colocá-las em outros nós. (COELHO, 2016, p. 17).

Diante desse processo de construção do nosso trabalho, que é feito com a reorganização e recortes da escrita que não fecham, porque sempre há outras possibilidades de enriquecimento que são provocadas pelos questionamentos, debates e proposições, a Banca sugeriu incluir a leitura, nos espaços públicos de lazer, para que outras opções se tornem pujantes, além do lazer esportivo.

É de grande valor lembrar também que a escola tem papel fundamental no trabalho com a leitura e que não deve ficar “presa” entre as quatro paredes da sala de aula, porque ela “[...] é uma instituição, e assim como as demais, preparam os sujeitos para viver em sociedade, e garantir que essa continue a existir”. (HASHIGUTI, 2009, p.42). Desta forma, compreendemos que este trabalho propositivo estará contribuindo para que nossos estudantes vivam em sociedade e participem ativamente das decisões efetuadas.

Em se tratando da leitura da cidade e a tomando como objeto de reflexão, suas implicações, questionamentos, conhecimentos, experiências, memórias e meditações, a autora Araujo (2014, p. 21), esclarece que:

Tomar a cidade como objeto de reflexão requer compreendê-la para além da simples oposição campo/cidade; requer avançar nas perspectivas que limitam a cidade a algo caótico que carece da atuação técnica civilizadora; requer entender os processos sociais que forjam a urbe e as significações a ela atribuídas; requer apreender a cidade como lugar de múltiplas temporalidades, memórias e experiências coletivas justapostas. Pensar que a cidade é constituída de camadas, como uma sobreposição de tempos, materialidades, experiências, memórias e significados [...]

Desta forma, pensando nessa constituição e avançando nas perspectivas da cidade, entendemos que há uma multiplicidade de sentidos para lazer na sociedade e com este trabalho, sugerimos compreender, junto com os alunos, os sentidos de lazer e sua importância para os sujeitos. E ainda, entender se o lazer é algo relevante para ser pensado como uma política pública para os sujeitos, se a cidade precisa de espaços para lazer ou se os que possuem são suficientes para atender a demanda da sociedade, porque a Constituição Federal e alguns documentos oficiais da cidade, como o Código de postura e a Lei Orgânica que, na seção II, aborda acerca da saúde, por exemplo, diz:

Art. 155 – O Poder Público Municipal em colaboração com o Estado e a

União, conforme prevê a Constituição Federal, elaborará Programa Municipal de Saúde, no prazo máximo de seis (06) meses, como parte integrante do Plano Municipal de Saúde e do Plano Plurianual, com metas que tenham como objetivo desenvolver ações de saúde de forma descentralizada, não só a nível curativo mas também preventivo, assegurado à população melhores condições de vida, alimentação, saneamento, moradia, transporte, educação, **lazer**, segurança, defesa do meio ambiente, através de campanhas de conscientização. (Grifo nosso).

O documento traz ainda na seção VIII, que versa da “Política urbana e seu ambiente”, o artigo Art. 192, que diz: “Serão criadas áreas de lazer no centro e áreas verdes na periferia da cidade”. Ou seja, o lazer está incluso na Lei Orgânica do município, e está associado à saúde e ao meio ambiente, como políticas que se interessam pelo bem estar de seus moradores e desse modo, lendo, analisando o documento, é possível compreender como vão sendo construídos os sentidos e imaginários para os espaços de lazer na cidade.

Também é importante não esquecer que ao tratar a questão do lazer, é preciso que ele esteja presente “[...] no debate das Políticas Públicas da área e nos processos de formação profissional”. (MARCELLINO, 2007, p. 37), por isso nosso interesse em propor o debate em sala de aula acerca deste assunto, a fim de que nossos alunos compreendam que é importante saber sobre o lazer, os espaços públicos, seus direitos como cidadãos para que eles se constituam sujeitos do dizer e ativos na sociedade, porque “[...] o Brasil tem marcadamente, na sua história de colônia, a ‘negação do dizer’”. (PFEIFFER, 1995, p. 57). E sentimos a negação do dizer ainda presentes na escola, por isso, a atitude de mexer com a vida social dos estudantes a fim de que eles se sintam inseridos ativamente no meio em que vivem e produtores do próprio dizer.

Colocar esta questão se faz pertinente, pois provoca desafios no que concerne a assunção da autoria dos nossos discentes e também porque a Análise de Discurso trabalha com a “[...] ilusão do sujeito como origem, através dos processos discursivos, mostrando que nem a linguagem, nem o sentido são transparentes. Apesar do sujeito não ser a fonte nem a origem do sentido, ele carrega consigo essa ilusão”. (GRIGOLETTO, 2005, p. 100).

E uma vez carregando a ilusão da origem do dizer e a autonomia assumida pelo sujeito, estas o conduz a construir conhecimentos, porque como sabemos, este não está completo, finalizado. As fórmulas prontas não permitem o dizer. O conhecimento é construído na prática, fora da zona de conforto, sem comodismo e com predisposição a desestabilizar o sentido posto, transparente, acabado, sentido que impõe e reproduz o discurso do professor e ou do livro didático, porque:

Essas fórmulas prontas são reproduzidas pelo professor, e depois pelo aluno, e deste aluno, se for um futuro-professor, para outros alunos. Esse tipo de

reprodução se faz no eixo horizontal da produção do discurso, o intradiscurso, não havendo, portanto, a inscrição do dizer do professor no interdiscurso, eixo onde se mobiliza a memória discursiva. (FERNANDES 2017, p. 87).

Quando abordamos o dizer do sujeito, seja ele, professor ou aluno, entendemos que sua inscrição no interdiscurso, é fundamental para que as palavras tenham sentido e porque “[...] o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer [...]” (ORLANDI, 2015, p. 32). A respeito do interdiscurso, a autora destaca também que:

Há um longo percurso entre o interdiscurso (memória do dizer), nível da constituição do dizer, e o texto (intradiscurso), nível da sua formulação: ordem das palavras, repetições, relação de sentidos, paráfrases que diluem a linearidade mostrando que há outros discursos no discurso [...] (ORLANDI, 2015, p. 90).

Ressaltamos então que há outras possibilidades para a interpretação e que é necessário entender e mobilizar o sujeito e seu dispositivo de interpretação, isso porque:

O dispositivo ideológico de interpretação do sujeito vem carregado de uma memória (uma filiação nas redes de sentidos – o interdiscurso) que, entretanto, aparece negada como se o sentido surgisse lá. Isto porque a memória discursiva (o interdiscurso) se estrutura pelo esquecimento: esquecemos como os sentidos se formam de tal modo que eles aparecem como surgidos em nós. (ORLANDI, 2012, p. 28).

Assim, a memória discursiva para a realização da autoria tanto dos discentes quanto dos professores é imprescindível no contexto escolar visto que:

[...] para se colocar na posição-sujeito de autor de um texto, não basta apenas organizar suas partes, ordenar os dizeres, é preciso se inscrever no discurso produzindo um efeito de originalidade, operar seus sentidos de modo que se possa fazer ressoar o interdiscurso, os não-ditos. Para isso, o sujeito precisa se identificar com o que escreve, deve haver uma identificação com a formação discursiva que se materializa no texto, caso contrário, o que teremos é uma merarepetição sem sentido para quem o escreveu. (FERNANDES, 2016, p. 210).

Sabemos que esse apagamento do sujeito da posição sujeito-autor de um texto é de longa data, pois passamos pela mesma situação como discentes na escola, pois a abertura para esta posição quando se dava era “tímida”, reservada. Ou seja, foi oportunizada a repetição dos sentidos postos pelo livro didático, pelo posicionamento do professor, naturalizando a repetição vazia de sentidos, a decodificação e a negação dos sentidos. Fomos tolhidos e isso refletiu em

nossa prática na sala de aula e por isso, “[...] não é somente o aluno que é enredado nestes sentidos de autorização do dizer”. (PFEIFFER, 2000, p. 62). Em outras palavras, o professor também se encontra nesta direção e funcionamento de autorização do dizer.

O desafio está em realizar esta conversão. Não podemos permanecer calcados em moldes que só produzem a segregação, o apagamento do sujeito. É preciso que a escola trabalhe “[...] legitimando o sentido de uma prática de ensino significada pelos sentidos de autonomia, independência e liberdade [...]” (SARIAN, 2019, p. 103). E este ensino está firmado em nosso trabalho propositivo, pois rompe com a inércia presente no ensino da leitura e da escrita e busca desenvolver práticas discursivas, que envolvam diversas materialidades discursivas como fotografias, documentos, entrevistas, vídeos e outras que são pertinentes para nossa prática e que estão sujeitas ao jogo, ao desacerto e a falha.

Nesse ponto, não é novidade que a prática pedagógica do professor precisa estar sempre em movimento, que o trabalho com a leitura e escrita deve ser (re)pensado e debatido na escola. É interessante observar que nossa prática com a leitura e escrita antes da experiência com o Profletras esteve em grande parte pautada no livro didático adotado pela escola e mesmo que procurássemos fazer algumas adequações, oportunizar a polissemia, a produção de sentidos além desse material ou (re)significar as atividades propostas sentíamos insegurança para realizar a produção de sentidos.

Além disso, “[...] a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. (ORLANDI, 2015, p. 41). E nossas formações discursivas não nos autorizava a “extrapolar” os sentidos estabelecidos. Pensamos que, diante daquela realidade não poderíamos continuar. Esse “medo” e inquietude resultou, mesmo no silêncio, que é componente do dizer, na busca pela formação (cursar o mestrado) e com este acontecimento, nos inscrevermos num espaço antagônico a fim de defender a nossa causa com determinação. E nosso comportamento testifica “[...] o silêncio como horizonte, como iminência do sentido, é a respiração da significação para que o sentido faça sentido”. (ORLANDI, 2012, p. 128).

Assim, a abertura à exposição de nossas posições, mesmo que antagônicas ao sistema atual de ensino, tem fortalecido e assegurado nosso percurso frente a esta proposição dos gestos de leitura e escrita dos espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga, MT, de forma a transcender o ambiente escolar e tem reverberado tanto para nós quanto será para nossos estudantes, já que o assunto foi indicado por eles, ou seja, significará para eles e como sabemos, “[...] pela falta de abertura ao espaço de interpretação, podemos dizer que não há instauração de

gestos interpretativos, somente a reprodução de formulações que retomam a superfície textual”. (FERNANDES, 2017, p. 82).

A esse respeito, quando se trata da Análise de Discurso é relevante lembrar ainda as palavras de Mariani (2020, p. 20):

Habitar essa teoria, para falar deste lugar que lhe é próprio, é estar em um movimento de reflexão teórica que trabalha com o desconforto e, nessa medida, provoca desconforto também. Afinal, situar-se na teoria do discurso é tomar posição em um lugar teórico que visa a compreensão dos processos históricos que estão na base linguageira da produção de efeitos de sentido. Trabalhamos a movência dos significantes, tomando sua inscrição na base da linguagem para compreender os caminhos e as margens do dizer.

Quando se mobiliza, então, a teoria a qual nos filiamos, tomamos a posição necessária frente ao movimento de estar em desconforto e provocar o desconforto diante do trabalho histórico da produção de sentidos, ou seja, é ocorrer a mudança e buscar que os outros sujeitos sintam necessidade de também tomar este caminho significativo e que não se fecha, aberto a outros sentidos.

Sendo assim, como já afirmamos, a partir do Profletras e o encontro com a teoria pecheuxtiana, somos sujeitos afetados, que têm realizado desconstruções, desestabilizado amarras no trabalho com a linguagem que, de acordo com Orlandi (2012, p.29), “[...] não é uma coisa só e nem é completa [...]” e assim produzindo vastos sentidos, dando visibilidade a outros olhares, apontando e superando desafios intrínsecos à prática pedagógica, ao ensino/aprendizagem e desta forma buscando uma educação de qualidade.

2.2 As considerações e os trajetos da teoria no nosso caminhar

A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2015, p.24).

Tecer a reflexão acerca da teoria que fundamentou e norteou nossa proposição e mostrar que não há “chave”, verdade oculta ou “passe de mágica” na realização deste trabalho, que é instigante, desafiador, parece que “[...] às vezes, não cabe naquilo que se escreve. Todavia, pode se inscrever numa letra lida, numa escrita imaginada/desejada, na falta de uma palavra, num traço de poesia. Ou seja, numa outra dimensão da escrita”. (COSTA, 2018, p. 50). Em outras

palavras, o encontro com a Análise de Discurso nos possibilitou ainda que sem palavras apropriadas para descrever, delinear discursivamente a respeito do trabalho com a leitura e escrita em sala de aula que tanto nos afetava e inquietava e por isso, emerge uma mescla de sentimentos e reviravoltas que caminham juntos e que nos reverberou (e ainda reverbera) aprendizado ímpar e momentos memoráveis, porque, conforme diz Venturini, “[...] participa da urgência de uma formação social em comemorar, fornecendo-lhe um modo de funcionamento. Constitui os andaimes que estruturam o discurso comemorativo, e se materializam nos gestos de comemoração [...]” (VENTURINI, 2008, p. 43).

Diante de dar visibilidade ao trabalho discursivo, buscamos constituir o movimento da teoria pecheuxiana no trabalho propositivo para o 9º ano do Ensino Fundamental que são os gestos de leitura dos espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga, MT. Nosso trabalho encontra-se base nos estudos do domínio teórico-metodológico da Análise de Discurso francesa, filiada à Michel Pêcheux, que:

[...] tem sua origem nos anos 60, surge em um contexto intelectual afetado por duas rupturas. De um lado com o progresso da Linguística, era possível não mais considerar o sentido apenas como conteúdo. [...] nesses mesmos anos, há um deslocamento no modo como os intelectuais encaram a “leitura”. (ORLANDI, 2012, p. 20).

Esta teoria foi desenvolvida, aqui no Brasil, por Eni Orlandi, que, como define Pfeiffer (2018), é uma professora, orientadora extraordinária e liderança intelectual na formação de grupos e de áreas do conhecimento. E ainda, a partir “[...] da Análise de Discurso do francês Michel Pêcheux, Orlandi constrói, no Brasil, pelas pesquisas, a produção do conhecimento teórico do estudo do discurso”. (MOTTA, 2018, p. 77).

Abordamos a relevância da leitura e escrita, do discurso cidadão e das práticas pedagógicas para a formação do sujeito leitor/autor, a partir de: Pêcheux (2014, 2015), Orlandi (2004, 2007, 2012, 2015), Pfeiffer (1995, 1998, 2000), Gallo (1989), Indursky (2010, 2016), entre outros que têm como objetivo fomentar os gestos de leitura e autoria. Também trouxemos estudiosos da Sociologia Urbana, que pensam o lazer, a exemplo de Dumazedier (2000) e Marcellino (1996, 2007).

No âmbito da Análise de Discurso, é preciso compreender que a teoria se situa no entremeio das ciências sociais humanas, conforme aponta Mariani (1996, p. 21):

A escola francesa de análise do discurso[...] uma teoria que, por se situar no entremeio das ciências sociais humanas, está sempre reinvestigando os fundamentos de seu campo de conhecimento: as relações entre a linguagem, a história, a sociedade e a ideologia, a produção de sentidos e a noção de sujeito.

Esta teoria a qual nos filiamos “[...] constitui um excelente dispositivo teórico para se ocupar do inexistente, do que está além, do irrealizado”. (ORLANDI, 2012, p. 127). E a partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, pretendemos mostrar o caminho que estamos trilhando neste percurso, na busca por redefinir nossas práticas pedagógicas e compreender as implicações e o papel de ser educador, pois,

Ser um educador, atualmente, implica em atender às diversidades culturais, sociais, estruturais dentre tantas outras existentes no meio social, na escola, seu entorno e até mesmo na comunidade. Para isso, se faz necessário um pensamento crítico e autônomo por parte do educador, no sentido de ser atuante em termos de atualização de suas práticas docentes, visando a contextualização e reflexão de conteúdos formais e informais e sua abordagem, não se reduzindo a metodologias sistematizadas, todavia conscientes de uma formação que leve à constituição de sujeitos cidadãos reflexivos quanto ao entendimento do mundo, por assim dizer. (OLIVEIRA; GUEDES, 2014, p. 2970).

No bojo dessa compreensão, foi possível, ao redefinir nossas práticas pedagógicas, amparadas e norteadas pela teoria discursiva, nos pautar na organização do nosso arquivo de leitura. É importante remeter a Pêcheux que compreende arquivo como um “[...] campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 2014, p. 59). Nesse sentido, como professora, buscamos compreender como a Análise de Discurso compreende a língua e o seu ensino, porque por meio da leitura desse arquivo nós poderíamos ver o funcionamento da teoria para pensar o ensino de língua. Além disso, precisávamos também constituir um arquivo sobre o lazer na cidade. A partir desse arquivo de leitura é que pudemos pensar o projeto a ser desenvolvido com os alunos, para isso precisávamos também selecionar materialidades para ler com os alunos construindo um arquivo de leitura sobre o assunto. Nosso objetivo era que os alunos a partir das leituras constituíssem uma memória discursiva sobre os espaços públicos de lazer para ter o que dizer, imaginariamente, como seu dizer.

Em relação ao arquivo, trazemos a contribuição de Nunes (2008, p.90) que esclarece: “[...]é preciso distinguir a memória institucionalizada (a memória de arquivo) e a memória enquanto interdiscurso (o horizonte do já-dito). O arquivo corresponde a representações imaginárias da memória”. Nos inscrevemos nessas representações imaginárias da memória ao organizar o nosso arquivo dos/sobre os espaços públicos de lazer, para compreender por meio da escuta, debate e estudos, como esses ambientes públicos de lazer estão postos no imaginário dos sujeitos araputanguenses e como a escola tem tangenciado a relação da cidadania de seus estudantes. Ainda, a respeito do arquivo, nos diz Pacífico e Romão (2006, p. 77) que:

[...] há uma regularidade de pensá-lo em sua materialidade física, como acervo de objetos, documentos, imagens e textos, que reclamam guarda, tratamento e disponibilização. [...] é discursiva, isto é, entendida como um saber sobre, como uma superfície de sentidos já dados anteriormente e como condição para que a língua funcione e faça sentido.

Desse modo, em se tratando de condições para que a língua funcione e faça sentido, Orlandi coloca que na Análise de Discurso, o sujeito não é centrado e por isso é afetado pelo real da língua e da história e não controla o modo como elas o afetam. (ORLANDI, 2015). Assim, podemos apreender que a relação entre o sujeito e a língua se constitui e passa pela situação na análise da linguagem, ou seja, no funcionamento em situações reais de uso, sendo o sujeito afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, porque:

[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Este é o princípio básico da noção de sujeito em AD. Assim, o sujeito é, desde sempre, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. A AD parte do pressuposto de que o sujeito não é fonte do sentido, mas se forma por um trabalho de rede de memória, acionado pelas diferentes formações discursivas, que vão representar, no interior do discurso, diferentes posições-sujeito, resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídos, presentes nesse discurso. (GRIGOLETTO, 2005, p.102).

Nessa compreensão, procuramos refletir a respeito do lazer a partir de alguns estudiosos e, em especial, algumas noções da teoria discursiva, que são essenciais para nosso trabalho propositivo, pois, conforme Silva, Harb e Petri (2019, p.18), “[...] a reflexão acerca da produção do conhecimento discursivo demandou considerarmos o próprio fazer do analista de discurso e a sua relação com os gestos de leitura necessários para a apreensão da teoria”. Entendemos assim, que os gestos de leitura que realizamos foram significativos para que apreendêssemos a teoria discursiva e que de igual modo, o conhecimento adquirido acerca dos estudos do lazer contribuiu para tecer nossa proposta.

Nesse viés, tomando a posição de analistas de discurso, problematizamos o discurso cidadão dos espaços públicos de lazer pois como esclarece Motta, “[...] o sujeito é interpelado a construir sentidos”. (MOTTA, 2016, p. 9). Dessa forma, fomos em busca por meio dos estudos discursivos a compreender as noções de discurso, condições de produção, sujeito, formação discursiva, formação ideológica, interdiscurso³⁴, dentre outras, para entender como elas funcionam no processo de leitura e produção de sentidos.

E nessa busca, para chegar a essa compreensão, da interpretação e produção de sentidos,

³⁴ Essas noções serão abordadas no decorrer da dissertação, quando elas forem mobilizadas na análise.

vale dizer que perpassamos por desafios instigantes, muitas leituras, estudos, retomadas, rupturas, transformações e movimentos de deslocamentos que foram necessários, mas, aos poucos, encontramos espaço para nos apropriar e direcionar este estudo e proposição.

Vemos, portanto, que as rupturas são imprescindíveis e merecem atenção para que tanto professores e alunos se constituam na posição de autores de suas práticas. Segundo Fernandes e Santos (2019, p. 166) para a Análise de Discurso:

Assim como o sujeito discursivo não é o indivíduo de carne e osso, o conceito de autor na AD também não se confunde com o ser biológico que escreve o texto, é mais uma função do sujeito-autor, sendo essencial para estudar o texto como uma materialidade discursiva.

Com esse entendimento é preciso destacar que cabe ao professor, através da ação pedagógica, propiciar a sua própria transformação e a do seu aprendiz. (ORLANDI, 2012).

Pautar o trabalho a partir do entendimento descrito, é conceber uma mudança que não se dá apenas superficialmente, mexe com a produção de sentidos, com a escola, com a sociedade. E podemos afirmar que nossa proposta se enquadra nessa conjuntura, porque compreende as divergências da cidade como oportunidades para questionar os apagamentos, os silenciamentos, os sentidos expostos/impostos acerca dos espaços públicos de lazer. Conforme aponta Orlandi (2004, p. 96):

É preciso termos democraticamente informações adequadas, criar condições para elaborar os conhecimentos necessários e produzir políticas sociais públicas compatíveis que levem a sociedade a praticar seus direitos e a cidade a ter a forma que acolha os sujeitos que nela vivem em quantidade e concentradamente. Compreendendo suas divergências como necessidades históricas (políticas). Aprender novas formas de convivência social.

O espaço público de lazer é o local correspondente para a convivência dos sujeitos, nele deparamos com situações de toda ordem social, daí a importância de a escola organizar com os estudantes formas de expandir o pensamento crítico e mobilizar ações em favor dos sujeitos cidadãos a fim de que eles se sintam ativos e promotores das mudanças e adequações necessárias nos espaços públicos de lazer.

Valendo-nos desses pressupostos teóricos que sustentam nosso trabalho, é relevante dizer que ao tomarmos o lazer como um ponto necessário para ser estudado, temos pensado em “[...] onde os indivíduos, homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, podem exercitar suas necessidades de lazer?” (CAMARGO, 1986, p. 61). Sabemos, a partir dos estudos realizados, que os sentidos e espaços para o lazer são múltiplos, desde ambientes ao ar

livre, como fechados, muitas são as possibilidades. Mas o nosso interesse concentra-se no percurso discursivo dos espaços públicos de lazer porque “[...] a Análise de Discurso leva em conta a discursividade [...]” (MARIANI; LUNKES, 2013, p. 40) e são eles que têm provocado nossos estudantes as inquietações, e por meio deles, podemos compreender o movimento cidadão, por isso nosso envolvimento.

Fazemos este investimento porque é possível depreender que “[...] a prática docente é decisiva para a maneira como os alunos vão se significar para si e para os outros, logo, em relação ao modo como a sociedade os significa”. (ORLANDI, 2015, p.188). Assim, sabendo que nossa prática afeta diretamente os estudantes e sua relação com a sociedade, devemos ouvir seus questionamentos acerca da cidade e junto com eles, traçar meios para que suas indagações sejam ouvidas.

Queremos ressaltar também que o percurso traçado acerca dos espaços públicos de lazer, pensado discursivamente, é importante para que os estudantes além de compreender o que concerne à cidade também terão oportunidade singular para trabalhar a linguagem produzindo sentido no sujeito, porque para ser autor, é preciso estar sujeito a linguagem (assujeitar-se), de forma que esse sujeitar confira a ilusão de liberdade, desprendimento e segurança sobre o que se produz e ainda que, compreendam que a língua é dúbia e permeada de significados.

Desta forma, é possível entender, a partir dos estudos discursivos que esta proposição sobre os espaços públicos de lazer traz uma gama de possibilidades para o trabalho com a língua, porque ela tem espaço para a abertura, para equívoco, porque o deslize, o desacerto são oportunidades para apreensão dos sentidos e assim o seu funcionamento em situações reais de usos sociais, uma vez que os sentidos como não estão prontos e acabados, se (re)constroem constantemente no movimento simbólico e histórico. (COELHO, 2019).

Diante dessas pontuações que realizamos, consideramos e reafirmamos que os caminhos teóricos trilhados para a construção da nossa proposta de leitura dos espaços públicos de lazer, que é a constituição da autoria na escola, foram e são eficazes para uma educação que preza pelo trabalho com a língua/linguagem em suas situações reais de uso.

Além disso, cabe dizer que tivemos que fazer e refazer muitas vezes nosso percurso em busca de melhores caminhos, porque, segundo Coelho, a “[...] bordadeira não pode jamais ter preguiça de desmanchar seu bordado e começar de novo”. (2016, p. 16). E é assim que seguimos nosso “bordado”, com coragem para desmanchar os nós, os pontos torcidos se preciso for e refazer, para que se cumpra os objetivos propostos.

Nesse interim, em nosso próximo capítulo, descreveremos acerca da metodologia adotada para a construção da proposta a partir da temática elegida, para assim dar visibilidade

aos gestos de leitura e escrita, ou seja, a autoria dos estudantes.

2.3 Leitura e escrita na perspectiva da Análise de Discurso Francesa: (des)atando os nós

O espaço e o tempo da linguagem são outros. É nisso que tropeçam os modelos com sua segmentalidade. O espaço do texto não é fechado em si mesmo, tem relação com o contexto de situação e com outros textos. É intervalar, assim como o sentido é intervalar: não está em nenhum dos interlocutores especificamente, mas no espaço discursivo constituído pelos/nos dois interlocutores. (ORLANDI, 1984, p. 16).

Concebendo as palavras da autora de que o texto não se fecha, porque tem relações que não terminam nele mesmo, queremos pensar, neste item, a respeito da leitura e escrita à luz da Análise de Discurso pecheuxiana. Sabemos que a leitura é atividade eficaz de inclusão social de sujeitos na sociedade contemporânea, por isso é importante pensar a leitura e escrita como produção de sentido, ou seja, tem que significar na vida deles.

Desse modo, destacamos um novo olhar para o trabalho com a leitura e escrita sempre esteve presente em nossa prática pedagógica. Inúmeros questionamentos permeavam nossas reflexões, sobretudo, acerca da leitura e escrita e ainda a ausência de uma teoria que assegurasse, sustentasse nossa prática e atendesse às necessidades reais e urgentes dos nossos estudantes. Nesse sentido, a Análise de Discurso veio ao encontro com a real urgência que tínhamos, tendo em vista que ela diz respeito à direção metodológica do nosso fazer pedagógico e ao modo como tratamos a leitura e a escrita de textos. (CAZARIN, 2005). É imperativo compreender que para ocorrer a mudança é preciso agir! Em nossa perspectiva, temos procurado buscar aprendizado significativo para nós e para nosso trabalho na escola, ou seja, nossas práticas pedagógicas.

No que tange a referida teoria, e sua relação com a escrita, interpretação, leitura e produção de sentidos, Grantham; Cazarin (2018, p. 472) afirmam que:

[...] a leitura, na perspectiva da AD, é concebida como um processo de produção de sentidos – como prática discursiva. Pautar a prática da leitura/interpretação a partir dessa concepção implica considerá-las como processos de produção de sentidos, isto é, como um gesto de interpretação do sujeito que lê, e que, nesse processo, (re)configura os sentidos do texto, colocando-os em relação com outros anteriormente postos; já-ditos que se estabelecem a partir da perspectiva da confluência ou da ruptura, da diferença.

Nessa abordagem, a leitura decorre como um processo que não se dá de maneira isolada,

implica o contexto, a situação do sujeito, ou seja, suas condições de produção e sua incompletude. Urge assim, trazer para as práticas pedagógicas na sala de aula a observação a fim de que o professor de fato seja o mediador das proposições e não o detentor do saber como outrora e desta forma, promover e dar visibilidade aos gestos de autoria dos alunos conforme concebe a teoria do discurso.

Segundo Abreu (2009), para criar espaços de autoria na sala de aula, é preciso inserir o aluno em práticas ou projetos que primam pela relação intersubjetiva e pela abertura da escola à sua realidade contextual, o que implica em leitura. Temos dado abertura para este espaço na sala de aula e realizado esses deslocamentos intrínsecos a leitura e autoria nas nossas práticas. Além disso, a partir dos deslocamentos, temos compreendido o fato de que:

[...] as leituras previstas para um texto devem entrar como um dos constituintes das condições de produção da leitura e não como o constituinte determinante delas, uma vez que, entre outros, a história das leituras do leitor também se constitui em fator muito relevante para o processo de interação que a leitura estabelece. (ORLANDI, 2012, p. 60).

O trabalho com o texto, então, não deve privilegiar as leituras que estão previstas para ele. É, pois, necessário notar as histórias de leitura do leitor, pois são vitais para que ocorra o processo de interação social. Ainda, segundo Orlandi (2015), faz-se necessário inaugurar práticas de leitura que problematizem as formas de ler.

Em seus estudos, Andrade e Cabral Hayashida (2021, no prelo) vão dizer que:

A leitura, para a Análise de Discurso, é muito além de fonte de informação, por mobilizar sentidos que transcendem a materialidade do texto. Conceber o texto em uma perspectiva discursiva é oportunizar ao aluno a percepção de que o texto não traz um sentido único, cabendo ao leitor desvendá-lo. É olhar para o texto em suas condições de produção, pois, como diz Orlandi, os sentidos estão sempre em *relação a*. Esse olhar permite ao aluno perceber que um texto produz muitos outros sentidos, mas não qualquer um, na relação que ele vai estabelecer com os outros textos, com a memória, com os sujeitos.

É interessante como a Análise de Discurso vai abrindo os nossos olhos para compreender a relação constitutiva que há entre a língua (o texto) e sua exterioridade (contexto imediato e amplo). Assim, os sentidos se abrem. E os nossos alunos vão poder colocar as suas impressões, seus pontos de vistas. Vão aprender a desconfiar do que lê, questionar, estabelecer relações.

Seguindo esta reflexão de problematizar as formas de ler, a proposição de trabalhar com a leitura e escrita, por meio de práticas discursivas distintas e voltadas para o ensino da língua

com vistas a priorizar seus usos na prática social deve refletir no âmbito escolar. No entanto, sabemos que a realidade de muitas escolas, bem como nas salas de aulas, este trabalho ainda está apoiado no que o livro didático oferece, o que nem sempre, emana a prática social.

Percebemos, e por experiência nossa ao longo de mais de vinte anos em sala de aula, que no que se refere ao uso do livro didático, muitas vezes, “[...] a resposta trazida no livro do professor não abre espaço para outros gestos de interpretação”. (FERNANDES, 2016, p. 216). E, como o trabalho com o livro didático está inserido no meio educacional há décadas, Silva (2019) vai dizer que eles assumiram, com o passar dos anos, a tarefa de educar, ensinar, ou seja, ocuparam o lugar do professor/a, tirando deles a responsabilidade pela docência ao fazer separação entre prática, técnica e política. Uma das consequências desse costume de assumir o lugar do professor revela-se na organização já no início do ano letivo, quando ocorre o que a escola denomina de “diagnóstico³⁵”, daquilo que foi trabalhado no ano anterior. Essa prática reside e, por vezes, se limita a observar a partir do livro didático, onde o professor da série/turma anterior parou para que o outro professor possa dar sequência ao “conteúdo” e fazer um levantamento da quantidade de livro didático disponível para a turma.

Nesse cenário, percebemos a desmotivação³⁶ por parte de alguns professores para realizar um planejamento das aulas, pautado em bases teóricas que sustentem o fazer pedagógico, que subsidiem práticas de leitura e escrita significativas. A receita está “pronta”, é só seguir. Por outro lado, ao pensar no livro didático como um instrumento linguístico a disposição da escola e que deve ser “controlado” pelo professor durante suas práticas metodológicas, é importante destacar a possibilidade de jogar/confiar novos olhares, realizar outros movimentos que rompam com o tradicionalismo assim como aponta Santos:

[...] se, por um lado, o LD conduz o trabalho na escola, exercendo poder sobre o trabalho do professor, por outro, o professor, nos processos interacionais, controla as trocas enunciativas no espaço da sala de aula. Caso esteja atento ou até mais envolvido com teorias que fogem à tradição do ensino de leitura e escrita, poderá permitir deslocamentos que alterem práticas ineficazes. (SANTOS, 2012, p.133).

³⁵ Esse termo “diagnóstico” é usado na escola, para identificar qual conteúdo ou capítulos do livro didático foram trabalhados no ano anterior, para que o professor continue/retome a sequência tanto do livro didático quanto dos conteúdos abordados.

³⁶ Quando nos referimos a desmotivação, não estamos tomando como desinteresse dos professores, mas como a “falta”, ou seja, ausência de estímulo do Estado em promover qualificação para os profissionais da educação. Profissionais que, muitas vezes, se veem tomados por cobranças desnecessárias, um exemplo disso são as exigências para que as escolas alcancem as metas traçadas para o Ideb. Daí surge a pressão em produzir números favoráveis, e quando os dados não são positivos responsabilizam o professor.

Nesse contexto e levando em consideração o conhecimento que adquirimos no mestrado, os estudos discursivos e as reflexões realizadas, podemos dizer que é possível fazer uso do livro didático, sem ficar cativo, seguindo o modelo estabelecido. Concordamos com Daltoé e Fernandes quando dizem que:

[...] o mesmo material pode servir para intervenções pedagógicas que façam justamente furo na naturalidade dos sentidos e no imaginário de mundo representado ali, abrindo-se para um processo que não interdita a interpretação, mas justamente a coloca em funcionamento plural. (DALTOÉ; FERNANDES, 2020, p. 240).

Diante desses pormenores, expressivos para nossa formação profissional e social, compreendemos “[...] que não há um sentido, mas efeitos de sentido, vários, plurais e diversos, sempre construídos por gestos de leitura e interpretação de um sujeito que ocupa determinada posição social”. (PACÍFICO E ROMÃO, 2006, p. 87). E por isso, afirmamos que a presença dos efeitos de sentidos provocados com as leituras no Profletras tem reverberado em fazer o que diz a teoria pecheuxiana que “[...] a Análise do discurso, na contramão do silenciamento, procura expor o olhar leitor à opacidade dos sentidos e do sujeito [...]” (ORLANDI, 2012, p. 191). Assim, tomamos como imperativo para nosso trabalho, bem como a elaboração das atividades, propor um ensino que priorize a assunção à autoria dos educandos.

Afinal, a compreensão da leitura e escrita sob o viés discursivo, consiste em apreender a produção de sentidos, desta forma queremos privilegiar um espaço discursivo em que, os alunos do 9º ano, que é nossa turma indicada, produza a autoria em seus gestos de leitura e escrita e que, mediados pela professora, organizem um Atlas dos espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga-MT, dando visibilidade a suas produções, e que nesse processo, eles se sintam fontes do próprio dizer porque a ilusão de ser fonte do dizer é constitutiva do sujeito e é condição para ocorrer a autoria. (FERNANDES; SANTOS, 2019).

Em suma, o trabalho propõe criar condições para que os estudantes tenham oportunidade de tomar decisões nas suas singularidades e desta forma, tomem assento ao lugar de autores de seus gestos de leitura e escrita e que esse acontecimento não se detenha dentro dos muros da escola ou nas quatro paredes da sala de aula. É preciso enxergar e ir além!

2.4 O lugar do lazer na sociedade: delineando sentidos

Deparamo-nos quotidianamente com esse (o) conflito: a cidade como um espaço forte de interpretação. Isso significa que compreender a cidade em seu funcionamento é colocar em questão o trabalho do simbólico no urbano, sua constitutividade e seu

funcionamento na cidade. *Margens* em movimento. *Cruzamentos* materialmente dispersos. Pontos de ancoragem da espacialidade urbana. (FEDATTO, 2007, p. 30, grifo da autora).

As palavras de Fedatto conversam com nossos planos discursivos de tomar a cidade como espaço propício para interpretação e compreensão do seu funcionamento. Esse posicionamento se constituiu fortemente em nossa caminhada no Profletras. Como já mencionamos, fomos tomados pela teoria discursiva e ao sermos expostos ao conhecimento de que a cidade se estabelece como um palco de leitura, interpretação, escrita, lugar de debate, de discurso de resistência, ou seja, de produção de sentidos, não podemos negar que se manifestou em nós o desejo de aprofundar os conhecimentos e pensar em como levar a cidade para a escola e como levar a escola para a cidade. E mais, em realizar um trabalho que sempre esteve presente em nossos objetivos: a leitura e escrita, e agora pensando a cidade como cenário.

Os conhecimentos e indagações quanto ao discurso cidadão incidiram em discorrer com uma proposta de trabalho voltada para a leitura e escrita. E entre tantas possibilidades que tínhamos em nossa mente (os bairros, a escola, as ruas), fomos surpreendidas com o dizer dos estudantes³⁷, conforme relatamos no capítulo anterior, que tiveram a ideia de pesquisar os espaços de lazer. Ao receber a escolha dos estudantes com surpresa, notamos que em nós ainda estava presente, e temos pouco a pouco desatado esse laço, a presença do discurso autoritário que por longo tempo fez parte do nosso caminhar, ou seja, foi nosso companheiro. E no discurso autoritário, segundo Orlandi (2015, p. 85) “[...] a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor”.

Ressaltamos que mesmo, quando não queremos direcionar ou impor os sentidos, inconscientemente somos pegos nesse proceder porque não controlamos o inconsciente com o saber. (ORLANDI, 2015). Ao dizer que somos pegos, ainda, pelo discurso autoritário alçando voz, isso porque ele se fez presente fortemente em nossa formação como estudantes e professores, antes do Profletras, motivo pelo qual, ainda, “esbarramos” nele. Compreendemos que o trabalho em sala de aula na perspectiva discursiva é uma construção, é um processo, por enquanto estamos iniciando esse trajeto. Nessa proposta, conseguimos perceber sua entrada, sua “melodia” e por isso, fazemos a reestruturação da nossa composição, permitindo outra configuração de discurso, que permita o equilíbrio e que seja contrário ao autoritário que,

³⁷ Estudantes da turma do 8º ano da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, Araputanga -MT, ano letivo de 2019.

conforme Orlandi (2012), impõe um sentido apenas.

Com a temática decidida, muita pesquisa, estudo e leituras a serem realizadas/retomadas, reunimos com a orientadora e em conversa compreendemos que as indagações e sugestões feitas pelos alunos não se referiam a quaisquer espaços de lazer e sim aos espaços **públicos** de lazer.

Embora parte do imaginário de uma grande parcela da sociedade idealize o lazer como um passatempo desprovido de importância para a vida social dos sujeitos e por isso, reporta ao desestímulo em tomar conhecimento do assunto, Gomes (2004, p.141) aponta “[...] a necessidade de entender o lazer em sua complexidade histórica, social, política, cultural e semântica, explicitando suas condições de realização em nosso meio.” Apropriando dessa necessidade e compreendendo que o lazer implica na vida cotidiana dos indivíduos, em todas as áreas, acreditamos que a temática posta tem muito a ser considerada na escola e na sociedade.

No que tange aos espaços públicos de lazer, sabemos que são partes da cidade e para aprender o que concerne à cidade, de acordo com Araújo (2014), é necessário fazer a leitura crítica e consciente de suas carências, excessos, desigualdades, propósitos e despropósitos de seus administradores e promover a atitude participativa. Fato este que tem lugar privilegiado em nosso trabalho. Por outro lado, ao pensar a questão do espaço público de lazer na escola, professores e alunos têm oportunidade de levar a cidade para a sala de aula e a sala de aula para fora dos muros escolares “[...] isso significa compreender que o ‘conhecimento’ não é um conteúdo guardado na Escola; ele está no mundo (na cidade) em seu real, na relação que o sujeito estabelece com o entorno em que vive”. (ORLANDI, 2004, p.155).

Conforme Andrade e Cabral Hayashida, “[...] o conhecimento não está apenas no livro didático, nos dicionários, no texto lido, o conhecimento é plural, vai muito além dos instrumentos pedagógicos. Enfim, o conhecimento está no sujeito, na cidade, no mundo, no movimento do sujeito consigo mesmo, com os outros, com a história” (2021, no prelo). Nessa compreensão, os alunos em nossa proposta vão buscar conhecimento sobre a temática em documentos oficiais, fotografias, pesquisas na internet, enquete na escola, nos espaços de lazer, na cidade, é assim que eles vão produzindo sentidos para o lazer para elaboração do produto final, que será a produção do Atlas.

Além disso, devemos destacar que “[...] o próprio espaço urbano se encarrega de contar parte de sua história”. (ROLNIK, 1998, p. 9). Desse modo, é possível observar que os sujeitos – alunos percebem parte da história contada nos espaços públicos de lazer do município de Araputanga. Entretanto, há o fato de que tem mais a ser dito, não se restringe a eventos e esportes. E, ainda, conforme nos esclarece Lima (2006), o lazer é um fenômeno que diz respeito

a todos os indivíduos e implica na reflexão complexa em relação às questões sociais.

Cabe a nós destacar que são questões sociais múltiplas, entre elas, os dizeres que se calam, outros que anunciam a situação de negligência, carência de infraestrutura, segregação, privilégios, entre outros e que afetam direta ou indiretamente a vida de cada um.

Em contrapartida, não estão sendo tomados como natural pelos sujeitos-alunos, já que eles materializaram seu desconforto diante dos casos com esses ambientes. Em relação a segregação, França (2018) afirma que esta, encontra-se presente nas diferentes classes sociais e em todos os espaços da cidade e no espaço de lazer não é diferente.

A partir do reconhecimento desta realidade, bem como os olhares dos discentes para tudo isso, trazemos essa temática (espaços públicos de lazer) e sentimos que por meio dela há muito o que pronunciar e nossos estudantes querem dizer. Assim, é possível dizer que por meio dela, outros assuntos pertinentes à cidade ecoarão nas vozes escolares:

[...] o que quero dizer é que muitas vezes o sujeito, no gesto mesmo de se inscrever na história, tem sua inscrição apagada pela desconsideração de seus sentidos: seus sentidos são imobilizados no *sem sentido* pela força da resistência imaginária (ideológica) que se acomoda no molde pré-fixado e vê na diferença, na resistência, somente o sem sentido. (PFEIFFER, 2000, p. 63).

Ou seja, serão oportunidades para engendrar outros trabalhos, em outras condições de produção, com outros sujeitos que muitas vezes estão querendo expor suas ideias, mas não tiveram ainda oportunidade para manifestar, sentem insegurança, despreparados para assumir o lugar que lhes é de direito, a autoria por suas escolhas, daí a resistência em externar seus gestos.

Além disso, essa temática, com a organização do arquivo de leitura e as muitas materialidades discursivas sendo propostas, que podem ser “[...] enunciados de livros didáticos, quadrinhos, entrevistas, filmes, relatos, dizeres sobre a escola”. (HASHIGUTI, 2009, p.22), cada uma delas, dará condições para que todos os envolvidos com o assunto tomem posicionamento sobre a vida cidadina, porque está intimamente relacionada à prática social, emerge conflito, infiltra desassossego, instaura o debate, os questionamentos, porque a cidade é dinâmica, tem sua complexidade e não é uma folha de papel em branco, assim como os sujeitos que a frequentam, não o são. E, mais:

A cidade é o lugar privilegiado para a reprodução das relações de produção em seu âmbito político, econômico e social; ela é produto, condição e meio para que esse processo aconteça. Ela divide, mas ao mesmo tempo une os lugares, que se entrelaçam no contexto da produção e reprodução. A cidade, fruto do trabalho humano, é criação, é produto social e, portanto,

historicamente produzida. (PADOVANI, 2003, p.171).

Daí a riqueza em proceder com o estudo discursivo dos espaços públicos de lazer, pois assim como a cidade une e divide, eles também têm sua realidade singular, estão na cidade e afetam direta ou indiretamente a sociedade, os sujeitos citadinos e entrelaçam sentidos. De acordo com as palavras de Dias (2018), se compreendermos de forma histórica e adequada o fenômeno do lazer, poderemos jogar novas luzes sobre as discussões a respeito dos seus significados sociais.

Desta forma, com nosso trabalho, aqui, apresentado, que foi recortado e (re) significado devido as condições de produção que nosso projeto passou ao longo do processo, passaremos para nosso próximo capítulo, a fim de explicitar como se desenvolverá a nossa proposta.

CAPÍTULO III

PROPOSTA PARA A MATERIALIZAÇÃO DISCURSIVA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER: (RE)DEFINIR PRÁTICAS E MOVIMENTAR SENTIDOS

Não se diz tudo, não se compreende tudo, há sempre um resto indizível, por mais que se tente significar qualquer coisa, inclusive a si próprio. Para a Análise do Discurso, o real é constitutivo da ordem da língua(gem), ou seja, o real é justamente esse impossível de tudo dizer, de tudo significar. (MARIANI, 2016, p. 45).

Para iniciar a escrita deste capítulo, é interessante saber que não compreendemos tudo, que sempre há o que dizer, o que constituir, por isso tomamos como instigante a possibilidade de significar um pouco sobre os espaços públicos de lazer araputanguense. Deste modo, neste capítulo, conforme apontamos brevemente na introdução, apresentamos uma proposta para materializar discursivamente esses espaços, mesmo com a impossibilidade de dizer tudo, buscamos redefinir práticas e movimentar sentidos, porque conforme Pfeiffer (1995, p. 46) “[...] sujeito e discurso estão em contínuo movimento [...]”, ou seja, não ficam inativos, estancados.

Nessa conjuntura, diante de tantos atravessamentos, pensando no movimento do sujeito e do discurso, “[...] o nosso gesto de leitura se constitui”. (MOTTA, 2019, p.124). Então, organizamos este capítulo para exposição das proposições. Nele, apresentamos, detalhadamente, cada etapa da proposta, o objetivo de cada uma, as materialidades trabalhadas para chegarmos à última fase que contempla a autoria dos estudantes.

Nosso propósito é dar visibilidade aos gestos de leitura e escrita efetuadas por eles em todo o processo discursivo. Assim, a turma será orientada a organizar o Produto Final que é o Atlas dos espaços públicos de lazer do município de Araputanga-MT, bem como apresentar essa produção em dois eventos: nas praças da cidade (Romeu Furlan e São José) para a sociedade e na escola, para a comunidade escolar.

É relevante dizer que trazemos também, nos planejamentos das aulas, inúmeras sugestões pertinentes que envolvem e fomentam os gestos de leitura e escrita para contribuir com a autoria dos estudantes. Colocar o aluno como autor, na perspectiva teórica que trabalhamos, significa compreendê-lo como sujeito: “Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. (ORLANDI, 2015, p. 49). Esse sujeito-aluno, visto desse modo, tem, na sala de aula, espaço para dizer e junto com a turma e o professor constroem o conhecimento. Nessa compreensão, os sujeitos-alunos serão os autores em todas as práticas de linguagem aqui desenvolvidas.

Passemos, pois às condições de produção, que envolvem nosso caminhar após a

qualificação do projeto de intervenção pedagógica, e às práticas discursivas, de caráter propositivo, a ser implementada na intervenção pedagógica.

3.1 As condições de produção e(m) seus desdobramentos

Tendo em conta, na posição teórica que pratico, que as palavras não significam por si, mas na relação com a exterioridade, que inclui os sujeitos que as falam, a memória discursiva e as condições de produção [...] (ORLANDI, 2012, p. 164).

As condições de produção para a Análise de Discurso, conforme Orlandi (2015, p. 28), “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. Desta forma, as condições de produção deste trabalho possuem um lugar especial em nossa caminhada. São assim concebidas porque as inquietações que tivemos ao longo de mais de 20 (vinte) anos de embates na sala de aula, concernente ao trabalho com a leitura e escrita, sondaram nossas práticas pedagógicas. Além disso, após estudos e pesquisas, compreendemos a relevância de trabalhar com a leitura e escrita discursiva, pois, conforme Fernandes:

[...] compreendemos como a língua produz sentido, como a leitura é importante para compreender os diferentes discursos que circulam na sociedade e para nos posicionarmos frente a eles com autoria e relativa autonomia. Compreendendo o processo discursivo, portanto, tornamo-nos mais atentos aos discursos doutrinadores, o que nos arma contra a alienação e nos permite “pensar por nós mesmos” como propôs Pêcheux (2009, p. 281). (2018, p. 25).

Assim, as inquietações referentes ao trabalho com a leitura e escrita, inclusive alguns não-ditos³⁸, mas que produziram significados, contribuíram para as mudanças relevantes que realizamos desde a proposta inicial com o projeto de intervenção pedagógica até o caminho “final”, isso porque, “[...] na margem de não-ditos, também se constroem sentidos. Os silêncios que “calam” (velam a palavra) e os outros que também ‘calam’ (ferem a alma) põem em voga o impossível [...]”. (SCHONS; GRIGOLETTO, 2008, p. 409). Em outras palavras, em meio a silêncios e dizeres, produzimos sentidos.

Dessa forma, considerando a produção de sentidos e a importância da qualificação do projeto, acrescentamos as sugestões feitas pelas avaliadoras, a fim de enriquecer ainda mais o que tínhamos proposto para discussão sobre a temática da proposta de leitura e escrita dos

³⁸ Para a AD, o dizer tem relação com aquilo que não é dito, mas significa (ORLANDI, 2007).

espaços públicos de lazer. Assim, nossa proposta foi organizada em seis etapas para ser aplicada na Instituição de ensino que estamos lotadas desde o ano de 2009, com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental.

Assim que organizamos os planos de aulas, nos preparamos para apresentação do projeto à escola. Desse modo, no dia 18 (dezoito) de março de 2020, expomos nosso projeto à equipe gestora, em conjunto com parte do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar e alguns professores que estavam na unidade durante aquela tarde. O projeto foi aprovado. Aproveitamos aquela oportunidade e convidamos colegas das disciplinas de matemática e geografia para contribuir com o trabalho durante algumas etapas. Demonstraram entusiasmo, aceitaram o convite e mencionaram a relevância da nossa proposta, o que nos deixou alegres e com muita expectativa para a sequência do trabalho e início da intervenção.

No entanto, já com todas as etapas organizadas, fomos surpreendidas com a suspensão do início das aulas para o segundo³⁹ calendário, devido à pandemia da COVID-19. Ficamos extremamente sem chão. E agora, o que fazer diante da espera? Enquanto tudo era incerto em relação ao retorno das aulas, seguimos com as leituras, pesquisas e estudo da nossa temática acerca da leitura dos espaços públicos de lazer para trabalhar a autoria dos estudantes.

Como as surpresas não cessam, veio a pandemia no início de 2020, com ela o isolamento social. Essa situação, segundo estudiosos, “[...] fez com que não apenas as escolas, mas também famílias inteiras tiveram que se adequar às transformações escolares. Só que os impactos são tão distintos quanto são abissais as desigualdades que imperam na sociedade”. (FISTAROL; SILVEIRA; FISCHER, 2021, p. 3). Isso impulsionou a escola a ressignificar a educação, uma vez que nos trouxe questões gigantescas, a exemplo da tecnologia em uma realidade do interior em que muitos alunos e professores não têm computadores, celulares nem internet.

Nesse ínterim, tivemos inquietações, como íamos realizar a nossa intervenção? Então, em junho de 2020, devido ao contexto de crise sanitária que impactava a realização das atividades presenciais de intervenção, a Coordenação Nacional do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) aprovou que os trabalhos de conclusão da sexta turma pudessem se dar de duas formas: propositiva e remota. A primeira, de caráter propositivo, seria desenvolvida, essencialmente, sem aplicação em sala de aula presencial. E a segunda, seria

³⁹ A instituição Nossa Senhora de Fátima, que projetamos este trabalho, esteve de greve no ano letivo de 2019, por esse motivo nos referimos ao segundo calendário, em que o início das aulas estava previsto para 23 de março de 2020 e de acordo com o Decreto N° 415, de 20 de março de 2020, dispõe sobre as normas a serem adotadas pelas instituições pertencentes ao Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso, enquanto perdurar a pandemia do novo Coronavírus.

realizada pela internet. Mais uma vez, o sobressalto e a inquietação nos invadiram. E foi preciso colocar os pensamentos em ordem, aquietar a alma e aguardar as orientações tanto da coordenação do Profletras Unemat/Cáceres, quanto da nossa orientadora. Como é sob as adversidades que os guerreiros tecem suas duras batalhas, fomos aos poucos, e orientadas para isso, repensar nossa proposta que, de natureza interventiva, passou a ser propositiva, pois as nossas condições de produção, bem como as dos nossos estudantes não permitiam a intervenção remota, tendo em vista o isolamento social, que nos impedia de visitar os espaços públicos e realizar entrevistas com aqueles que frequentam esses espaços.

Revisitamos nossos caminhos em busca de re(significar) o projeto e assim conseguir, mesmo com a mudança de natureza, manter o objetivo proposto desde o princípio, pois apesar do “desencontro”, notamos possibilidade de manter o trabalho com a leitura e a escrita na perspectiva discursiva, dando condições aos alunos de realizar a autoria para produção de um Atlas sobre esses espaços de lazer. Além disso, percebemos que os desdobramentos do objetivo, também, não seriam excluídos e sim ajustados, reformulados considerando esse momento atípico, porque, segundo afirma Motta (2014), é preciso considerar as distintas realidades que constituem sujeito e o sentido. Daí nosso interesse em manter o nosso propósito inicial, porque são parte da realidade, embora diversa, dos estudantes da escola Nossa Senhora de Fátima.

A escolha da turma para o trabalho propositivo permaneceu como outrora, 9º ano do Ensino Fundamental, aplica-se também ao 8º ano do Ensino Fundamental, ou seja, todas as atividades, juntamente com a proposta, são de exequibilidade com ambas as turmas mencionadas. É notório dizer também que mudou a natureza, mas o trabalho com a autoria, a leitura e a produção de sentidos, continuou a mesma, porque o trabalho que o Profletras/Cáceres desenvolve, conforme menciona Sarian (2019, p. 112):

[...] têm nos possibilitado praticar o processo de constituição de autoria, no qual alunos e professores de escolas públicas são autorizados a instalar seus dizeres inscritos na repetição histórica, cujos efeitos têm produzido em nós a compreensão de que é possível criar e manter as condições para se promover a autoria na sala de aula, legitimar saberes apagados, dar voz a sujeitos silenciados e produzir outros sentidos possíveis na instituição escolar, numa relação estreita com a leitura e a produção de arquivos.

Pensar a constituição da autoria a partir dos espaços públicos de lazer, pela ótica teórica da Análise de Discurso, constitui oportunidade para legitimar os sentidos na/da cidade, porque o espaço público é lugar entrelaçado pelas experiências, dissensões, encontros e desencontros de seus cidadãos, onde a linguagem está presente, fazendo sentidos múltiplos. Conforme Rama (2015), em “Cidade das Letras”, toda cidade pode articular signos-bifrontes em sua apresentação,

ou seja, mostrar duas faces, ela pode ter discursos mutáveis, volúveis devido à quantidade de sujeitos que são e pensam diferentes. Pela perspectiva da Análise de Discurso, “[...] pensar o sujeito, a linguagem em suas relações no espaço urbano é uma maneira densa de se refletir sobre as condições de existência dos sujeitos em suas relações sociais”. (DIAS; COSTA; BARBAI, 2019, p. 95), por isso a riqueza e nosso interesse em estudar o espaço público de lazer e o discurso cidadão.

Assim, a proposta desenhada contempla a linguagem e os sujeitos, em suas relações com os espaços urbanos, públicos de lazer, uma vez que “[...] há um fluxo discursivo que atravessa o espaço do entorno público [...]”. (NUNES, 2020, p. 143). Esse fluxo discursivo tem muito a contribuir com nossa formação e com a de nossos alunos.

Ressaltamos que mesmo diante das condições de produção mencionadas, confiamos na potencialidade e deslocamento que a proposta que tecemos poderá provocar nos sujeitos envolvidos no processo, pois já notamos as rupturas que em nós tem reverberado e tem nos instigado a não permanecermos inertes diante das situações que têm assolado a educação, temos ações/práticas diferentes de outrora ao Proletras e em relação a ação, Pimenta coloca que “[...] nossas ações expressam práticas sociais e que estas são constituídas a partir dos sujeitos historicamente considerados”. (PIMENTA, 2005, p. 523).

No que concerne ao trabalho com a leitura na escola, as mudanças e (re) significação, concordamos que “[...] a leitura e o gesto de interpretação são passíveis de deslizamentos, pois os sentidos nunca são evidentes e jamais se fecham nos processos de significação”. (FERNANDES, 2015, p. 2). Não é só isso, pensamos nos múltiplos sentidos que envolvem a leitura, distinta da perspectiva tradicional, pois concordamos com Demarco (2020, p. 44) quando diz:

[...] quando pensamos a leitura pelo viés discursivo, não estamos pensando a leitura como decodificação, leitura no nível da superfície do texto que consiste na extração de um sentido pronto e acabado, mas a leitura tomada como trabalho simbólico de atribuição de sentidos que podem ser muitos, a depender da posição que o sujeito ocupa discursivamente.

É esse viés, o discursivo, que temos nos apropriado em nosso trabalho, pois todas as práticas estão direcionadas para a produção de sentidos e para que isso ocorra é preciso ouvir os sujeitos com suas particularidades, ou seja, a partir do lugar social ocupado por eles, suas condições de produção, as posições ideológicas que possuem e a formação discursiva (FD) que se inscrevem, pois, para Pêcheux, o sentido de uma palavra é determinado pelas posições ideológicas daqueles que a empregam, ou seja, as palavras recebem sentido das formações

discursiva, que ele define como: “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* [...]”. (2014, p. 147, grifos do autor).

Desse modo, as condições de produção que vamos explicitar dão visibilidade para a jornada que trilhamos. Elas são imprescindíveis para a compreensão da construção de nossa proposição, bem como para a apreensão de cada atividade que apresentaremos no decorrer deste capítulo. A seguir, discorreremos sobre as dissensões e embates do percurso da nossa proposta, de natureza propositiva.

3.1.1 Entre surpresas e (re)composições: o percurso da natureza propositiva

A transformação se dá na resistência, na construção de um lugar para se dizer. (PFEIFFER, 2000, p. 28).

Considerar esse palco de transformação, de resistência na busca da construção e seguimento em nosso mestrado, realizando um estudo da linguagem ainda que frente às divergências e desencontros em relação às atividades, vale ressaltar que as idas e vindas em busca da adequação à natureza propositiva com a cidade não foi tarefa fácil. Para tanto, nossos horizontes alargam-se em meio às recomposições, pesquisas, leituras e estudos, pois a nova forma de trabalho aos poucos ganhou “corpo, voz e lugar” em nosso trajeto, ou seja, tornou-se singular e profícua. Isso porque o trabalho com a linguagem é rico e em se tratando da cidade, conforme Fedatto (2007), vai interferir na sociedade, nas relações com o sujeito e mais:

A cidade é materialidade que intervém no sentido: o sujeito se depara com ela, se divide, muda de direção (difrata); ele a atravessa e desvia (refrata); a toca e retorna sobre si (reflete). O espaço da cidade determina o modo das relações sociais: o que importa é a posição que o sujeito ocupa na cidade, se faz ou não parte dela, se os sentidos do sujeito podem ser significados em seu espaço. De nosso ponto de vista, é importante elaborar a história de constituição das condições de urbanidade para que essas formulações possam ser ressignificadas, contrapostas, relacionadas deixando espaço para que outros sentidos intervenham, para que o *não-sentido* faça sentido. (2007, p. 23 grifo da autora).

Cabe argumentar que para esse não-sentido fazer sentido (porque a princípio, como já dissemos foi uma surpresa a mudança da natureza do trabalho), tivemos ocasiões adversas, em especial, quanto à compreensão de como realizar as atividades, assim destacamos que ocorreram movimentos e rupturas necessários para que pudéssemos chegar as elaborações que discorreremos logo mais adiante. Ao mesmo tempo, sem dúvidas, podemos dizer que esses

“choques” nos renovaram, porque fomos em busca de outros sentidos, pois “[...] existem as ‘brechas’, os ‘furos’, os quais abrem espaços para a interpretação do interlocutor, isto é, para o não controle dos sentidos”. (SOUZA; PACÍFICO, 2011, p. 73).

Desse ponto de vista e frente aos novos prismas para a proposta de leitura e escrita cidadanados espaços públicos de lazer, apoiamos nossos propósitos nos estudos realizados durante as disciplinas ofertadas pelo mestrado, Unidade de Cáceres, e na temática que propomos, em que Marcellino (2007, p.17) vai dizer que “[...] o lazer abre múltiplas possibilidades [...]”. Assim, abraçamos essas copiosas possibilidades com firmeza.

Na direção das múltiplas expectativas e pautadas nos trabalhos de estudiosos da Análise de Discurso, procuramos, então, retomar nosso projeto inicial para situar as mudanças e reorganizar os planos das aulas juntamente com as atividades. Também buscamos refletir sobre o objetivo do Programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – Profletras, organizado em Rede Nacional, sob a Coordenação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desse modo, encontramos que o programa busca a qualificação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental e, desta forma, contribuir para a qualidade do ensino em nosso país.

Destacamos então que não é de qualquer ponto que partimos para (re)delinear nossos movimentos, mas da retomada do significado/objetivo que o Profletras provoca em nós e em nossa prática de sala de aula, nos efeitos de sentidos diferentes, antagônicos e mesmo divergentes que temos a cada leitura e estudo que realizamos neste processo de qualificação.

O trabalho propositivo requer que explicitemos as práticas de linguagem a serem desenvolvidas na sala de aula. Além disso, o nosso programa, aqui de Cáceres, definiu que as atividades realizadas no capítulo 3, da dissertação, deverão ser, com as adaptações necessárias, transformadas em um material pedagógico para os professores da educação básica, que terá ampla circulação.

Nesse sentido, é ímpar acreditar na experiência de propor um trabalho a ser realizado com os alunos no 9º ano e que também pode ser indicado para que outros professores possam realizar com seus estudantes, podendo significar, na prática, o que desenhamos em cada etapa do processo propositivo, ou seja, perceber a língua em funcionamento na escola, cidade e sociedade. Isso porque a língua, conforme a Análise de Discurso, considera o que é interno e externo, o que possibilita que o imprevisível e a irregularidade encontrem espaço para significar. (INDURSKY, 2020). E é em meio a esses imprevistos e irregularidades que temos significado nossos objetivos.

Um outro ponto pertinente é saber que a nossa proposição, embora direcionada para

os 8º e 9º anos, também poderá ser desenvolvida com anos iniciais do Ensino Fundamental II (6º e 7ºano), mesmo porque, segundo Lefebvre, “[...] inversamente, a cidade é um pedaço do conjunto social [...]” (2001, p. 66) e os estudantes são parte, também, do conjunto social da cidade. Para isso, o professor deverá fazer algumas adequações, de acordo com as condições de produção que cada turma possui, bem como o modo como cada professor venha interpelar seu estudante nas práticas sociais, dispostas no trabalho. Para tanto, nas palavras de Fernandes, “[...] interpelar o sujeito-aluno é permitir que este ocupe o lugar de sujeito-agente das práticas sociais, necessário para a realização da cidadania requerida nos documentos oficiais, ‘convocá-lo’ a ocupar a posição de autor do seu dizer e de sua prática discursiva”. (2020, p. 109).

A inquietação para que o aluno ocupe a posição de autor do seu dizer e de sua prática discursiva tem permeado nossa prática pedagógica com a leitura e escrita cidadina dos espaços públicos de lazer, desde o momento em que foi concebido e temos percebido suas implicações para o aprendizado significativo dos nossos estudantes.

Ressaltamos, mais uma vez, que, no tocante à elaboração das atividades, muitos foram os “erros e acertos”, estamos sujeitos a eles, em busca de (re) significá-las de acordo com a natureza propositiva e visando contemplar o propósito inicial que aborda uma construção de leitura e escrita dos espaços públicos de lazer em conformidade com a AD, mesmo porque, segundo Agustini e Grigoletto, “[...] o sujeito carrega as características da contradição e da incompletude, movimentando-se num espaço tenso [...]”. (2008, p. 152).

Deve-se dizer que Foram muitos dias pensando e estudando sobre como organizar toda essa conjuntura, pois a ocasião da pandemia⁴⁰ nos induziu a inúmeras conjunturas emergenciais que conforme Clemente e Stoppa (2020, p. 475) “[...] foi uma emergência sanitária que colocou grande parcela da população em suas casas para trabalhar, estudar, descansar, divertir-se e desenvolver-se individual e coletivamente”. É nessa tensão sanitária, isolamento social, calorosas surpresas, deslocamentos e rupturas, que vemos surgir/emergir o trabalho propositivo e, segundo Souza (2020, p. 117), “[...] a emergência do coronavírus provocou várias mudanças nas nossas vidas e, em relação à educação, mostrou o que já estamos discutindo e estudando há muito tempo: a educação precisa se reinventar”.

Sendo assim, passaremos às descrições das práticas discursivas, a serem implementadas em nossa proposta.

⁴⁰A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, de acordo com o Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em 23 de maio de 2021.

3.2 Marcas da história de Araputanga e(m) sala de aula: um percurso para conhecer, ler e interpretar a cidade sob o ponto de vista discursivo

Os discursos sobre a cidade: enunciados, leis, reportagens, olhares, fotografias, podem nos fazer compreender como o real da cidade, seus *prismas*, intervém nos modos de significar o urbano e o social. (FEDATTO, 2007, p. 13, grifo da autora).

Pensar a cidade de Araputanga, seus discursos de toda ordem, é buscar compreender a sua realidade social cotidiana e essa realidade inclui os sujeitos cidadãos, com suas singularidades, desencontros e anseios. Sabemos, por meio de estudos da Análise de Discurso que há uma multiplicidade de sentidos presentes quando estudamos a cidade. De posse desta possibilidade, neste item, expomos algumas proposições por meio da leitura e escrita discursiva para conhecermos Araputanga sob o olhar dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

Para a Análise de Discurso, segundo Pacífico e Romão (2006, p. 86), “[...] só com o acesso ao interdiscurso é possível compreender a construção de novos sentidos”. Ou seja, esses estudantes poderão acessar os diferentes discursos presentes na sociedade no que se refere aos espaços públicos de lazer araputanguense. No que concerne à leitura, ela é um ato cultural que não se esgota na educação formal (ORLANDI, 1987). Daí nosso interesse em abordar tanto a leitura quanto a escrita, uma vez que há muitos sentidos a serem confrontados nos espaços públicos de lazer de Araputanga.

Ao problematizar essas questões acerca dos sentidos da cidade, discursivamente, sob a ótica dos alunos, propomos oportunizar o envolvimento dos sujeitos aos assuntos pertinentes a sua realidade. Também nos movimentamos para repensar o trabalho com a leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa, a fim de que faça sentido para eles, neste término de ciclo⁴¹ tão necessário para o ensino-aprendizagem na escola. Dessa forma, é possível:

[...] pensar a relação língua-sujeito-história como um lugar de movimento do sujeito, de errância do sentido, de conflito/confronto com o não-dizível e, ao mesmo tempo, de busca de um espaço-tempo para construção da unicidade do sentido e do sujeito cidadão letrado no deslizamento do significante. (SILVA, 2019, p. 240).

Esse posicionamento nos conduz a pensar que tanto discentes quanto docentes estarão movimentando seus gestos de leitura por meio do confronto, da ruptura do não-dizível

⁴¹ A Escola Ciclada de Mato Grosso está organizada em três ciclos, com três fases cada um, sendo que no 1º ciclo estão os alunos com a faixa etária de 6 aos 9 anos. O 9º ano equivale a terceira fase do segundo ciclo.

ou mesmo pelos dizeres estagnados que se fazem presentes na cidadania de cada um, no que se refere aos espaços públicos de lazer e que devem ser problematizados na escola. Ela, a escola, tem que dar abertura para o debate, questionamentos que estão presentes na vida de seus estudantes, para que possa contribuir com a cidadania de forma incisiva e ativa, sem imposições/coerções, assim como deve ouvir os anseios dos alunos e fomentar a luta, a busca pelos direitos e a compreensão dos deveres do sujeito.

3.2.1 O ponto de partida: a leitura do texto

Discorreremos a seguir sobre as práticas de linguagem que propomos para este projeto, que somam um total de 10 (dez) planejamentos. No primeiro plano, trazemos a indicação de 3 (três) aulas de 60 (sessenta) minutos para a compreensão e interpretação de texto sobre cidade. Nossa proposta é que nossos alunos leiam, compreendam e interpretem textos sobre a cidade para que possam apreender os diversos sentidos imbricados na vivência dos sujeitos. Partindo dessa premissa, e com o intuito de discursivamente abordar o discurso cidadão e os espaços públicos de lazer, delineamos as atividades que pudessem propor novos olhares para as práticas de leitura, escrita e interpretação da cidade, pois, conforme aponta Grantham (2018, p.12):

Adotar uma perspectiva discursiva permite-me ainda considerar que esses sinais não são de responsabilidade apenas de quem escreve, mas também de quem os lê. Desta forma, é o processo discursivo da leitura que pode fazer com que esses sentidos passem a ser trabalhados, por leitores determinados ideologicamente e sujeitos ao interdiscurso.

Nesse sentido e pensando discursivamente o trabalho, na primeira aula, apresentaremos toda a proposta a ser desenvolvida para a turma do 9º (nono) ano acerca do estudo da cidade de Araputanga e seus espaços públicos de lazer. É preciso esclarecer aos alunos a respeito da organização do arquivo de leitura e diário de bordo⁴², para que no decorrer do processo acessem a sua constituição sempre que necessário e compreendam que é um processo contínuo, ou seja, “[...] a construção de um arquivo, do ponto de vista discursivo, nunca está pronta ou finalizada [...]”. (MARIANI, 2016, p. 24).

O ponto de partida das práticas pedagógicas com os alunos será a leitura do texto “Cidade do Interior⁴³”, de Lilian Sourient; Roseni Rudek; Rosiane de Camargo, que

⁴² O Diário de Bordo é um caderno ou pasta (nós usaremos o caderno) para os alunos anotarem detalhadamente as atividades, reflexões e comentários sobre o percurso do trabalho que estarão desenvolvendo no projeto.

⁴³ Texto disponível em: <https://www.estudegratis.com.br/questao-de-concurso/441009> Acesso: 11/01/2021.

entregaremos de forma impressa, conforme segue:

Cidade do Interior

Minha cidade é pequena, mas ao mesmo tempo é tão grande que invade todo o meu coração. Às vezes eu a vejo como uma casa em dia de festa: tem muita gente circulando de um lado para o outro. Há pessoas que vão para o trabalho, outras que vão passear. Tem gente que veio de outros lugares para morar aqui. Há os que nasceram aqui e não vão embora por nada. Outros que só vêm para passear, rever os parentes e vale a pena até pedir ajuda a um velho amigo.

Minha cidade ainda está tranqüila, tão tranqüila que as crianças ainda podem brincar nas ruas. Há muitas praças para elas brincarem e apreciarem a natureza. Tem muitos casarões que contam sua história com orgulho.

Minha cidade é o lugar onde eu nasci, onde eu moro, onde convivo com outras pessoas, onde estudo, onde tenho amigos. É o lugar mais agradável do mundo.

Lilian Sourient; Roseni Rudek,
Rosiane de Camargo Histórias: Interagindoe
percebendo o mundo (Adaptação)

Propomos, inicialmente, que os alunos realizem a leitura silenciosa do texto adaptado⁴⁴, Cidade do interior para isso vamos orientá-los a realizar uma leitura atenta, fazendo anotações nas margens daquilo que chamou sua atenção e das suas compreensões, bem como de suas possíveis dúvidas/questões, para que possamos discutir o texto posteriormente com toda a turma.

Após essa primeira leitura do texto, realizaremos uma leitura coletiva. Em seguida faremos uma discussão(oral), com os alunos a partir das seguintes questões:

1. A partir da leitura do texto, que sentidos podemos atribuir a essa cidade?
2. A cidade pode ser lida e descrita de diversas formas. Em relação ao modo como a cidade foi descrita no texto, qual a sua impressão sobre ela?
3. Qual a relação entre a cidade abordada no texto e a cidade de Araputanga, há semelhanças, diferenças, entre ambas?
4. Você já parou para observar como é a cidade em que você mora? Tente descrever o que conhece sobre ela, pontuando como são as ruas, as construções, o comércio de seu bairro e os espaços públicos de lazer e se houve alguma transformação urbana em Araputanga que você presenciou.

⁴⁴ O texto utilizado consta como adaptado e destacamos que não fomos nós que realizamos a adaptação. Buscamos o texto original, mas não encontramos e optamos assim por fazer uso conforme está disponível no site que referenciamos.

5. No enunciado “Minha cidade ainda está tranqüila, tão tranqüila que as crianças ainda podem brincar nas ruas”, aborda uma questão do cotidiano de muitas outras cidades. Qual a sua compreensão sobre isso?
6. No enunciado, “Há muitas praças para elas (crianças) brincarem e apreciarem a natureza”, qual a impressão que você tem dessas praças do texto? E as praças da sua cidade também são assim?

Ressaltamos que essas questões não serão colocadas no quadro para que os alunos possam respondê-las no caderno, mesmo porque, queremos romper com esse imaginário de que há uma resposta correta. Pfeiffer, ao analisar o trabalho com a língua na escola, observa que “[...] ao aluno cabe copiar as respostas e não construir, ainda lhe cabe apenas prestar atenção em certas informações que são preditas pelo professor – ele direciona a compreensão do aluno para certas informações que estão no texto”. (1995, p. 69). Nesse sentido, não queremos direcionar o nosso aluno; as questões que propomos serão para nortear o debate, pois queremos construir na sala de aula espaço de interpretação, permitindo que o aluno possa se expressar sem medo de colocar as suas impressões, suas leituras.

Essas discussões objetivam fazer os alunos estabelecerem relações da cidade abordada no texto com a cidade onde os alunos moram, procurando perceber na escritura, nas fissuras o já-dito acerca da cidade em que moram presente na materialidade em estudo, porque, para a AD, é só acessando o interdiscurso que compreendemos a construção de novos sentidos. (PACIFICO; ROMÃO, 2006).

E, por assim conceber, é importante que os alunos estabeleçam relação do texto com sua exterioridade constitutiva, procurando observar o que aproxima, assemelha ou difere no texto em estudo e a cidade de Araputanga, porque por meio desta abordagem e observando a escritura do texto, poderão questionar a interpretação e provocar um diálogo profícuo entre eles, o texto e o professor, pois a linguagem é movimento, ação e transformação das ideias na sociedade, não é estancada, completa, pois existem frestas, o que significa que há sempre o que dizer nas brechas da fala, da escrita da interpretação, uma vez que “[...] o texto, em outras palavras, é construído não só pelo autor ao produzi-lo, mas também pelo leitor ao lê-lo”. (LEFFA, 1999, p. 29).

A primeira questão direcionada à turma, por exemplo, leva-nos a pensar na relação do texto “Cidade do Interior”, com a cidade de Araputanga o que permite abrir um parêntese para os sentidos imbricados. Também é possível, a partir do mecanismo de antecipação, os estudantes, posicionando no lugar do seu interlocutor, no caso, o autor do texto, antecipar sentidos, assim, poderão notar já a partir do título do texto que não se trata de qualquer cidade,

ou de uma metrópole, mas de uma cidade pequena, em determinado lugar, o interior. É importante que os alunos sejam instigados a interpretar, individualmente, a escrita do título do texto, propiciando a todos os estudantes a oportunidade de exporem seu gesto de leitura.

É preciso atentar-se às opiniões, pois ocorrerão paráfrases delas em diferentes respostas dadas. E quando se trata da paráfrase, entendemos que é “[...] o mesmo no diferente. O mesmo se marcando na materialidade por diferentes relações significantes”. (LAGAZZI, 2019, p. 296). E são importantes para a formulação dos sentidos dos discentes.

É relevante compreender que o efeito de sentido que conduzirá o aluno para a resposta trata de elucidar suas compreensões acerca do que é uma cidade do interior e o que não é cidade do interior, pois ao esclarecer como é certa cidade (no caso aqui trabalhado, do interior), estará constatando também como é uma cidade que não é tomada como interiorana, pois cada cidade tem suas peculiaridades e mais, “[...] a cidade é atravessada (como toda formulação) pelo efeito imaginário de completude e de unidade e, ao mesmo tempo, pela dispersão e pela memória dos sentidos, por seus não-ditos. [...] ela é um espaço que faz *acontecimento*”. (FEDATTO, 2011, p. 69, grifo da autora).

Ainda no que concerne ao título do texto, podemos ampliar a discussão com os estudantes, indagando: O título nos ajuda a entender os sentidos presentes no texto? Vale dizer que há anonimato, uma vez que não especifica qual é a cidade, não tem nome próprio, então, poderão fazer alusões à cidade de Araputanga, ou outra cidade, ou seja, ao contexto sócio-histórico de seu município.

Desta forma poderão criar proximidade com o local onde vivem/residem/conhecem. Daí a ilusão de ser sujeito na origem do dizer, pois temos a ilusão de ser origem do dizer, mas o que ocorre é que retomamos os sentidos pré-existentes. (ORLANDI, 2015). E a autora ainda esclarece que “[...] quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo”. (ORLANDI, 2015, p. 33).

Dadas as possibilidades para interpretação do título do texto, vamos trabalhar o texto a fim de buscar entender os efeitos de sentidos, procurando observar como ele se articula com a cidade de Araputanga na escuta de cada aluno, pois “[...] a posição que cada sujeito ocupa faz com que os sentidos possíveis sejam sempre outros para cada um deles”. (MEGID; CAPELLANI, 2007, p. 33). Por isso, é preciso dar voz aos sujeitos, porque ocupam posições distintas, são condições de produções diferentes, cada um tem sua inscrição ideológica que deve ser considerada na sala de aula.

Assim, pensando a escola como um lugar que considera a interpretação dos sujeitos alunos, é imprescindível que o professor, na sala de aula, permita o confronto dos sentidos do

texto, ou seja, problematize, pois a cidade pode ser lida e descrita de diversas formas e é importante saber que efeitos provoca em cada aluno a leitura do texto, já que “[...] um discurso não tem início nele mesmo, mas se refere/dialoga/polemiza com discursos já produzidos e aponta para um possível futuro *processo discursivo* e suas *relações de sentido*”. (INDURSKY, 2019, p. 167, grifo da autora).

Vamos observar no movimento discursivo realizado pelos estudantes, durante as respostas que eles derem, as relações que o texto estabelece com a cidade de Araputanga. Assim, pediremos que eles analisem, a partir da interpretação, se há afinidades ou diferenciações entre ambas, porque, para a AD:

[...] a prática da leitura e da interpretação é concebida como um processo de produção de sentidos, isto é, como um gesto de interpretação do sujeito que lê/interpreta e, necessariamente, precisamos levar em conta as condições de produção em sentido amplo. (RASIA; CAZARIN, 2008, p.156).

Além disso, pretendemos instigar os estudantes a pensarem como é a cidade onde moram (no nosso caso, Araputanga), pontuando o que conhecem sobre ela, suas ruas, construções, comércios, espaços públicos de lazer e as transformações que presenciaram, dentre outras que julgarem necessárias, pois em se tratando da cidade, é importante compreender que “[...] a cidade demanda sentido e onde os sujeitos da cidade – cidadãos – não estão sempre já significados mas eles também reclamam sentidos, novos sentidos, sentidos outros”. (ORLANDI, 2004, p. 70). E as atividades propostas dão abertura para novos sentidos na escola.

Nessa direção, daremos espaço na sala de aula para que através da análise do texto, “Cidade do interior”, os discentes percebam os sentidos que aparecem negados ou silenciados, e escrevam a respeito deles, porque “[...] a consideração do silêncio obriga a pensar a prática da leitura como *necessariamente intervalar*. É nas fendas abertas pelos pontos de deriva dos enunciados que o sujeito-leitor se constitui enquanto interpretação”. (ZOPPI- FONTANA, 1999, p. 65, grifo da autora). Ou seja, os sentidos silenciados estarão abertos para que os alunos realizem a leitura e interpretação.

No evento de aprender a ler a cidade, concordamos com as palavras de Araujo (2014, p. 27):

[...] aprender a ler criticamente a cidade significa aprender a participar de sua construção. A leitura crítica da imagem-cidade está imbricada no processo de educação do olhar e implica ultrapassar a capacidade perceptiva do ver, alcançando a habilidade do olhar. Entre o ver e o olhar há uma diferença radical.

A proposta é que os participantes deste estudo, na prática, realizem leitura crítica da cidade de Araputanga e ao fazer isso, pensem nos espaços públicos de lazer araputanguense, o conhecimento que possuem sobre esse espaço, o que reverbera e assim, rompem com a capacidade de ver e olhem para esse local, essa cidade, observando seus pormenores, o silenciado e o dito a partir do texto em estudo, “Cidade do interior”.

Após esse trabalho de leitura, vamos propor aos alunos uma investigação junto aos familiares sobre a presença de colonizadores (pais, avós, bisavós) e a existência de documentos e outras fontes históricas que marcam a história local, partindo do seguinte roteiro que poderá ser dado como sugestão:

- ✓ Qual é a origem da sua família?
- ✓ De que forma tomaram a decisão de virem para Araputanga?
- ✓ Relate sobre o município que residiam, antes de virem para Araputanga?
- ✓ Como ocorreram as mudanças em Araputanga, desde a chegada da família ao local?

Cabe destacar que estes questionamentos sugestivos incidem em buscar laços na memória desses familiares, como esclarece Pêcheux (1999), não se trata da memória individual, mas nos entrecruzamentos da memória mítica e da social, inscrita em práticas e da memória construída.

Assim, esse trabalho com a memória é para reverberar na sala de aula, no conhecimento dos estudantes, a respeito de Araputanga e são tomadas assim, porque compreendemos que considerar a memória é considerar o lugar do outro, o que na Educação implica em reconhecer que os enunciados serão transformados ao longo do processo de apropriação pelo outro, por meio de sua memória discursiva. (PAYER, 2005). Esse lugar do outro deve ser compartilhado discursivamente na escola, nas aulas de língua portuguesa, na exposição da pesquisa que os alunos realizaram, no debate, na troca de informações para que ocorra essa transformação e apropriação pelos estudantes.

3.2.2 Lendo o processo de fundação da cidade

Dando sequência a esse movimento de ler a cidade de Araputanga, propomos 4 (quatro) aulas de 60 (sessenta minutos) para abordar na sala de aula a fundação da cidade, ou seja, desde sua criação como distrito, até a elevação à categoria de município. Para isso, selecionamos dois textos: História do município, texto da Prefeitura Municipal de Araputanga, publicado pelo IBGE (ANEXO 2) e a Lei nº 4.153/1979 (ANEXO 3), que institui Araputanga.

Entregaremos aos alunos as cópias impressas dos dois textos. Faremos primeiramente a leitura do texto da história da fundação do município, orientando para que eles registrem no diário de bordo tudo o que considerarem importante sobre a história de fundação da cidade. É interessante fazer a leitura coletiva, cada aluno lê um trecho do texto, pois, aprendemos com Orlandi (2012, p.43), que “[...] no momento em que se realiza o processo de leitura, se configura o espaço da discursividade [...]”. Na sequência, coletivamente também, realizaremos a leitura da Lei nº 4.153, de 14 de dezembro de 1979, que eleva o distrito de Araputanga à categoria de município, solicitando aos estudantes a procederem com as anotações como fizeram no texto anterior para compreender os sentidos imbricados no processo de constituição da cidade, porque de acordo com Orlandi (2004, p. 64), “[...] a cidade é um espaço real de significação [...]”.

Após as leituras e os registros das impressões que os alunos tiveram, conversaremos com a turma a respeito dos textos lidos, procurando saber os efeitos de sentidos que eles vão produzir sobre a cidade. Ressaltamos que os sentidos são abertos, ou seja, possuem fendas e que “[...] não dominamos o que dizemos, pois somos afetados pelo inconsciente e pela ideologia; falamos de determinados lugares sócio-históricos, mas isso não é garantia de nada, pois no nosso dizer sempre há a possibilidade do tropeço, da falha”. (MARIANI, 2016, p. 47).

Pensando nesses sentidos com fissuras nos significados, vamos realizar com os estudantes uma análise dos textos, com base nas anotações que fizeram no decorrer das leituras, observando se os textos se relacionam, se há contradição entre ambos ou se complementam na produção de sentidos. É importante ainda destacar que “[...] o sentido é suscetível a tornar-se outro”. (ORLANDI, 2012, p. 26).

Após o registro, faremos um feedback acerca das colocações dos estudantes para que eles percebam a importância da opinião de cada um, pois a escola é um ambiente de significação na prática e “[...] compreender a escola como prática de significação implica observar o processo de produção de sentidos que historicamente se manifesta neste espaço político de constituição do sujeito e de institucionalização do conhecimento”. (MASSMANN; SALES, 2019, p. 66). E em se tratando da escola e sala de aula, não podemos esquecer que:

A sala de aula não existe por si só. Não surgiu em um passe de mágica, nem mantém sua existência por mero acaso. Nela, a linguagem permeia as relações entre os alunos e professores, colocando sujeitos, história e ideologia em movimento durante o processo de ensino-aprendizagem. É esta língua e seu funcionamento na sala de aula [...]. Para pensarmos em língua e linguagem, é preciso refletir sobre os sentidos que elas produzem [...] Eles são determinados pela história e pela ideologia no funcionamento da língua. (BOLOGNINI, PFEIFFER e LAGAZZI, 2009, p. 9).

Desta forma, ressaltaremos alguns pontos para mostrar aos alunos o funcionamento da linguagem e os sentidos que ela produz. Por exemplo, no texto sobre a história do município, produzido pela prefeitura, conta uma história institucionalizada, vejamos um trecho:

O território do município de Araputanga foi habitado por povos indígenas Bororó desde tempos imemoriais, que eram denominados pelos paulistas de índios Cabaçais. Hoje, dos Bororó não se encontram descendentes no município, sendo que os remanescentes foram transferidos para a área indígena denominada Umutína, em Barra do Bugres. (IBGE).

Depois das colocações dos alunos, poderemos trazer alguns recortes do texto para problematizar a leitura institucional, indagando: Quem foram os primeiros moradores desse espaço? O que fizeram com eles? O texto menciona que hoje não temos descendentes dos Bororó na cidade. Como você compreende a afirmação? Propomos refletir com os alunos que os sentidos não estão apenas no texto, que o leitor precisa questioná-lo, problematizá-lo para produzir sentidos. Podemos indagar, também, quem produziu esse texto? Para quem ele foi produzido? E, ainda, se um índio tivesse produzido um texto contando a história da cidade, seria igual ou diferente?

Os questionamentos servirão para problematizar a leitura, mostrando que há os não-ditos no texto. Assim poderemos discutir que os índios não têm descendentes na cidade, não porque foram “transferidos”, mas porque foram “expulsos” de sua própria terra. Discutir/debater com os alunos que a história de Araputanga, assim como a história do Brasil, tem muitas outras versões. Quando os colonizadores dizem que o Brasil foi “descoberto” pelos portugueses, o índio, de um outro lugar, diria que o Brasil foi “invadido” pelos portugueses. Como podemos ver em Orlandi (2007), uma palavra apaga outra palavra, quando se diz que os índios foram “transferidos”, não se diz que eles foram “expulsos”. Vamos procurar mostrar aos alunos que, no processo de leitura, o “dito” e o “não-dito” significam, pois:

[...] há sempre no dizer um não dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra [...]. Além disso, o que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Em outras palavras, o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva. (ORLANDI, 2007, p. 82-83).

Nessa compreensão, podemos discutir que na história institucional do município registram os nomes dos colonizadores que chegaram nessa região e apaga o modo como os

índios foram impedidos de ficar no local. Esses sentidos que não estão no texto significam, e é justamente isso que queremos observar com os nossos alunos. Isso se mostra na língua, no modo como se diz, ao falar dos colonizadores. Por exemplo, no texto menciona-se os nomes dos pioneiros, dos desbravadores, mas quando se fala dos índios, nem o nome Bororó é dito, nomeia-se de outra maneira, de Cabaçais. Isso reverbera nos dias de hoje, pois não há em nosso município nem uma menção indígena em nomes de ruas, avenidas ou instituições, o que só reforça a exclusão e apagamento dos primeiros povos que habitaram esse local.

A respeito desse fato, o apagamento/exclusão do índio, Orlandi (1990, p. 56) destaca que “[...] o índio é totalmente excluído. No que se refere à identidade cultural, o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado”. E mais, a resistência do índio ficou visível. E para apagar essa visibilidade passaram a não tematizar a invasão do branco e a resistência indígena, mas a focar na extinção do índio. (Orlandi,1990). No texto de fundação de Araputanga, percebemos esse acontecimento, uma vez que relata acerca da extinção dos povos indígenas Bororós, ou seja, ofuscam e silenciam os outros dizeres em relação aos moradores do território araputanguense.

Na sequência, utilizando multimídia (data show), vamos propor a leitura da cidade em outra materialidade discursiva, duas fotografias e destacamos que “[...] a formulação visual precisa ser descrita no confronto com a memória do dizer, para poder ser compreendida em diferentes desdobramentos de imagens”. (LAGAZZI, 2014, p.162).

Sabendo que o trabalho com a imagem é rico e permite diferentes possibilidades para abordar a linguagem em seu funcionamento, na atividade com a imagem (fotografia), queremos mobilizar “[...] o olhar na busca por relações que nos permitam compreender os sentidos no entrelaçamento do visual em seus trajetos de memória”. (LAGAZZI, 2015, p. 51). Também, “[...] a dança, a tatuagem ou a fotografia não podem ser traduzidas em signos verbais, pois há uma materialidade que é própria a essas linguagens. Elas significam de diferentes maneiras não de qualquer maneira. O sentido tem a sua forma significante”. (CAETANO, 2018, p. 57).

Assim, compreendendo que a fotografia tem a sua forma significante, apresentaremos a primeira (sem legendas), figura 15, aos alunos, pedindo que eles a observem; em seguida, perguntaremos se conseguem identificar qual local da cidade de Araputanga a foto faz referência. Após o registro e fala dada por cada aluno, mostraremos o local da cidade e a fonte, observando os gestos de leitura e escrita dos estudantes acerca da nova informação. Ao compartilhar a localidade com os alunos, apresentaremos uma fotografia recente da Avenida 23 de Maio (2020), figura 16, porque é preciso proporcionar aos nossos alunos a possibilidade de atravessarem fronteiras simbólicas, para chegarem a lugares discursivos que não

conseguiriam sem o trabalho sobre a interpretação. (GALLO, 2012).

Figura 15 - Fotografia da Avenida 23 de Maio (1981)



Fonte: CHEC (2020).

Figura 16 - Fotografia da Avenida 23 de Maio Centro (2020)



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7.

Em seguida, mostraremos por meio de multimídia (data show) as duas imagens e

refletiremos com os alunos:

- ✓ De que forma cada um percebe a Avenida 23 de Maio nas duas imagens? Ocorreram transformações de 1981 para 2020?
- ✓ Façam uma análise do cenário das duas fotografias em relação aos anos de 1981 e 2020, no que se refere a Avenida 23 de Maio.

Vamos registrar na lousa/quadro as considerações dos alunos, as oposições de ideias a respeito do assunto. Podemos contribuir, ressaltando que a cidade se modifica constantemente, seus espaços são alterados, de distintas formas e que existe tanto a intervenção humana, a necessidade social quanto os meios naturais que afetam com o decorrer do tempo, isso porque:

A cidade apresenta-se, ao mesmo tempo, como um texto saturado, no qual tudo está dito, mas também como página em branco a ser escrita, preenchida, lida/interpretada/compreendida pelos sujeitos cidadãos que vivem nela e também pelos que a visitam, os quais, num movimento dialético, significam-na e, são por ela significados como o lugar do diferente no mesmo, da contradição que constitui e dá vida ao sujeito/objeto do discurso. (VENTURINI, 2008, p. 36).

Além disso, em se tratando da cidade, há ainda as condições de produção, o momento histórico e os sujeitos envolvidos no processo e que por isso temos imagens distintas, ideias diferentes quando o assunto é ler/escrever acerca da cidade. E mais, quando se refere a escrita da cidade, conforme Rolnik (1988, p. 16), “[...] na história, os dois fenômenos – escrita e cidade – ocorrem quase que simultaneamente[...]”. E abordar esses dois fenômenos deve estar na pauta dos trabalhos da escola.

Para ampliar o arquivo de leitura dos estudantes a respeito da cidade e da Avenida 23 de Maio, poderemos levar a turma no laboratório de informática da escola para uma pesquisa na internet, buscando outras fotografias/imagens da avenida em foco e/ou outros espaços em diferentes épocas para debater com os alunos como essas imagens reverberam nos dias atuais. Além disso, é importante que os alunos, juntamente com o professor, façam uma visita ao Centro Histórico, Educação e Cultura (CHEC) para ver de perto outras materialidades discursivas sobre a cidade e a Avenida 23 de Maio. Para essa visita, é necessário agendar o espaço e solicitar a autorização dos pais /responsáveis para a saída do espaço escolar.

É relevante também, incentivar os estudantes a verificarem que há muitas possibilidades de constituição de outros sentidos durante a realização de todas as atividades. Ressaltando sempre que as contradições fazem parte da produção de sentidos que é consecutivamente assinalada pela condição de produção e pela inscrição ideológica da qual cada

sujeito está inscrito. Também é importante que o professor, crie espaços de interpretação e escrita na sala de aula para que ele (professor) e os alunos se coloquem no lugar de dizer para que escrevam seus textos, pois conforme Pfeiffer (1995, p. 80) “é neste movimento do fixo e do mutável, da transparência e da opacidade, do mesmo e do diferente que o aluno entra para escrever seus textos e que, igualmente, o professor entra para ler e escrever seus textos”. (1995, p. 76).

Nesse pensamento, é importante que o professor constitua um arquivo de leitura para ampliar o conhecimento do aluno sobre um determinado assunto, é isso que estamos procurando fazer em nossa proposta, ampliando o olhar do aluno sobre a cidade de Araputanga.

Como atividade neste momento do estudo, pediremos aos alunos que escrevam um texto sobre a história da cidade de Araputanga, pelo ponto de vista do aluno. Esses textos serão revisados e serão devolvidos para que eles possam reformular até que produza um efeito de acabamento.

3.2.3 Leitura do mapa do Estado e da cidade

Na perspectiva teórica que adotamos, podemos analisar as mais diversas materialidades discursivas, e a escola deveria introduzir diferentes linguagens na sala de aula pois,

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, os cinemas, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens todas não são alternativas. Elas se articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno. (ORLANDI, 2012, p. 40)

Nessa compreensão, temos buscado leituras diversas para que os sujeitos estudantes tenham oportunidade de na prática conviver com esses distintos textos. Desta forma, trazemos para nossa proposição a leitura de mapas para que possamos compreender um pouco mais acerca da sociedade araputanguense, porque de acordo Rama (2015), lemos a sociedade ao ler o mapa de uma cidade.

Assim, trazemos neste planejamento 3(três) aulas para que possamos, juntamente com os estudantes, pesquisar, ler e interpretar alguns mapas do nosso município porque eles são discursos sobre Araputanga e “[...] é função do professor proporcionar práticas de leitura e escrita que ofereçam a possibilidade do aluno se colocar como autor do seu dizer [...]”

(FERNANDES, 2013, p. 175), e o trabalho com mapas aponta para essa possibilidade, pois os alunos estarão produzindo a autoria na interpretação e produção de todas as atividades.

Assim, para pensar o mapa como texto, trazemos Guimarães que, em *Semântica do Acontecimento* (2002, p. 60), toma o mapa como um texto e considera que ele é linguagem, mais adiante ele vai dizer que:

Como descrição de uma cidade um mapa seria uma imitação grosseira. Como narração, contaria uma história de épocas diferentes como sucessões que se projetaram em contigüidades progressivas. É só. Como instrução, não sendo nenhuma coisa nem outra, ele é sentido que pode nos dizer mais, tanto no retrato como da história da cidade, do que se fosse diretamente descrição e narração.

Para o autor, o mapa, compreendido como texto, significa mais do que quando o tomamos como descrição e narração. E o que faz a textualidade no mapa são as relações de nomes de ruas, que são os enunciados desse texto. Poderíamos seguir com nossos alunos esse tipo de reflexão que certamente daria uma leitura muito produtiva, analisando os nomes de ruas.

Para a Análise de Discurso, Orlandi diz que:

O texto como já dissemos é uma unidade de análise. Para o leitor, é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de som, letra, imagem, sequências como uma extensão, (imaginariamente) com começo, meio e fim e que tem um autor que se representa em sua unidade, na origem do texto, “dando” -lhe coerência, progressão e finalidade. (2012, p. 64).

No nosso trabalho, também tomamos o texto como unidade de análise. Batista vai dizer, em seus estudos: “[...] o mapa como um texto, que se constitui por uma representação gráfica sobre um espaço geográfico, e traz consigo algumas palavras que são nomeações do país, dos estados, das cidades, dos rios, ruas, bairros, praças, monumentos” (2019, p. 59).

Como vimos em Orlandi (Ibidem), podemos dizer que o mapa também se constitui com começo, meio e fim, dando uma ideia de completude, mas “[...] se o tomarmos como discurso reinstala-se a sua incompletude, assim, o compreendemos como uma unidade que permite o acesso a discursividade”. (BATISTA, 2019, p. 59)

Para Orlandi, “O mapa não é só um esboço no papel. É traçado da memória. É percurso de sentidos. Tem historicidades. Materialidade discursiva” (2011, p. 31). Nesse sentido, propomos refletir com os alunos, na sala de aula, a cidade a partir do mapa.

Remetemos à Batista (2019, p. 59) quando diz: “[...] nesta prática de linguagem em sala de aula, tomamos o mapa como discurso, que produz efeitos de sentidos para/nos sujeitos”.

- ✓ O que você sabe sobre os municípios vizinhos da nossa cidade.
- ✓ Vocês sabem dizer se Araputanga tem algum distrito ligado a ela?
- ✓ Araputanga e Cuiabá, de que forma vocês analisam as duas cidades?

Em seguida, propomos refletir sobre a região do Estado que a cidade se localiza, figura 18.

Figura 18 - Mapa da Região Sudoeste de MT – Araputanga



Fonte: Labgeo Unemat (2016).

O que você sabe sobre a região que este mapa do Estado de Mato Grosso aborda. De que forma a nossa cidade nutre a relação com os demais municípios da mesma região?

As discussões serão importantes para os alunos estabelecerem relações com suas leituras fora da escola, sobre a cidade, sobre suas vivências, que agora junto com os demais colegas vão aprimorando o conhecimento sobre o seu município.

A outra imagem que propomos na sequência, é a localização dos espaços públicos de lazer na cidade de Araputanga, figura 19. Vejamos:

Figura 19 - Araputanga: localização dos espaços públicos de lazer



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os alunos serão orientados a observar a localização dos espaços de lazer no mapa da cidade. E vão começar a refletir sobre os espaços que eles escolheram, mas desta vez com um conhecimento maior da cidade, pelas leituras feitas. Podemos problematizar provocando: Toda cidade tem zona urbana e rural. Pensando nessa diferença, você diria que os espaços públicos de lazer estão distribuídos da mesma forma nessas zonas? Você tem ideia do que leva um espaço de lazer estar em uma zona urbana ou rural? Que atividades de lazer são realizadas em cada um desses espaços? Como cidadão, você pode contribuir para a construção de outros espaços de lazer na cidade?

Para encerramento desta etapa e a partir de todas as reflexões aqui feitas, a turma será orientada a fazer uma pesquisa na internet, para buscar informações sobre a cidade, como a questão da saúde, educação, população, economia, renda per capita, questão social dentre outras do município e fazer o registro no diário de bordo, cujos dados serão colocados, posteriormente, no Atlas dos espaços públicos de lazer.

Quando solicitamos que os estudantes pesquisem acerca de informações importantes sobre Araputanga, além de enriquecimento do arquivo de leitura, queremos trabalhar a língua e a linguagem na prática, pois eles conhecerão melhor a cidade onde residem para que assim, problematizem e questionem a respeito da saúde, educação e outros assuntos essenciais para a vida social de todos os cidadãos, porque conforme Mariani (2016, p. 54) precisamos “[...] compreender a língua como fato social, cuja produção de sentidos se encontra em processo

indissociável da história, não transparente, estruturalmente sujeita a falhas”.

3.3 Sentidos de lazer em diferentes materialidades discursivas

Não há sociedade sem linguagem. Nem linguagem sem sujeitos e nem sujeitos sem ideologia. E os gestos de interpretação são o observatório pelo qual podemos apreender o funcionamento da linguagem, no confronto do simbólico com o político, na produção de sentidos e na constituição dos sujeitos. (ORLANDI, 2020, p. 32).

Sabemos, por meio dos estudos da Análise de Discurso, que a linguagem faz parte da sociedade, e que sem ela não há sujeitos. Ela, como fato imprescindível da vida, precisa estar “conectada” com a interpretação, seus gestos e sua escuta, para que assim, funcione na vida prática dos sujeitos e(m) sociedade. Ademais, segundo Orlandi (2015, p. 20) “As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores”.

Assim, ao pensar sobre o efeito do discurso na vida dos sujeitos, compreendemos que “[...] a linguagem por ser materialidade significante é instituída pelo simbólico e isso a faz ser suporte de uma complexa rede de significantes e de sentidos que não são literais, tampouco evidentes”. (FERNANDES, 2017, p. 78).

Deve-se dizer que diante da não literalidade e evidência da linguagem, é preciso observar as condições em que ela é produzida. Assim, queremos nesta proposição, confrontar os sentidos de lazer em distintas materialidades discursivas, como o vídeo sobre o lazer, produzido por estudantes da Unicamp; um vídeo reportagem sobre a “Importância do lazer para ter uma qualidade de vida e combater o estresse”, divulgada na TV Centro América; artigo jornalístico “Lazer”, de Ana Lúcia Santana (ANEXO 4); o capítulo “Atividades de lazer”, do livro “O que é lazer”, de Luiz O. Camargo;(ANEXO 5) documentos oficiais sobre o lazer na cidade.

3.3.1 Leitura de vídeos: sentidos de lazer

Para compreensão dos sentidos de lazer disponibilizamos o planejamento organizado com 4 (quatro) aulas de 60 minutos, para que os alunos compreendam o lazer por meio de várias materialidades discursivas como vídeos e textos da internet para assim, criar espaços de interpretação em sala de aula, a fim de que o aluno se coloque no lugar do dizer em relação ao lazer na interlocução com os textos, colegas e professor. Dessa maneira, queremos perceber

como os alunos significam os sentidos do lazer, a produção de sentido que realizam no seu discurso, pois a memória discursiva estrutura todo discurso, porque é constituída pelo esquecimento. E por isso compreendemos que o esquecimento estrutura todo o dizer. (FRAGOSO, 2021).

Para melhor organização das aulas, dividiremos em duas partes esse momento. Iniciaremos a primeira aula com uma roda de conversa, um bate-papo com os alunos a respeito do lazer, a fim de entender os sentidos que ele tem para os sujeitos estudantes do 9º ano, a partir das questões abaixo:

- ✓ De que forma você significa o lazer?
- ✓ O que você sabe sobre a importância do lazer?
- ✓ Como você realiza seus momentos de lazer?

É importante que os alunos expressem a sua opinião e compreendam o dizer do outro como necessário, ainda que diferente do seu dizer. Para isso, conduziremos esse momento de maneira que eles percebam nas falas uns dos outros que há sentidos diferentes para o lazer e que todos eles são importantes para quem os realiza, mesmo porque, segundo o sociólogo Marcellino, especialista na área do lazer, “[...] aquilo que pode ser altamente atraente e prazeroso para determinada pessoa, não raro significa tédio ou desconforto para outro indivíduo”. (MARCELLINO, 1996, p. 8).

Em seguida, na segunda aula trazemos algumas leituras sobre os sentidos de lazer e sua importância em várias materialidades discursivas para que os estudantes interpretem, já que “[...] a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processo de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significante e/ou sua percepção-afeta o gesto de interpretação, dá forma a ele”. (ORLANDI, 2007, p. 12). Dentre os materiais para leitura estão um vídeo⁴⁵, sobre os diferentes sentidos de lazer que se intitula “Afinal... O que é lazer”? O vídeo foi produzido por alunos do Curso de Educação Física da Unicamp⁴⁶. Os alunos realizam entrevistas com estudantes e não estudantes. As perguntas que os estudantes da Unicamp fazem são: O que é lazer pra você? O que você faz no seu momento de lazer? As pessoas vão definindo lazer e colocando o que elas fazem em seus momentos de lazer.

Na sequência, mediremos uma discussão a partir das questões impressas para que

⁴⁵ O vídeo está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d-rCLIK_TA0

⁴⁶ Produzido por: Augusto Cesar, Daisa Fabiele, Milena, Talita e Tamires, alunos do Curso de Educação Física da Unicamp.

cada estudante registre no diário de bordo e dê continuação aos seus registros e a constituição do seu arquivo de leitura. Como na aula anterior cada estudante demonstrou o seu gesto de interpretação sobre o lazer, agora, propomos que eles confrontem os sentidos de lazer da turma com os sentidos apresentados no vídeo. Assim, debateremos:

- ✓ Como os entrevistados realizam seus momentos de lazer? Confronte os sentidos de lazer atribuídos pelos entrevistados e os sentidos que vocês atribuíram anteriormente.
- ✓ Como você compreende as citações mencionadas no vídeo sobre o lazer. (Voltar ao vídeo e rever as citações).
- ✓ De que forma as pessoas com as quais você convive concebem seus momentos de lazer?
- ✓ Como são as distintas formas de lazer mencionadas nas discussões realizadas até este momento?

Nosso objetivo com as discussões é conhecer como cada sujeito concebe o lazer, bem como compreender que há diversas formas de experimentar o lazer, com isso mostrar as mais diversas formas de lazer. Nas entrevistas, as pessoas disseram que lazer “é fazer o que gosta”, “é tudo aquilo que se faz com prazer”, “é fazer o que te deixa feliz”, “é fugir do cotidiano, da rotina”, mencionaram como atividades de lazer: diversão, estar com quem gosta, divertir com os amigos e com a família, namorar, dormir, estar na internet, assistir a filmes, assistir a séries, ler um livro, ir à academia, praticar esporte, fazer caminhada, ir ao shopping, tocar violino, ir ao teatro, dançar, fazer comida, comer, ir à festa, passear, dentre outras coisas. Fazer os alunos anotarem no diário de bordo as compreensões de lazer apresentadas no vídeo junto com as compreensões da turma, que discutimos na aula anterior, para ampliar o leque sobre os sentidos de lazer. Não que os sentidos se fechem, mesmo porque estamos apenas começando a refletir sobre o lazer, mas as anotações no caderno vão ajudá-los na constituição do arquivo.

Quando solicitamos para retornarmos as citações mencionadas na segunda questão, o objetivo é conhecer, juntamente com os nossos alunos, o que dizem especialistas sobre o assunto, vejamos:

A satisfação das necessidades sociais e individuais de lazer envolve “hábitos de consumo” – variando de acordo com a renda – que estão relacionados com o estilo de vida e conseqüentemente, com a cultura. (VEBLEN).

Lazer como sendo um tempo e espaço livre de trabalho. (Lino Castellan Filho).

Preguiça, tenha paciência de nossa longa miséria! Preguiça, mãe das artes e das virtudes nobres, seja o bálsamo das angústias humanas. (Lafargue).

A primeira citação, por exemplo, vai abrir a oportunidade de refletir sobre a relação do lazer com o consumo, que, como relata o autor, vai variar com a renda de cada pessoa, uns, como se pode ver no vídeo vão ao shopping, ao teatro, ao cinema, à academia, outros sair com amigos, passear, fazer caminhada. Os hábitos estão relacionados com o estilo de vida e a questão cultural, daí podemos ver que ao mesmo tempo que temos pessoas que no lazer sentem prazer em ler, ir ao teatro, tocar violino, temos também aqueles que querem ir à festinha, curtir, dançar, dormir, comer.

Nesse sentido, poderemos discutir com os alunos que as questões culturais, históricas vão definir os sentidos de lazer para os sujeitos. Isso é importante para que eles observem e reflitam até mesmo o que tem determinado os modos como eles compreendem o lazer junto a sua família. Na família, como pede a terceira questão, eles vão poder mencionar outras atividades de lazer como assistir à televisão, jogar futebol, passear na praça, ir ao clube, fazer churrasco no quintal, ouvir música, escrever poesias, desenhar, jogar no celular, ficar nas redes sociais, pescar, passear nos sítios e fazendas, ir à igreja, realizar trabalhos sociais, como tantas outras coisas, que não foram mencionadas, e que são tão importantes para muitas pessoas.

Nas outras duas citações, pensar com os alunos no sentido de lazer ligado à fuga da realidade, dos compromissos diários, da rotina do dia a dia, do trabalho, dos estudos, que se relaciona à preguiça, dando o direito ao sujeito de não fazer nada, ou fazer apenas aquilo que lhe dá prazer. Fugir de todo estresse do cotidiano. A busca pelo bálsamo de todo cansaço e preocupações da vida. Estas questões incidem em “quebrar” os sentidos estabilizados, pois, conforme percebemos, as materialidades trabalhadas mostram que há efeitos de sentidos múltiplos no lazer e que não podemos ser indiferentes a esse fato visto que:

[...] a relação de sentido postula que todo discurso faz parte de um processo, que é determinado por dizeres prévios e aponta para dizeres não-ditos. É um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido e correspondem a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo “já dito”, entretanto, ainda continua alinhavando os nossos discursos. Assim, a memória é o saber discursivo, os sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, sem pedir licença. (SILVA; AZEVEDO, 2017, p. 220).

Na terceira aula, indicamos a segunda parte das atividades e assim, sugerimos outro

vídeo⁴⁷, uma reportagem, realizada na cidade de Rondonópolis-MT, sobre a “Importância do lazer para ter uma qualidade de vida e combater o estresse”, divulgada no programa Bom Dia Mato Grosso, da TV Centro América, afiliada da rede Globo. Começaremos o debate a partir de algumas questões norteadoras:

- ✓ Como as práticas de lazer estão ligadas ao bem estar das pessoas?
- ✓ Como significam os sentidos de lazer e a saúde para sua família?
- ✓ De que maneira o poder público pode contribuir com o lazer na cidade?

Na reportagem, destaca dentre outras coisas, o lazer ligado à saúde, para ter uma qualidade de vida e evitar doenças como a depressão, transtornos de ansiedade e estresse. A reportagem⁴³ mostra, dentre outras coisas, que no mundo contemporâneo as pessoas assumem várias funções, apresenta a rotina de uma mulher, que exerce a função de mãe, de esposa, de dona de casa e de profissional nutricionista. Assim, cuida da casa, dos filhos, do almoço, de levar as crianças para a escola, e trabalhar. Nesse sentido, para evitar doenças como transtornos de ansiedade e problemas cardíacos faz esteira três vezes na semana e leva as crianças para passear e ir ao cinema. A reportagem também entrevista um casal fazendo caminhada no parque, bem como realiza uma entrevista com um médico clínico geral para falar da importância do lazer para a saúde, comentando as doenças possíveis pelo excesso de funções.

A reportagem divulgada no programa Bom Dia Mato Grosso, da TV Centro América, afiliada da rede Globo, abre para uma discussão ampla, que cada aluno poderá contribuir com suas experiências da relação do lazer com a saúde das pessoas, poderá pensar na rotina da sua própria casa, a rotina da sua mãe, do seu pai, de si mesmo, que pode ser muito diferente da apresentada pela reportagem pelas próprias condições de vida de cada família. As dificuldades podem ser até muito maiores pelas condições socioeconômicas diferentes das pessoas entrevistadas. Assim, vamos enriquecendo a nossa compreensão sobre lazer.

Propomos aos alunos pensar como o poder público pode contribuir com essas questões. Daí eles poderão relacionar estas discussões com os espaços de lazer da cidade, como as quadras de esporte, com os instrumentos para atividades físicas nas praças, os campos de futebol, ou a ausência desses espaços. Assim poderão refletir se estas questões são compromisso do poder público ou não, se elas estão sendo vistas pelas autoridades ou não. Mais ainda, como e de que forma eles (os alunos) poderiam pensar em uma alternativa para reverter e/ou melhorar esta situação. Voltaremos mais adiante nestas reflexões sobre o poder público e o lazer.

Compete dizer também que nesta proposição, além dos vídeos, temos a leitura de texto.

⁴⁷ O vídeo da reportagem encontra-se disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/bom-dia-mt/videos/v/importancia-do-lazer-para-ter-uma-qualidade-de-vida-e-combater-o-estresse/2239301/>

Então, na quarta aula, para a continuação dos trabalhos, distribuiremos em sala de aula a impressão do texto proposto. Os alunos deverão ler o artigo “Lazer⁴⁸”, de Ana Lúcia Santana (ANEXO 4).

Após a leitura, apresentaremos algumas questões para os alunos responderem no caderno (diário de bordo), porque acreditamos que nesta fase das leituras eles já tenham percebido que não há mais uma resposta certa e que a sala de aula é espaço para expressar seus gestos de interpretação a respeito do lazer a partir da leitura do texto. As questões, que seguem, colocaremos na lousa:

1. Como são os diferentes modos de significar o lazer?
2. De que forma é relação entre o sentido de lazer dado pela autora e os sentidos que você e seus colegas produziram.
3. No texto, “[...] o lazer não é apenas um grupo qualquer de ocupações sem propósito algum” e defende um sentido crítico para o lazer. De que maneira você compreende esse sentido crítico de lazer.
4. Como você compreende os sentidos das seis esferas essências do lazer no livro “Estudos do lazer”, do autor Nelson Carvalho Marcellino, mencionados no texto que lemos.
5. A partir da leitura do texto e de tudo que já foi discutido sobre lazer, como são os sentidos de lazer passivo e lazer ativo.
6. Na sua opinião, o que Araputanga poderiam oferecer para melhorar o lazer das pessoas?

Assim, mediremos e solicitaremos que cada estudante anote no seu caderno as observações ditas pelos colegas que julgarem relevantes, ampliando assim a leitura do texto e o seu conhecimento sobre o assunto. Em seguida, iniciaremos a socialização das compreensões de cada questão respondidas por eles. Incentivando que todos leiam as suas respostas, mostrando os seus gestos de interpretação.

Trabalharemos o batimento dos modos de significações apresentados no texto e os sentidos que eles produziram até este momento, a fim de que percebam que os sentidos e os sujeitos, embora pudessem ser qualquer um, não são (ORLANDI, 1990), os sentidos e sujeitos são múltiplos e variados. Conversaremos com os estudantes a respeito do lazer, e instigaremos cada um a comentar um pouco sobre o assunto, porque ele tem que ser debatido em sala de aula e vivenciado na prática escolar, por conseguinte a escola tem que dar espaço para o lazer que não seja os celebrados dias de lazer, ditados pelos calendários escolares e as incontáveis festas que pouco ou nada têm a não ser constituir arrecadações para despesas de

⁴⁸ O artigo está em anexo nesta dissertação e encontra-se disponível em: www.infoescola.com.

responsabilidade do poder público. (MARCELLINO, 1987). Aqui cabe refletirmos: temos contribuído para que na sala de aula e na escola o lazer seja debatido, estudado e vivenciado?

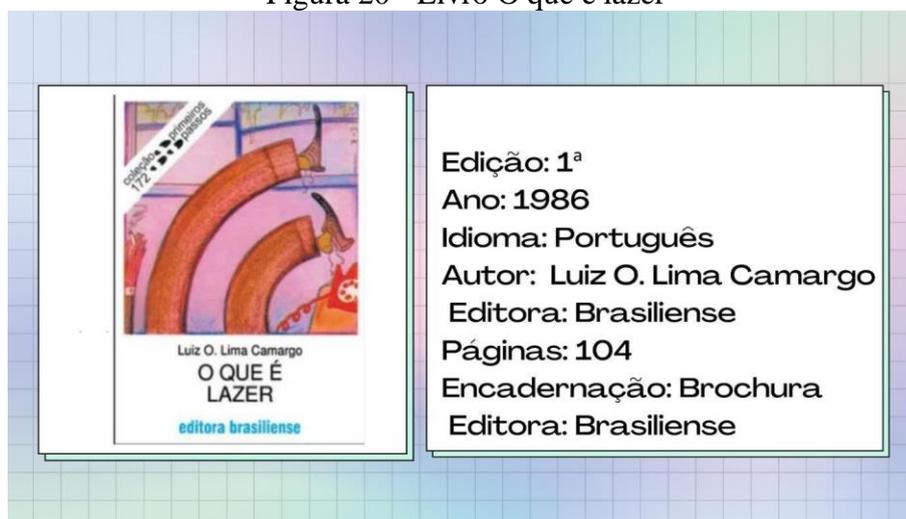
3.3.2 Sentidos de lazer: leitura de livro

Dessa forma, a escola e o professor, em sala de aula, têm que dar abertura para este tipo de debate, nesse e em outros assuntos, todos os nossos planejamentos e atividades têm buscado trabalhar a leitura, o debate concernente ao lazer nos espaços públicos citadinos.

Assim, o planejamento de número 5 (cinco) traz as atividades para serem desenvolvidas em 4 (quatro) aulas. Nele indicamos o trabalho com a leitura e significação da relação do aluno com o capítulo de livro que aborda o lazer. Nesse sentido, faremos a leitura do capítulo “Atividades de lazer”, do livro “O que é lazer”, de Luiz O. Camargo (ANEXO 5). Queremos refletir, junto com os alunos, porque a AD, como sabemos, toma a linguagem como não transparente, por isso, propomos compreender algumas formulações e entender como elas significam para os estudantes desta proposta.

Diante disso, apresentaremos aos alunos o livro “O que é lazer”, e, por meio de aula expositiva e com o uso de equipamento multimídia (data show) o livro em PDF, mostraremos a sua descrição, figura 20.

Figura 20 - Livro O que é lazer



Fonte: Capa do livro e referência. Slide elaborado pela autora.

Na sequência, depois que todos os alunos tiverem observado, folheado o livro⁴⁹,

⁴⁹ O livro físico é importante para que os estudantes observem os detalhes presentes na obra. Destacamos que é livro de bolso.

compartilharemos cópias das páginas 9(nove) a 33(trinta e três) e solicitaremos a leitura individual. Após a leitura, na segunda aula, subdividiremos os tópicos das páginas para que, em duplas, os alunos realizem a leitura e apresentem à turma em forma de seminário. Os tópicos são: Propriedades do lazer; Escolha pessoal; Gratuidade; Prazer; Liberação; Trabalho pode ser lazer?; Família pode ser lazer?; Classificação das atividades de lazer; *O dolce far niente*; Participar, assistir, estudar; Atividades físicas de lazer; Atividades manuais de lazer; Atividades artísticas de lazer; Atividades intelectuais de lazer; Atividades associativas de lazer; Atividades turísticas de lazer; Dados estatísticos sobre as atividades de lazer; Meios de comunicação de massa.

Após a apresentação de cada grupo, debateremos os textos (tópicos) lidos, porque “[...] o leitor não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outro(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor etc.)”. (ORLANDI, 2012, p. 10).

Nessa perspectiva, tomamos como importante a leitura e compreensão do assunto lazer, porque é parte da cidade e da vida dos sujeitos cidadãos. Assim, queremos reverberar os sentidos paralisados, abrir brechas para a compreensão das atividades de lazer, porque compreender acerca dos distintos sentidos para o lazer, como ele é concebido e ainda fomentar os desafios imbricados em tal fenômeno tão importante para a sociedade e a vida dos sujeitos cidadãos é significativo e urgente em nossa sociedade.

Desse modo, é interessante os peculiares significados que cada sujeito atribui, porque os cidadãos não estão sempre significados e reclamam sentidos, novos sentidos e outros sentidos. (ORLANDI, 2004). Já na terceira e quarta aula, realizaremos a atividade escrita dos questionamentos postos a respeito das páginas lidas e debatidas para registro no diário de bordo e seguimento da constituição do arquivo de leitura dos estudantes.

Assim propomos os seguintes questionamentos:

1. Como você compreende sobre os tópicos lidos e debatidos.
2. De que forma você compreende a afirmação: “[...] há um grau de liberdade nas escolhas do lazer [...]”, que está no segundo parágrafo da página 10 (dez).
3. Como você compreende a afirmação “o lazer é sempre liberatório [...]”, que consta na página 12 (doze) do livro?
4. O que você sabe sobre o lazer mencionado na página 18 (dezoito) como atividades físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais.
5. No enunciado “O lazer é um tempo precioso para o exercício do conhecimento e satisfação da curiosidade intelectual, em todos os campos, seja através da conversação aparentemente banal com os amigos, seja através dos meios de difusão eletrônica, seja

através da consulta especializada”, (último parágrafo da página 25), como você compreende esse enunciado?

Em se tratando da “liberdade nas escolhas do lazer”, é possível questionar os alunos, de como eles concebem o excerto, ou seja, como seria esse grau de liberdade mencionado. Também, quando o autor diz que “o lazer é sempre liberatório”, que sentidos estão funcionando, porque com Orlandi, compreendemos que “não há dizer único”. (2012, p.143). Daí nosso interesse em compreender os múltiplos sentidos no discurso sobre o lazer.

Ademais, quando o autor diz que o lazer pode ser classificado em atividades: físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais, queremos pensar com os estudantes acerca dessa classificação para que cada um reflita e elenque que lazeres eles realizam nessa classificação que o autor refere e mais, se podemos trazer outra classificação, além das mencionadas pelo autor.

Um outro ponto pertinente que abordaremos é sobre a afirmação: “O lazer é um tempo precioso para o exercício do conhecimento e satisfação da curiosidade intelectual, em todos os campos, seja através da conversação aparentemente banal com os amigos, seja através dos meios de difusão eletrônica, seja através da consulta especializada”. Destacamos a relevância de ouvir os sujeitos alunos, suas opiniões e de como compreendem o que é dito acerca da expressão “satisfação da curiosidade intelectual”.

Temos interesse com esse trabalho de compreender os efeitos de sentidos produzidos pelos discentes em relação à leitura proposta, uma vez que o dizer não é único e o sujeito não controla o que diz e é levado a mostrar os sentidos, por isso vacila e nem sempre sabe o que diz nem tem o que dizer, assim, o sujeito procura palavras que fogem e por isso diz sem saber exatamente o que o dizer alcança. (ORLANDI, 2012).

Para finalizar este momento, a turma será orientada a organizar atividades de lazer para realização durante o recreio⁵⁰ com os demais estudantes da escola. Destacamos que essa atividade incide também na assunção da autoria, pois além de elaborar a atividade, eles terão, sob orientação do professor, que arriscar e administrar todo esse evento, o que tomamos como ímpar para que o aluno assuma a posição de autor de suas produções, porque a autoria “[...] constitui-se em um processo de arriscar-se, de se colocar na posição daquele que está à deriva” (ABREU, 2012, p. 16). E estarão à deriva neste processo porque além de conduzir a elaboração e aplicação

⁵⁰ O professor, juntamente com a turma poderá, caso optem em fazer a interação no recreio, decidir uma semana para realizar várias atividades de lazer, como organizar jogos como xadrez, dominó; caraoquê, declamação de poesias, contação de histórias, dança, dentre muitas outras possibilidades de lazer.

das atividades, terão que lidar com os sujeitos das turmas participantes da proposta.

3.3.3 Sentidos de lazer: leitura dos documentos oficiais que instituem o lazer na cidade

Para este planejamento propomos 3 aulas de (60 minutos) para trazer as noções gerais a respeito da compreensão da leitura de documentos oficiais que instituem o lazer na cidade de Araputanga. Pretendemos possibilitar uma interlocução que traga à tona os processos discursivos de lazer, a fim de compreender a importância desses documentos oficiais para a vida do sujeito cidadão de modo que o sujeito-aluno possa confrontar o documento com as práticas de sua execução.

Quando pensamos a questão do lazer nos espaços urbanos, concebemos que ele deve ser acessível a todas as classes sociais, sem distinção de qualquer natureza, ou seja, é preciso assegurar o acesso a todos os cidadãos, por isso, nosso interesse em estudar esses documentos, também porque em se tratando do lazer, todas as atividades podem estar associadas ao social, expresso no contato com amigos, parentes, colegas. (CAMARGO, 1986).

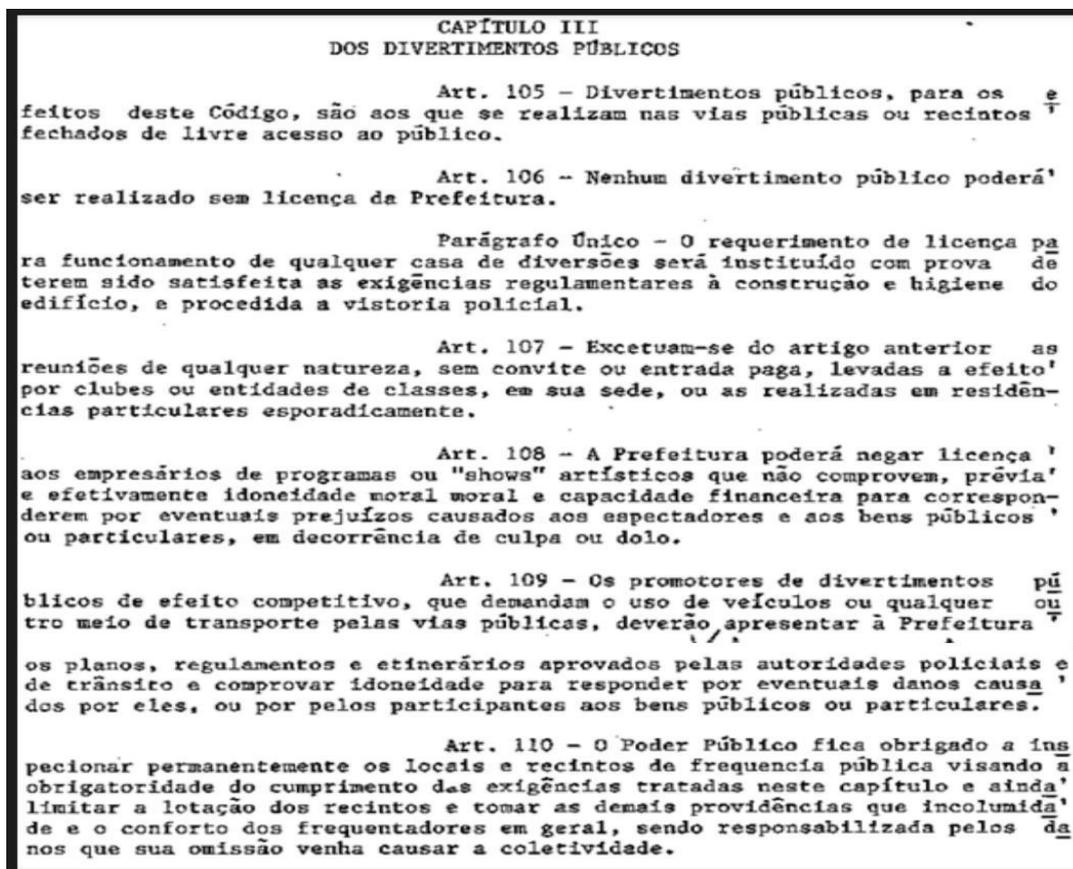
Sabemos que abordar esses textos em sala de aula não é tarefa fácil, mas necessária para que os estudantes tenham acesso e entendam seus direitos e deveres na sociedade. Assim, quando assumimos o compromisso de realizar este trabalho, deslocamos da nossa zona de conforto, justamente porque não estamos habituados a esse tipo de material nas aulas de língua portuguesa.

Diante disso, apresentaremos de maneira geral os documentos por meio de aula expositiva, com uso de equipamento multimídia (data show) e material impresso dos documentos oficiais, que tratam do lazer, como alguns recortes da Constituição Federal e de alguns documentos da cidade de Araputanga como o Termo municipal sobre lazer, a Lei Orgânica de Araputanga, Código de Postura, para que os alunos analisem os sentidos de lazer nestes documentos, pois conforme Nunes (2007, p.377) “[...] para a compreensão dessa interpretação, é preciso estar atento aos mecanismos ideológicos que silenciam outras interpretações”.

Desta forma, queremos dialogar com os alunos. Partir para a escuta das relações que eles têm com a linguagem em funcionamento na sociedade e assim, partilhar em sala de aula esses textos a fim de que os nossos alunos observem o que está silenciado a respeito do lazer nesses documentos, porque entendemos que a linguagem é política e o poder está acompanhado de silêncio. (ORLANDI, 1990).

Vejamos a figura 21, que traz um recorte do Código de Postura da cidade de Araputanga, que trata dos divertimentos públicos:

Figura 21 - Recorte do Código de Postura de Araputanga -MT



Fonte: Prefeitura Municipal de Araputanga- MT (2021).

Vamos procurar entender, com os estudantes, esses silêncios, presentes nesses documentos. No Código de Postura⁵¹, divertimentos públicos “[...] são aos que realizam nas vias públicas ou recintos fechados de livre acesso ao público” (Art. 105). No artigo 108, observamos que o divertimento público significa a realização de programas e shows artísticos e no Art. 109, menciona eventos de efeito competitivo. Com isso podemos dizer que o documento dá ênfase ao lazer privado (shows artísticos, parques, circo, competições, entre outros). À prefeitura compete conceder licença para o funcionamento dos eventos (Art. 106), bem como o de inspecionar permanentemente os locais e recintos (Art. 110). Em relação ao lazer público e aos espaços públicos de lazer, o documento não faz qualquer menção.

Desse modo, podemos dizer que apenas o lazer privado é mencionado, enquanto o

⁵¹ O documento encontra-se disponível em: <http://www.araputanga.mt.gov.br/categoria/codigo-posturas>

lazer público é apagado no documento, com isso apagam também de quem é a responsabilidade em promover o lazer e manter os cuidados com os locais públicos.

No que se refere a política urbana e ao meio ambiente, a Lei Orgânica Municipal traz os seguintes artigos que chamam nossa atenção:

Art. 192 – Serão criadas áreas de lazer no centro e áreas verdes na periferia da cidade.

Art. 193 – O Poder Público Municipal deve criar a infra-estrutura necessária para a existência de área dedicadas à cultura, esporte, educação, creches, postos de saúde e bibliotecas.

A lei Orgânica, como podemos ver, estabelece a criação de áreas de lazer no centro e áreas verdes na periferia. Queremos questionar junto com os alunos: por que não criar áreas de lazer também na periferia da cidade? E por que não criar áreas verdes no centro da cidade? Como podemos compreender a concepção de lazer para o poder público a partir dessa decisão?

Cabe ao poder público criar a infraestrutura para a cultura, esporte, creches, educação, postos de saúde e bibliotecas. Nesse sentido, podemos conversar com os alunos e verificar quais estruturas foram criadas no município e quais, na opinião deles, poderiam ser construídas, após as leituras que fizeram sobre lazer. Em outras palavras, em que o poder público poderia investir no lazer para a população, que ainda não tem no município.

Além disso, podemos refletir como está o estado de conservação da infraestrutura construída no município, de quem é a responsabilidade de preservá-la? Da prefeitura? Dos moradores? Como os alunos vão compreender essa questão é muito importante, porque sabemos que é dever do poder público manter/cuidar da estrutura que pertencem ao município, mas também compete aos sujeitos da cidade, aos cidadãos zelar por estes espaços. Pois o que vemos em muitas cidades é a destruição de praças, de equipamentos de esportes, destruição da iluminação, dentre outras.

No bojo das reflexões propostas, entendemos que são importantes, principalmente, porque os estudantes questionaram o estado atual dos espaços de lazer no início dessa proposta, como já mencionamos. Daí nosso interesse em entender, junto com nossos estudantes essa problemática, e mesmo que tais escritos (estudo das leis), num primeiro momento provoquem estranhamento, pois nem sempre são trabalhados em sala de aula, são todos fundamentais para as relações entre linguagem, escola e sociedade, por isso, devem ser problematizados, inclusive nas aulas de língua portuguesa.

Em relação à leitura de leis na escola, percebemos que estudar as leis é muito ausente

na sala de aula, isso ocorre porque já se convencionou um certo tipo de textos e não outros para o ensino fundamental e nele parece não caber textos oficiais, jurídicos, por serem mais complexos, extensos, entre outros fatores. No entanto, esse pensamento precisa mudar, uma vez que trazer esses textos para o debate, o diálogo em sala de aula promove a interpretação, a produção de sentidos, por meio de práticas educacionais condizentes com a realidade dos nossos estudantes. Ressaltamos que para ler esse tipo de texto deve haver um propósito, como no caso do nosso projeto, em que o foco é compreender o lazer. Em outras palavras, esses textos não devem ser lançados aleatoriamente na sala de aula, nem muito menos apenas para conhecer as suas características.

De posse do entendimento e da relevância de realçar o trabalho com a língua na prática e com materialidades discursivas distintas, ao trazermos para nossa proposição esses documentos oficiais, estamos, no exercício da linguagem em funcionamento, possibilitando a vivência na sala de aula de múltiplas materialidades e nos responsabilizando em instaurar a discussão acerca da temática lazer posta em tais documentos, porque a Análise de Discurso “[...] trabalha com a língua em funcionamento”. (ORLANDI, 2009, p. 17).

Não temos dúvidas de que é importante ler e compreender tais documentos porque eles têm uma história que é parte da cidade e da vida dos sujeitos cidadãos e muitos desses sujeitos desconhecem a existência de tais documentos e por isso não se posicionam frente à sociedade, não conhecem seus direitos em relação ao lazer público e seus espaços, ou seja, não intervêm na própria realidade, ou se intervêm, fazem timidamente. E precisamos, através da educação, que é poderosa e libertadora, mostrar na escola esses documentos que são parte da vida de todos nós e como alerta Pfeiffer (2011), quanto mais consciência tivermos do poder que a educação pode exercer sobre a mente humana, estaremos ainda mais convencidos de que é perigoso entregar esse poder a uma única autoridade.

O lazer também está presente na Constituição Federal Brasileira de 1988, ou seja, é direito dos cidadãos e por isso é de responsabilidade da escola e dos professores comprometidos com os direitos dos sujeitos, trazer para debate em sala de aula este assunto. Desta forma, temos que conhecer, intervir sempre que necessário, provocando os sentidos e a reflexão acerca das leis que regem nossa vida. Assim trazemos, dois recortes da Constituição Federal (CF)⁵²:

TÍTULO II
DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS
CAPÍTULO II

⁵² O documento completo encontra-se disponível em: [http:// www. planalto. gov. br/ccivil _03/ constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).

DOS DIREITOS SOCIAIS

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015). (CF, capítulo II, Art. 6º)

CAPÍTULO III DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO SEÇÃO III DO DESPORTO

Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados:

I - a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;

II - a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento;

III - o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não-profissional;

IV - a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional.

§ 1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da justiça desportiva, regulada em lei.

§ 2º A justiça desportiva terá o prazo máximo de sessenta dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final.

§ 3º O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social.

(CF, capítulo III, Art. 217)

Com a leitura do trecho da Constituição Federal, queremos discutir com os alunos qual a importância do lazer quando ele é abordado como direito e garantia fundamentais aos cidadãos, como direitos sociais ao lado da educação, saúde, moradia, trabalho, alimentação e transporte. Isso dá um peso para o lazer, compreendê-lo como algo fundamental da vida dos sujeitos e compete ao Estado garantir esse direito.

No entanto, é importante destacar que no capítulo III da Constituição Federal, quando se discute a educação, a cultura e o desporto, o lazer só aparece no parágrafo 3º do inciso IV do Art. 217 com o seguinte dizer: “O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social”. O que isso significa? Precisamos refletir junto com os nossos alunos o lazer como um direito social de todo sujeito. E como é possível desfrutar desse direito em uma sociedade capitalista em que somos injungidos ao trabalho desenfreado dia e noite? São reflexões importantes que os alunos relacionem o texto com a sua exterioridade constitutiva, compreendendo as questões sócio históricas.

Em seguida, apresentaremos aos estudantes trechos da Lei Municipal nº 1.319/2018 (termo municipal de lazer) para juntos refletirmos acerca do tratamento dado ao lazer público no município de Araputanga:

LEI MUNICIPAL N.º 1.319/2018

Art. 6º- O Conselho Municipal do Esporte e Lazer (CMEL) tem as seguintes competências básicas:

- I** - Desenvolver estudos, projetos, debates, pesquisas relativas à situação do esporte e lazer no Município;
- II** - Propor e acompanhar a realização de seminários, cursos e congressos sobre assuntos relativos ao esporte em geral, divulgando amplamente suas conclusões à população e aos usuários dos serviços abordados;
- III** - Contribuir com os demais órgãos da administração municipal no planejamento de ações concernentes a projetos esportivos e de lazer;
- IV** - Analisar propostas e sugestões manifestadas pela sociedade e opinar sobre denúncias que digam respeito a programas, projetos, competições e eventos culturais da cidade;

Conforme podemos verificar na lei municipal, o documento versa acerca da promoção e incentivo ao lazer, determinando que o poder público é responsável pela qualidade do serviço prestado à população e mais, a sociedade tem o direito de manifestar sua opinião, dar sugestões e inclusive fazer denúncias quando necessário para que a lei se efetive na prática. Também destacamos que a lei menciona que o Conselho Municipal do Esporte e Lazer tem a função de contribuir com a administração municipal para planejar ações relacionadas a projetos esportivos e de lazer. Nesse sentido, queremos debater com nossos alunos, mais especificamente os direitos e deveres do poder público, bem como do cidadão, qual a competência de ambos.

Desta forma, após a apresentação dos slides com os recortes dos documentos oficiais, iniciaremos uma reflexão com os alunos sobre suas percepções/impressões acerca do direito ao lazer, seus espaços públicos abordados nos documentos, para que cada um exprima seus gestos de leitura e escrita. Além do mais, “[...] a relação do indivíduo com a sociedade é uma relação política”. (ORLANDI, 2017, p. 217).

Queremos ouvir nossos alunos, para isso conduziremos o debate a partir das seguintes indagações: Quais são suas percepções/impressões acerca do direito ao lazer e seus espaços públicos abordados nos documentos? Em nosso município, como os sentidos atribuídos ao lazer e espaços públicos estão contemplados nos documentos estudados e na prática? Os documentos discutidos, aborda o lazer da mesma maneira? Na sua opinião, quais os deveres dos cidadãos em relação aos espaços públicos de lazer? Destacamos, mais uma vez, que é importante que cada aluno tenha voz na discussão dos textos lidos e no registro das atividades para que ocorra na sala de aula, “[...] o desafio e a ousadia de praticar a autoria no cotidiano das linguagens”. (LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p.110).

Essas questões poderão se estender ainda. Poderemos, junto com os alunos, organizar uma “Roda de conversas”, em um espaço fora da escola, com a participação de vários convidados de áreas distintas para abordar sobre a temática lazer: com profissionais da

geografia, da educação física, da sociologia, o secretário de obras do município, um profissional da arquitetura e urbanismo com o intuito de provocar uma discussão produtiva sobre o lazer na cidade de Araputanga. Nosso objetivo é ampliar o arquivo de leitura do aluno sobre a temática e compreender como cada um desses profissionais concebem o lazer nos espaços públicos da cidade.

Discussões como essa, não contribuem apenas para a formação dos nossos alunos, mas fomenta uma discussão no município na medida em que os sujeitos direcionam o seu olhar para o lazer a partir de diferentes pontos de vistas, podendo assim reverberar sentidos para formulação de políticas para o lazer.

Para que esse debate ocorra, será necessária toda uma organização, solicitar uma agenda no auditório na Câmara Municipal, preparar os convites, orientar os alunos na elaboração de questões e intermediação das apresentações. Consideramos que esse tipo de prática é pertinente e contribui com a autoria e cidadania dos estudantes.

Nesse sentido, todos os planejamentos organizados têm que corroborar para que os estudantes do 9º ano reflitam, compreendam a temática em estudo e assumam seus gestos de leitura e escrita, porque “[...] quando, na “reflexão”, o sujeito se diz como tendo produzido pessoalmente tanto a “compreensão” quanto a “decisão”, ele marca definitivamente a assunção da autoria”. (GALLO,1989, p.124). Assim, é importante trazer atividades que contribuam com este propósito, e é isto que buscamos fazer em todos os planejamentos.

No final desta etapa, vamos propor aos alunos que eles realizem uma enquete, uma pesquisa de opinião, com as turmas (6º, 7º e 8º anos) do Ensino Fundamental, procurando saber sobre o que eles fazem de lazer, quais os espaços de lazer da cidade que eles frequentam e que espaço de lazer está faltando na cidade. Após a pesquisa, junto com os alunos, vamos sistematizar os dados, elaborar gráficos para registrar o resultado da pesquisa a ser usado no Atlas. Neste momento, poderemos convidar um professor de matemática para auxiliar na organização dos gráficos.

Salientamos ainda que a proposta da pesquisa é pensada nos alunos, uma vez que é uma oportunidade rica para produção da autonomia e autoria deles, porque eles estarão organizando a atividade. Pensar no aluno nos remete ao Documento de Referência Curricular para Mato Grosso (DCR, 2018) que concebe o estudante como principal sujeito da ação educativa e como o ponto de partida para as definições de toda ação pedagógica, ou seja, todo o processo ocorrerá com base nos estudantes e seus anseios.

Após a realização da pesquisa com os demais alunos da escola, propomos refletir com os alunos o resultado da pesquisa, a leitura dos gráficos, procurando classificar os tipos de lazer

que os estudantes preferem, analisando o que determina a escolha dos alunos. Assim, poderemos ver os gestos de leitura dos alunos, pois “[...] nosso interesse é refletir sobre o efeito de autoria no espaço escolar”. (RASIA; CAZARIN, 2008, p.153).

A partir de todas as leituras realizadas nesta etapa, pediremos aos alunos que formulem uma pequena reflexão sobre o lazer, discutindo sobre os sentidos de lazer, bem como os fatores que sustentam a escolha dos sujeitos por um determinado tipo de lazer.

3.4 Espaços públicos de lazer em (dis)curso: a constituição da autoria na escola

[...] o indivíduo, afetado pela língua e interpelado pela ideologia, se constitui sujeito. Sujeito dividido, já em sua constituição e sujeitos divididos em sua relação com a sociedade e com a história. Portanto não podemos pensar as línguassem pensar a língua, o sujeito e o sentido, em sua constituição, em que entram o social, o histórico, o ideológico e o político. (ORLANDI, 2012, p.7).

A afirmação de Orlandi (2012) enfatiza o modo como a Análise de Discurso concebe o sujeito, ressaltando que pensar a língua inclui considerar o sujeito e o sentido em sua relação constitutiva com as questões sócio históricas, ideológicas e políticas.

Com base nessa compreensão, propomos, no trabalho com a língua em sala de aula, práticas de leitura e escrita dos espaços de lazer de Araputanga com o objetivo de que os alunos percebam os sentidos múltiplos existentes nesses espaços, uma vez que, conforme Nunes, “[...] o espaço público é distração, fluxo, errância, vertigem. Ele é também possibilidade de identificação, de entrada, iniciação, enlace”. (2020, p.140).

Assim, os sujeitos estudantes nas proposições terão oportunidade de expor, suas inquietações, curiosidades, porque “[...] tudo isso compõe as condições de produção do discurso”. (ORLANDI, 2012, p.23). Ou seja, os alunos mostrarão seus gestos de leitura e escrita a partir de suas vivências nesses espaços públicos de lazer e de acordo com a formação discursiva que cada um se identifica, porque “[...] os processos de constituição do sujeito e do sentido estão intimamente ligados, pois no momento em que o sujeito se identifica com uma determinada FD, ao mesmo tempo ele está construindo sentidos para este discurso”. (GRIGOLETTO, 2005, p.104).

Nesse interim, para compreender as Formações Discursivas, é necessário saber que [...]a formação discursiva pode ser entendida como o que pode e deve ser dito pelo sujeito, ou seja, ela tem seus saberes regulados pela forma-sujeito[...].” (INDURSKY,2020, p.306). Além disso, é preciso dizer que os sentidos são determinados pelas posições ideológicas em que as palavras

são produzidas, que as palavras mudam de sentido de acordo com a posição daquele que as empregam. As FDs determinam aquilo que pode e deve ser dito (ORLANDI, 2015). Um exemplo disso encontramos nos textos historiográficos do município, quando a posição-governo diz “que os índios foram **transferidos** para outro lugar”, uma vez que nessa formação discursiva não se pode dizer que os índios foram expulsos de suas terras pelos imigrantes/desbravadores. Nesse sentido, afirmamos que nosso trabalho propõe práticas com a leitura da cidade, que tira o aluno da sala de aula, para pensar os espaços públicos de lazer no município de Araputanga.

Nesse gesto de leitura e interpretação é importante dizer que, conforme Orlandi (1998, p. 20), “[...] quando trabalhamos com análise de discurso, estamos intervindo nessa relação do sujeito com a interpretação (com o ‘dar’ sentidos) e logo com essa consciência que vai se constituindo”. Tudo isso também é fundamental para provocar deslocamentos, rupturas no discurso pedagógico escolar e dar lugar a autoria porque muitas vezes ocorre de a submissão do sujeito ser tamanha, que impede de assumir os sentidos que produz como sendo seus porque a sensação de impotência inibe e não assume o lugar de autoria que lhe é oferecido na atividade de produção de seu próprio texto e de seu próprio discurso. (GRANTHAM, 2018).

3.4.1 Os espaços públicos de lazer em fotografias: uma leitura discursiva da imagem

Nosso propósito é mostrar a linguagem na prática, fazendo sentido para os estudantes e para isso, trazemos neste planejamento de número 7(sete), 5 (aulas) aulas de 60 (sessenta) minutos. Conheceremos através de fotografias, um pouco acerca dos espaços públicos de lazer: Praça São José, Campo Municipal Márcio Mendes de Oliveira, Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas, Praça Romeu Furlan e Lago Azul.

Nessa direção, as atividades visam criar espaços para interpretação dos lugares públicos de lazer e assim perceber como os alunos significam esses espaços, porque como dizem Pacífico e Romão (2006) ao abordarem o sentido, para a análise de discurso francesa não há um sentido, mas efeitos de sentido, vários, plurais e diversos que são construídos por gestos de leitura e interpretação de um sujeito que ocupa determinada posição social.

Para início da aula, apresentaremos aos estudantes por meio de multimídia (data show) as fotografias dos espaços públicos de lazer já selecionados anteriormente pelos estudantes, segundo já esclarecemos, para a turma ler, pesquisar e estudar durante as aulas.

Vamos apresentar as fotografias de todos os espaços de lazer individualmente (figuras 22, 23, 24, 24 e 26), procurando ler as impressões dos alunos sobre o conhecimento que eles

têm sobre esses espaços para que deem sequência ao estudo e continuem a constituição do arquivo de leitura e registro no diário de bordo dos debates.

Figura 22 - Fotografia da Praça Romeu Furlan



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7.

Figura 23 - Fotografia da Praça São José



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7

Figura 24 - Fotografia- Lago Azul



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7.

Figura 25 - Fotografia da Campo Municipal Márcio Mendes



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7

Figura 26 - Fotografia da Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7

Questionaremos os estudantes acerca de cada espaço apresentado e instigaremos a participação de todos. Partiremos de questões como estas: Vocês conhecem esses espaços de lazer? Já estiveram lá? Qual ou quais vocês mais gostam de frequentar? Por quê? Quem leva vocês a esses espaços? O que vocês fazem nesses espaços? Qual o horário ou dia que vocês costumam frequentar esses lugares? Como são as regras de convivência nestes lugares?

Como pode-se ver, por meio das questões, o nosso objetivo é saber, primeiramente, da relação dos alunos com os espaços de lazer da cidade. Sabemos que os sujeitos possuem gostos diferentes em todas as áreas da vida, por isso essas indagações são importantes, porque segundo estudos discursivos, o que sustenta o gesto interpretativo é a ideologia, pois autoriza uns e desautoriza outros. E a interpretação defendida pela Análise de Discurso é a que considera a posição-sujeito, a memória, o interdiscurso e autoriza o sujeito para que perceba que os sentidos estão em jogo e sempre podem ser outros. (ARAÚJO; PACÍFICO; ROMÃO, 2011).

Ao frequentar esses ambientes, queremos compreender quem acompanha esses estudantes nesses espaços (família, amigos) e qual o horário ou dia que eles costumam frequentá-los, para entender os efeitos de sentidos que cada estudante atribui ao lazer que realiza nesse espaço e como realizam esse lazer. E como é a convivência, se há regras ou não, nesses espaços de lazer, para que possam, na prática, lidar com as diferentes situações, inclusive as

imprevistas, como esclarece Pfeiffer, “[...] é preciso lidar com o imprevisível”. (2018, p. 33).

Fernandes (2015, p. 3), no trabalho que desenvolveu com a leitura do livro de imagens com crianças, vai dizer que:

[...] a imagem, por sua forma não-linear, exige do leitor a produção do efeito de unidade necessário para que o significante visual produza sentido. [...] a leitura de livros de imagens, em qualquer que seja o nível escolar, é uma prática pedagógica que contribui para a assunção à posição-autor por parte do sujeito-aluno.

Nesse entendimento e compreendendo a imagem como discurso, que por meio dela os sentidos vários são formulados a fim de produzir sentidos em diferentes tempos e conforme as condições de produção de cada sujeito, trabalharemos com a turma uma exposição das duas praças, a partir de observação de imagens⁵³ desses espaços, figura 27. O trabalho com imagens/fotografias deve se dar da mesma maneira que a língua, ou seja, a imagem não é transparente, permite inúmeras leituras, pois a imagem comporta o equívoco, a ambiguidade, e assim como a língua, ela é lugar de resistência. (FERNANDES, 2013).

Figura 27 - Painel das praças Romeu Furlan e São José



Fonte: Fotografias de Rafael Heliodoro/Portal L7. Painel elaborado pela autora (2021).

⁵³ A imagem que trazemos tem as fotografias das duas praças em estudo. Essas fotografias foram cedidas por Rafael Heliodoro/Portal L7, conforme já referenciamos anteriormente.

Sabendo desse lugar de resistência é que nos propomos a usar as imagens/fotografias dos espaços públicos de lazer em nosso trabalho. Já se tratando da interpretação, a autora esclarece que “[...] não há manifestação da linguagem sem interpretação, ou seja, não há possibilidade de se relacionar com o simbólico sem interpretar. A interpretação [...] está na base do dizer”. (FERNANDES, 2013, p. 206). E mais, a interpretação é fundamental para o sujeito e sua vida social, porque “[...] é pela referência à sociedade e a história que as questões se abrem a interpretação. No tempo e no espaço pela própria existência, essência de/e como sujeito em sociedade consumimos palavras, sons, imagens. Discurso. Interpretação”. (MOTTA, 2018, p.78).

Concebendo, então, que as questões se abrem para a interpretação, trabalharemos a figura 33 com as praças, Romeu Furlan e São José para aprofundar nossas reflexões sobre esses espaços. Nosso objetivo aqui é fazer a leitura da fotografia, procurando relacionar a imagem a suas condições de produção, as questões sócio históricas, mesmo porque para a Análise de Discurso o sentido está sempre em *relação à*. Assim, queremos observar com os alunos, dentre outras coisas, que as duas praças mostram um funcionamento diferente na cidade.

A praça Romeu Furlan, por exemplo, se marca pelo aspecto social e comercial muito forte. Nela temos maior fluxo de sujeitos, comércio como churrasquinho, lanches, vendas de produtos vários. Também há academia pública ao ar livre, o que possibilita proximidade/interação entre os sujeitos e é onde ocorrem alguns eventos sociais promovidos pelo poder público. Em relação à praça São José, percebemos um funcionamento religioso, as questões sociais fixam-se em torno da igreja que se localiza na praça. E como a praça se encontra em espaço estratégico, possui estacionamento que auxilia na diminuição de fluxo de automóveis em parte do centro da cidade.

Diante disso, a ideia é pedir que os alunos: observem as imagens das duas praças em estudo, procurando estabelecer relações entre elas. Em seguida, serão estimulados a comentar sobre as diferenças e as semelhanças entre elas, ou seja, a composição do espaço, o lugar onde se encontram, os movimentos que ocorrem nesse local, entre outros que julgarem pertinentes. Na medida em que os alunos forem se posicionando, serão orientados a registrarem em um quadro, conforme mostra a figura 28, que entregaremos para eles na forma impressa.

Figura 28 - Análise das praças



Fonte: Elaborado pela autora.

Após observação da imagem, discutiremos acerca do conhecimento que cada estudante tem sobre esses espaços para que deem sequência ao estudo e constituam sua história de leituras pois o professor deve “[...] modificar as condições de produção de leituras do aluno, dando oportunidade a que ele construa sua história de leituras[...]” (ORLANDI, 2012, p.117).

Já nas demais aulas, é de nosso interesse, criar condições de produção de leituras que priorizem aos alunos realizar esta construção de história que o faça sentir na origem do que lê e diz, porque conforme esclarece Fernandes (2019), a condição para que o sujeito possa realizar autoria é ele ter a ilusão de ser fonte do seu dizer. Desta forma, quando o estudante expõe seus gestos de leitura e fomenta o debate, a constituição da autoria emerge na sala de aula.

Como dentre os espaços públicos de lazer escolhidos constam duas praças, levaremos aos nossos alunos uma proposta de pensar o sentido de praça. Assim, solicitaremos aos cinco grupos já constituídos a formulação de sentidos para a palavra “praça”, que deverá ser colocado na lousa. Vamos instruir que todos os alunos anotem no diário de bordo (caderno) todos os sentidos produzidos, para ampliar e enriquecer o arquivo de leitura.

Em seguida, entregaremos aos alunos um quadro com vários verbetes de dicionário da palavra “praça”. Destacamos que nosso propósito em trabalhar com o dicionário é porque ele, de acordo com Petri (2012), trata-se de um objeto discursivo que estabelece relações entre os sujeitos e o saber, por meio da discursividade que lhe constitui. Bem como mostrar que a língua não é transparente e que ela se constitui pela incompletude. Segundo Correa (2019), o dicionário é utilizado como instrumento de pesquisa, porque traz o imaginário de clareza e certeza de um termo e ele faz parte do processo de significação de uma língua pois tem caráter de completude e legitima o sentido de uma palavra. Por muitos é ainda considerado o “pai dos burros”.

Vejam os quadros com os verbetes de “praça”, figura 29:

Figura 29 - Quadro se verbetes da palavra “praça” em dicionários

Nome do dicionário	Praça
Raphael Bluteau Vocabulario Portuguez & Latino, 1728 https://www.bbm.usp.br	Lugar público, plano e espaçoso (p. 665)
Antonio de Moraes Silva Diccionario da lingua portuguesa, 1789 https://www.bbm.usp.br	Lugar público, descoberto, espaçoso nas Vilas, ou cidades, onde se fazem feiras, mercados, leilões; onde se tratão coisas de commercio, sendo que as praças de commercio, são edifícios apropriados para nelles se juntarem os negociantes, as praças erão de todos alevantadas, estando então até cheias de tudo. (p. 481)
Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire , 1954 VI. IV, 2ª ed. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre.	Lugar público, grande largo ordinariamente rodeado de edifícios, para embelezamento de uma cidade, vila etc., e como meio higiênico para melhor circulação do ar e plantação de árvores. (p. 4087).
Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete , vol IV, 3ª ed. Editora Delta, 1980, Rio de Janeiro-RJ.	lugar público, grande largo ordinariamente rodeado de edifícios, para embelezamento de uma cidade, vila etc., e como meio higiênico para melhor circulação do ar e plantação de árvores. (p. 2909)
Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, mais conhecido no Brasil por Dicionário Caldas Aulete On line , 2008. https://aulete.com.br	Espaço público, ger. com assentos, coretos, plantas ornamentais etc., destinado ao lazer e ao descanso; jardim público. Espaço público cercado de edifícios; LARGO
Aurélio on line https://www.dicio.com.br	Largo espaço descoberto para onde convergem várias ruas.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2021).

O quadro traz o verbete de seis dicionários de épocas distintas para observarmos, junto com os alunos, como cada um significa a palavra “praça”, são eles: Raphael Bluteau, em seu Vocabulario Portuguez & Latino de 1728; Antonio de Moraes Silva, em seu Diccionario da lingua portuguesa de 1789; Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire, de 1954; Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete, impresso de 1980 e on-line, de 2008 e o Dicionário Aurélio, on-line. Em todos os verbetes dos dicionários, só selecionamos recortes dos significados que se referiam à praça como lugar público.

Os grupos deverão estabelecer relação entre os sentidos que eles atribuíram à palavra “praça” e os enunciados definidores dos dicionários (figura 29), observando o que há em comum ou contraditório entre os significados dados. Destacamos que esse exercício é relevante no que concerne ao sentido, a AD reconhece que a língua produz sentidos duplos, contraditórios e ambivalentes. (INDURSKY, 2010). Queremos que nossos estudantes percebam, compreendam que os sentidos não são imutáveis. Ao ler as definições dos dicionários, os alunos poderão ver que os sentidos não são muitos diferentes daqueles que eles produziram nos grupos. Alguma coisa ou outra poderá ser acrescentada, o que vai mostrando a incompletude da língua.

Nesse sentido, podemos observar que no verbete em Raphael Bluteau (1728) define “praça”, como um lugar, público e espaçoso, no entanto não aparecem sujeitos. Em Moraes (1789), “praça” além de ser um lugar público, descoberto, espaçoso aparece como lugar de comércio, como feira, mercado e leilões, aqui já vemos movimento dos sujeitos. No dicionário de Laudelino Freire (1954), a praça é abordada como um lugar público na cidade para embelezamento e lugar arborizado para circulação de ar. O sentido de praça, em Laudelino Freire, é muito interessante porque é um lugar projetado para deixar a cidade bonita e arejada. Em 1980, no dicionário de Caldas Aulete, vimos o verbete de Laudelino Freire (1954) se repetir, mas na versão on line de 2008, aparece como espaço público, como um jardim com assentos, coretos, plantas, destinado ao lazer e ao descanso. Pela primeira vez, deparamos com o sentido de praça como lugar de lazer, em que as pessoas vão para descansar/divertir, distanciando do lugar de trabalho/negócio/comércio, apresentado por Moraes. No dicionário Aurélio on line, a “praça” é um espaço descoberto, provavelmente estratégico na cidade, de onde “convergem várias ruas”. Remetendo a Nunes (2011), “[...] as praças são daqueles que marcam a formação das cidades e que se transformam frequentemente, acompanhando as mudanças conjunturais”. (p.158).

Conforme Nunes:

Essas definições colocam em jogo, além da espacialidade física desse espaço, a dimensão das práticas e dos acontecimentos citadinos, ainda que de forma limitada a certas práticas como o lazer, a recreação e as reuniões. Podemos dizer que esses sentidos estão entre aqueles que se sedimentam, formando um imaginário corrente do que seja a praça. (2011, p. 158).

Como podemos observar, o sentido de praça nos vários dicionários vai possibilitando a compreensão desse espaço na cidade em diferentes épocas, para diferentes sujeitos. Mas podemos perceber, que muitos outros sentidos escapam das definições estudadas, uma vez que não aborda as praças em frente as igrejas, muito comuns nas cidades para realização das quermesses; bem como não traz o esporte, as academias, e tantos outros sentidos de praça.

Assim, ao refletir sobre o verbete praça, queremos mostrar aos nossos estudantes que o dicionário não contém o significado de todas as palavras. E para além de definir, imaginariamente, uma palavra, o dicionário deve ser lido e compreendido como discurso, de modo que no encontro da língua com a sua exterioridade constitutiva mostra efeitos de sentidos que praça – ou qualquer outra palavra – vai ganhando através do tempo.

Diante disso, retomamos as leituras de fotografias, para isso trazemos duas fotografias (figuras 30 e 31) da praça São José, uma de 1969 e a outra mais recente de 2021. Imagens do passado e presente dessa praça, para que os estudantes percebam as mudanças ocorridas durante

o tempo, e assim eles demonstrem os efeitos de sentidos produzidos durante a análise das imagens e pratiquem a função-autor em seus gestos de autoria porque “[...] se o sujeito, ao praticar a função-autor, produz clareza, progressão textual e coerência em seus dizeres, ou melhor, consistência e não contradição em seu posicionamento ideológico, ele estará desenvolvendo a autoria”. (FERNANDES, 2019, p. 166).

Figura 30 - Fotografia da Igreja São José -1969



Fonte CHEC (2020).

Figura 31 - Fotografia da Praça São José- 2021



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Destacamos que em 1969 não havia a praça neste espaço em que se encontra a igreja e na atualidade temos a praça junto a igreja (a igreja está no mesmo local desde 1969). Essas fotografias nos convocam a refletir nos sentidos expostos e silenciados nestes espaços públicos

de lazer, o porquê de se construir a praça no local onde já havia uma igreja. Se o motivo seria por ser um local de encontro dos fiéis, fins culturais, sociais ou mesmo comerciais. Ainda queremos compreender a importância que esses locais têm para os estudantes do 9º ano.

A partir da leitura das fotografias de 1969 e 2021, propomos que os alunos explicitem suas impressões sobre as imagens. Após deixá-los colocar seus posicionamentos vamos intervir pedindo que eles relacionem com os verbetes de “praça”. Assim, eles poderão dizer que as duas fotografias apresentam o espaço da praça São José, onde se localiza a Igreja São José. Na fotografia de 1969, a praça não estava estruturada, assim como a cidade, ainda, estava em formação, mas já existia o lugar público, espaçoso em torno da igreja para circulação dos fiéis. Na fotografia de 2021, já se pode ver a praça toda estruturada, um espaço aberto, com assentos, arborizado, rodeado de casas, um lugar bonito, conforme define Aulete, e que se destina ao lazer. Embora a segunda imagem não apareça os sujeitos desse espaço, os alunos poderão a partir de suas memórias discursivas dizer desses sujeitos que a frequentam, se são os fiéis nas missas de domingo, se são os trabalhadores que circulam nesse espaço nos intervalos do serviço, dentre outras possibilidades.

O espaço público nas duas imagens significa de forma distinta, desse modo, os alunos poderão comentar a respeito de como essas fotografias afetam o sujeito cidadão, explicitando acerca da paisagem, registrando alguns possíveis sentidos que justifiquem as modificações ou não, ocorridas no espaço em estudo e que efeitos provocaram na vida dos sujeitos. Dando continuidade à leitura de fotografias dos espaços públicos, mostraremos, por meio de multimídia (data show), três fotografias do Lago Azul (figuras 32, 33, 34):

Figura 32 - Fotografia do Lago Azul-1994 (após represamento)



Lago Azul em 1994.

Fonte: Igreja Batista Um novo Tempo (2020).

Figura 33 - Fotografia - Araputanga passado (Lago Azul)



Fonte: Portal Férias (2020).

Figura 34 - Fotografia do Lago Azul- 2020



Fonte: Rafael Heliodoro/ Portal L7(2020).

Considerado que o Lago Azul é considerado o cartão-postal da cidade, para que os alunos analisem as fotografias observando como este local com o passar dos anos tem reverberado na vida dos sujeitos araputanguenses, pois como sabemos, é um espaço onde ocorre eventos – festas de fim de ano, comemorações alusivas ao aniversário da cidade, entre outras festividades. O Lago Azul é também o espaço de maiores aglomerações (mesmo em tempo de pandemia), e não podemos esquecer que também serve de espaço para atividades físicas, pois nele temos quadra de areia, espaço para caminhada, parque para as crianças divertirem etc. Mas ainda há a falta, pois assim como os demais espaços públicos de lazer abordados neste trabalho,

temos o lazer esportivo em destaque e ausência de outros tipos de lazeres (biblioteca para leitura, mostra de talentos etc.).

Ao mostrar as imagens, fomentaremos a discussão acerca das fotografias da paisagem do Lago Azul em diferentes épocas e debateremos com os estudantes. A paisagem dos municípios e seus espaços públicos de lazer vai se transformando com o passar do tempo. Considere as imagens da paisagem do Lago Azul em diferentes épocas: Que efeitos que estas mudanças podem ter provocado na vida cidadina dos araputanguenses e que implicações trouxeram para o lazer? Analise os elementos da imagem. Qual a relação dessas imagens com o seu cotidiano? Que memória elas trazem para você? Nesse espaço público você já presenciou algum sujeito praticando o lazer? Quais?

Todos esses questionamentos são importantes porque como já estudamos:

Para que haja um evento interpretativo é preciso que o sujeito se represente no lugar de autor. Ou seja, que ele se inscreva no interdiscurso: que o seu dito seja dizível. E isso ocorre quando há o exercício da repetição histórica. Porém, quando só se dá a repetição empírica e/ou a repetição formal, os sentidos não se constituem, já que não há a intervenção nem de uma memória constitutiva, nem de uma institucionalizada. (PFEIFFER 1995, p.76).

A partir da leitura das imagens de todos os espaços de lazer, propomos ampliar a reflexão com outros questionamentos: O que mais podemos saber sobre esses espaços? Quando eles foram construídos? Com quais objetivos eles foram criados? Para quem foram construídos cada um deles? O que as pessoas dizem sobre eles? Quem costuma frequentá-los? Que tipos de lazer eles oferecem? Olhando para estes espaços que foram criados para a cidade, como o poder público concebe o lazer? De que forma, podemos contribuir para que nesse local ocorra outros tipos de lazer?

É relevante também que cada aluno reflita sobre os questionamentos debatidos para enriquecimento do arquivo de leitura e sequência das demais proposições. Nesta fase do trabalho vamos organizar com os alunos uma pesquisa nos espaços públicos de lazer escolhidos. Para isso, formaremos cinco grupos⁵⁴, porque temos cinco espaços de lazer em estudo e cada grupo ficará responsável por um espaço para desenvolver seu trabalho.

Nosso objetivo com a visita é que os alunos observem os movimentos desses espaços, as pessoas que frequentam, as atividades de lazer que oferecem, a placa de fundação para saber quando foram fundados e por quem, saber sobre os sentidos nos nomes desses espaços, bem

⁵⁴ A organização em cinco grupos será utilizada em outras atividades durante os trabalhos.

como tirar fotografias, conversar com as pessoas que frequentam esses lugares, procurando ampliar nossos conhecimentos sobre os lugares estudados.

Entendemos que para realização desse passeio envolve todo um preparo como autorização da Escola, dos pais, solicitação de um ônibus, dentre outros, para que tudo seja feito com segurança. Podemos convidar aqui outros professores da escola para participar conosco e contribuir com o conhecimento sobre esses lugares como os professores de História, de Geografia e de Educação Física. Solicitaremos que os alunos anotem em uma ficha, figura 35, tudo que foi observado em cada um desses lugares.

Os alunos também serão orientados a fotografar os espaços públicos de lazer visitados, registrando os movimentos, as condições atuais do lugar, o que cada um oferece de lazer à população e tudo que acharem interessantes para discutirmos em sala e aproveitarmos como material para o Atlas.

Figura 35 - Ficha de registro de observação de espaço público de lazer

Espaço público de lazer - registro de observações				
1	2	3	4	5
Praça Romeu Furlan	Praça São José	Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas	Campo Municipal Márcio Mendes	Lago Azul

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

É válido destacar que estaremos mediando todo o processo, pois sabemos da importância da contribuição e mediação do exercício docente para que os resultados provoquem uma tomada de postura dos estudantes frente às próprias produções porque “[...] a prática docente é decisiva para a maneira como os alunos vão se significar para si e para os outros, logo, em relação ao modo como a sociedade os significa”. (ORLANDI, 2015, p. 188).

Como atividade, vamos propor que cada grupo produza uma maquete do espaço público de lazer em estudo. Para fazer a maquete, vamos pedir que os alunos escolham uma das

duas possibilidades: confeccionar uma maquete de modo artesanal⁵⁵ ou de modo digital⁵⁶. Para decidirmos qual opção, conversaremos com a turma a fim de que essa escolha seja realizada em conjunto, pois precisamos estar atentos às condições de produção da turma. Feita a escolha, os grupos produzirão as maquetes, conforme seu espaço público de lazer.

Após a produção das maquetes, estas serão apresentadas na sala de aula pelos grupos e posteriormente aos demais colegas da escola, para que ocorra a interação e conhecimentos de todas as maquetes produzidas. Vamos fotografar as maquetes para, posteriormente, colocar no Atlas.

Com a produção das maquetes de cada espaço público de lazer em estudo, os estudantes produzirão gestos de leitura, que reverberará não apenas durante este trabalho, mas para suas vidas, pois poderão pensar em outros espaços da cidade, do Estado, do país, pois para Orlandi (2007, p. 90) “[...] é preciso se pensar a relação do sujeito com a linguagem como parte da relação do sujeito com o mundo, em termos sociais e políticos”. Assim, destacamos que estamos pensando a relação do sujeito com a linguagem, com a cidade e em termos sociais quando propomos discursivizar a cidade, uma vez que os espaços públicos de lazer são lugares de interação social entre os cidadãos.

3.4.2 Leitura e interpretação de entrevista

Como podemos ver, até aqui o social está sempre em questão, pois o assunto em estudo afeta todos os cidadãos, sem distinção alguma. Também ressaltamos que “[...] é importante destacar o caráter histórico da constituição de um certo sentido, e não de outro, e também o fato de que aquilo que se silencia é constitutivo do que era dito”. (FRAGOSO, 2021, p.405).

Assim, pensando no silêncio como parte do que é dito, trazemos o planejamento de número 8(oito) para leitura, interpretação de entrevista a fim de observar os sentidos silenciados e o que é dito na voz dos cidadãos araputanguenses. Desta forma, indicamos 4(quatro) aulas de 60(sessenta) minutos para a realização desta proposição.

Para a primeira aula, entregaremos para cada aluno uma cópia impressa de uma entrevista realizada com o Sr. Francisco, antigo morador da cidade de Araputanga, conhecido na cidade como Chico Gato:

⁵⁵ Maquete artesanal- dicas <https://www.artesanatoereciclagem.com.br/1562-maquete-escolar-modelos-e-dicas-de-como-fazer.html>

⁵⁶ Programa de edição de maquetes <https://3dmaquetes.com/5-dicas-de-programas-para-edicao-de-maquetes-eletronicas/>

Entrevista com Francisco S. Xavier: 57 anos de história vivida aqui
Realizada por Auleni

Entrevistado: Francisco S. Xavier, natural de Mossâmedes-GO, 76 anos, comerciante, pai de três filhas, professoras no município de Araputanga.

1. **Há quanto tempo o Sr. mora em Araputanga? Onde morou antes de vir para Araputanga? Por que escolheu este local?**
 Moro em Araputanga desde o ano de 64, viemos de Goiás para cá devido informações de familiares que vieram, conheceram e deram notícia do lugar e viemos por ganância por mato.
2. **No seu ponto de vista, como são os diferentes aspectos da cidade?**
 A cidade é boa em vista de como era. Hoje tem um pouquinho de cada coisa.
3. **Que mudanças ocorreram ao longo dos anos em nossa cidade?**
 Muitas mudanças. Hoje tem hospital, banco, comércio, correio, progresso, de tudo um pouco.
4. **Como era viver na cidade antigamente?**
 A fonte de renda era a poaia. Não tinha nada, depois foi abrindo para agricultura e pecuária.
5. **O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida em Araputanga?**
 O carinho, o aconchego, o amor ao próximo. Não tinha roubo, podia sair deixar as coisas, não tinha ganância por dinheiro e hoje acabou isso.
6. **Em que aspectos nossa cidade pouco mudou?**
 Mudou em todos os aspectos que pensar.
7. **Como o Sr. concebe viver na cidade de Araputanga?**
 Como me casei, tive os filhos aqui, gosto de morar aqui, viemos a família toda, não ficou ninguém para trás.
8. **E em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permaneceu ao longo dos anos?**
 Agora temos clube, praças, lago, não tinha e hoje tem onde divertir um pouco.
9. **E nas horas de lazer na cidade, o que o Sr. e sua família gostam de fazer e se saem, vão para que lugares?**
 Gosto de ir ao sítio, ver futebol ou fazer viagem mais longe outros estados e fazer pamonha que é uma boa diversão.
10. **O senhor acha que a cidade de Araputanga tem boas opções de lazer público? Comente.**
 Não tem muita opção de lazer, poderia ter mais.

Perguntaremos, inicialmente, a turma se conhecem o entrevistado e/ou alguém de sua família, já que são moradores antigos e ativos na cidade. Após essa pequena conversa inicial, faremos junto com a turma uma leitura em voz alta, compassadamente, de maneira que possa ser acompanhada por todos.

Realizada a leitura, problematizaremos e analisaremos, junto com os estudantes, a entrevista a fim de compreender os efeitos de sentidos que ela provoca em nossos estudantes porque não queremos saber a verdade, mas as “[...] possibilidades de interpretação que são construídas a partir daquilo que é problematizado. Analisar é problematizar, colocar perguntas ao processo de constituição do discurso e propor interpretações”. (SILVA; HARB; PETRI, 2019, p.14). Então, pensando em propor interpretações é que trazemos os questionamentos que seguem:

1. A vinda da família Xavier para Araputanga, antiga Gleba Paixão, deve-se a relatos de

familiares acerca do local. Quais as notícias que os familiares poderiam ter dito a respeito do lugar?

2. Em um dado momento o entrevistado diz “[...] e viemos por ganância por mato”, o que você compreende dessa expressão?
3. Que sentimentos é possível apreender da fala do Sr. Francisco em relação a Araputanga nessa entrevista?
4. A respeito do lazer na cidade, o entrevistado diz: “Agora temos clube, praças, lago, não tinha e hoje tem onde divertir um pouco”. Como você compreende o lazer de hoje e o de antigamente?
5. Faça uma análise da fala do entrevistado no que se refere ao lazer no município de Araputanga.

Destacamos que durante a entrevista, o Sr. Francisco mencionou que a família dele, Xavier, veio para Araputanga, antiga Gleba Paixão, a partir de relatos de familiares acerca do local, ou seja, não conheciam, mas os informes dados pelos que conheciam o local os conduziram a tomar a decisão da vinda para a Gleba.

Outra questão interessante é que o entrevistado não diz quais foram as notícias que recebeu de familiares. Desta forma, é relevante debatermos como nossos estudantes tomam a vinda da família Xavier para Araputanga, antiga comunidade e assim analisar esse acontecimento que ocorreu a partir de relatos da memória de familiares que conheciam o local, porque em se tratando da memória, Pêcheux (1999, p. 55) nos esclarece que:

[...] no fim desse debate é que uma memória não poderia ser concebida como esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Nesse direcionamento, esperamos que esse debate acerca da memória que a entrevista realizada com o Sr. Francisco Xavier, reverbere de maneira que os estudantes compreendam os deslocamentos, as retomadas, e os sentidos presentes no discurso do entrevistado. Além disso, é pertinente destacar que o trabalho com a entrevista é singular, pois a entrevista é primordialmente oral. Ela faz parte de várias práticas sociais na nossa sociedade. (OTTONI, 2009). Daí nosso interesse em abordar a entrevista em nossas proposições para que nossos discentes, na prática vivenciem esse texto que é parte da vida social dos sujeitos.

Um outro ponto pertinente que destacamos do trabalho com a entrevista são os sentidos

da expressão mencionada pelo entrevistado, onde ele diz que: Viemos por “ganância por mato”. Pensar nos efeitos de sentidos que podem ser apreendidos dessa expressão é instigante, por isso queremos entender como cada grupo/aluno compreende a fala do Sr. Francisco, os sentimentos que são possíveis de apreender do discurso dele em relação ao município em estudo e como os alunos concebem/percebem esses sentimentos a partir do que é dito e silenciado no discurso do entrevistado e destacamos que os sentidos se “[...] instauram não apenas pelo que está dito/explicito, mas igualmente a partir dos não ditos que ressoam no texto”. (FERNANDES, 2019, p. 165).

Nessa direção, para compreensão do dito e não-dito, solicitaremos aos estudantes que façam também, uma análise do que diz o entrevistado sobre o lazer no município de Araputanga. Para isso, vamos levar de forma impressa um quadro com vários verbetes da palavra LAZER, selecionado de seis dicionários de épocas distintas. Destacamos que os instrumentos linguísticos utilizados para a observação, são os mesmos utilizados na compreensão do verbebo PRAÇA.

É pertinente questionar, o modo como o lazer é significado em diferentes dicionários de épocas também distintas, porque os sujeitos estudantes poderão estabelecer relações com os sentidos de lazer do passado e do presente, que o entrevistado aborda. Além disso, como já trabalhamos, reforçar que os sentidos não são completos, porque segundo Nunes (2010, p. 12):

Não há uma leitura única do dicionário, assim como não há sentidos das palavras fixados eternamente. Os sentidos sempre podem ser outros e assim também as leituras. Ao mesmo tempo, a leitura, quando se trata da perspectiva discursiva, não pode ser qualquer uma, visto que a história dos sentidos tem uma materialidade específica que deve ser considerada. [...] é saber que há certos sentidos que aparecem e se sedimentam, se estabilizam, mas ao mesmo tempo é saber que eles sempre estão sujeitos a serem outros, sempre estão sujeitos aos equívocos, aos deslizamentos de sentido, às contradições [...]

Vejamos os verbetes de “lazer”, em diferentes dicionários, de épocas distintas na figura que segue (figura 36):

Figura 36 - Quadro- Sentidos de lazer em dicionários

Nome do dicionário	Lazer
Raphael Bluteau Vocabulário Portuguez & Latino, 1728 https://www.bbm.usp.br	Termo de vulgo, como quando se diz, Não tenho lazer para isto. Vid. Vagar Vid. Tempo (p. 61) Vagar – Falta de ocupação, carência de negócio. O tempo que se está sem ocupação precisa. (p. 346)
Antonio de Moraes Silva Diccionario da lingua portuguesa, 1789 https://www.bbm.usp.br	Vagar, comodidade, v.g. não tive lazer de fazer isso. (p. 210) Vagar – Ficar sem proprietário, ou pessoa que sirva o officio, dignidade, benefício, cargo, posto...
Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire , volume IV, 2ª ed. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre – 1954.	O mesmo que ócio. (p. 3144) Ócio – 1. Descanso, folga do trabalho. 2. Tempo que dura a folga do trabalho. 3. Tempo de que se pode dispor. 4. Estado de quem não faz nada; ociosidade. 5. Madrilice, preguiça. 6. Repouso, cessação de movimento de ação. 7. O trabalho mental ou ocupação do espírito que não exige grande lucubrações. (p. 3657)
Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete , vol IV, 3ª ed. Editora Delta, 1980, Rio de Janeiro-RJ.	Ócio; tempo disponível para se fazer alguma coisa devagar (p. 2115)
Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, mais conhecido no Brasil por Dicionário Caldas Aulete On line, 2008. https://aulete.com.br	1. Tempo de folga, de descanso ou entretenimento. 2. Atividade praticada nesse tempo; DISTRAÇÃO; DIVERTIMENTO
Aurélio on line https://www.dicio.com.br/aurelio-2/	Divertimento; atividade agradável praticada num momento de descanso ou de entretenimento: felizmente estou no meu tempo de lazer! [Por Extensão] Descanso; interrupção de uma atividade, geralmente para descansar. [Por Extensão] Folga; tempo usado com atividades agradáveis e prazerosas. Área de Lazer. Espaço usado para atividades agradáveis, prazerosas.

Fonte: Verbete de dicionários. Quadro elaborado pela autora (2021).

Desta forma para ampliação dos sentidos de lazer, com base em todo o arquivo de leitura constituído até aqui, solicitaremos a turma que reflitam nos grupos os vários sentidos de lazer ao longo do tempo e analisem, na fala do entrevistado, como era o lazer no passado e no presente. Daremos um tempo para que os alunos façam suas considerações e reflexões e depois socializem em sala suas compreensões sobre o sentido de lazer como “vagar”, como em Bluteau e Moraes, ou seja, falta de ocupação, falta de trabalho. Depois como “ócio”, em Laudelino Freire e Caudas Aulete, como uma folga do trabalho, um tempo livre para não fazer nada, preguiça. E que apenas nos dicionários mais recentes, Caldas Aulete e Aurélio online, o lazer vai aparecer como descanso, entretenimento distração e divertimento, ou algo que se faz com prazer.

Para o entrevistado, no passado, a cidade não tinha lugares para lazer como nos dias de hoje que conta com clubes, praças, lago, embora para ele as opções de lazer ainda precisam ser melhoradas. Para o morador, lazer é se divertir, ele, por exemplo, gosta de passear no sítio,

assistir a futebol, viajar e fazer pamonha. Como podemos ver, como homem simples ele relaciona o lazer a assistir a futebol e fazer pamonha, mas vimos que outras práticas de lazer se sustentam nas condições socioeconômicas favoráveis que o entrevistado possui, uma vez que não é todo mundo que possui uma terra na zona rural para se refugiar ou recursos para viajar. Observamos, ainda, que nenhuma atividade de lazer, mencionada pelo entrevistado, está relacionada com os espaços públicos de lazer da cidade.

Como sugestão, ao realizar a intervenção, o professor poderá propor que os alunos realizem entrevistas com outros moradores da cidade, e deixar que eles escolham quem entrevistar. Assim, os estudantes vão poder sair da escola, conversar com pessoas da cidade e conhecer o discurso dos moradores sobre os espaços públicos de lazer.

3.4.3 Reflexão sobre os espaços públicos de lazer de Araputanga: uma questão de cidadania

Neste momento da pesquisa, queremos aprofundar a reflexão sobre os espaços públicos de lazer de Araputanga, considerando que os alunos já leram muito sobre o assunto. Assim poderão produzir uma escrita mais consistente acerca da temática.

Tendo em vista que os sujeitos vivem em sociedade e necessitam uns dos outros, trazemos neste planejamento 9 (nove) a disposição de 2(duas) aulas de 60 (sessenta minutos) para distribuição dos trabalhos em grupo e debate. Utilizaremos a divisão dos grupos das aulas anteriores (cinco grupos), bem como faremos a definição dos espaços de lazer para cada um deles para continuidade das atividades. A disposição será feita por meio de sorteio ou fichas indicativas com cores ou nomes dos espaços de lazer para que todos os grupos sintam-se agregados. Cada grupo deverá realizar uma reflexão entre seus componentes a respeito de alguns questionamentos que serão colocados na lousa:

1. Como vocês avaliam suas expectativas como habitantes da cidade em relação aos espaços públicos e como as autoridades podem abordá-las?
2. Como vocês enquanto sujeitos ativos na sociedade participam da gestão dos espaços públicos de lazer da cidade de Araputanga?
3. Sabemos que o espaço público de lazer é um local que permite a expressão da diversidade, encontros entre cidadãos e manifestações cívicas. Como é esse funcionamento na prática no município de Araputanga?
4. Em que medida (e a partir de que ações) cada sujeito pode contribuir com os cuidados e manutenção dos espaços públicos de lazer?

5. Roda de conversa para que cada grupo expresse sua autoria diante da atividade realizada e debata/confronte acerca de cada espaço público de lazer.

Destacamos que a conversa/debate em grupo é interessante porque é preciso “[...] o reconhecimento da relação lazer-escola-processo educativo [...]” (MARCELLINO,1987, p. 141). E a realização deste trabalho imbrica essa relação. E dará visibilidade a multiplicidade da vivência de cada sujeito/grupo participante do processo. Além disso, este momento visa que o aluno, atento, reconheça e respeite a diferença, o dizer do outro como importante, mesmo contrapondo ao seu e assim, desenvolva a escuta, emita seu gesto de leitura e interpretação a respeito dos espaços públicos de lazer, adotando a postura de intervir como cidadão hábil em seu direito e dever social e conforme relata Lagazzi (2020) colocar o social em questão significa estar atenta ao que o outro permite, é ter visibilidade das diferenças que nos constituem, é estar atenta às interpretações que sempre podem ser outras, é estar atenta à alteridade constitutiva do social e aos diferentes processos de identificação que compõem nossa sociedade.

Na continuidade, solicitaremos que a partir de suas anotações no diário de bordo, cada grupo escreva um texto sobre o local de lazer estudado, de modo que os alunos poderão abordar o nome, localização na cidade, ano de fundação, descrição do espaço, pessoas que frequentam, quais atividades de lazer são oferecidas, opinião das pessoas sobre o lugar, cuidados do poder público, sugestões de melhorias, dentre muitas outras possibilidades.

Orientaremos os alunos a produzir textos historicizando cada um dos espaços de lazer estudados, pois segundo Araujo (2014, p.22):

Materialidade, sociabilidade e sensibilidade formam a trama da cidade: uma está imbricada às outras. A cidade como obra humana é gerada no contexto de relações sociais e ao mesmo tempo é geradora de outras tantas relações. Essas relações que configuram o espaço imprimem nele significados. As cidades são então construídas e reconstruídas [...]

Partindo então da premissa de que a cidade é geradora de relações sociais e tantas outras relações, na produção do texto, os alunos poderão contar a história da constituição de cada um destes espaços que traz contextos sociais diversificados e afeta os sujeitos cidadãos, mesmo que não frequentem este ou aquele espaço, o local é componente da cidade e por isso, de uma forma ou de outra faz parte da vida social dos araputanguenses. Conforme Grantham (2018, p.15):

[...] é somente a partir do domínio da memória que a leitura pode ser considerada e que uma sequência discursiva só faz sentido se for tomada em relação a um domínio de memória. Dito ainda de outra forma: é somente a memória que permite reconhecer, na leitura, efeitos de reprodução, de

deslocamento ou de transformação de sentidos.

Nesse direcionamento, os estudantes poderão reportar a leitura do arquivo constituído durante a proposição das aulas e também a memória. Por isso nosso interesse em recorrer a memória discursiva, ao interdiscurso, para provocar deslocamentos, rupturas, transformações.

3.5. A produção de texto e o arcabouço dos sentidos produzidos: desenlace e circulação dos gestos de leitura e escrita do Atlas dos espaços públicos de lazer

O retorno ao arquivo abre então à análise de discurso possibilidades múltiplas. [...] ela se coloca como disciplina inteiramente interpretativa. (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2014, p.191).

Nossa proposta neste planejamento é que os estudantes lancem o olhar para o arquivo de leitura que constituíram no decorrer de todo o trabalho com a leitura e escrita para assim procederem a produção de texto e organização do Atlas dos espaços públicos de lazer. Fazer a retomada do arquivo de leitura é importante porque de acordo com Pêcheux (2015, p. 14) na “[...] análise de discurso, retomar não é repetir. Repetir não é reproduzir”. Os estudantes retomarão o arquivo de leitura para produção de sentidos significativos, a fim de registrar e divulgar o acontecimento discursivo vivenciado por eles. No que concerne ao processo de produção do Atlas, é importante destacar que:

Como educadores sabemos que novas propostas metodológicas e, principalmente, o uso de novos *corpora* de análise, materiais, fontes de ensino em sala de aula e em espaços de sociabilidade dentro da escola contribuem de forma significativa para a constituição do educando. (DOMINGUES; LARAIA, 2019, p.105 grifo das autoras).

Desta forma, tomamos a organização deste Atlas como um material significativo, de compromisso social, educacional que permitirá aos estudantes dar visibilidade a seus gestos de leitura e escrita, ou seja, é a constituição da autoria na escola. Para isso, vamos aproveitar todos os estudos já realizados nas atividades propostas. Nesse sentido, no Atlas dos espaços públicos de lazer, propomos trazer a compreensão dos alunos sobre esses espaços, para vermos a constituição da autoria.

É nesse trilhar de construção da autoria pelos alunos que trazemos a composição de 8 aulas (de 60 minutos cada), para realização das seguintes atividades:

a) Organizar um sumário do atlas: Junto com os alunos propomos definir o que colocar no atlas. Para isso, propomos lembrar de tudo que fizemos durante o desenvolvimento do projeto.

Assim, após discussão elaboraremos um sumário, colocando ordenadamente as atividades que foram desenvolvidas: os textos que os alunos escreveram sobre a cidade; as pesquisas sobre o município realizada na internet; as fotografias das maquetes que eles produziram; os gráficos da pesquisa realizada com os demais alunos da escola; as fotografias da cidade e dos espaços de lazer estudados; os textos produzidos pelo grupo sobre cada espaço de lazer, bem como poderemos providenciar outras coisas que a turma julgar interessantes e necessárias.

b) Realizar uma escrita coletiva sobre a história do município de Araputanga: Nas aulas em que estudamos sobre a fundação do município de Araputanga, os alunos produziram um texto individual sobre a história do município, que já tinha sido revisado e reescrito. A ideia, neste momento, é retomar esses textos e juntos com a turma escrever/reescrever um texto coletivo para colocar no Atlas. Para isso, podemos fazer um planejamento do que se quer dizer sobre a cidade, assim definir os tópicos. Em seguida, ir construindo a escrita sobre a cidade, em um notebook, com projeção para que todos possam colaborar e acompanhar a elaboração do texto coletivo.

c) Produzir textos historicizando os espaços de lazer estudados: Retomar os textos que cada grupo escreveu sobre os espaços públicos de lazer pesquisados e fazer apontamentos/orientações para as reformulações necessárias, mostrando aos alunos o que precisa melhorar, aprofundar, dentre outras coisas. Os textos constituirão o Atlas dos Espaços Públicos de lazer da cidade de Araputanga, dando visibilidade aos gestos de interpretação dos estudantes, ou seja, a assunção da autoria na escola, porque de acordo com Orlandi (2007, p. 97): “O que caracteriza a autoria é a produção de um gesto de interpretação, ou seja, na função autor o sujeito é responsável pelo sentido do que diz, em outras palavras ele é responsável por uma formulação que faz sentido”. Realizada a escrita dos textos, como apontamos anteriormente, faremos a correção e depois retomaremos, junto com a turma, os apontamentos feitos e cada grupo poderá questionar acerca dos comentários e realizar a reescrita do texto. Ressaltamos que mediremos esse processo de reescrita em sala de aula, debatendo com os estudantes, ouvindo o posicionamento dos grupos, articulando e fomentando as ideias, os acréscimos e supressões necessárias, porque podemos inferir que esses momentos ocorrerão e que são necessários para a produção do Atlas e autoria dos estudantes.

d) Seleção de fotografias e gráficos: Retomar as fotografias dos alunos sobre os espaços de lazer e das maquetes, e junto com os alunos selecionar a mais adequada para serem colocadas no Atlas. Selecionar também os gráficos das pesquisas realizadas que foram elaborados pelos alunos para colocar no Atlas. Selecionar alguns recortes dos textos produzidos pelos alunos sobre a reflexão que fizeram sobre o lazer, para colocar no mapa.

e) Fazer tabelas: Retomar as pesquisas realizadas pelos alunos na internet sobre o município de Araputanga, recolher todos os dados e fazer uma tabela com: a área do município, número de habitantes, renda per capita, situação sócio econômica, dentre outros dados.

f) Providenciar a diagramação do Atlas: Após a escrita e revisão dos textos, propomos a diagramação do Atlas e é importante dizer que para a diagramação, faz-se necessário que ocorra a participação do professor de geografia e matemática para auxiliar os estudantes quanto a presença de imagens/mapas, gráficos e outros elementos pertinentes para a produção/organização do Atlas. Destacamos que no início do trabalho, o convite para a participação e contribuição desses profissionais já se efetivou, porque sabemos da necessidade de interação, conexão e ações coletivas entre distintas áreas do conhecimento para assim ultrapassar os limites de “cada um no seu quadrado” e deslocar para a produção de sentidos na escola, porque como afirma Motta (2018, p.77) “[...] a teoria da Análise de Discurso permite-se que se depreenda que o discurso é o espaço de constituição e de relações de sentidos”. E essas relações de sentidos estarão presentes em todo o processo.

Após a organização do Atlas (ANEXO 6), passaremos a organizar junto com os alunos um evento à tarde em dias diferentes nas Praças: Romeu Furlan e São José. O evento à tarde que deverá ser divulgado antecipadamente na mídia local e redes sociais. Convidaremos o Portal L7 para dar cobertura jornalística ao evento, tendo em vista que recebemos apoio durante todo o processo com fotos cedidas pelo Portal, através de Rafael Heliodoro, responsável por fazer registros fotográficos, filmagens e edição de vídeos.

A ideia é que o evento ocorra em dias diferentes, nas Praças: Romeu Furlan e São José, para que os alunos apresentem à cidade os seus gestos de leitura sobre os espaços de lazer e o Atlas, comentem acerca de todo o processo desenvolvido. É relevante dizer que a opção para realização do evento nas praças é porque de acordo com Pagotto (2014, p.156) o passeio de sujeitos nas praças é “[...] um dos hábitos mais interessantes de sociabilidade, no Brasil, desde o século XIX”. Daí o nosso interesse porque sabemos que teremos público para que os estudantes compartilhem conhecimento. Para este momento, providenciaremos equipamentos de som para fala dos estudantes, exposição do Atlas, mural⁵⁷ com fotografias, banner com o nome do trabalho e resultados da pesquisa realizada com estudantes do Ensino Fundamental II acerca do lazer.

Cada grupo poderá expor os efeitos provocados com as atividades desenvolvidas e comentar sobre o espaço que pesquisou. Sugerimos o evento nas praças e no período vespertino,

⁵⁷ Providenciaremos um quadro/painel para uso como mural e expor os trabalhos dos estudantes.

dentre os cinco espaços estudados, também porque a praça é “[...] um espaço público entre vias ou entre edifícios [...]” (NUNES, 2011, p. 158). Ou seja, é lugar discursivo, espaço público de lazer de inúmeras práticas sociais, ambiente de fluxo diurno de sujeitos cidadãos de todas as esferas da sociedade, portanto relevante para realização da atividade.

Propomos que alunos confeccionem os convites para a Noite de Autógrafos do Atlas⁵⁸ dos espaços públicos de lazer de Araputanga. Os alunos deverão elaborar um convite para enviar a comunidade escolar, convidando para prestigiarem o evento. Esse momento, com data e local devidamente preparado, consistirá na apresentação/socialização de todo o processo para a comunidade escolar e mostra do Atlas dos espaços públicos de lazer de Araputanga, produzido pelos estudantes e cada grupo poderá comentar acerca dos efeitos de sentidos reverberado em cada um com este trabalho.

Para o dia do evento, propomos também a confecção de um banner, que colocaremos informações sobre o projeto *Leitura dos espaços públicos de lazer: a constituição da autoria na escola*, fotografias das etapas realizadas.

Durante a noite de autógrafo os alunos poderão sugerir uma proposta diferenciada para o lazer da cidade, que será uma contribuição dos alunos para melhoria do lazer no município. É importante retomar aqui que desde o início da concepção deste trabalho com a leitura, propor um trabalho de intervenção que mexesse com a cidade, para isso, junto com os alunos, em uma proposta intervencionista, iríamos organizar, junto com a turma do 9º ano, um espaço para a leitura.

A ideia era criar a Geladeira de Leitura para a disposição de livros que será composta por livros infantis, juvenis entre outros para incentivo da atividade social da leitura em um dos locais de lazer estudados, uma vez que, conforme Leffa (1999), a leitura não é apenas uma atividade mental, que usa a interação das fontes de conhecimento que temos na memória, mas é uma atividade social, que enfatiza a presença do outro. Denominaremos de **Geladeiroteca AREJAcuca**. Vejamos a figura 37:

⁵⁸ Faremos a impressão do Atlas de acordo com a quantidade de estudantes, bibliotecas das instituições de ensino do município e cópias para deixar de mostra para eventos futuros, caso ocorram.

Figura 37 - Fotografia do Lago Azul- Espaço para caminhada



Fonte: Kaique Bueno

A princípio pensamos em colocar a geladeira no Lago Azul⁵⁹, como mostra a figura 37, podendo ser posta sob uma cobertura, perto de bancos e do espaço para caminhadas, por ser este o ambiente de maior fluxo de sujeitos⁶⁰ cidadãos de todas as faixas etárias. Este trabalho será divulgado na rádio local, redes sociais e outras fontes, a fim de que a população contribua com doações de livros e que especialmente, faça uso da ideia, lendo em seus momentos de lazer.

Discorridas todas as propostas, percebemos que os estudantes serão afetados de maneira distinta, assim como cada sujeito envolvido no trabalho, direta ou indiretamente reverberará de

⁵⁹ Fizemos uma alusão de como poderá ser posta no Lago Azul a Geladeiroteca.

⁶⁰ O local tem grande fluxo, em especial no final do dia, a noite nos finais de semana, porque comporta lazer esportivo e muitos sujeitos fazem caminhada, corrida, bate-papo ou simplesmente observam o espaço ouvindo música. Oportunidade ímpar para leitura. Destacamos que solicitaremos junto a editoras, poder público, as obras para a Geladeiroteca.

alguma forma. Também acreditamos que este trabalho continuará produzindo efeitos na escola por longo tempo e que nós poderemos contribuir (divulgando o Atlas nas bibliotecas escolares estaduais, municipais e da rede privada), bem como o arquivo em PDF, para quem tiver interesse para que este trabalho produza ainda mais frutos e permaneça “vivo” na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EFEITO IMAGINÁRIO DE PONTO FINAL

Porque se faz necessário dar um ponto final e construir um efeito de conclusão[...] (VENTURINI, 2020, p.201).

Nosso trabalho chega ao momento de receber, ainda que imaginariamente um ponto final, um término, porque é necessário para que possamos a partir dessa pausa reunir outras pedras e continuar nosso bordado acadêmico em outro percurso. (COELHO, 2016). E chegamos a esse momento ímpar, tomadas de intensas emoções, com outro olhar para o trabalho com a leitura e escrita, porque somos outros sujeitos-professores, com novas perspectivas para a prática em sala de aula/escola.

É importante dizer mais uma vez que tivemos que superar obstáculos durante todo esse processo para chegar a esse “efeito de ponto final”. A pandemia da Covid-19 foi o mais agressivo dos contratemplos, trouxe o inusitado, expôs fragilidades da Educação brasileira, desafios, antes inesperados. Ela afetou nosso propósito inicial de projeto interventivo e nos fez, mesmo com tudo organizado para a aplicação em sala de aula, converter para o processo propositivo. Novas condutas transformaram o momento desfavorável em oportunidade singular para contribuir com as práticas pedagógicas na escola. O mestrado, mesmo passando por tantas condições de produção adversas, permaneceu inflando construções de sentidos e provocando impactos positivos em nossa jornada.

Devido à mudança de natureza do nosso trabalho (de interventivo para propositivo) e para melhor desenvolvimento dos trabalhos e constituição do arquivo de leitura dos alunos, indicamos em nossa proposta 10 (dez) planejamentos com 40 aulas (sessenta minutos cada uma).

Assim, para abrir a temática, sugerimos uma discussão a partir do texto Cidade do Interior das autoras Lilian Sourient; Roseni Rudek; Rosiane de Camargo. O texto aborda como é uma cidade interiorana e por isso, a fim de perceber os sentidos ditos e silenciados no texto fizemos alusão ao município de Araputanga. Após estudo do texto, sugerimos que os alunos realizassem uma investigação junto aos familiares sobre a presença de colonizadores (pais, avós, bisavós) e a existência de documentos e outras fontes históricas que marcam a história de Araputanga.

Em seguida, indicamos o estudo sobre a História do município, e a lei que cria a cidade de Araputanga, a fim de dar seguimento na constituição do arquivo de leitura. Trouxemos também duas fotografias da Avenida principal da cidade, Avenida 23 de maio, em diferentes épocas porque conforme Lagazzi (2020, p.91) “[...] debruçar sobre a formulação visual,

buscando o que escapa e faz o olhar tropeçar é um gesto [...]” que produz sentidos e está presente em nossas abordagens, por isso indicamos pesquisas no laboratório de informática da escola e uma visita ao CHEC, para que viessem de perto outras materialidades discursivas sobre a cidade.

Além disso, propusemos aos estudantes a produção de um texto contando a história de Araputanga, registrando tudo o que tomaram como importante, sobre a fundação do município, porque de acordo com Orlandi (2015, p.81) “[...] há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que ‘falam’ por elas, que as calam”. Por isso, a proposta para estudar com nossos alunos esses silêncios acerca do nosso município presente nos textos (histórico, lei de criação do município). Sugerimos, então pensar com os alunos a respeito dos sentidos que não estão fixados ao texto, porque o texto não produz verdades e por isso o leitor precisa interrogá-lo, problematizá-lo para produzir sentidos.

Vale ressaltar que para a construção do arquivo, propomos a leitura de mapas, bem como indicamos pesquisas na internet para busca e registro de informações sobre a cidade, para que compreendêssemos um pouco mais acerca da sociedade araputanguense.

Já para a compreensão dos sentidos de lazer, indicamos debate acerca dos diferentes modos de significação do lazer, porque de acordo com os sociólogos Elias e Dunning (1985), as atividades de lazer são diversas, como a ida ao teatro ou a um concerto, as corridas ou ao cinema, a caça, a pesca, jogar bridge, fazer montanhismo, apostar, dançar ou ver televisão. E são atividades de tempo livre que possuem o caráter de lazer, quer se tome parte nelas sendo ator ou espectador. Não se deve participar como numa ocupação especializada através da qual se ganha a vida, porque deixariam de ser atividades de lazer.

Depois de ouvir os alunos, introduzimos dois vídeos sobre o assunto. Primeiro um vídeo produzido por alunos de Educação Física da Unicamp, onde esses alunos realizaram entrevistas com vários sujeitos (estudantes e não-estudantes). Em seguida, propusemos assistir a uma reportagem realizada na cidade de Rondonópolis-MT, sobre a importância do lazer, explorando, dentre outras possibilidades, a relação do lazer com a saúde. Após a discussão dos vídeos, indicamos a leitura com os alunos do texto “Lazer” de Ana Lúcia Santana para discussões sobre a relação do lazer com a vida cotidiana de cada um.

Para continuidade e compreensão do lazer, propusemos a leitura e seminário de um capítulo que traz como título “Atividades de lazer”, do livro “O que é lazer” de Luiz O. Camargo. Posteriormente os alunos foram orientados a organizar atividades de lazer com as turmas da escola.

Indicamos em seguida, leitura de documentos oficiais que abordam a relação cidade/lazer. Trechos da Constituição Federal, Lei orgânica municipal, Termo municipal sobre

lazer, Código de Postura de Araputanga para analisar como esses documentos abordam o lazer/ espaços públicos, procurando compreender como o sentido de lazer é determinado para as cidades como política pública urbana, e como a cidade de Araputanga tem pensado a construção de seus espaços públicos de lazer.

Tomamos como singular a realização dessas leituras com os estudantes porque segundo Cabral Hayashida (2012, p. 66), “[...] o texto, ao mobilizar diferentes contextos, textos, intertextos dá visibilidade ao forte atravessamento de subjetividades, fazendo ressoar diferentes sentidos decorrentes de formações discursivas distintas”. Também porque nem sempre há espaço na sala de aula para leitura/debate de documentos oficiais e há um imaginário de que tais documentos são “inadequados”, difíceis de serem lidos ou compreendidos para serem trabalhados com estudantes do Ensino Fundamental.

Sugerimos também uma roda de conversa com profissionais da geografia, da educação física, da sociologia, o secretário de obras municipal, um profissional da arquitetura e urbanismo com o fim de entender como estes profissionais concebem o lazer nos espaços públicos. No final desta etapa, propusemos aos alunos a realização de uma enquete, uma pesquisa de opinião, com as turmas (6º, 7º e 8º anos) do Ensino Fundamental, procurando saber sobre o que eles fazem de lazer, quais os espaços de lazer da cidade que eles frequentam e que espaços faltam na cidade para o lazer e, auxiliados pelo professor sistematizassem os dados, elaborassem gráficos para registrar o resultado da pesquisa.

Em seguida, discutimos um pouco acerca dos espaços públicos de lazer: Praça Romeu Furlan, Campo Municipal Márcio Mendes, Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas, Lago Azul e Praça São José, por meio de fotografias, porque conforme aponta Fernandes (2013, p.57) “[...] a opacidade da imagem burla o olhar do leitor, provoca-lhe sentidos outros que o enganam muitas vezes”. Criamos espaços para análise da opacidade da imagem e problematizamos a interpretação dos espaços públicos de lazer para percebermos como alunos significam esses espaços. Além disso, interpretamos, comparamos espaços em diferentes épocas e trabalhamos o sentido de PRAÇA em dicionários antigos e atuais. Indicamos também um passeio nos cinco espaços públicos de lazer para fazerem leituras de placas de fundação, restauração, refletisse sobre os sentidos dos nomes desses espaços, tirassem fotografias do movimento e funcionamento dos espaços públicos de lazer. Também para fomentar os gestos de autoria dos alunos, indicamos a produção de maquetes do espaço público de lazer em estudo pelos grupos.

Propusemos a leitura, compreensão e interpretação de entrevista realizada pela professora-pesquisadora com um morador antigo da cidade e após a conversa e registro acerca da entrevista, tivemos a leitura do verbete LAZER em diferentes dicionários de épocas distintas

para ampliação dos sentidos de lazer. Em seguida, fizemos uma reflexão sobre os espaços de lazer, bem como solicitamos a escrita, em grupo, sobre os cinco espaços de lazer estudados.

E finalizamos propondo que os estudantes lançassem o olhar para o arquivo de leitura que constituíram no decorrer de todo o trabalho com a leitura e escrita para assim procederem a produção de texto e organização do Atlas dos espaços públicos de lazer. E propusemos dois eventos, um evento à tarde e outro na escola. O primeiro em dias diferentes nas praças Romeu Furlan e São José para mostrar para a cidade os gestos de leitura e escrita dos estudantes. O segundo evento, na escola, uma noite de autógrafos para os alunos apresentarem à comunidade escolar o trabalho realizado e o Atlas dos espaços públicos de lazer de Araputanga, porque o sujeito tem que aprender a assumir o papel de autor e o que esse papel implica. (ORLANDI, 2012). E nossa proposta aguçou e trouxe essa responsabilidade para os estudantes.

Como proposta de intervenção, indicamos a organização com os alunos de uma geladeira de leitura para dispor no espaço público de lazer Lago Azul (Geladeiroteca AREJAcuca), composta por livros infantis, juvenis entre outros para incentivo e desenvolvimento da leitura. “Leitura aqui entendida como prática social[...]” (GRIGOLETTO, 2005, p.223) em todas as faixas etárias.

Quando fazemos essa retomada da proposta de trabalho com a língua/linguagem pela perspectiva discursiva, podemos dizer que é inegável que antes do Profletras, tínhamos arraigado em nós a falta de uma teoria que mobilizasse, sustentasse nosso fazer pedagógico, que “descosturasse” os cingidos aprendizados no trabalho com a leitura, escrita e autoria dos sujeitos-estudantes e abrisse fendas para reverberar sentidos significativos.

Ao deslocar desse lugar presentificado ressoou novos cantos, outras melodias, porque a partir dos estudos discursivos, entendemos que a leitura é produção de sentidos e é através da leitura que os sujeitos, inseridos em contextos sócio-histórico e culturalmente organizados, encontram meios para a interpretação e construção de sentidos para si e para os outros. Assim, não há sentido universal, pronto e acabado, pois ele pode sempre ser outro e a sua construção é determinada pela ideologia e pelos lugares sociais que os sujeitos envolvidos no processo discursivo ocupam. (ARAÚJO; PACÍFICO, 2011).

Nessa direção, destacamos a relevância do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS, para nós, professores do Ensino Fundamental, pois, permitiu que deparássemos com uma teoria que abraçou as reais necessidades e embates que permeavam nossa jornada, em especial, no que tange ao trabalho com a linguagem, a leitura e escrita. Este trajeto que percorremos durante o Mestrado foi desafiador, instigante e trouxe um exitoso crescimento para nossa prática profissional e compreendemos que “[...] a linguagem é um

sistema de relações de sentidos onde, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um”. (ORLANDI, 2007, p. 20). Não somos os mesmos sujeitos, as professoras de outrora. A qualificação profissional por meio do mestrado nos tirou o chão para que pudéssemos alçar voos. É preciso salientar que nosso encontro com a teoria que nos filiamos, ocorreu porque nos identificamos:

[...] com um campo de estudos da linguagem que não se preocupa com as regras, com a sistematicidade, mas que pensa a língua enquanto significante material e a história enquanto materialidade simbólica; um campo no qual o que importa é reconhecer a materialidade da língua e da história, pois é a noção de materialidade que leva às fronteiras da língua e permite chegar à consideração da ordem simbólica, incluindo aí a história e a ideologia; um campo teórico que reconhece a contribuição da noção de discurso. Daí minha opção teórica pela Análise do Discurso. (GRANTHAM, 2018, p.10)

Filiar a Análise de Discurso, nos fez refletir acerca da nossa prática pedagógica ao longo de mais de duas décadas na educação. Através dessa teoria e o trabalho com a perspectiva discursiva, presenciamos de maneira significativa as possibilidades para trabalhar a língua e a linguagem, na prática social da vida dos sujeitos, por isso nosso interesse em abordar o lazer, porque ele faz parte da vida dos sujeitos. É preciso considerar o lazer observando as outras esferas da sociedade, porque, conforme afirma Marcellino (1996), entender o lazer isoladamente, desconsiderando as mútuas influências das outras esferas da vida social, pode provocar uma série de equívocos.

É importante dizer que “[...] fazer AD, em resumo, representa uma tomada de posição que se quer crítica quanto aos sentidos já-constituídos e dados como óbvios”. (MARIANI, 1996, p. 25). Nesse sentido, sublinhamos a relevância do trilhar por esse caminho, nobre, gratificante, que desestabiliza os sentidos que tínhamos construídos, dados como claros e imobilizados e abre caminhos para outras possibilidades, antes inimagináveis.

Nesse ponto, inúmeras leituras foram realizadas durante este processo, o que oportunizou a constituição do nosso arquivo de leitura de maneira ampla e provocou deslocamentos, transformações em nossa constituição como sujeitos, pois tem afetado o nosso crescimento profissional e que mesmo sabendo que a chave ou resolução para os problemas com a leitura e escrita é utopia, é notório os efeitos de sentidos provocados durante toda a jornada que não se limita ao ponto de chegada, ou a simples propagação de informações, textos/atividades que abordamos com esse trabalho e concordamos com Orlandi (2015, p. 19) ao dizer que:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento

da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história temos um complexo processo de Constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Ao escolhermos a proposta de olhar a cidade, ler os espaços públicos de lazer, objetivamos conforme Orlandi (2004, p. 11) “[...] compreender a cidade: pelo discurso. Aliamos assim em nossa reflexão o sujeito, a história e a língua em uma relação particular que é a relação de significação”. Também para compreender a cidade pelo discurso porque “[...] a cidade é um regime de encontros. Um regime de encontros que é político. Na escritura de uma cidade, no corpo atado ao espaço, os sujeitos não são iguais, porque nós, humanos, não somos iguais”. (DIAS; COSTA; BARBAI, 2019, p.99). É em meio a essa desigualdade presente que percebemos as possibilidades ricas para o trabalho de leitura e escrita almejando a autoria dos sujeitos-estudantes para a produção de um Atlas dos espaços públicos de lazer do município de Araputanga e para isso, buscamos nos apoiar na teoria que nos filiamos e em estudiosos do lazer para assim, norteadas, transpor esse lugar naturalizado, desenvolver e mediar nossa proposta que faz parte da vida social dos sujeitos.

É por meio da Análise de Discurso, que também pudemos compreender que “[...] não há mediação sem deslocamentos, porque os sentidos não são literais, nem colados às palavras, porque eles se dão conforme determinadas Condições de Produção, porque a língua é a materialidade do discurso e o discurso a materialidade da ideologia”. (PFEIFFER, 2000, p.58).

A pesquisa proporcionou distintas aprendizagens, materializando experiências que nos removeram do lugar de sempre, o tradicional, o corriqueiro, o saber pronto, na gaveta (era só retirar e fazer uso), e fez com que nossa restrita visão se dilatasse para além das determinações do livro didático, tão habitual em nossas aulas, de modo que passamos a questionar nosso agir, e assim constituir um caminho que trouxe desafios, provocou efeitos de sentidos avassaladores e nos fez repensar nossa conduta pedagógica porque é necessário, de acordo com Costa e Silva (2019, p. 94), “[...] a realização de um trabalho que tire o aluno e o professor do lugar de expectadores passivos[...]”. Destacamos que tivemos essa oportunidade cursando o mestrado e acreditamos que nossa proposta também cumpre esse desígnio.

Elaboramos a nossa proposição, conforme já descrevemos, com base em distintas materialidades discursivas e com atividades de leitura e escrita para versar acerca de como os sujeitos-estudantes se relacionam com os espaços públicos de lazer araputanguense dadas as condições de produção da turma escolhida, 9º (nono) ano do Ensino Fundamental II, para assim modificar nossas práticas pedagógicas de maneira a reverberar na sala de aula e na autoria dos alunos.

Acreditamos que o trabalho que elaboramos, de natureza propositiva, é fundamental para os alunos, professores, escola e para a sociedade não só de Araputanga, mas é uma possibilidade para trabalhar a leitura e a escrita na prática social em outras cidades, pois, ele abre portas para que outros professores de outras escolas, em outros municípios abordem o discurso cidadão a partir dos espaços públicos de lazer presentes na realidade de cada um, porque pensamos que são angústias que permeiam outros sujeitos, em outras localidades. É possível dizer também que:

[...] novas propostas metodológicas e, principalmente, o uso de novos *corpora* de análise, materiais, fontes de ensino em sala de aula e em sala de aula e em espaços de sociabilidade dentro da escola contribuem de forma significativa para a constituição da identidade do educando. (DOMINGUES; LARAIA p.105, grifo das autoras).

Sabemos que há ainda outras possibilidades para serem exploradas acerca dos espaços públicos de lazer e que nossa proposição é um retalho de uma imensa costura, mas que busca instigar e encorajar outros professores a enredar por este caminho de problematizar a realidade cidadina, uma vez que, conforme Orlandi (2004, p. 19), [...] o espaço da cidade nos dá ocasião de refletirmos sobre o que são a situação, as condições de produção, nos processos de significação”.

Consideramos como positivos os resultados alcançados com a proposta da nossa experiência no trabalho com a língua/ linguagem, pois, têm provocado mudanças na nossa vida. Além disso, iniciativas como estas asseguram e fortalecem o trabalho do professor e o ensino básico. É importante dizer que o arquivo de leitura que constituímos durante todo esse processo não estagna nessa experiência, ele é vasto e continuará fomentando saberes e outros trabalhos aquém e além dos muros da escola Nossa Senhora de Fátima. Aqueles que se assujeitarem a viver, na prática, essa proposta, também serão afetados.

É importante dizer ainda que ao implementar essa proposta de intervenção na escola, ela venha sofrer algumas modificações, porque as condições de produções serão outras, por isso afirmamos que essa proposta não é fechada, uma vez que ela se abre a cada vez que for realizada/implementada. Nesse sentido, caberá ao professor, fazer as adequações que julgar necessárias para o bom andamento do processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, para fechar, imaginariamente, este caminho propositivo ousamos dizer que temos a pretensão de intervir em nossa realidade, no chão da escola, nas quatro paredes da sala de aula e fora dela, na cidade, nesse movimento de ir e vir tão produtivo. E tomadas pelas palavras de Orlandi (2015, p.94) “[...] podemos dizer que esse percurso que apresentamos ao

leitor abre uma perspectiva de trabalho em que a linguagem não se dá como evidência, oferece-se como lugar de descoberta. Lugar do discurso”. É assim que concebemos nosso trabalho propositivo, como um lugar em que a linguagem possibilita inúmeras descobertas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Sílvia Couto de. Leitura e escrita enquanto práticas discursivas: construindo filiações. **Revista Iberoamericana de Educación**. n.º 48/2 – 10 jan. de 2009. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2232>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- ABREU, Ana Sílvia Couto de. Autoria – no risco daquilo que escapa à estabilidade. **Revista Organon**, Porto Alegre, no 53, julho-dezembro, 2012, p. 15-25.
- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean- Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P.(orgs.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p.11-21.
- AGUSTINI, Carmen Lúcia Hernandez; GRIGOLETTO, Evandra. Escrita, alteridade e autoria em análise do discurso. **Revista Matruga**. Rio de Janeiro, v.15, n.22, p.145-p.156, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matruga/matruga22/arqs/matruga22a08.pdf> Acesso em: 10 de fev.2021.
- ANDRADE, Leila Nalis Paiva da Silva; SOUZA, Célia Alves de; LEANDRO, Gustavo Roberto dos Santos. Sub-bacia hidrográfica do córrego das Pitas – Mato Grosso: diferentes olhares da população araputanguense. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**, Número 28, junho de 2013. p.52 – 65.
- ANDRADE, Cléia do Nascimento Moraes; CABRAL HAYASHIDA, Sandra Raquel de Almeida. Práticas discursivas de leitura e escrita com nomes próprios de pessoa. In: LIMA, José Leonildo; SARIAN, Maristela Cury. SILVA, Nilce Maria. MARTINS E SILVA, Vera Regina. **Teorias, práticas e políticas no ensino de língua portuguesa: com a palavra o PROFLETRAS Cáceres**. Unemat Editora: Cáceres-MT. 2021. E-book (no prelo).
- ARAPUTANGA. **Cento de História, Educação e Cultura (CHEC)**. Araputanga, MT, 2020.
- ARAPUTANGA. **Lei 153, de 16 de novembro de 1992**. Institui o Código de Postura de Araputanga. Araputanga, MT: Gabinete do Prefeito Municipal, 1992.
- ARAPUTANGA. **Lei nº 1.319, de 18 de outubro de 2018**. Institui o Conselho Municipal do Esporte e Lazer – CMEL. Araputanga, MT: Gabinete do Prefeito Municipal, 2018. Disponível em: <http://www.araputanga.mt.gov.br/uploads/contato/2018/10/lei-n-1-319-revoga-as-leis-n-648-2005-e-1-048-2013-cria-se-o-conselho-municipal-do-esporte-e-lazer-cmel-e-o-fundo-municipal-do-esporte-e-da-outras-providencias-2018-10-31-08-18.pdf>. Acesso em 03 de mar. 2021.
- ARAPUTANGA. Prefeitura Municipal. **Símbolos**. Araputanga, 2021. Disponível em: <http://www.araputanga.mt.gov.br/brasao-bandeira> . Acesso em: 10 de jan. 2021.
- ARAÚJO, Thaise Vieira de; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. ROMÃO Lucília Maria Sousa. Sentidos interditados de leitura na escola e deslocamentos do sujeito: um dizer nas margens. **Revista Pesquisas em Discurso Pedagógico**. Departamento de Letras PUC-Rio, Rio

de Janeiro, 2011.2. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_pdpe.php?strSecao=fasciculo&fas=26793&NrSecao=X2. Acesso em 09 jan.2021.

ARAUJO, Vanessa Barboza de. **Ensinar a ler a cidade [manuscrito]**: práticas de estudo da urbe na educação básica - 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BARBOSA. Cátia Dias Barbosa. **O lazer e o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos**: estudo de um grupo de excursionistas. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Lazer) - Departamento de Educação, Escola Superior de Educação Politécnico de Coimbra, Coimbra, 2017. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18332/1/CATIA_BARBOSA.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

BATISTA, Queila Maria dos Santos. Centro e Periferia em Debate na Escola: Uma Proposta de Leitura e Escrita (Mestrado Profissional em letras) - Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/DISSERTA%20C3%87%20C3%83O%20QUEILA%20MARIA%20para%20publica%C3%A7%C3%A3o.pdf>

BOLOGNINI, Carmen Zink; PFEIFER, Claudia; LAGAZZI, Suzi. (orgs.). **Práticas de linguagem na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

CABRAL HAYASHIDA. Sandra Raquel de Almeida. **Periódicos científicos**: a produção e a circulação da ciência da linguagem no Brasil. Campinas, 2012. Tese (Doutorado em Linguística) Unicamp - Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270530/1/CabralHayashida_SandraRaqueldeAlmeida_D.pdf. Acesso em: 20 de jan.2020.

CAETANO, Renata Carneiro Lemes. **Os Muros e seus ofendículos**: o confronto entre os sentidos permitidos e não permitidos no Espaço Urbano.2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Cáceres, MT, UNEMAT, 2018. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Renata-Carneiro-Lemes.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

CARROZZA, Guilherme; DIAS, Juciele Pereira. A mídia e(m) sala de aula: sentidos de felicidade e consumo em evidenciamento na sociedade. In: COSTA, Greciely. (org.). **A linguagem vai à escola**: trabalho de leitura escrita e interpretação. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p.115-122.

CAZARIN, Ercília Ana. O enunciado “eu não tenho medo da mudança” e sua relação com a memória do dizer. **Revista Investigações - Linguística e Teoria Literária**. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. v. 18, n. 2 ,2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/issue/view/84/showToc>. Acesso em: 18 dez.2020.

CAZARIN, Ercília Ana; MENDES Lassen, Dulce Beatriz. O processo de leitura – gesto de interpretação Nonada. **Letras em Revista**, vol. 11, núm. 11, 2008, p. 61-72 Laureate International Universities Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451680005.pdf> Acesso em: 13 mai. 2021.

CLEMENTE, Ana Cristina Fernandes; Edmur Antonio. Lazer Doméstico em Tempos de Pandemia da Covid-19. **LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer**, 2020. 23(3), p. 460–484. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/25524>. Acesso em: 05 mai.2021.

COELHO, Cidarley Grecco Fernandes. **Discursos sobre a leitura no Brasil: dos documentos oficiais e do livro (no) digital**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, IEL, UNICAMP, Campinas, SP, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/305683?mode=full>. Acesso em 26 abr.2020.

COELHO, Cidarley Grecco Fernandes. Instrumentos linguísticos e discursos de disponibilização de/em instrumentos digitais de aprendizagem. **Línguas e instrumentos linguísticos**, Nº 44, jul. /dez 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657791>. Acesso em: 17 jan.2021.

CORACINI, Maria José R. Faria. A produção textual em sala de aula e a identidade do autor. In: Wilson J. Leffa; Aracy E. Pereira (orgs.). **O Ensino da leitura e produção textual**. Pelotas: Educat, 1999. p.69-78.

CORADINI, Ângela. Município de Araputanga abre edital para escolha de hino oficial. In: **SECEL: Secretaria de Estado de cultura, Esporte e Lazer**. 12 de mai. de 2009. Disponível em: <http://www.cultura.mt.gov.br/-/municipio-de-araputanga-abre-edital-para-escolha-de-hino-oficial>. Acesso em: 13 de out. 2020.

CORREA, Flávio da Guia. **Academia da Saúde: Sentidos Produzidos Sobre a Relação Entre Corpo, Sujeito e Estado**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Cáceres, MT, UNEMAT, 2019. Disponível em: <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=linguistica&m=dissertacoes-defendidas&c=turma-2017>. Disponível em: Acesso em: 03 de jul. 2021.

COSTA, Antonio. Sato, o grande líder de Araputanga foi vereador em Cáceres em 1973. In: **Zakinews**, Cáceres, 20 de abr. de 2010. Disponível em: <https://www.zakinews.com.br/noticia.php?codigo=13196>. Acesso em: 13 de out. 2020.

COSTA, Greciely Cristina da; SILVA, Telma Domingues da. Cinema da escola: conhecimento, práticas de linguagem e de autoria. In: COSTA, Greciely. (org.). **A linguagem vai à escola: trabalho de leitura escrita e interpretação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p.85 -102.
COSTA, Greciely Cristina da. Habitar o insabido: encontro, travessia, invenção. **Traços de Linguagem**, Cáceres, v. 2, n. 1, 2018, p. 50-61. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/2790>. Acesso 18 jan. 2021.

COURTINE, Jean Jacques; HAROCHE, Claudine. 1988. O Homem Perscrutado— Semiologia e Antropologia Política da Expressão e da Fisionomia do Século XVII ao Século XIX. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Sujeito & Texto**. São Paulo: EDUC.1998. p.37-59.

DALTOÉ. Andréia da Silva; FERNANDES, Carolina. Livro didático: objeto tecnológico e político. In: PFEIFFER, Claudia, DIAS, Juciele Pereira, NOGUEIRA Luciana (orgs.). **Língua, ensino, tecnologia: Ressonâncias de sentidos na atualidade**.1. ed.– Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 223- 242.

DEMARCO, Ângela Maria de Almeida. **Violência Doméstica Contra A Mulher: Gestos De/No Ensino da Argumentação Na Perspectiva Discursiva.** (Mestrado Profissional em letras) - Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2020. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20C3%82ngela%20Deamarco%20-%20Vers%C3%A3o%20Publica%C3%A7%C3%A3o%20docx.pdf>

DIAS, Cristiane; COSTA, Greciely; BARBAI, marcos. Sujeito, linguagem e espaço urbano: escrever a cidade. In: Dias, Cristiane; Barbai, Marcos; Costa, Greciely (orgs.) **Escrituras da cidade.** Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2019.p.93-100.

DOCUMENTO DE REFERÊNCIA CURRICULAR PARA MATO GROSSO-DRC/MT.

Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1i8kQv4arO2xxhlfD5zI2PlrrQcPFGYm/view> Acesso: 02 de jun. 2021.

DOMINGUES, Andreia Silva; LARAIA, Marilda de Castro. Discurso e memória na escola. In: COSTA, Greciely. (org.). **A linguagem vai à escola:** trabalho de leitura escrita e interpretação. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p.103 -114.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Rio de Janeiro: Difel, 1985. (Memória e Sociedade).

ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. **Projeto Político Pedagógico (PPP).** Araputanga, 2019. Documento interno da escola.

FEDATTO, Carolina Padilha. **Margens do sujeito no espaço urbano.** 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2007. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/268948/1/Fedatto_CarolinaPadilha_M.pdf. Acesso em: 13 de jan.2021.

FERNANDES, Carolina. **A resistência da imagem:** uma análise discursiva dos processos de leitura e escrita de textos visuais.2013. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Instituto de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras, RS, Porto Alegre,2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/81377/000901719.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 out. 2020.

FERNANDES, Carolina. **Eram tantas vezes outras histórias:** a reprodução /transformação do discurso pedagógico e a leitura polissêmica. VII Seminário de Estudos em Análise do Discurso, SEAD, 2015.

FERNANDES, Carolina. O livro didático na constituição da autoria. In: CORACINI, Maria José; CAVALLARI, Juliana Santana (orgs). **(Des)construindo verdade(s) no/pelo material didático:** discurso identidade, ensino. Capinas, SP: Pontes Editores, 2016, p. 203-226.

FERNANDES, Carolina. O professor e sua ilusão de “domínio”: uma análise discursiva da prática pedagógica escolar no ensino de língua portuguesa. **Revista de Educação, Ciência e**

Cultura. Unilasalle, RECC, Canoas, v. 22, n. 3, p. 77-91, nov. 2017. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br>. Acesso em 23 de nov. 2020.

FERNANDES, Carolina. Os desafios de ensinar a Análise do Discurso e de se ensinar com a Análise do Discurso. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. 2, p. 17-39, jul. /dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15178>. Acesso em 15 de jan. de 2021.

FERNANDES, Carolina; SANTOS, Matheus Rodrigues dos. A escrita escolar a partir da Análise de Discurso: o discurso pedagógico polêmico em prol do desenvolvimento de um aluno-autor. **Revista SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 23, n. 48, 2º quadrimestre de 2019, p. 163-176. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/19293>. Acesso em: 04 jan.2021.

FERNANDES, Carolina Nem autoritário, nem cínico, apenas polêmico: as formas do discurso pedagógico atual e seus processos de identificação. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 17, p. 92-112, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensares-emrevista/article/view/46881>. Acesso em 18 de dez. 2020.

FERREIRA, Evaldo. Cáceres: histórico, desmembramentos e a questão regional do sudoeste mato-grossense. **Revista Ciência Geográfica**. Bauru, nº XXI, Vol. XXI, p. 222-238, jan. /dez., 2017. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXI_1/agb_xxi_1_versao_interne/Revista_AGB_JanDez2017-17.pdf. Acesso: 02 de mar.2021.

FISTAROL, Caique Fernando da Silva; Éderson Luís SILVEIRA; Adriana FISCHER. COVID-19 e uso de plataformas digitais: reverberações da sala de aula do espaço físico para o virtual. **Revista Entre Línguas**, Araraquara, v.7, n.00, 2021, p.01-22. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/issue/view/817>. Acesso em 15 de jun.2021.

FLORES, Giovanna Benedetto. “A história que a história não conta” O dizer do colonizador sobre o brasileiro. In: Faria, Joelma Pereira de; Santana, Juliana de Castro; Nogueira, Luciana (org.). **Linguagem, Arte e o Político**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.p. 321-336.

FRANÇA, Jessika. **Espaços públicos de lazer: desdobramentos em Belém do Pará, o caso orla portal da Amazônia**. 2018. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) -Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-17042018-152235/pt-br.php>. Acesso em 23 de ago. 2020.

FRAGOSO, Élcio Aloisio. A memória e a produção discursiva do sentido. In: SILVA, Dalexon Sérgio da; SILVA, Claudemir dos Santos (orgs.). **Pêcheux em (dis)curso: entre o já-dito e o novo. Uma homenagem à professora Nadia Azevedo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p.393- 415.

GALLO, Solange. Do discurso oral ao discurso escrito: uma proposta metodológica (Terceira Parte). In: **O ensino da língua escrita X o ensino do discurso escrito**. IEL, Unicamp, Campinas, SP. Dissertação de mestrado, 1989. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270686/1/Gallo_SolangeLeda_M.pdf . Acesso em: mar. 2020.

GRANTHAM, Marilei Resmini. **Da releitura à escritura: um estudo da leitura pelo viés da pontuação**. 2001. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2277>. Acesso: 20 jan. 2021.

GRANTHAM, Marilei Resmini; CAZARIN, Ercília. Uma prática de leitura: a emergência do impossível no fio do discurso. *In: Seminário Nacional sobre Linguagem e Ensino- SENALE*, 8, 2018, Pelotas: **Anais eletrônicos**. Revista Linguagem & Ensino, Pelotas v.21, n. esp. VIII, p. 465-485. Disponível em: <https://ucpel.edu.br/senale/2016/>. Acesso em: 04 dez.2020.

GRANTHAM, M. Entre exclamações e interrogações: uma reflexão sobre língua, discurso, leitura e ensino. **Traços de linguagem**, Cáceres, v. 2, n. 2, p. 9-19, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/3163/2521>. Acesso em: 19 nov. 2020.

GOMES, Christianne L. Verbete Lazer – Ocorrência histórica. *In: GOMES, Christianne L. (Org.). Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.133-141.
GRIGOLETTO, Evandra. **O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**. 2005. Tese (Doutorado em Teorias do texto e do discurso) - Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5322>. Acesso: 03 nov.2020.

GUILHAUMOU, Jacques; MADIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. *In: ORLANDI, Eni P. (org.) [et. al.]. Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução: Suzy Lagazzi e José Horta. 4ª ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2014, p.169-191.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica da enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes, 2018.

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. **Confins**, Nº 5, 2009. p.1-24. Disponível em: <http://confins.revues.org/index5724.html>

HASHIGUTI, Simone T. Nas teias da leitura. *In: BOLOGNINI, C. Z.; PFEIFER, C.; LAGAZZI, S. (Orgs.). Práticas de linguagem na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.p. 19-29.

HELIODORO, Rafael. **Portal L7: Registrando e noticiando o que há de melhor na região!** [Araputanga, 2019]. Disponível em: <https://www.portall7.com.br/>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:uiRKlsc7mDsJ:https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus>

<http://www2.seduc.mt.gov.br/-/14060307-governo-mantem-suspensao-das-aulas-ate-o-dia-30-de-abril>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Araputanga, MT: Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/araputanga.pdf>. Acesso em: 23 de jan. 2021.

IBN. **Igreja Batista Um novo tempo**. [Araputanga, 2020]. Disponível em: <https://www.facebook.com/ibnumnovotempo/photos/pcb.1583250441849915/1583250111849948/?type=3&theater> Acesso em 23 de mai.2020.

IDEB. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 17 jun.2021.

INDURSKY, Freda. Estudos da linguagem: língua e ensino. **Revista Organon**, UFRGS, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/issue/view/1661/showToc> Acesso em: 19.mai.2020.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI RODRIGUES, Suzy (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes Editores, 2010.p.37-87.

INDURSKY, Freda. Leitura, escrita e ensino à luz da análise de discurso. In: NASCIMENTO, Lucas (org.). **Presenças de Michel Pêcheux: da análise do discurso ao ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019. - (Coleção Análise do Discurso e ensino). p. 97-120.

INDURSKY, Freda Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção. In: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). **Análise de discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Araraquara, SP: Letraria. p 300-317.

LAGAZZI, Suzy. **A discussão do sujeito no movimento do discurso**. 1998 Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, SP: Campinas, 1998.Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270694/1/LagazziSuzy_D.pdf. Acesso em 12 jan.2021.

LAGAZZI, S. Quando os espaços se fecham para o equívoco. **Revista Rua**, Campinas, SP, v. 20, p. 155–166, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638264>. Acesso em:12 mar.2021.

LAGAZZI, Suzi. A imagem em curso. A memória em pauta. In: TASSO, Ismara; CAMPOS, Jefferson. (orgs.). **Imagem e(m) discurso: a formação das modalidades enunciativas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. Vol. 8. (Coleção Linguagem e Sociedade). p. 53-65.

LAGAZZI –RODRIGUES, Suzy. Texto e autoria. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs.). **Introdução as Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade**. 3.ed. Campinas: Pontes, 2015. p. 89 -110.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **Texto e autoria**. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy e ORLANDI, Eni P. (orgs.). Campinas-SP: Pontes Editores. 2017, p.89-11.

LAGAZZI, Suzy. Entre o amarelo e o azul: a história de um percurso. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, n. 44, p. 290–316, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8657818>. Acesso em: 7 mai. 2021.

LAGAZZI Suzy. A imagem como uma tecnologia política: o social sempre em questão. In: Faria, Joelma Pereira de; Santana, Juliana de Castro; Nogueira, Luciana (org.). **Linguagem, Arte e o Político**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p.91-102.

LEFFA Vilson J. Perspectivas no estudo da leitura texto, leitor e interação social. In: Vilson J. Leffa; Aracy E. Pereira (orgs.). **O Ensino da leitura e produção textual**. Pelotas: Educat, 1999. p.13-38.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo-SP: Centauro, 2001.

LIMA, Dália Maria Maia Cavalcanti de. **O espaço de todos, cada um no seu lugar: o uso dos espaços públicos destinados ao lazer em Natal**. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/13753> Acesso: 22 fev.2021.

LIMA, Débora da Cruz; CABRAL HAYASHIDA, Sandra Raquel de Almeida. Práticas de leitura e de escrita na sala de aula e os modos de identificação dos sujeitos com o lugar em que vivem. **REVISTA ECOS**. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT Programa de Pós-graduação em Linguística, UNEMAT- Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura, Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem. 2019. p.153-174. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/download/4373/3489>. Acesso em: 07 dez.2020.

MAGRO, Elaine Regina Franco. **Os efeitos de sentidos no nome rabo da gata: um estudo semântico do acontecimento da linguagem**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UNEMAT. Cáceres, MT, 2016. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Elaine-Regina-Franco-Magro.pdf>. Acesso em: 05.set.2021.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas. Papyrus, 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; SAMPAIO, Mara Vieira; CAPI, André Henrique Chabaribery; SILVA, Débora A. Machado da. **Políticas públicas de lazer - formação e desenvolvimento de pessoal: os casos de Campinas e Piracicaba-SP**. Curitiba-PR: Opus, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128012>. Acesso 02 dez.2020.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Algumas aproximações entre lazer e sociedade**. Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana vol.1, n.2, mai/set.2007. Disponível em: <https://silo.tips/download/algumas-aproximaoes-entre-lazer-e-sociedade>. Acesso: 12 jan. 2021.

MARIANI, Bethânia. O político, o institucional e o pedagógico: quanto vale a língua que ensinamos? **Matraga**, Rio de Janeiro, v.23, n.38, jan/jun. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br>. Acesso: 20 de out. 2020.

MASSMANN, Débora; SALLES, Atilio. Re-existir na sala de aula. In: COSTA, Greciely. (org.). **A linguagem vai à escola: trabalho de leitura escrita e interpretação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p.65-84.

MARIANI, Bethania; LUNKES, Fernanda Luzia. A felicidade (necessária) no/do rio de janeiro: a produção de imaginários sobre o espaço urbano e sobre o sujeito carioca. **Signo y Señá**, Buenos Aires, nº 24, diciembre de 2013, Facultad de Filosofía y Letras (UBA), p. 35-55. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/3205>. Acesso em: 11 out.2020.

MARIANI, Bethania. O político, o institucional e o pedagógico: quanto vale a língua que ensinamos? **Revista Matraca**, Rio de Janeiro, v.23, nº 38, p.43-63 jan./jun. 2016. Disponível em:<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/download/21202/18153>. Acesso em: 13 set. 2021.

MARIANI, Bethania. Discursos de resistência e testemunhos. **Discursos da resistência: literatura, cultura, política**. Grigoletto, Evandra; Nardi, Fabiele S. de; SILVA, Silmara Dela(orgs.). São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.p.16-28.disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com/2020/03/19/discursos-da-resistencia-literatura-cultura-politica/>.Acesso em: 21 mai. 2021.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1996. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270690>. Acesso em: 13 abr. 2021.

MEGID, Cristiane Maria. **Materiais didáticos multimídia no estudo de Língua Portuguesa: deslocamento nas relações entre as posições sujeito professor e aluno**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269285>. Acesso em: 29 jan. 2021.

MITTMANN, Solange. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Revista Desenredo**. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 85-101. jan./jun. 2010. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1380>. Acesso em: 12 de dez. 2021.

MONZILAR, Eliane Boroponepa. Território Umutina: Vivências e Sustentabilidade. **Revista de Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 14, n. 34, p. 122-143, out./dez. 2018. Disponível em: [periodicos.utfpr.edu.br > rts > article > download](http://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/download) Acesso em: 09 de out. 2020.

MOTTA, Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. Sujeito, espaço e lixo, no dizer da mundialização. **Traços de Linguagem**. V.3, n.1, p. 109-124, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/4137/3720>. Acesso em 27 de set. 2021.

MOTTA. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da. A posição-sujeito leitor e o mercado de trabalho. **Revista Interfaces**. Guarapuava, Vol. 7 n. 3, p. 7-16, dez. 2016. Disponível em:

https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/viewFile/4632/3247. Acesso: 23 set.2020.

MOTTA, Ana. Luiza Artiaga. Rodrigues da. Palavras em movimento: um modo de dizer e de significar. **Traços de linguagem**. Cáceres, v. 2, n. 1, p. 76-82, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/tracos/article/download>. Acesso: 27 jan.2021. Acesso em 27 de jun. 2021.

MOTTA, Ana Luíza Artiaga Rodrigues da. Sujeito e cidade: vias de discursos, desigualdade In: Dias, Cristiane; Barbai, Marcos; Costa, Greciely (orgs.). **Escrituras da cidade**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2019, p. 121-130.

NUNES, José Horta. **Leitura de arquivo: historicidade e compreensão**. In: FERREIRA, M. C. L. INDURSKY, Freda (orgs.). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 373-380.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. In: **Revista de Letras** da Universidade Católica de Brasília, Brasília, Volume 3, Nº 1-2, p. 06-21, Ano III, 2010. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL>. Acesso em: 05 de jul. de 2021.

NUNES, José Horta. Praças públicas na contemporaneidade: história, multidão e identidade. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, nº53, v.2, jul. /dez. 2011. p.157-168. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636985>. Acesso em: 12 de jan. de 2021.

NUNES, José Horta. Artefato e equívoco: discurso artístico e espaço público. In: DIAS, Cristiane Pereira Costa; COSTA, Greciely Cristina da; BARBAI, Marcos Aurelio (orgs.). **Artefatos de Leitura**. Campinas: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020. p.137-167.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa de; GUEDES, Ana Lívia de Araújo Cerqueira. O discurso pedagógico e o efeito de sentido na sala de aula. **Revista Linha Mestra**, Campinas, Ano VIII. Nº. 24, jan.jul.2014. p. 2968 – 2971. Disponível em: <https://linhamestra24.files.wordpress.com/2014/07/19o-cole-3-color1.jpg> Acesso: 01 de mar. 2021.

ORLANDI, Eni. **Segmentar ou recortar? Lingüística: questões e controvérsias**. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista, discurso de confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990. (Série Estudos da Linguagem).

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, 4ªed. Editora da Unicamp, 1997. (Coleção Repertórios).

ORLANDI, Eni P. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: ORLANDI, Eni P. (org.) **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: pontes, 1998, p. 07-24.

ORLANDI, Eni P. Do sujeito na história e no simbólico. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. **Escritos**, Campinas, nº 4, maio, 1999.

ORLANDI, Eni. P. **Cidade dos sentidos**. Campinas-SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Língua brasileira e outras histórias**: discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas: Editora RG, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9ª ed. Campinas- SP: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni P. Espaços Linguísticos e seus desafios: convergências e divergências. **Revista Rua**, Campinas, Número 18, Vol. 2, nov. 2012. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/capaArtigo.rua?id=131> Acesso em 12 de dez. 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12ª edição, Pontes, Campinas. 2015.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa. In: **RU**A, nº. 21. Volume 2, p. 187 – 198. Novembro/2015. **Revista Rua**- Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/rua/artigo/verpdf?publicacao_id=59. Acesso em 20 de mai. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital**. Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2011. (Série e-urbano). Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/pdf/eurbano1.pdf>. Acesso em: 13 de dez. 2020.

ORLANDI, Eni P. Artefato, Metaforização e Ciências Humanas. In: DIAS, Cristiane Pereira Costa; COSTA, Grciely Cristina da; BARBAI, Marcos Aurelio (Orgs.). **Artefatos de Leitura**. Campinas: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020. p.19-37.

OTTONI, Maria Aparecida Resende. **O gênero oral**: entrevista em estúdio na perspectiva da análise de discurso crítica e da linguística sistêmico-funcional. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. **A memória e o arquivo produzindo sentidos sobre o feminino**. Revista Em Questão. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 73-90, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/24>. Acesso em: 02 de jan.2021.

PADOVANI, Eliane Guerreiro Rossetti. A cidade: o espaço, o tempo e o lazer. **Ambientes: estudos de Geografia**. In: GERARDI, Lucia Helena de Oliveira (Org.). Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia Teorética – AGETEO, 2003.p. 171-184. Disponível em: http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2003/livro_completo.pdf. Acesso em: 28 de jan. 2021.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Camadas de Memória na Cidade Sociolinguística**. In: Eni P. Orlandi Eni Puccinelli. Linguagem, sociedade, políticas. Pouso Alegre: Univás; Campinas: RG Editores, 2014, p.153-160. (Coleção Linguagem & Sociedade).

PAYER, Maria Onice. Linguagem e sociedade contemporânea - sujeito, mídia, mercado. **Revista Rua**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 9–25, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640774>. Acesso em 17 jun. de 2021.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean- Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P.(orgs.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p.49-57.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5ª.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Ler Michel Pêcheux hoje. Tradução de Eni Orlandi Puccinelli. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.) **Análise de Discurso: Michel Pêcheux (Textos selecionados por ORLANDI, Eni Puccinelli)**. Campinas: Pontes, 2015, p. 11-20.

PETRI, Verli. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, nº 29, p. 23-37, 2012. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao29/edicao29.pdf>. Acesso em: 05 de jul. 2021.

PFEIFFER, Claudia. **Que autor é este?** Dissertação (Mestrado em Linguística) - IEL Unicamp. Campinas, SP, 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270699>. Acesso em: 30 abr.2020.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. O leitor no contexto escolar. In: ORLANDI, Eni P. (org.) **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: pontes, 1998, p. 87-104.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. Bem dizer e retórica: um lugar para o sujeito. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2000.disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270703>. Acesso em 12 de ago. 2020.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. Escola e divulgação científica. In: GUIMARAES, E. (org.). Produção e circulação do conhecimento: estado, mídia, sociedade. Campinas: Pontes, 2001, p. 41-58.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. Políticas públicas de ensino. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso**. Campinas, Editora RG, 2010. p. 85-99.

PFEIFFER, Claudia. Instauração de um lugar de pesquisa, de uma posição pesquisadora – tributo a Eni Orlandi. **Traços de linguagem**, v. 2, n. 1, 2018, p. 29-35. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/2788>. Acesso: 16 de jun. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente**. Universidade de São Paulo Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9HMYtvM7bpRtzLv6XyvwBxw/abstract/?lang=pt> Acesso em 15 de out. 2020.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. Tradução de Emir Sader.1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

RASIA, Gesualda de Lurdes dos Santos; CAZARIN, Ercília Ana. Os gestos de leitura–escritura em uma perspectiva discursiva. **Lublin studies in modern languages and literature**, 32, p. 148-161, 2008. Disponível em: <http://simelp.fflch.usp.br/sites/files/inline-files>. Acesso em 10 jun.2021

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo- SP: Editora Brasiliense. 1995. Coleção Primeiros Passos.

ROMANOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Traduzida em português por João Almeida. Revista e atualizada.2ª ed. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 1477-1499.

ROSA, Marilane Mendes Cascaes da. (Des)costurando o discurso: o corpo como materialidade discursiva. In: Solange Mittmann; Luciene Jung de Campos (orgs.). **Fios do discurso: entre cerzaduras e descosturas**. Porto Alegre. Instituto de Letras da UFRGS, 2018, p.144-155.

SALMOS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Traduzida em português por João Almeida. Revista e atualizada.2ª ed. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 746-863.

SALVAGNI, Caroline Foppa. Wikileaks: a autoria na constituição do arquivo In: **A autoria na disputa pelos sentidos [recurso eletrônico]**. Solange Mittmann (org.),1. ed. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2016.p. 57-68.

SANTOS, Janete Silva dos. Leitura numa perspectiva discursiva na formação docente: alguns questionamentos. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, jan./abr. 2012 p. 129-153. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/VMwxr3BMVMJy773hcYnCd5G/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 02 fev.2021.

SANTOS, Norberto Pinto dos. Lazer, Espaço e Lugares. In: GAMA, António; SANTOS, Norberto Pinto dos. (orgs.). **Lazer da libertação do tempo à conquista das práticas**. Coimbra: IUC, 2008, p. 143-161.

SANTOS, Vanusa Irene Xavier. **Formação territorial do município de Araputanga e suas mudanças socioespaciais**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado de Mato Grosso -UNEMAT- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Cáceres, 2017. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/ppggeo2015-4-vanusa.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SARIAN, M. C. Escrita e autoria: um gesto analítico de um processo de produção de texto mediado pelas tecnologias digitais. In: DI RAIMO, Luciana Cristina Ferreira Dias; STEFANIU, Luciana Fracassi. (orgs.). **(N)os movimentos de uma articulação: análise de discurso e ensino**. Campinas: Pontes, 2019. p. 97-120.

SILVA, Dalexon Sérgio da; AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva G. de. Somos todos chape: memória, formações discursivas e imaginárias a marcarem posições-sujeito In: SILVA, Dalexon Sérgio da; SILVA, Francisco Vieira da (Orgs.). **Pêcheux e Foucault: caminhos cruzados na Análise do Discurso**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017, p. 217-231.

SILVA, Kelly Fernanda Guasso da; HARB, Fidah Mohamad; PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre a produção do conhecimento discursivo: leitura e escritura em análise de discurso. **Revista Interfaces**. Vol. 10, n. 3, 2019, p.09-20. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6223. Acesso em: 20 de mai. 2021.

SILVA, Marisa Vieira. Análise de discurso: um percurso de leitura e de gestos de interpretação UCB/LABEURB. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, SP, n. 44, p. 236-269, jul./dez. 2019. Disponível em: Repositorio da Produção Científica e Intelectual da Unicamp: Análise de discurso: um percurso de leitura e de gestos de interpretação. Acesso em 28 de fev. 2021.

SCHONS, Carme Regina; GRIGOLETTO, Evandra. **Escrita de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto**. In: 1ª JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 27, 28 e 29 de março de 2008, p.407- 418. disponível em: <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/ESCRITA%20DE%20SI%20schons%20e%20grigoletto.pdf> acesso em: 26 jan. 2021.

SOUZA, J. C. R.; PACÍFICO, S. M. R. Sujeito e autoria no contexto escolar: contribuições da Análise do Discurso. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**. Jul/Dez. 2011, Vol. 12, No. 2, pp. 68-84. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v12n2/v12n2a08.pdf>. Acesso 13 mar. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN). Resolução RE Nº 003, de 02 de junho de 2020. **Conselho Gestor**, definição das normas sobre a elaboração do trabalho de conclusão do curso para a sexta turma do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Lagoa Nova, RN: Natal, 2020. Disponível em: <http://profletras.ufrn.br/documentos/351494082/2020#.YMoC8mhKjIU>. Acesso em: 30 de jul. 2020.

VENTURINI, Maria Cleci. **Rememoração/ comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa

Maria, Santa Maria, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/3952>. Acesso em: 16 nov.2020.

VENTURINI, Maria Cleci. O saber urbano por/em museus como lugares de fala. In: DIAS, Cristiane Pereira Costa; COSTA, Greciely Cristina da; BARBAI, Marcos Aurelio (Orgs.). **Artefatos de Leitura**. Campinas: LABEURB/NUDECRI/Unicamp, 2020. p.183-203.

ANEXOS

Anexo 1

Hino do município de Araputanga

Letra por José Nivaldo de Lima

Melodia por José Nivaldo de Lima

Terras apaixonantes
 Que aos pioneiros prontamente se encantaram
 Heróis guerreiros
 Que com garra impressionante
 Aqui em busca de progresso se instalaram
 Tua história e feita de grande força
 Tal qual o mogno que estampas no teu nome
 Teu povo amigo e hospitaleiro abraça a todos
 Valores nobres que o tempo não consome.

De simples gleba a conquistas grandiosas
 Pros teus filhos és orgulho e devoção
 Pra sempre és minha "Paixão"
 Araputanga do meu coração!
 Pra sempre és minha "Paixão"
 Araputanga do meu coração!

Do teu solo se extrai grandes riquezas
 a poaia, a madeira e a agricultura
 O teu rebanho numeroso, que beleza!
 Leite abundante
 Que traz grande fartura!
 Tudo o que aqui se conquistou
 É fruto de muito trabalho e união
 Da brava gente, tão humana e solidária
 Sempre voltada para a cooperação.

De simples gleba a conquistas grandiosas
 Pros teus filhos és orgulho e devoção
 Pra sempre és minha "Paixão"
 Araputanga do meu coração!
 Pra sempre és minha "Paixão"
 Araputanga do meu coração!

Na cultura és destaque em alegria
 E tuas festas atraem multidão
 Graças à luta de tantos no dia-a-dia
 És referência também na educação!
 A fé imensa te levou a mil glórias
 E acompanha o teu povo em toda a vida
 Com tantas bênçãos

Anexo 2

Histórico de fundação do município de Araputanga-MT

Araputanga Mato Grosso - MT: Histórico

O território do município de Araputanga foi habitado por povos indígenas Bororó desde tempos imemoriais, que eram denominados pelos paulistas de índios Cabaçais. Hoje, dos Bororó não se encontram descendentes no município, sendo que os remanescentes foram transferidos para a área indígena denominada Umutína, em Barra do Bugres.

O povoamento originou-se em função do movimento de colonização programada do governo estadual iniciado na década de quarenta. O governo criou o Departamento de Terras e a Comissão de Planejamento e Produção – CPP. O Estado vendia terras a preços irrisórios, por sua vez os compradores se comprometiam a abrir estradas e assentar infraestrutura para a colonização.

O próprio Estado participava dos trabalhos de colonização em alguns sítios, favorecendo a ocupação de vastas áreas ao redor. Um desses pontos de atuação da CPP foi Rio Branco. De 1.953 a 1.955, o Dr. Nelson da Costa Marques conheceu e mediu terras entre os rios Jauru e Cabaçal. Separou para si algumas sobras e logo legalizou a posse dessas terras. A mata fechada cobria o solo ubertoso. As sobras localizavam-se no Vale das Pitas, do Bugre, Água Suja e do Córrego Grande.

Pelos anos de 1.957/58 um grupo de imigrantes coreanos e japoneses adquiriram terra na região, a fim de implantar uma colonização modelo. Pretendia situar a sede à margem esquerda do córrego das Pitas, onde mais tarde moraria o Sr. José Sato. Denominaram o lugar de Ituinópolis. No entanto, o projeto não vingou e a maioria foi embora. O Dr. Nelson da Costa Marques, dono de extensa área resolveu lotear sua propriedade. A primeira escritura pública foi lavrada a 26 de julho de 1.958, em terreno adquirido por Alcides Vidal Salomé. Com Alcides adquiriram terras Gabriel Villas Boas, Bertolino Micheles, Írio Mathias, Fumio Itai e Zé Cearense. No dia 16 de julho de 1958, Bertolino Micheles e Fumio Itai abriram picada na região até o córrego das Pitas. Assentaram barraco à margem do córrego, a fim de abrirem a mata e plantarem lavoura de subsistência. Mais tarde seria plantado café.

No dia 29 de março de 1.959, nasceu a primeira criança em Araputanga, Maria Aparecida Barros, filha de Zé Cearense e Albina Francisca. O primeiro menino a nascer foi Jaime Evaristo Costa, que chegaram ao lugar em 28 de junho de 1.959. Em 1.962, chegaram as famílias Mamedes, Pimenta, Sato, Tavares, Horácio, Chiquinho Tatu, Benedito Sardinha e outras.

A Lei Estadual nº 4.153, de 14 de dezembro de 1979, criou o município de Araputanga. Significado do Nome O atual nome de Araputanga foi dado por Nélson da Costa Marques. A denominação é devida a grande quantidade de mogno existente na região. Os termos araputanga e mogno têm o mesmo significado, designando árvore da família das meliáceas, cientificamente conhecida por *Swietenia macrophylla*, uma espécie de vegetal que se distribui desde a América Central até a região do Centro Oeste brasileiro. É madeira de cor avermelhada e bastante apreciada para fabricação de móveis, e está em franco processo de extinção.

Gentílico: araputanguense

Formação Administrativa

Distrito criado com a denominação de Araputanga, pela lei estadual nº 3932, de 04-10-1977, subordinado ao município de Mirassol d'Oeste.

Em divisão territorial datada de 1-I-1979, o distrito de Araputanga figura no município de Mirassol d'Oeste. Elevado à categoria de município com a denominação de Araputanga, pela lei estadual nº 4153, de 14-12-1979, desmembrado do município de Mirassol d'Oeste. Sede no atual distrito de Araputanga (ex-povoado). Constituído de 2 distritos: Araputanga e Indiavaí, criado pela lei do município acima citada. Instalado em 23-05-1981. Em divisão territorial datada de 1-VII-1983, o município é constituído de 2 distritos: Araputanga e Indiavaí. Pela lei estadual nº 4898, de 13-05-1986, desmembra do município de Araputanga o distrito de Indiavaí. Elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 1988, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009.

Anexo 3
Lei nº 4.153/1979

**ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO SECRETARIA DE
 SERVIÇOS LEGISLATIVOS**

LEI Nº 4.153, DE 14 DE DEZEMBRO DE 1979 – D.O. 14.12.79.

Eleva à categoria de Município, com o nome de Araputanga, o Distrito do mesmo nome, no Município de Mirassol D'Oeste.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO:

Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica elevado à categoria de Município, com o nome de Araputanga, o Distrito do mesmo nome, criado como unidade integrante do Município de Mirassol D'Oeste, pela Lei nº 3.922, de 04 de outubro de 1977.

Art. 2º O Município de Araputanga fica constituído de dois Distritos: o da sede, Araputanga, e o de Indiavaí.

§ 1º O Distrito da sede tem os seguintes limites: partindo do ponto em que o rio Jauru corta a linha divisória com o Município de Barra do Bugres e seguindo por esta mesma linha, rumo Oeste Leste, até encontrar o rio Cabaçal; pelo mesmo rio abaixo, margem direita, até a barra do córrego São Miguel; deste ponto, por uma linha reta, rumo Noroeste - Sudeste, até a mais alta cabeceira do córrego Barreirão; daí por outra linha reta, rumo aproximado Leste - Oeste, passando pela barra do córrego Uembé no córrego das Pitas, e seguindo na direção da barra do córrego Água Suja no rio Jauru, até o córrego Água Clara; por este acima até sua mais alta cabeceira; daí por uma linha reta, até a barra do córrego do Sangue no rio Jauru; segue Jauru acima até o ponto inicial, no limite com o Município de Barra do Bugres.

§ 2º O Distrito de Indiavaí tem os seguintes limites: partindo da barra do córrego do Sangue no rio Jauru, por uma linha reta até a mais alta cabeceira do córrego Água Clara; descendo por este até o ponto em que encontra a linha divisória do Município de Quatro Marcos; deste ponto, rumo aproximado Leste - Oeste, até a barra do córrego Água Suja no rio Jauru; por este acima, até o ponto de partida, na foz do córrego do Sangue.

§ 3º O Município de Araputanga tem os seguintes limites: partindo da margem esquerda do rio Jauru, no ponto de intercessão da linha divisória com o Município de Barra do Bugres, deste ponto, por uma linha reta, direção Oeste - Leste, seguindo pela divisa do Município de Barra do Bugres, até alcançar o rio Cabaçal; por este abaixo, margem direita, até a barra do córrego São Miguel, no rio Cabaçal; deste ponto, por uma reta rumo Noroeste - Sudoeste, até a mais alta cabeceira do córrego Barreirão; deste ponto, por uma linha reta, que segue rumo Nordeste - Sudeste, passando pela barra do córrego Uembé no córrego das Pitas, e seguindo até a barra do córrego Água Suja no rio Jauru; segue por este rio acima, margem esquerda, até encontrar a linha divisória com o Município de Barra do Bugres, ponto de partida.

Art. 3º Nos termos da Lei Complementar Federal nº 02 de 09 de novembro de 1967, o Município de Araputanga será instalado no dia 31 de janeiro de 1981, com a posse do Prefeito Vice Prefeito e Vereadores a serem eleitos a 15 de novembro de 1980.

Parágrafo único: Enquanto não instalado, o Município permanecerá sob a jurisdição política e administrativa da Prefeitura Municipal de Mirassol D'Oeste, que manterá os serviços essenciais à população residente na área emancipada.

Art. 4º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Paiaguás, em Cuiabá, 14 de dezembro de 1979, 158º da Independência e 91º da República.

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial

Anexo 4

Artigo Lazer de Ana Lúcia Santana

LAZER

Por Ana Lucia Santana

O Lazer, que vem do latim ‘licere’ – ser lícito, ser permitido -, é normalmente definido como uma série de atividades que o ser pode praticar em seu tempo livre, ou seja, naquele momento em que não está trabalhando, em tarefas familiares, religiosas ou sociais, e que lhe proporcionam prazer. Neste contexto ele tem a oportunidade de relaxar, descansar, se distrair, exercer alguma forma de recreação.

É preciso não esquecer, porém, que o Lazer não é apenas um grupo qualquer de ocupações sem propósito algum senão preencher o tempo livre do sujeito. Ele pode e deve, como a animação cultural, ter uma conotação crítica e até mesmo transformadora da ordem instituída, mesmo que isso implique em desconstruir antigos mitos e convenções.

Desta forma é possível despertar o potencial criativo das pessoas e incluí-las cultural e artisticamente. Sem falar que o Lazer também está ligado ao âmbito pedagógico. Neste sentido, se ele é exercitado corretamente, pode colocar em prática os ‘Quatro Pilares da Educação’ de Delors: aprender a conhecer e a pensar; a fazer; a viver juntos, ou com os outros; a ser. Portanto, o papel do Lazer não é somente divertir alguém, vai além desta vaga função.

Além disso, é mais complexo definir o Lazer, pois ele pode estar ligado ao campo profissional de uma pessoa. Por exemplo, jogar bola pode ser uma atividade ligada a esta esfera para qualquer um que nela encontre prazer – portanto o indivíduo deve aderir a esta tarefa de forma voluntária -, mas se o indivíduo é um jogador de futebol, então como esta questão se resolve? Aí entra a importância da atitude diante da ocupação, porque se há deleite no que se faz, então se pode considerar que o trabalho está, de certa forma, aliado ao Lazer.

Assim, o Lazer não pode ser meramente definido como algo impreterivelmente desvinculado do trabalho profissional ou de qualquer outra atividade do ser humano. Um dos estudiosos deste campo, Nelson Carvalho Marcelino, divide o Lazer em seis esferas essenciais no seu livro Estudos do Lazer, uma introdução, de 2000: interesses artísticos, intelectuais, físicos, manuais, turísticos e sociais. Todos podem participar, eventualmente, de cada um destes setores da vida em sociedade.

O Lazer também é comumente classificado como Passivo ou Ativo. O Passivo é aquele que aliena o ser, e o envolve na teia consumista gerada pela Indústria Cultural, na qual o consumidor não passa de mais uma peça da engrenagem. Ele é inserido no mercado, hipnotizado pelo universo da publicidade, e neste sentido o Lazer também se transforma em um produto, acessível não mais apenas pelo tempo de que a pessoa dispõe, mas principalmente pelo capital, item fundamental.

Desta forma, sem a necessária educação dos sentidos, sem o desenvolvimento de um olhar crítico e seletivo, o ser humano fica a mercê da cultura de massa, aliada fiel da mídia, e se vê impotente, incapaz de optar ou de censurar as inúmeras atividades a ele oferecidas. Como consequência deste processo, o indivíduo passa a agir como um autômato, segue consumindo o produto Lazer sem ter o poder de processar seu conteúdo e de transformá-lo em aprendizado.

Já o Lazer ativo possibilita uma nova enunciação das múltiplas vivências, uma conversão das atividades em conhecimento, em expressão criadora e em novos olhares e potencialidades. Neste campo é permitida uma maior convivência social e uma melhor qualidade de vida. Simultaneamente o ser encontra o desejado deleite e o imprescindível repouso.

Anexo 5

Capítulo 1 Páginas de 9(nove) a 33 (trinta e três) do Livro O que é lazer de Luiz O. Lima Camargo

ATIVIDADES DE LAZER

Propriedade do lazer

Um bate-bola entre amigos numa rua ou numa praia é uma atividade de lazer. Uma caminhada a pé ou de carro, sem rumo, também é. Da mesma forma, lazer é assistir a uma palestra de um escritor ou sobre um tema que se aprecia. Ou cuidar, em casa, de plantas, animais ou pequenos consertos. Ou assistir à novela, ao noticiário de tevê. Ler jornais. Freqüentar um grupo informal ou formal, sob pretextos sérios ou banais. Ir ao cinema, ao teatro ou a um estádio de futebol. Viajar, em férias ou nos fins de semana.

O que têm em comum atividades tão diversas? Quais as propriedades semelhantes, que permitem reuni-las sob a mesma designação de atividades de lazer?

10

Luiz Octávio de Lima Camargo

Escolha pessoal

Seria uma ousadia afirmar que alguma ação humana é executada por livre escolha do indivíduo. Os determinismos culturais, sociais, políticos e econômicos pesam sobre todas as atividades do cotidiano, inclusive sobre o lazer. Ir a um bar tomar chope com os amigos pode ser sugestão de um comercial de tevê ou pressão dos próprios amigos. Assistir a uma exposição badalada pode ser uma imposição, clara ou velada, de cultura do meio social em que se vive. Ou falta de dinheiro para alugar um iate. Às vezes, se gostaria de ler um livro ou assistir a um filme que a censura proibiu. Por que se diz, então, que o lazer sempre deriva de uma livre escolha do indivíduo ou que as atividades de lazer são voluntárias?

A resposta é que há um grau de liberdade nas escolhas dentro do lazer, maior que nas escolhas que se faz no trabalho, no ritual familiar, na vida sócio-religiosa e sócio-política. Um operário decide mais livremente sobre o seu lazer após o expediente — se vai ficar bebendo e conversando com os amigos ou se vai para casa assistir a uma novela — do que sobre a sua rotina de trabalho, normalmente determinada por outros. Trocar o romance de Machado de Assis por uma revista de história em quadrinhos pode até constituir um estilo de lazer. Mais difícil é tentar convencer o seu partido político a adotar outra estratégia de ação.

O que é Lazer

11

Decidir entre ficar em casa ou passear no fim de semana desperta muita ansiedade em algumas pessoas, mas é menos penoso do que convencer o padre ou o pastor sobre um novo tipo de culto religioso.

Por livre escolha no lazer, entenda-se assim a existência de um tempo precioso onde se pode exercitar com mais criatividade as alternativas de ação ou de participação.

Gratuidade

Diz-se que o lazer é gratuito, desinteressado. Aqui também há nuaças. Toda ação obedece a algum interesse, claro ou disfarçado. Eu posso escrever um conto ou uma poesia que ninguém vai ler, mas, no fundo, sonho com o milagre de alguém que se interesse por esses rabiscos e os leve a um editor amigo. Fazer teatro com os colegas de escola ou de empresa é um lazer desinteressado, em termos. Alguns descobrem ali seu caminho pessoal de vida e mesmo os que seguem outros rumos profissionais às vezes lamentam não terem sido descobertos.

O lazer nunca é inteiramente gratuito. Apenas o é mais do que um ato da rotina profissional, quando o indivíduo está de olho na remuneração, ou do que levar o filho ao médico, para exame. Contudo, é um tempo onde se pode exercitar mais

o fazer-por-fazer, sem que necessariamente haja um ganho financeiro em vista ou um preço sério a pagar.

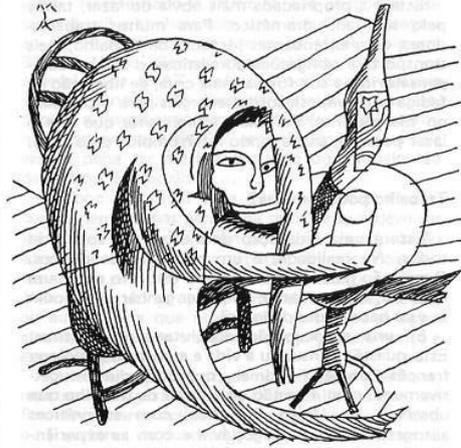
Prazer

As atividades de lazer são hedonísticas, prazerosas. Esta afirmação também merece reparos. Que prazer existe em pular e gemer sob as ordens de um instrutor inspirado por técnicas de crueldade inimagináveis? Onde está o prazer do indivíduo entediado ao final de uma noite de farra, diante de um copo vazio? E o que dizer dos torcedores do time derrotado, tristes e de bandeiras enroladas à saída do estádio?

O mais correto seria dizer que, em toda escolha de lazer, existe o princípio da busca do prazer, mesmo que a atividade inicie com um esforço, para se obter o relaxamento agradável ou a sensação posterior de estar em forma; ou que termine no tédio, que a boa conversa e os copos de bebida não conseguiram evitar.

Liberação

O lazer é sempre liberatório de obrigações: busca compensar ou substituir algum esforço que



Onde está o prazer do indivíduo entediado depois da farra, diante de um copo vazio?

a vida social impõe. Assim é ir ao cinema para descarregar as tensões do trabalho ou quebrar a rotina sedentária com uma corrida em um parque.

Esta é a propriedade mais óbvia do lazer, talvez pelo seu lado dramático. Para muitos trabalhadores, com extenuantes jornadas de trabalho, mais transporte e obrigações domésticas, o lazer é compensatório na sua forma mais crua, de liberação da fadiga e de reposição das energias para o trabalho no dia seguinte. Por mais interessante que seja o lazer possível, acaba sendo interrompido pelo sono.

Trabalho pode ser lazer?

Esta é uma indagação de muitos, e o sonho de todos. Na realidade, é um privilégio de poucos. Quem não gostaria de viver seu trabalho como um lazer ou, inversamente, de poder ganhar a vida com as suas habilidades de lazer?

É uma preocupação absolutamente legítima. Esta questão consumiu a vida e a obra do sociólogo francês Georges Friedland, que desiludiu-se sucessivamente com a gestão coletivista de trabalho que observou na União Soviética, com as práticas autogestionárias da Iugoslávia e com as experiências de extinção de linha de montagem na empresa automobilística sueca, a Volvo. Em todos esses lugares e experiências, ele observou que, uma vez implantada a lógica da produtividade industrial,

pouco importavam os matizes ideológicos ou técnicos, o que sobrava no fim era a pouca ligação dos indivíduos num trabalho impessoal, desinteressante, fragmentado e artificial. Ele chegou a visitar o Brasil e sonhou com uma linha de montagem ao ritmo do samba (de forma profética, pois, em Betim, Minas Gerais, duas décadas depois, os operários da FIAT tentaram por conta própria algo do gênero). Ao final de sua vida, desiludido, passou a pregar uma conversão interior do homem, numa valorização do *Ser*, em vez do *Ter*: *será* que vale a pena ter mais, à custa de um modelo tão desumano de trabalho? . . .

A conclusão final é de que lazer e trabalho se confundem apenas para uma minoria que deve ser seguramente inferior a um por cento da população economicamente ativa: artistas, artesãos, cientistas e uma parte de empresários e executivos. Estes últimos, se não se apaixonam pelos pregos, tecidos ou automóveis que produzem, ao menos se ligam efetivamente a um trabalho de cujo planejamento e execução participam.

Há, é claro, pessoas que, no seu tempo de lazer, repetem seus gestos de trabalho: funileiros que, em fins de semana, ocupam-se de reparos domésticos, ou jogadores de futebol que participam de rachas beneficentes ou pecuniários. Aí, pode-se vislumbrar uma espécie de semilazer profissional, mas não um lazer total.

Família pode ser lazer?

Muitas pessoas encontram no rito familiar o prazer máximo de suas existências. Os pequenos gestos do cotidiano, as manifestações afetivas entre os parceiros e com os filhos são capazes de preencher para eles as necessidades de exercício físico, de criatividade manual, de sonho, de informação, de sociabilidade.

Mas, aqui, também estamos diante de uma minoria. Por mais desejável e aprazível que esta situação seja para alguns, deve-se dizer que todos os observadores chegaram a cifras irrelevantes do ponto de vista sociológico.

De qualquer forma, contudo, deve ser ressaltada a existência de uma espécie de semilazer doméstico, presente na decoração e arrumação de casa, nos jogos com os filhos, e, para um número crescente de homens (pois para as mulheres é quase sempre obrigação e não lazer), na culinária.

Classificação das atividades de lazer

A classificação das atividades de lazer é muito controversa, tal o número de soluções propostas. Na literatura sobre o assunto, encontram-se as fórmulas mais disparatadas, segundo o critério que

se adota ou os estereótipos de lazer do país em questão.

Ainda há, por exemplo, educadores físicos para os quais lazer e esporte são coisas diferentes. Lazer seria no máximo uma pelada. Muitos artistas torcem o nariz quando se diz que uma exposição de suas obras é uma atividade de lazer. Lazer seria no máximo um grupo de crianças rabiscando-se e a papéis com lápis e tintas.

No Brasil, ouve-se muito uma classificação de atividades de lazer em atividades esportivas, recreativas e culturais. Lazer esportivo seria aquele praticado segundo regras, o recreativo seria exercido livremente, e o cultural, centrado nas artes e no conhecimento. As objeções e esta classificação são várias. Não tem um critério comum, já que conteúdo e forma estão misturados. Ademais, que conceito de cultura é este, que exclui o esporte e a recreação? Finalmente, essa classificação retoma uma discussão bizantina sobre o que é lazer e recreação, termos que, na realidade se equivalem e que derivam mais de peculiaridades idiomáticas. Em espanhol, italiano e alemão não existe uma palavra correspondente a lazer. Utilizam-se, no seu lugar, os termos recreação e tempo livre. Na França e no Brasil, recreação é um termo que leva de imediato à recreação escolar. Por isso, prefere-se o termo lazer. Nos países de língua inglesa, ambas as expressões são usadas correntemente.

A classificação mais satisfatória é a do sociólogo

francês, Joffre Dumazedier, que é, aliás, o criador do que habitualmente se denomina a sociologia do lazer. Baseado no princípio do interesse cultural central de cada atividade de lazer, ele as classifica em físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais. Esta classificação também não é perfeita. Como, aliás, felizmente, nenhuma o é, já que a realidade é sempre mais complexa do que a capacidade de análise dos cientistas. Por esse motivo, seria conveniente acrescentar mais uma área de interesse cultural no lazer, o turístico.

Antes de comentar uma a uma essas áreas de interesse cultural no lazer, é preciso dirimir algumas questões, cuja resposta depende de outros elementos, além dos já trazidos.

O dolce far niente

O lazer é sempre um fazer-alguma-coisa. Contudo, como fica essa ação de não se fazer absolutamente nada, que a cultura italiana tão saborosamente designou de *dolce far niente*? É impossível não se fazer absolutamente nada. O devaneio é uma ação muito significativa. Os psicoterapeutas que o digam. Deixar-se levar, a si e às sensações, deitado numa rede, é um momento de rara inventividade no reencontro de si mesmo. Poucos, aliás, o conseguem na plenitude, despindo-se dos problemas e das preocupações, e entregando-se à riqueza do

momento presente.

Da mesma forma, não existe lazer passivo, como tanto se ouve. É verdade que um dos grandes problemas educacionais no lazer é o excesso de consumo, de assistência a obras de outras pessoas e a exígua produção própria. Isto será analisado na quarta parte. Mas não se pode dizer que assistir a um jogo ou a uma peça de teatro sejam lazes passivos.

A sociologia da comunicação vem restabelecendo a importância do receptor, no elaborar as mensagens do emissor, dentro do seu tirmo e do seu referencial. Em consequência, vem também demonstrando os limites da importância do emissor. A assimilação da mensagem pelo receptor é mais relevante socialmente do que as intenções do emissor.

A sociologia da educação caminha no mesmo sentido quando afirma que o educando é o sujeito da própria educação e não o professor, ou a escola.

Como dizer, assim, que um espectador é passivo se, mesmo numa sociedade com tão poucos canais de expressão individual, ainda lhe restam alternativas de mudar de canal, levantar-se para fazer outra coisa ou simplesmente desligar o aparelho? O grande desafio dos programadores de tevê é fazer com que os indivíduos adotem outra opção, a de ficar sentados e prestar atenção. E isto não é nada fácil!

Praticar, assistir, estudar

Em todas as áreas culturais do lazer, são possíveis três atitudes: praticar, sob a forma de lazer, assistir ou estudar o assunto. Seja no esporte, no teatro, no cinema, enquanto centros de interesse cultural, podemos encontrar indivíduos que jogam ou praticam teatro, ou filmam com os amigos, ou que assistem às melhores obras do momento em estádios, cinemas e teatros, ou que acompanham e se informam sobre o que se passa nesses campos, através de conferências, livros, jornais, revistas, tevê.

É muito difícil encontrar apenas uma destas atitudes isoladamente. Normalmente, o que se observa é a combinação de duas atitudes, assistência e estudo, e, mais raramente, as três atitudes juntas. E não se imagine que o esporte leve tanta vantagem. Pelas estatísticas, no próximo capítulo, o leitor verá que a prática de todas essas atividades é sempre de frações minoritárias da população.

Atividades físicas de lazer

Aqui se incluem as caminhadas, a ginástica, o esporte e atividades correlatas, executadas de maneira formal ou informal, em espaços tecnicamente planejados, como pistas, academias,

estádios, ou não-técnicos, como ruas, residências, terrenos baldios, praias.

O desejo de exercitar-se fisicamente, de colocar-se em forma, é o denominador comum destas atividades, não obstante predomine, para alguns, o interesse estético do movimento no esporte e na ginástica-dança, ou na contemplação da natureza e das pessoas nas caminhadas. Para outros, há também um forte interesse associativo nessas atividades, na medida em que é difícil separar o interesse físico do desejo de estar com o grupo de amigos ou da paquera pura e simples. A caminhada é, ainda, para algumas pessoas, a busca da solidão, do prazer de estar consigo mesmo, desde que não se trate de um isolamento socialmente imposto.

Atividades manuais de lazer

A designação não é das mais corretas. Como atividades manuais, entendem-se atividades ligadas ao prazer de manipular, explorar e transformar a natureza. É a nostalgia dos elementos naturais, a terra, a água, a madeira, o metal, os animais, dos quais o homem urbano-industrial se isolou, em seu meio ambiente de asfalto, concreto e cimento ou em um trabalho que mexe apenas com materiais reciclados e transformados. A isto acrescenta-se o cansaço das pessoas com o tudo-pronto que se consome, no dia-a-dia.

Entre populações que vieram recentemente do campo, essas atividades podem constituir um semi-lazer, na medida em que evitam gastos ou incorporam ganhos financeiros. Nas classes médias, sobretudo entre a parcela mais inovadora, chega a constituir um estilo de vida, onde a própria produção manual é uma crítica ao consumismo.

São muitos os exemplos de atividade manual de lazer: desde lavar o automóvel em fins de semana, onde o prazer da manipulação da água envolve ludicamente pais, filhos e vizinhos, desde cultivar hortaliças e animais de corte nos quintais urbanos, o crochê, o tricô, desde o consertar e desmontar-para-consertar-de-novo engenhocas e aparelhos domésticos, até a invenção de pequenas máquinas, a fabricação de suas próprias estantes, mesas e armários, a montagem de estufas para a criação de plantas ou a criação de animais domésticos.

O ato de criar com as próprias mãos é cheio de simbolismos. As mãos são fonte de expressão não apenas gestual como prática, de transformação de coisas. Restituir-lhes esta capacidade reprimida por uma sociedade que as substituiu por instituições e fábricas é, para muitas pessoas, uma necessidade importante.

Atividades artísticas de lazer

Às vezes, o lazer manual é uma fonte de expres-

são artística. Mas não necessariamente para toda a população. Quando se fala em interesses artísticos, ressalta-se a busca do imaginário, do sonho, do encantamento, do belo, do fazer-de-conta.

Por atividades artísticas, entendem-se habitualmente a prática e a assistência de todas as formas de cultura erudita conceituadas como arte, tais como cinema, teatro, literatura, artes plásticas, etc. Estas atividades, como se verá no próximo capítulo, não fazem parte do universo cultural da maioria da população. Mas, como imaginar que alguma pessoa consiga algum equilíbrio na vida cotidiana, sem seu espaço de sonho, de aventura, de encantamento, de beleza?

Esse espaço é encontrado numa série de outras atividades, que também devem ser consideradas artísticas, tais como a decoração da casa, por simples que seja, as roupas, a maquiagem e, principalmente as festas. Todo gênero de festas.

É claro que as festas são ocasiões de encontro afetivo e, sobretudo para adolescentes e jovens, o momento privilegiado da paquera. Mas, mesmo para estes e sobretudo para crianças, adultos e idosos, de ambos os sexos, a festa é o exercício pleno do imaginário. Numa festa, todos são atores. Todos entram no faz-de-conta. Vestem-se roupas especiais, quando não a fantasia pura e simples. Todos procuram transmitir uma parcela especial e que imaginam a melhor de suas próprias personalidades.

E como, sobretudo nas grandes cidades, quase todos são migrantes recentes (por exemplo, menos de 20% dos habitantes de São Paulo nasceram nesta cidade), a festa muitas vezes é o reencontro com as raízes, simbolizadas em conterrâneos, datas, reminiscências. A expressão, por excelência, da festa, entre nós, é sem dúvida o carnaval. Ainda que o carnaval não seja mais o principal momento da inversão social, ou seja, de expressão de necessidades reprimidas, de quebra de tabus, e tenha se diluído ao longo do ano em discotecas, forrós, gafieiras, danceterias, ainda assim continua a tocar o imaginário da maioria da população, seja dos que ainda o cultivam como um bom momento de suas existências, seja dos que o temem, como oportunidade de desvios e perigos variados.

Atividades intelectuais de lazer

Antes de criar uma discussão com os educadores artísticos, cabe uma explicação: tudo na vida é fonte de conhecimento, de informação, de aprendizagem. Muitas pessoas preferem crescer no conhecimento através da leitura elaborada e crítica de romances, contos, poesias e filmes. Dumazedier diz que, enquanto a arte informa por encantamento, a ciência, a principal fonte de satisfação dos interesses intelectuais no lazer, informa por desencantamento. A ciência aqui deve ser enten-

da não apenas no seu conteúdo próprio, expresso em livros e publicações especializadas, como nas formas de vulgarização e difusão, através de jornais, revistas e tevê.

No frígir dos ovos, é difícil separar uma coisa e outra. Sem pretender embarcar nessa polêmica, lembro apenas de que a arte pode informar, mas dirige-se basicamente à emoção dos indivíduos. Enquanto que a busca de uma informação num livro, num jornal, pode até mesmo provocar uma emoção forte nas pessoas, mas dirige-se basicamente à satisfação de uma curiosidade ou do desejo sincero de saber alguma coisa sobre algum assunto.

O lazer é um tempo precioso para o exercício do conhecimento e satisfação da curiosidade intelectual, em todos os campos, seja através da conversação aparentemente banal com os amigos, seja através dos meios de difusão eletrônica, seja através da consulta especializada.

Atividades associativas de lazer

Em todas as atividades de lazer, pode existir um forte conteúdo de sociabilidade, expresso no contato com amigos, parentes, colegas de trabalho ou de bairro. Fala-se, contudo, em atividades associativas de lazer, para exprimir o interesse cultural centrado no contato com as pessoas. As atividades aqui vão desde as formas de semilazer

doméstico, como jogos e passeios com os filhos, visitas a parentes e amigos, até a frequência a grupos e até mesmo, finalmente, a frequência a associações e movimentos culturais, aqui já no limiar da ação político-partidária.

Paradoxalmente, a vida social no lazer pode assumir uma outra feição, cada vez mais frequente nas grandes cidades, a da busca da privacidade. Esta forma pode constituir para algumas pessoas uma forma de misantropia, de recusa do contato humano, de negação da sociabilidade. Para muitas pessoas, contudo, a solidão é um momento de encontro do outro. Como dizia (parece-me) o filósofo alemão Kant, "para conhecer os homens, é preciso viajar pelo mundo todo, mas para conhecer o homem, não preciso sair do meu quarto".

De qualquer forma, deve-se resgatar os valores positivos da privacidade, desconhecidos numa sociedade que valoriza de forma absoluta o comunitário como forma de participação.

Atividades turísticas de lazer

O interesse cultural central dos indivíduos que buscam este gênero de atividades é a mudança de paisagem, ritmo e estilo de vida. De todas as atividades de lazer, o turismo é certamente a que mais provoca ansiedade nos indivíduos. Conhecer novos lugares, novas formas de vida e, além de

tudo, poder num curto período alterar a rotina cotidiana, utilizando o tempo nobre de férias e fins de semana, tudo isso supõe um conjunto de atitudes que normalmente deveria merecer menos descaso por parte da sociedade. O setor econômico do turismo, centrado nas excelentes possibilidades comerciais que toda essa expectativa gera, certamente não é capaz de atender a todas as suas implicações.

Com o objetivo de dar conta de todas as potencialidades culturais, sociais e econômicas destas atividades, existe internacionalmente o chamado movimento de turismo social, crescente, ainda que, infelizmente, lutando com dificuldades notórias, inclusive de legislação, como é o caso do Brasil. Este é um assunto para a quarta parte deste livro.

Quais são as novas paisagens, ritmos e estilos de vida que se buscam no lazer turístico? A resposta é unânime: paisagens de sol, céu e água, ritmos opostos à rigidez do tempo de trabalho urbano e um estilo mais requintado, embora não necessariamente mais dispendioso, de consumo de comidas, bebidas, roupas e lembranças.

A praia é, disparadamente, a intenção número um de destino turístico, seguida das montanhas, do campo e dos lugares históricos. Mas o turismo não abrange apenas as longas viagens. Os sítios, as casas de campo, os ranchos de pesca constituem opção para as classes médias e ricas. E a própria

cidade onde se mora é, em escala social, o principal espaço turístico.

A visita a lojas, *shopping-centers*, independente de como se julgue o seu valor cultural, bem como a visita a parques, museus, a frequência a *shows*, restaurantes, constituem alguns dos itens principais do turismo local.

Dados estatísticos sobre atividades de lazer

Até aqui, preocupei-me em mostrar a diversidade de práticas de lazer. Fica, contudo, para este capítulo a resposta à pergunta: o que as pessoas preferem? Não é preciso ser estudioso para saber que as pessoas vão mais a cinema que a teatro ou ouvem música mais do que vão a museus.

Meios de comunicação de massa

A televisão é o único lazer da nossa população? A presença do aparelho de tevê no dia-a-dia das pessoas é tão forte que muitos assim pensam. Recentemente, pesquisa do jornal *Folha de S. Paulo* mostrou que 95% dos paulistanos assistem tevê nos dias úteis e 90% nos fins de semana. Há um exército de superfuncionários (como a reportagem os define) de 26% de paulistanos que passam

mais de seis horas vendo tevê aos domingos.

Além da tevê, há ainda a escuta de rádio AM e FM, a leitura de jornais, revistas, escuta de discos, ou seja, um lazer financiado pela publicidade comercial a que usualmente se designa como indústria cultural. Daí surge, para muitos, uma outra suspeita de que o lazer é todo voltado para o consumo ou para atividades que levam ao consumo.

Tudo isso é verdade, mas apenas em parte. Os estudos de orçamento-tempo (ver descrição no capítulo 3 da 2ª Parte), não apenas no Brasil como em outros países, relativizam bastante essas afirmações. Essa pesquisas mostraram que, efetivamente, quase a metade do tempo livre de nossa população é gasta com um lazer produzido pela indústria cultural, vindo a televisão em primeiro lugar, seguida de longe pelo rádio e, mais de longe ainda, pelos livros, discos, jornais e revistas.

Contudo, é importante observar que tais meios de comunicação de massa nada mais são do que a reprodução de conteúdos de outras práticas de lazer. O volume de concertos de música erudita ou popular das rádios e tevês é incomparavelmente maior do que o das salas de *shows* e concertos. O mesmo vale para outros espetáculos artísticos e para o esporte, a ginástica, a jardinagem, a culinária, a informação em geral.

Trata-se, evidentemente, de um consumo de lazer e não de prática ativa de lazer (este é um problema real que será abordado na 4ª parte deste

livro) mas é falso dizer que este consumo substitui a prática: uma pessoa não deixa de tocar piano apenas porque há muitos concertos de piano em discos, rádios e tevês. Ao contrário até, uma grande apresentação de balé pela tevê estimula, para alguns, sua prática, assim como a grande atenção que a tevê vem dando nos últimos anos ao vôlei tem sido um dos fatores principais do aumento desta prática.

Finalmente, se quase a metade de tempo livre é ligada aos meios de comunicação de massa, deduz-se, é óbvio, que mais da metade do tempo livre está, ao menos relativamente, livre de sua influência. Nada de apocalipses, portanto. A maior parte do tempo livre nada ou pouco tem a ver com a televisão.

Vida associativa

Os meios de comunicação de massa não isolam os indivíduos. Ou melhor, o simples fato de pessoas da mesma família permanecerem mudas por algum tempo diante de um aparelho de tevê não quer dizer que elas estão isoladas. De toda forma, esse isolamento nada teria a ver com a tevê. Se o aparelho não existisse, é provável que essas pessoas continuassem mudas, mas a distância. A dinâmica do isolamento social em algumas famílias é explicável por outros fatores — o distanciamento de gera-

ções, a busca de pessoas iguais, e outros fatos que extrapolam o interesse deste livro. A televisão é, no máximo, um alibi para essa situação.

Da mesma forma, não se pode dizer que a vida associativa está em declínio, por causa da tevê. Se tomarmos o exemplo dos Estados Unidos, onde o fenômeno da indústria cultural explodiu com maior intensidade, pode-se ver como, a par da explosão dos meios de massa, verificou-se um aprofundamento e uma diversificação de interesses associativos. Ou seja, não apenas aumentou o número de associações, como o interesses para a vida associativa extrapolou o interesse político-partidário e religioso.

Para muitos, este é um novo problema: as pessoas agora se reúnem em associações para difusão de pipas, de samambaias, etc., em vez de se ocuparem de coisas mais sérias e relevantes. Os partidos políticos, os sindicatos, as religiões lamentam o fato de as pessoas preferirem clubes de futebol ou de samba.

Não quero aprofundar-me nesta discussão que já faz parte das ciências políticas. Para fechar o assunto, gostaria apenas de dizer que este é um fato típico das sociedades democráticas e abertas. E, às entidades ditas sérias, não cabe outra alternativa senão a de incluir em seus calendários programações de lazer para os associados. Festas, bailes, jogos fazem parte, hoje, da programação de partidos políticos, de sindicatos e mesmo de

Anexo 6

PRODUTO: ATLAS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DA CIDADE DE ARAPUTANGA-MT

ATLAS

DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DE ARAPUTANGA-MT



ARAPUTANGA-MT

2021

ATLAS

DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER DE ARAPUTANGA-MT



ARAPUTANGA-MT

2021

<p style="text-align: center;">Instituição de Ensino</p> <p>ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA Diretor: Prof.: Sandro Luiz Charnoski</p> <p>Coordenação Pedagógica: Prof. Miguel Chaves Prof.^a. Silvana da Silva Rios</p> <p>Projeto de intervenção: Leitura do espaço público de lazer: a constituição da autoria na escola</p> <p>Coordenação do Projeto: Profa. Ma. Auleni Dias Freitas de Moraes</p> <p>Imagem da Capa: Rafael Heliodoro</p> <p>Ano: 2021</p> <p>Diagramação: Rodrigo Bueno de Freitas</p> <p style="text-align: center;">Instituições Parceiras</p> <p>Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT Reitor: Prof. Dr. Rodrigo Bruno Zanin Vice-reitora: Prof.^a Dr.^a Nilce Maria da Silva</p> <p>Campus Universitário de Cáceres Diretor Político-Pedagógico e financeiro: Prof.^a Dr.^a Zulema Netto Figueiredo</p> <p>Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/CAPES</p> <p>Coordenadora do PROFLETRAS: Prof.^a Dr.^a Maristela Cury Sarian</p> <p>Professora Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida</p>	<p>Prefeitura Municipal de Araputanga</p> <p>Prefeito: Enílson de Araújo Rios Vice-prefeito: Marcos Aurelio Barros</p> <p>Secretaria de Educação e cultura: Maria Aparecida Silva Rodrigues</p> <p>Secretaria de assistência e desenvolvimento social: Luiza Utzig Rios</p> <p>Secretaria de Obras e Infraestrutura: Dalvan Nonato Alves</p> <p>Secretaria de Administração: Paulo César Alves de Araújo</p> <p>Secretaria de Finanças e Planejamento: Reginaldo Luiz Schiavinato</p> <p>Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano e Rural: Willie Douglas Martes Ferreira</p> <p>Secretaria de Saúde: Hudson Cunha Ramos</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Atlas dos espaços públicos de lazer

Autores

(Nomes dos alunos)

Araputanga

És tu, uma árvore bela
tão formosa quanto aquela
Vejam que folhagem
Maravilha és tu, oh miragem

És mais bela que outra qualquer
Em tua sombra repousa quem quiser
Em meio a um voraz temporal
Cuidas do indefeso pardal

Engravidaste na primavera
Vestida com jardineira amarela
Nem por isso tu te zangas
Tu concebeste filhas, Araputangas

Foste tu que ficaste de janela
Sem frutos e cor quase amarela
Foste libertada da canga
Além da vida, jaz o nome: Araputanga

(José Guimarães, Araputanga- MT, 1984)

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
1. História do município.....	9
2. Mapas do Estado e da Cidade.....	14
3. Sentidos de lazer.....	18
4. Estudo sobre os espaços públicos de lazer de Araputanga-MT.....	27
4.1 Praça Romeu Furlan.....	41
4.2 Praça São José.....	42
4.3 Lago Azul.....	43
4.4 Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas.....	44
4.5 Campo Municipal Márcio de Oliveira Mendes.....	45
5. Orientação para organização do Atlas espaços públicos.....	46
6. Referências Bibliográficas.....	48

APRESENTAÇÃO

O **Atlas dos espaços públicos de lazer de Araputanga-MT** é um material que será produzido por alunos, sob a orientação do seu professor, como resultado de um projeto de intervenção pedagógica, realizado com estudantes do Ensino Fundamental II. O projeto nasceu no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/CAPES), oferecido pela UNEMAT/Cáceres-MT, na área dos Estudos Linguísticos, pela perspectiva teórica da Análise de Discurso francesa, com o objetivo de potencializar o trabalho da leitura e escrita na sala de aula e dar visibilidade aos gestos de autoria dos estudantes.

Nesse sentido, esse material destina-se aos professores do Ensino Fundamental II, bem como para outras pessoas que tenham interesse em conhecer um trabalho realizado na disciplina de língua portuguesa, em uma perspectiva discursiva.

Para trabalhar a leitura, propomos construir um arquivo de leitura – um conjunto de textos sobre um dado assunto –, no nosso caso, o lazer, para discutir com os alunos os vários sentidos de lazer. Assim, para a produção desse Atlas, os alunos terão que desenvolver diversas leituras, em diferentes tipos de textos, como vídeos, textos historiográficos, leis, fotografias, entrevistas, mapas, dentre outros, conforme planejamento das aulas aqui estabelecidas e melhor explicadas na dissertação de mestrado “Leitura do espaço público de lazer: a constituição da autoria na escola”¹.

As atividades propostas de leitura e escrita relacionadas à história da cidade, análise dos documentos oficiais, leitura de mapas e produção de maquetes, atividades com fotografias dos espaços públicos de lazer, os vídeos que abordam acerca da importância do lazer e demais propostas são relevantes, pois oportunizam a produção de sentidos. Outra questão fundamental do projeto é estudar a cidade, criando possibilidades para a escola ir para a rua, ler os espaços públicos de lazer, refletir sobre eles e produzir conhecimento.

Com essa proposta de elaboração de um Atlas, professor e alunos poderão refletir juntos sobre os vários sentidos de lazer, dos diversos tipos de lazer, bem como compreenderão de que maneira eles podem participar como cidadãos para pensar o lazer na sua cidade. Por meio de estudo, os alunos terão responsabilidade em fazer do lazer um momento agradável, de escolha pessoal e que proporcione melhor qualidade de vida. Conhecerão os espaços públicos de lazer do município, no nosso caso, da cidade de Araputanga, contribuindo para que sejam lugares de

¹ Dissertação de mestrado de Auleni Dias Freitas de Moraes, disponível no site <http://portal.unemat.br/profletras-caceres>.

práticas sociais para todos os sujeitos cidadãos.

Ao longo de todo o Atlas, o professor mediará as propostas apresentadas e o discente será convidado a participar das atividades como sujeito que é afetado pela língua e interpelado pela ideologia, para que ocorra a assunção da autoria na escola. A participação efetiva visa a aprendizagem significativa e a formação cidadã. Essa proposta pretende motivar professores e estudantes para a prática de outros estudos cidadãos, a pesquisarem outros espaços públicos, refletir sobre eles e produzir seus efeitos de sentidos sobre as pesquisas realizadas.

A leitura para a Análise de Discurso não é fechada, é plural, por isso, o professor deve criar condições para que a cada texto, vídeo, fotografias que o professor levar para a sala de aula, os alunos coloquem suas impressões sobre ele, em outras palavras, o professor precisa deixá-los à vontade para dizer, compreendendo que não existe apenas um sentido para o texto, porque eles são múltiplos e variados.

Ainda nessa direção, é importante que o professor propicie condições aos alunos de produzirem seus gestos de leitura e escrita. Destacamos a relevância de romper na escola com o discurso autoritário que, muitas vezes, predomina nas nossas salas de aulas e assim os alunos também deixam de receber um conhecimento pronto e assim construam o conhecimento.

Em relação à proposta que apresentamos, cabe dizer que ela não é fechada, o professor junto com seus alunos poderão, no processo, retirar ou acrescentar outros(as) textos/práticas para que sejam adequadas as suas condições de produção. O importante é que os alunos abracem a ideia de pesquisar e produzir conhecimento e que o professor se coloque como mediador dessa busca.

Após as várias práticas de leituras aqui propostas, os alunos terão o que dizer, saberão como dizer sobre os espaços públicos de lazer da cidade.

Bom trabalho!

1- HISTÓRIA DO MUNICÍPIO



Neste capítulo será escrito o texto sobre a história do município de Araputanga-MT, produzido pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, que será elaborado a partir das práticas de leituras de textos escritos, conforme a proposta, abaixo transcrita. Os vários textos dos alunos, no item sobre as orientações para a organização do Atlas, será reformulado coletivamente para constituir um único texto para compor o Atlas.

PROPOSTA 01

ANO/SÉRIE	ATIVIDADE	TEMPO PREVISTO
9º ANO	História do Município	7 aulas (60 minutos).

Conteúdo

Compreensão de textos escritos.

Atenção Professor!!

No capítulo 3 da dissertação de mestrado intitulada “Leitura do espaço público de lazer: a constituição da autoria na escola” de Auleni Dias Freitas de Moraes, você encontra mais informações para desenvolvimento de todas as atividades.

Objetivo geral

Oportunizar aos estudantes momento para a leitura, compreensão e interpretação de textos que versam sobre a cidade, sua história e elevação à categoria de município.

Objetivos específicos

- Realizar leituras de textos que versam sobre a cidade, texto historiográficos do município e lei sobre a fundação da cidade;
- Criar espaço de interpretação em sala de aula, estimulando que os alunos manifestem as suas leituras sobre o texto;
- Aprender os diversos sentidos imbricados na vivência dos sujeitos;

- Propor uma investigação junto aos familiares sobre a presença de colonizadores;
- Produzir texto sobre a história da cidade de Araputanga.

Metodologia

Para desenvolver esta proposição, apresentaremos, primeiramente, aos alunos o projeto a ser desenvolvido, que é a de realizar um estudo sobre os espaços públicos de lazer da cidade. Explicaremos aos estudantes que teremos várias leituras para constituírem um arquivo de leitura e que tudo o que realizarmos deverá ser registrado no *diário de bordo*, para mais tarde ser consultado, quando forem produzir o Atlas.

Você Sabia? 

O diário de bordo é um caderno para os alunos anotarem detalhadamente suas atividades, reflexões e comentários sobre o trabalho.

1. Em seguida, faremos a leitura do texto “Cidade do Interior”, de Lilian Sourient e Roseni Rudek; Rosiane de Camargo, impresso. Os alunos inicialmente, farão uma leitura atenta e silenciosa do texto e a realização de anotações nas margens do texto, daquilo que chamou sua atenção e das suas compreensões, bem como possíveis dúvidas/questões, para discussão posterior. Após essa primeira leitura do texto, indicaremos uma leitura coletiva para discussão (oral), com os alunos a partir das questões, abaixo, que poderão ser escritas na lousa para nortear o debate.

Atenção Professor!

O texto cidade do interior encontra-se disponível em:
<https://www.estudegratis.com.br/questao-de-concurso/441009>

PARTILHANDO IDEIAS



Debate:

1. A partir da leitura do texto, que sentidos podemos atribuir a essa cidade?
2. A cidade pode ser lida e descrita de diversas formas. Em relação ao modo como a cidade foi descrita no texto, qual a sua impressão sobre ela?
3. Qual a relação entre a cidade abordada no texto e a cidade de Araputanga, há semelhanças, diferenças, entre ambas?

4. Você já parou para observar como é a cidade em que você mora? Tente descrever o que conhece sobre ela, pontuando como são as ruas, as construções, o comércio de seu bairro e os espaços públicos de lazer e se houve alguma transformação urbana em Araputanga que você presenciou.
5. No enunciado “Minha cidade ainda está tranqüila, tão tranqüila que as crianças ainda podem brincar nas ruas”, aborda uma questão do cotidiano de muitas outras cidades. Qual a sua compreensão sobre isso?
6. No enunciado, “Há muitas praças para elas (crianças) brincarem e apreciarem a natureza”, qual a impressão que você tem dessas praças do texto? E as praças da sua cidade também são assim?



Atenção Professor!

A **história do município** de Araputanga encontra-se disponível em: [https:// biblioteca. ibge. gov.br /visualizacao /dtbs/matogrosso /araputanga. pdf.](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/araputanga.pdf)

A **Lei nº 4.153/1979** encontra-se disponível em: [https:// www.al.mt.gov.br > leis > lei- 4153-1979](https://www.al.mt.gov.br/leis/lei-4153-1979)

Qual é a origem da sua família?

De que forma tomaram a decisão de virem para Araputanga?

Relate sobre o município que residiam, antes de virem para Araputanga?

Como ocorreram as mudanças na cidade de Araputanga, desde a chegada da família ao local?

Para dar sequência às leituras, conversaremos com os alunos sobre conhecer, por meio de texto impresso a história de fundação da cidade de Araputanga, texto da Prefeitura Municipal de Araputanga, publicado pelo IBGE e a Lei nº 4.153/1979, que institui Araputanga como município.

Em relação à história da fundação do município indicamos recortes do texto para problematizar a leitura institucional e refletir, pois os sentidos não estão apenas no texto, o leitor precisa desconfiar do que lê, questioná-lo, problematizá-lo para produzir sentidos, ou seja, uma história tem várias versões, depende de quem conta.

Para refletir sobre os textos históricos:

Quem foram os primeiros moradores desse espaço? O que fizeram com eles?

O texto menciona que hoje não temos descendentes dos Bororó na cidade. Como você compreende a afirmação?

Atenção Professor!

Essas questões são pertinentes para que os estudantes notem que os primeiros habitantes de Araputanga (os índios) são apagados/excluídos da história da cidade. A respeito desse fato, o apagamento/exclusão do índio, Orlandi (1990, p. 56) destaca que “[...] o índio é totalmente excluído. No que se refere à identidade cultural, o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado”.

Nesse momento, apresentaremos para a turma utilizando multimídia (data show), duas fotografias (figura 1 e 2) da cidade de Araputanga, sendo a primeira, referente ao passado (1981) e a segunda remetendo à atualidade (2020). A primeira (sem legendas) para que os alunos observem se conseguem identificar qual local da cidade de Araputanga a foto faz referência. Depois da fala dos estudantes, a ideia é compartilhar a localidade com a legenda. Na sequência, indicamos a segunda fotografia, da Avenida 23 de Maio, ano 2020.

Figura 1- Fotografia da Avenida 23 de Maio (1981).



Fonte: CHEC (2020).

Figura 2 Fotografia da Avenida 23 de Maio Centro (2020).



Fonte: Rafael Heliodoro /Portal L7.

ATENÇÃO Professor!!

Você poderá escolher outras fotos antigas e atuais da sua cidade, ruas, avenidas, pontos de referências, entre outros para realizar a atividade. Não esqueça de marcar a fonte, de onde tirou a imagem.

PARTILHANDO IDEIAS



Para refletir com os alunos as duas fotografias:

- De que forma cada um percebe a avenida 23 de Maio nas duas imagens? Ocorreram transformações de 1981 para 2020?
- Façam uma análise do cenário das duas fotografias em relação aos anos de 1981 a 2020 no que refere à avenida 23 de Maio.

ATIVIDADE PROPOSTA

PRODUÇÃO ESCRITA

Solicitaremos aos estudantes que escrevam um texto sobre a história da cidade de Araputanga, pelo ponto de vista deles. Retomaremos o texto e revisaremos com os estudantes para que eles possam reformular até que produza um efeito de acabamento. Posteriormente, juntos, a turma a partir de todos os textos escritos individualmente, escreverão um texto único para colocar no Atlas.

2- MAPA DO ESTADO E DA CIDADE

Neste capítulo do Atlas colocaremos os mapas que foram estudados, bem como o resultado de pesquisas realizadas pelos alunos, na internet, sobre o município, em que os alunos serão orientados a fazer tabelas sobre informações como: número de habitantes, área total, clima, economia, renda per capita, cultura, religião, educação, saúde, bandeira, hino, brasão, dentre outros fatores.

Para isso, realizaremos com os alunos a leitura de mapas: do Estado de Mato Grosso, da região Sudoeste do Estado e da cidade de Araputanga e a localização, no mapa, dos espaços públicos de lazer.

PROPOSTA 02

ANO/SÉRIE	ATIVIDADE	TEMPO PREVISTO
9º ANO	Mapas da Cidade (Mapas dos espaços públicos de lazer estudados)	3 aulas (60 minutos).

Conteúdo

Compreensão de mapa, como texto.

Objetivo geral

Ler e interpretar mapas do Estado de Mato Grosso e da região Sudoeste do estado de MT e da cidade de Araputanga-MT.

Objetivos específicos

- Ler mapas do Estado de Mato Grosso, da região Sudoeste do estado de MT para observar e situar o município de Araputanga;
- Compreender os mapas como texto, que podem ser interpretados.
- Ler mapa da cidade de Araputanga, observando a localização dos espaços públicos de lazer no município;
- Realizar pesquisa na internet sobre o município de Araputanga em relação à geografia,

Figura 4- Mapa da Região Sudoeste de MT, Araputanga.



Fonte: Labgeo Unemat (2016).

ATENÇÃO Professor!!

De acordo com Mariani (2016) a língua tem que ser compreendida como fato social em que a produção de sentido está em processo e que não se dissocia da história que não é transparente e está estruturalmente sujeita a falhas.

3. Neste momento, faremos uma discussão com os estudantes, a partir dos seguintes questionamentos:

- O que você sabe sobre a região que este mapa do Estado de Mato Grosso aborda.
- De que forma a nossa cidade nutre a relação com os demais municípios da mesma região?

3. Após a discussão, apresentaremos a seguinte imagem (figura 5) dos espaços públicos de lazer de Araputanga e sua localização no mapa da cidade:

Figura 5- Araputanga- Localização dos espaços públicos de lazer.



Fonte: Elaborado pela autora. (2021).

Orientaremos os estudantes a observarem a localização dos espaços de lazer na cidade.

Feita a observação, é hora de problematizar, provocando:

- Toda cidade tem zona urbana e rural. Pensando nessa diferença, você diria que os espaços públicos de lazer estão distribuídos da mesma forma nessas zonas?
- Você tem ideia do que leva um espaço de lazer estar em uma zona urbana ou rural?
- Que atividades de lazer são realizadas em cada um desses espaços?
- Como cidadão, você pode contribuir para a construção de outros espaços de lazer na cidade?



ATIVIDADE DE PESQUISA

A partir de todas as reflexões aqui feitas, orientaremos a turma a fazer uma pesquisa na internet, para buscar informações sobre a cidade, como a questão da saúde, educação, população, economia, renda per capita, questão social dentre outras do município e fazer o registro no diário de bordo, cujos dados serão colocados, posteriormente, no Atlas dos espaços públicos de lazer. Eles serão orientados a fazerem tabelas com essas informações.

3- SENTIDOS DE LAZER



Este capítulo do Atlas será destinado aos registros fotográficos das atividades de lazer que os alunos do projeto realizaram com os demais estudantes da escola e os gráficos, que apresentam os resultados da enquete realizada na escola, bem como trechos de textos produzidos pelos alunos sobre o lazer.

Nesse sentido, para essas produções, trabalharemos com os alunos diversos textos sobre o sentido de lazer, como vídeos, livros, documentos oficiais sobre o lazer na cidade. Em seguida, vamos propor três atividades:

1ª Que elaborem atividades de lazer para os demais alunos da escola, e que registrem esse momento;

2ª Que realizem uma enquete, uma pesquisa de opinião, com as turmas (6º, 7º e 8º anos) do Ensino Fundamental, procurando saber sobre o que eles fazem de lazer, quais os espaços de lazer da cidade que eles frequentam e que espaço de lazer está faltando na cidade;

3ª Que os alunos formulem uma pequena reflexão sobre o lazer, discutindo sobre os sentidos de lazer, bem como os fatores que sustentam a escolha dos sujeitos por um determinado tipo de lazer.

PROPOSTA 03

ANO/SÉRIE	ATIVIDADE	TEMPO PREVISTO
9º ANO	Sentidos de lazer em vários tipos de textos	11 aulas (60 minutos).

Conteúdo

Sentidos de lazer em vários textos verbal e não verbal.

Objetivo geral

Ler e compreender os vários sentidos de lazer em textos verbal e não verbal.

Objetivos específicos

- Estudar os diferentes tipos de lazer na sociedade a partir da leitura de dois vídeos que versam acerca do lazer;
- Ler o capítulo “Atividades de lazer”, do livro “O que é lazer”, de Luiz O. Lima Camargo e compreender os tipos e as atividades de lazer;
- Compreender os sentidos de lazer nos documentos oficiais do município;
- Compreender que o lazer tem relação com as questões econômicas e culturais dos sujeitos.

Metodologia

1. Iniciaremos a primeira aula com uma roda de conversa, um bate-papo com os alunos a respeito do lazer, a fim de entender os sentidos de lazer para os sujeitos estudantes do 9º ano, a partir das questões:

- De que forma você significa o lazer?
- O que você sabe sobre a importância do lazer?
- Como você realiza seus momentos de lazer?

2. Em seguida, assistiremos um vídeo, sobre os diferentes sentidos de lazer que se intitula “Afina!... O que é lazer”? O vídeo foi produzido por alunos do Curso de Educação Física da Unicamp. A proposta é que os alunos assistam ao vídeo e confrontem os sentidos de lazer da turma com os sentidos apresentados no vídeo:

Perguntas norteadoras:

- Como os entrevistados realizam seus momentos de lazer?
- Confronte os sentidos de lazer atribuídos pelos entrevistados e os sentidos que vocês atribuíram anteriormente.
- Como você compreende as citações mencionadas no vídeo sobre o lazer. (Voltar ao vídeo e rever as citações).
- De que forma as pessoas com as quais você convive concebem seus momentos de lazer?
- Como são as distintas formas de lazer mencionadas nas discussões realizadas até este momento?

Na terceira aula, indicamos a segunda parte das atividades e assim, sugerimos outro vídeo, uma reportagem, realizada na cidade de Rondonópolis-MT, sobre a “Importância do lazer para ter uma qualidade de vida e combater o estresse”, divulgada no programa Bom Dia Mato Grosso, da TV Centro América, afiliada da rede Globo para debatermos o assunto.

Perguntas norteadoras

ATENÇÃO Professor!!

O vídeo dos alunos da UNICAMP está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=drCLIK_TA0 O vídeo da reportagem encontra-se disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/bom-dia-mt/videos/v/importancia-do-lazer-para-ter-uma-qualidade-de-vida-e-combater-o-estresse/2239301/>

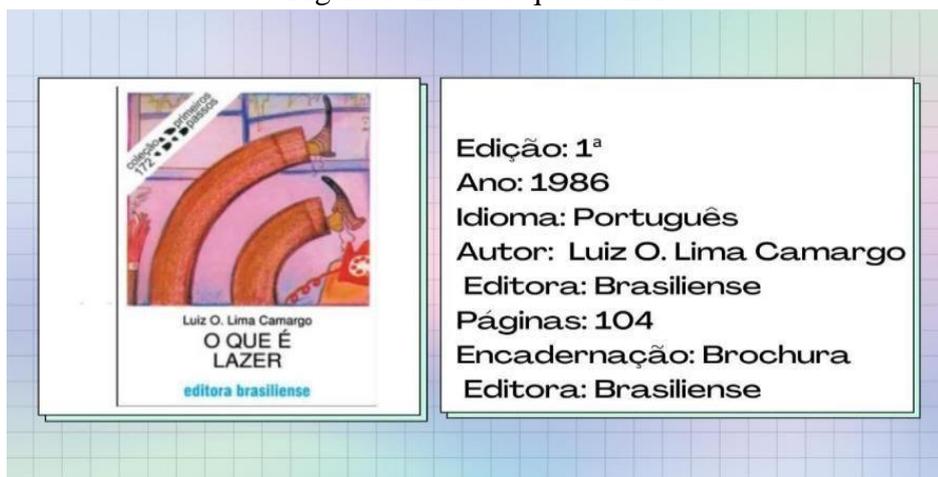
- Como as práticas de lazer estão ligadas ao bem estar das pessoas?
- Como significam os sentidos de lazer e a saúde para sua família?
- De que maneira o poder público pode contribuir com o lazer na cidade?

Para a continuação dos trabalhos, distribuiremos a impressa do artigo “Lazer”, de Ana Lúcia Santana. Após a leitura, apresentaremos algumas questões para os alunos responderem no caderno (diário de bordo):

1. Como são os diferentes modos de significar o lazer?
2. De que forma é relação entre o sentido de lazer dado pela autora e os sentidos que você e seus colegas produziram.
3. No texto, “[...] o lazer não é apenas um grupo qualquer de ocupações sem propósito algum” e defende um sentido crítico para o lazer. De que maneira você compreende esse sentido crítico de lazer.
4. Como você compreende os sentidos das seis esferas essenciais do lazer no livro “Estudos do lazer”, do autor Nelson Carvalho Marcellino, mencionados no texto que lemos.
5. A partir da leitura do texto e de tudo que já foi discutido sobre lazer, como são os sentidos de lazer passivo e lazer ativo.
6. Na sua opinião, o que Araputanga poderiam oferecer para melhorar o lazer das pessoas?

Nesse momento, entregaremos uma cópia do capítulo “Atividades de lazer”, do livro de Luiz Camargo, intitulado “O que é lazer”, para que os alunos realizem a leitura e observação das classificações estabelecidas pelo autor. Por meio de aula expositiva e com o uso de equipamento multimídia (data show), apresentaremos o livro em PDF, conforme segue na imagem (figura 6) do slide:

Figura 6- Livro O que é lazer



Fonte: Capa do livro e Slide elaborado pela autora.

Solicitaremos a leitura individual. Em seguida, subdividiremos os tópicos das páginas para em duplas, os alunos realizarem a leitura e apresentação à turma em forma de seminário.

Tópicos do capítulo do livro

Propriedades do lazer; Escolha pessoal; Gratuidade; Prazer; Liberação; Trabalho pode ser lazer?; Família pode ser lazer; Classificação das atividades de lazer; O doce far niente; Participar, Assistir, Estudar; Atividades físicas de lazer; Atividades Manuais de lazer; Atividades artísticas de lazer; Atividades intelectuais de lazer; Atividades associativas de lazer; Atividades turísticas de lazer; Dados estatísticos sobre as atividades de lazer; Meios de comunicação de massa.

ATENÇÃO Professor!!

O momento do debate é relevante porque “[...] o leitor não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outro(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor etc.)”. (ORLANDI, 2012, p. 10).

Após a fala dos alunos (seminário), realizaremos os seguintes questionamentos:

1. Como você compreende sobre os tópicos lidos e debatidos.
2. De que forma você compreende a afirmação: “[...] há um grau de liberdade nas escolhas do lazer [...]”, que está no segundo parágrafo da página 10 (dez).
3. Como você compreende a afirmação “o lazer é sempre liberatório [...]”, que consta na página 12 (doze) do livro?
4. O que você sabe sobre o lazer mencionado na página 18 (dezoito) como atividades físicas, manuais, intelectuais, artísticas e sociais.

5. No enunciado “O lazer é um tempo precioso para o exercício do conhecimento e satisfação da curiosidade intelectual, em todos os campos, seja através da conversação aparentemente banal com os amigos, seja através dos meios de difusão eletrônica, seja através da consulta especializada”, (último parágrafo da página 25), como você compreende esse enunciado?

ATENÇÃO Professor!!

Nosso interesse em compreender compreender os múltiplos sentidos no discurso sobre o lazer é porque segundo Orlandi, (2012, p.143) “não há dizer único”.



ATENÇÃO Professor!!

É importante a turma assumir a posição de autoria porque “[...] constitui-seem um processo de arriscar-se, descolocar na posição daquele que está à deriva”. (ABREU, 2012, p. 16).

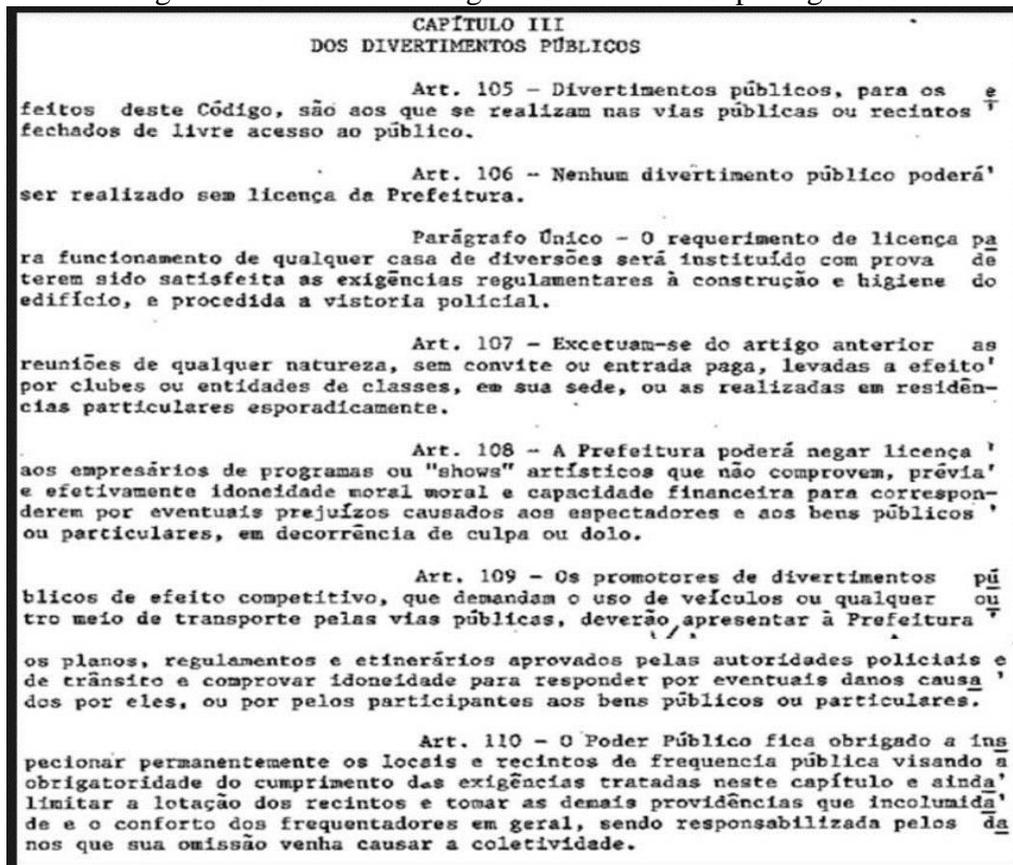
ATIVIDADES DE LAZER

Orientaremos a turma a organizar atividades de lazer para realização durante o recreio com os demais estudantes da escola. Deixaremos a turma decidir, de modo que poderá propor jogos como xadrez, dominó; caraoquê, declamação de poesias, contação de histórias, dança, dentre muitas outras possibilidades de lazer.

Para entender a relação do lazer e cidade, provocaremos os alunos a pensar sobre a importância de sua participação como cidadão na vida em sociedade e de conhecer seu direito ao lazer. Desta forma, apresentaremos de maneira geral, por meio de aula expositiva, uso de equipamento (data show) e material impresso os documentos oficiais da cidade de Araputanga que abordam o lazer (Constituição Federal, Lei orgânica municipal, Termo municipal sobre lazer, Código de Postura de Araputanga).

3. Leitura do Código de Postura de Araputanga (figura 7):

Figura 7- Recorte do Código de Postura de Araputanga -MT



Fonte: Prefeitura Municipal de Araputanga- MT (2021).

ATENÇÃO Professor!!

Para leitura das leis:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

Código de postura do município. Araputanga: Prefeitura Municipal,1992.

Disponível em: <http://www.araputanga.mt.gov.br/uploads/contato/2018/08/codigo-de-postura-2018-08-06-15-58.pdf>

Lei Municipal nº 1.319, de 18 de outubro de 2018, acesse:

<http://www.araputanga.mt.gov.br/uploads/contato/2018/10/lei-n-1-319-revoga-as-leis-n-648-2005-e-1-048-2013-cria-se-o-conselho-municipal-do-esporte-e-lazer-cmel-e-o-fundo-municipal-do-esporte-e-da-outras-providencias-2018-10-31-08-18.pdf>.

Lei orgânica do município de Araputanga, acesse:<http://www.araputanga.mt.gov.br/uploads/bkppost/2018/08/1-2011-pccs-da-prefeitura-municipal-de-araputanga-mt-82622.pdf>.

Solicitaremos aos estudantes o registro no diário de bordo das percepções/impressões

acerca do direito ao lazer, seus espaços públicos abordados nos documentos. Oportunizaremos aos estudantes expor seus gestos de leitura na discussão dos textos lidos para que tomem posição de autores responsáveis por seus gestos de leitura, escrita e opiniões. Discutiremos, com os estudantes, os silêncios, presentes nesses documentos.

Na Lei Orgânica Municipal traz os seguintes artigos:

Art. 192 – Serão criados áreas de lazer no centro e áreas verdes na periferia da cidade.
Art. 193 – O Poder Público Municipal deve criar a infra-estrutura necessária para a existência de área dedicadas à cultura, esporte, educação, creches, postos de saúde e bibliotecas.

Mostraremos que na lei Orgânica estabelece a criação de áreas de lazer no centro e áreas verdes na periferia. . Questionaremos junto com os alunos: por que não criar áreas de lazer também na periferia da cidade? E por que não criar áreas verdes no centro da cidade? Como podemos compreender a concepção de lazer para o poder público a partir dessa decisão?

Indicamos também , dois recortes da Constituição Federal (Título II, dos direitos e garantias fundamentais e o Capítulo II, dos direitos sociais o art. 6º).

Com a leitura do trecho da Constituição Federal, discutiremos com os alunos qual a importância do lazer quando ele é abordado como **direito e garantia fundamentais aos cidadãos**, como direitos sociais ao lado da educação, saúde, moradia, trabalho, alimentação e transporte. É importante destacar que no capítulo III da Constituição Federal, quando se discute a educação, a cultura e o desporto, o lazer só aparece no parágrafo 3º do inciso IV do Art. 217 com o seguinte dizer: “O Poder Público incentivará o lazer, como forma de promoção social”. O que isso significa? Precisamos refletir junto com os nossos alunos o lazer como um direito social de todo sujeito. E como é possível desfrutar desse direito em uma sociedade capitalista em que somos injungidos ao trabalho desenfreado dia e noite?

Perguntas norteadoras:

- Quais são suas percepções/impressões acerca do direito ao lazer e seus espaços públicos abordados nos documentos?
- Em nosso município, como os sentidos atribuídos ao lazer e espaços públicos estão contemplados nos documentos estudados e na prática?
- Os documentos discutidos, aborda o lazer da mesma maneira?
- Na sua opinião, quais os deveres dos cidadãos em relação aos espaços públicos de lazer?

ATENÇÃO Professor!!

Destacamos, mais uma vez, que é importante que cada aluno tenha voz na discussão dos textos lidos e no registro das atividades para que ocorra na sala de aula, “[...] o desafio e a ousadia de praticar a autoria no cotidiano das linguagens”. (LAGAZZI-RODRIGUES, 2017, p.110).



PRODUÇÃO DE ENQUETE

Solicitaremos aos alunos que realizem uma enquete, uma pesquisa de opinião, com as turmas (6º, 7º e 8º anos) do Ensino Fundamental, procurando saber sobre o que eles fazem de lazer e quais os espaços de lazer da cidade que eles frequentam. Após a pesquisa, junto com os alunos, sistematizaremos os dados, elaboraremos gráficos para registrar o resultado da pesquisa a ser usado no Atlas. Convidaremos um professor de matemática para auxiliar na organização dos gráficos.

SUGESTÃO

Organizaremos, junto com os alunos, uma “Roda de conversas”, em um espaço fora da escola, com a participação de vários convidados de áreas distintas para abordar sobre a temática lazer: com profissionais da geografia, da educação física, da sociologia, o secretário de obras do município, um profissional da arquitetura e urbanismo com o intuito de provocar uma discussão produtiva sobre o lazer na cidade de Araputanga e ampliar o arquivo de leitura do aluno sobre a temática. Solicitaremos uma agenda no auditório na Câmara Municipal. Mediaremos a preparação os convites, orientaremos os alunos na elaboração de questões e intermediação das apresentações.

Após a realização da pesquisa, refletiremos com os alunos o resultado da pesquisa, faremos a leitura dos gráficos, procurando classificar os tipos de lazer que os estudantes preferem, analisando e ouvindo a interpretação dos alunos o porquê da escolha. Assim, terá destaque os gestos de autoria

dos estudantes , pois “[...] nosso interesse é refletir sobre o efeito de autoria no espaço escolar”. (RASIA; CAZARIN, 2008, p.153).



PRODUÇÃO DE TEXTOS

A partir de todas as leituras realizadas, nesta etapa, pediremos que os alunos formulem uma pequena reflexão sobre o lazer, discutindo sobre os sentidos de lazer, bem como os fatores que sustentam a escolha dos sujeitos por um determinado tipo de lazer.

4- ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER

Neste capítulo do Atlas, nos itens 4.1, 4.2, 4.3, 4.4 e 4.5, serão colocados os textos dos alunos sobre cada espaço de lazer que eles pesquisaram, bem como fotografias dos lugares e das maquetes que eles produziram.

Para que eles produzam esses textos, propomos o estudo dos espaços públicos de lazer: Praça São José, Praça Furlan, Lago Azul, Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas, Campo Municipal Márcio Mendes. Também estudaremos os verbetes das palavras “praça” e “lazer” em diversos dicionários. Estudaremos ainda, uma entrevista realizada com o Sr. Francisco, antigo morador da cidade de Araputanga.

PROPOSTA 04

ANO/SÉRIE	ATIVIDADE	TEMPO PREVISTO
9º ANO	Estudo sobre os espaços públicos de lazer	11 aulas (60 minutos).

Conteúdo

Estudo e pesquisa sobre os espaços públicos de lazer.

Objetivo geral

Ler a cidade, os espaços públicos de lazer, promovendo a autoria e cidadania dos estudantes.

Objetivos específicos

- Ler fotografias dos espaços públicos de lazer;
- Visitar e fotografar os movimentos dos espaços públicos de lazer;
- Analisar entrevista com morador antigo da cidade;
- Refletir sobre o lazer público na cidade.
- Produzir textos sobre cada espaço público de lazer estudados.
- Promover a autoria e cidadania dos estudantes;
- Produzir maquetes dos espaços públicos estudados.

Metodologia

Leitura e interpretação de fotografias:

Apresente as fotografias (figuras 8, 9, 10, 11,12) uma de cada vez, para ler as impressões dos alunos sobre o conhecimento que eles têm sobre esses espaços para que deem sequência ao estudo e continuem a constituição do arquivo de leitura e registro no diário de bordo dos debates.

ATENÇÃO Professor!!

É importante que os alunos selecionem os espaços de lazer para o estudo. Neste trabalho, nossos alunos fizeram a seleção.

Figura 8- Fotografia da Praça Romeu Furlan



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7.

Figura 9- Fotografia da Praça São José



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7

Figura 10- Fotografia- Lago Azul



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7.

Figura 11: Fotografia da Campo Municipal Márcio Mendes



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7.

Figura12- Fotografia da Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas



Fonte: Rafael Heliodoro/Portal L7.

Perguntas para nortear o trabalho:

- Vocês conhecem esses espaços de lazer? Já estiveram lá?
- Qual ou quais vocês mais gostam de frequentar? Por quê?
- Quem leva vocês a esses espaços? O que vocês fazem nesses espaços?
- Qual o horário ou dia que vocês costumam frequentar esses lugares?
- Como são as regras de convivência nestes lugares?

Atenção Professor!!

As questões norteadoras servirão para saber da relação dos alunos com os espaços de lazer da cidade.

Trabalharemos a figura 13 com as praças, Romeu Furlan e São José para aprofundar as reflexões sobre esses espaços.

Figura 13 - Painel das praças Romeu Furlan e São José



Fonte: Fotografias de Rafael Heliodoro/Portal L7. Painel elaborado pela autora (2021).

O objetivo é fazer a leitura da fotografia, procurando relacionar a imagem a suas condições de produção, as questões sócio históricas.

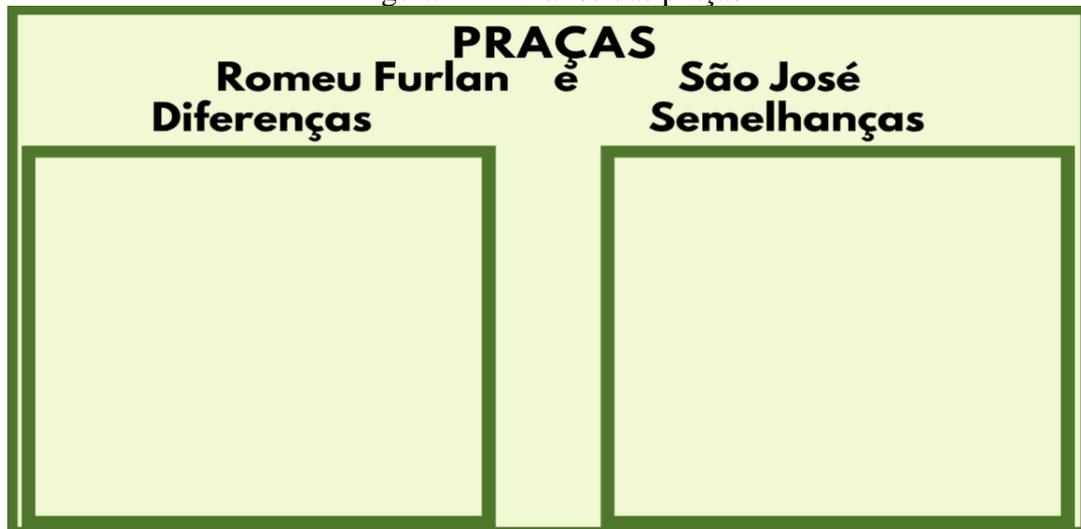
ATENÇÃO Professor!!

Destacamos a importância de interpretar a cidade, seus espaços públicos de lazer porque “[...] é pela referência à sociedade e a história que as questões se abrem a interpretação. No tempo e no espaço pela própria existência, essência de/e como sujeito em sociedade consumimos palavras, sons, imagens. Discurso. Interpretação”. (MOTTA, 2018, p.78).

Pediremos que os alunos observem as imagens das duas praças em estudo, procurando estabelecer relações entre elas. Em seguida, cada estudante terá oportunidade para comentar sobre as diferenças e as semelhanças, entre elas, em outras palavras qual o funcionamento de cada uma delas. Nesse momento, entregaremos impresso a imagem (figura

28) que segue :

Figura 14 - Análise das praças



Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida, entregaremos aos alunos um quadro com vários verbetes de dicionário da palavra “praça”. Destacaremos que o propósito em trabalhar com o dicionário é mostrar que a língua não é transparente e que ela se constitui pela incompletude.

ATENÇÃO Professor!!

Estudar acerca das praças é relevante porque, segundo Nunes (2011, p.158), “[...] as praças são daqueles que marcam a formação das cidades e que se transformam frequentemente, acompanhando as mudanças conjunturais”. (p.158).

Veja o quadro com os verbetes de “praça”, figura 14:

Figura 15- Quadro se verbetes da palavra “praça” em dicionários

Nome do dicionário	Praça
Raphael Bluteau Vocabulário Portuguez & Latino, 1728 https://www.bbm.usp.br	Lugar público, plano e espaçoso (p. 665)
Antonio de Moraes Silva Diccionario da lingua portuguesa, 1789 https://www.bbm.usp.br	Lugar público, descoberto, espaçoso nas Vilas, ou cidades, onde se fazem feiras, mercados, leilões; onde se tratão coisas de commercio, sendo que as praças de commercio, são edifícios apropriados para nelles se juntarem os negociantes, as praças são de todos levantadas, estando então até cheias de tudo. (p. 481)
Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire , 1954 Vol. IV, 2ª ed. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre.	Lugar público, grande largo ordinariamente rodeado de edifícios, para embelezamento de uma cidade, vila etc., e como meio higiênico para melhor circulação do ar e plantação de árvores. (p. 4087).
Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete , vol IV, 3ª ed. Editora Delta, 1980, Rio de Janeiro- RJ.	lugar público, grande largo ordinariamente rodeado de edifícios, para embelezamento de uma cidade, vila etc., e como meio higiênico para melhor circulação do ar e plantação de árvores. (p. 2909)
Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, mais conhecido no Brasil por Dicionário Caldas Aulete On line , 2008. https://aulete.com.br	Espaço público, ger. Com assentos, coretos, plantas ornamentais etc., destinado ao lazer e ao descanso; jardim público. Espaço público cercado de edifícios; LARGO
Aurélio on line https://www.dicio.com.br	Largo espaço descoberto para onde convergem várias ruas.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2021).

O quadro traz o verbete de seis dicionários de épocas distintas para observarmos, junto com os alunos, como cada um significa a palavra “praça”, são eles: Raphael Bluteau, em seu Vocabulário Portuguez & Latino de 1728; Antonio de Moraes Silva, em seu Diccionario da lingua portuguesa de 1789; Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire, de 1954; Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete, impresso de 1980 e on-line, de 2008 e o Dicionário Aurélio, on-line. Em todos os verbetes dos dicionários, só selecionamos recortes dos significados que se referiam à praça como lugar público. Os grupos deverão estabelecer relação entre os sentidos que eles atribuíram a palavra “praça” e os enunciados definidores dos dicionários (figura 13), observando o que há em comum ou contraditório entre os significados dados.

Retomaremos as leituras de fotografias (figuras 15 e 16) da praça São José, uma de 1969 e 2021. Passado e presente dessa praça, para que os estudantes percebam as mudanças ocorridas durante o tempo, e demonstrem os efeitos de sentidos produzidos durante a análise das imagens.

Figura 16 - Fotografia da Igreja São José -1969



Fonte CHEC (2020).

Figura 17- Fotografia da Praça São José- 2021



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Atenção Professor!!

Na sua proposição você poderá trazer outras fotografias antigas da Praça São José em diferentes épocas para realização da atividade.

A partir da leitura das fotografias de 1969 e 2021, a proposta é que os alunos explicitem suas impressões sobre as imagens. Após deixá-los colocar seus posicionamentos, solicitaremos que eles relacionem com os verbetes de “praça” que estudamos. Os alunos poderão comentar a respeito de como essas fotografias afetam o sujeito cidadão.

Para dar sequência aos trabalhos com fotografias, mostraremos, por meio de multimídia (data show), três fotografias do Lago Azul (figuras 17, 18 e 19), para que os alunos analisem como este local com o passar dos anos tem reverberado na vida dos sujeitos araputanguenses, pois é um espaço onde ocorre eventos vários.

Atenção Professor!!

Você poderá trazer outras fotografias antigas do Lago Azul em diferentes épocas para realização da atividade.

Figura 18- Fotografia do Lago Azul-1994 (após represamento)



Fonte: Igreja Batista Um novo Tempo (2020).

Figura 19- Fotografia - Araputanga passado (Lago Azul)



Fonte: Portal Férias (2020).

Figura 20- Fotografia do Lago Azul- 2020



Fonte: Rafael Heliodoro/ Portal L7(2020).

A ideia ao mostrar as imagens é fomentar a discussão acerca das fotografias da paisagem do Lago Azul em diferentes épocas e debater com os estudantes as mudanças ocorridas. A partir da leitura das imagens de todos os espaços de lazer, sugerimos ampliar a reflexão com outros questionamentos:

Que efeitos que estas mudanças podem ter provocado na vida cidadina dos araputanguenses e que implicações trouxeram para o lazer? Analise os elementos da imagem. Qual a relação dessas imagens com o seu cotidiano? Que memória elas trazem para você? Nesse espaço público você já presenciou algum sujeito praticando o lazer? O que mais podemos saber sobre esses espaços? Quando eles foram construídos? Com quais objetivos eles foram criados? Para quem foram construídos cada um deles? O que as pessoas dizem sobre eles? Quem costuma frequentá-los? Que tipos de lazer eles oferecem? Olhando para estes espaços que foram criados para a cidade, como o poder público concebe o lazer? De que forma, podemos contribuir para que nesse local ocorra outros tipos de lazer?

PARTILHANDO IDEIAS



SUGESTÃO

Nesta fase do trabalho organizaremos com os alunos uma pesquisa nos espaços públicos de lazer escolhidos para que os alunos observem os movimentos desses espaços, as pessoas que frequentam, as atividades de lazer que oferecem, a placa de fundação, saber sobre os sentidos nos nomes desses espaços, bem como tirar fotografias, conversar com as pessoas que frequentam esses lugares, procurando ampliar nossos conhecimentos sobre os lugares estudados.

ATENÇÃO Professor!!

Este momento é oportunidade para que os estudantes compreendam “[...] como os sujeitos interpretam a cidade, como eles se interpretam na cidade, como a cidade impõe gestos de interpretação, como a interpretação habita a cidade etc.” (ORLANDI, 2004, p. 21).

Esse passeio requer que preparemos a autorização da Escola, dos pais e solicitação de um ônibus. É importante a participação de outros professores da escola para contribuir com o conhecimento sobre esses lugares, como os professores de História, de Geografia e de Educação Física. Indicamos que os

alunos anotem em uma ficha ou no diário de bordo, tudo que foi observado em cada um desses lugares.

Figura 21 - Ficha de registro de observação de espaço público de lazer

Espaço público de lazer - registro de observações				
1	2	3	4	5
Praça Romeu Furlan	Praça São José	Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas	Campo Municipal Márcio Mendes	Lago Azul

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Para continuidade, em sala de aula, os alunos serão orientados para que a partir de suas anotações, da visita realizada, das fotografias e demais informações, realizar a atividade que segue abaixo.



Produção de maquetes

Cada grupo produzir uma maquete do espaço público de lazer em estudo e apresentar na sala de aula aos demais colegas da escola (cada turma poderá visitar a sala para ver a produção) e fotografar as maquetes para, posteriormente, colocar no Atlas.

Produção escrita sobre os espaços públicos de lazer

Cada grupo escrever um texto sobre o local de lazer estudado a partir de todas as anotações e pesquisas realizadas.

ATENÇÃO Professor!!

Para realizar a maquete com a turma, indique duas opções, o modo artesanal ou um dos programas indicados, a escolha vai depender das condições de produção de cada escola:

Maquete artesanal-dicas <https://www.Artesanatoereciclagem.com.br/1562-maquete-escolar-modelos-e-dicas-de-como-fazer.html>

Programa de edição de maquetes <https://3dmaquete.com/5-dicas-de-programas-para-edicao-de-maquetes-eletronicas/>

Dando sequência ao estudo, entregaremos para cada aluno a impressão de uma entrevista realizada com o Sr. Francisco, antigo morador da cidade de Araputanga, conhecido como Chico Gato:

Entrevista com Francisco S. Xavier: 57 anos de história vivida aqui Realizada por Auleni

Entrevistado: Francisco S. Xavier, natural de Mossâmedes-GO, 76 anos, comerciante, pai de três filhas, professoras no município de Araputanga.

1. Há quanto tempo o Sr. mora em Araputanga? Onde morou antes de vir para Araputanga? Por que escolheu este local?

Moro em Araputanga desde o ano de 64, viemos de Goiás para cá devido informações de familiares que vieram, conheceram e deram notícia do lugar e viemos por ganância por mato.

2. No seu ponto de vista, como são os diferentes aspectos da cidade?

A cidade é boa em vista de como era. Hoje tem um pouquinho de cada coisa.

3. Que mudanças ocorreram ao longo dos anos em nossa cidade? Muitas mudanças. Hoje tem hospital, banco, comércio, correio, progresso, de tudo um pouco.

4. Como era viver na cidade antigamente?

A fonte de renda era a poaia. Não tinha nada, depois foi abrindo para agricultura e pecuária.

5. O que mais sente falta em relação à forma antiga de vida em Araputanga?

O carinho, o aconchego, o amor ao próximo. Não tinha roubo, podia sair deixar as coisas, não tinha ganância por dinheiro e hoje acabou isso.

6. Em que aspectos nossa cidade pouco mudou?

Mudou em todos os aspectos que pensar.

7. Como o Sr. concebe viver na cidade de Araputanga?

Como me casei, tive os filhos aqui, gosto de morar aqui, viemos a família toda, não ficou ninguém para trás.

8. E em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permaneceu ao longo dos anos?

Agora temos clube, praças, lago, não tinha e hoje tem onde divertir um pouco.

9. E nas horas de lazer na cidade, o que o Sr. e sua família gostam de fazer e se saem, vão para que lugares?

Gosto de ir ao sítio, ver futebol ou fazer viagem mais longe outros estados e fazer pamonha que é uma boa diversão.

10. O senhor acha que a cidade de Araputanga tem boas opções de lazer público? Comente.

Não tem muita opção de lazer, poderia ter mais.

É importante perguntar, inicialmente, a turma se conhecem o entrevistado e/ou alguém de

sua família, já que são moradores antigos e ativos na cidade. Após essa pequena conversa faremos junto com a turma uma leitura em voz alta, compassadamente, de maneira que possa ser acompanhada por todos. Realizada a leitura, problematizaremos e analisaremos, junto com os estudantes, a entrevista a fim de compreender os efeitos de sentidos que ela provoca em nossos estudantes porque não queremos saber a verdade, mas os sentidos múltiplos. Veja:

- 1) A vinda da família Xavier para Araputanga, antiga Gleba Paixão, deve-se a relatos de familiares acerca do local. Quais as notícias que os familiares poderiam ter dito a respeito do lugar?
- 2) Em um dado momento o entrevistado diz “[...] e viemos por ganância por mato”, que efeitos de sentidos podem ser depreendidos dessa expressão?
- 3) Que sentimentos é possível apreender da fala do Sr. Francisco em relação a Araputanga nessa entrevista? Comente?
- 4) A respeito do lazer na cidade, o entrevistado diz: “Agora temos clube, praças, lago, não tinha e hoje tem onde divertir um pouco”. Como você compreende o lazer de hoje e o de antigamente?
- 5) Faça uma análise da fala do entrevistado no que se refere ao lazer no município de Araputanga.

Destacamos que durante a entrevista, o Sr. Francisco mencionou que a família dele, Xavier, veio para Araputanga, antiga Gleba Paixão, a partir de relatos de familiares acerca do local, ou seja, não conheciam, mas os informes dados pelos que conheciam o local os conduziram a tomar a decisão da vinda para a Gleba. Outra questão interessante é que o entrevistado não diz quais foram as notícias que recebeu de familiares. Desta forma, é relevante o debate para saber como os estudantes tomam a vinda da família Xavier para Araputanga, a partir de relatos da memória de familiares que conheciam o local. Um outro ponto pertinente a destacar no trabalho com a entrevista são os sentidos da expressão mencionada pelo entrevistado, onde ele diz que: Viemos por “ganância por mato”.

Nessa direção, para compreensão do dito e não-dito, solicitaremos aos estudantes que façam também, uma análise do que diz o entrevistado sobre o lazer no município de Araputanga. Para continuação dos estudos entregaremos de forma impressa um quadro com vários verbetes da palavra LAZER, selecionado de seis dicionários de épocas distintas (os instrumentos linguísticos utilizados para a observação, são os mesmos utilizados na compreensão do verbe PRAÇA). Vejamos os verbetes de “lazer” na figura 22:

Figura 22 - Quadro- Sentidos de lazer em dicionários

Nome do dicionário	Lazer
Raphael Bluteau Vocabulário Português & Latino, 1728 https://www.bbm.usp.br	Termo de vulgo, como quando se diz. Não tenho lazer para isto. Vid. Vagar Vid. Tempo (p. 61) Vagar – Falta de ocupação, carência de negócio. O tempo que se está sem ocupação precisa. (p. 346)
Antonio de Moraes Silva Dicionário da língua portuguesa, 1789 https://www.bbm.usp.br	Vagar, comodidade, v.g. não tive lazer de fazer isso. (p. 210) Vagar – Ficar sem proprietário, ou pessoa que sirva o ofício, dignidade, benefício, cargo, posto...
Grande e novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire , volume IV, 2ª ed. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre – 1954.	O mesmo que ócio. (p. 3144) Ócio – 1. Descanso, folga do trabalho. 2. Tempo que dura a folga do trabalho. 3. Tempo de que se pode dispor. 4. Estado de quem não faz nada; ociosidade. 5. Madrilice, preguiça. 6. Repouso, cessação de movimento de ação. 7. O trabalho mental ou ocupação do espírito que não exige grande lucubrações. (p. 3657)
Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa Caldas Aulete , vol IV, 3ª ed. Editora Delta, 1980, Rio de Janeiro-RJ.	Ócio; tempo disponível para se fazer alguma coisa devagar (p. 2115)
Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, mais conhecido no Brasil por Dicionário Caldas Aulete Online , 2008. https://aulete.com.br	1. Tempo de folga, de descanso ou entretenimento. 2. Atividade praticada nesse tempo; DISTRAÇÃO; DIVERTIMENTO
Aurélio on line https://www.dicio.com.br/aurelio-2/	Divertimento; atividade agradável praticada num momento de descanso ou de entretenimento: felizmente estou no meu tempo de lazer! [Por Extensão] Descanso; interrupção de uma atividade, geralmente para descansar. [Por Extensão] Folga; tempo usado com atividades agradáveis e prazerosas. Área de Lazer. Espaço usado para atividades agradáveis, prazerosas.

Fonte: Verbete de dicionários. Quadro elaborado pela autora (2021).

Para ampliação dos sentidos de lazer, a turma deverá refletir os vários sentidos de lazer ao longo do tempo e analisarem na fala do entrevistado como era o lazer no passado e no presente. Indicamos a socialização em sala de aula das compreensões sobre o sentido de lazer como “vagar”, ou seja, falta de ocupação, falta de trabalho. Depois como “ócio”, como uma folga do trabalho, um tempo livre para não fazer nada. E que apenas nos dicionários mais recentes, Caldas Aulete e Aurélio online, o lazer vai aparecer como descanso, entretenimento distração e divertimento, ou algo que se faz com prazer.

Para o entrevistado, no passado, a cidade não tinha lugares para lazer como nos dias de hoje

que conta com clubes, praças, lago, embora para ele as opções de lazer ainda precisam ser melhoradas. Lazer é se divertir. Ele, por exemplo, gosta de passear no sítio, assistir a futebol, viajar e fazer pamonha. Assim, o lazer para o entrevistado se sustenta nas condições socioeconômicas favoráveis que ele possui, uma vez que não é todo mundo que possui uma terra na zona rural para se refugiar ou recursos para viajar. Nenhuma atividade de lazer mencionada está relacionada com os espaços públicos de lazer da cidade.

SUGESTÃO

Como sugestão, ao realizar a intervenção, o professor poderá propor que os alunos realizem entrevistas com outros moradores da cidade, e deixar que eles escolham quem entrevistar. Assim, os estudantes vão poder sair da escola, conversar com pessoas da cidade e conhecer o discurso dos moradores sobre os espaços públicos de lazer.

4.1 - PRAÇA ROMEU FURLAN

Esta página está reservada para a produção dos alunos sobre a Praça Romeu Furlan, bem como para colocar as fotografias que eles tiraram do local e da maquete que eles fizeram.

Praça Romeu Furlan



Texto

FOTO DA MAQUETE

4.2 - PRAÇA SÃO JOSÉ

Esta página está reservada para a produção dos alunos sobre a Praça São José, bem como para colocar as fotografias que eles tiraram do local e da maquete que eles fizeram.

Praça São José	Texto
	
	FOTO DA MAQUETE

4.3 – LAGO AZUL

Esta página está reservada para a produção dos alunos sobre o Lago Azul, bem como para colocar as fotografias que eles tiraram do local e da maquete que eles fizeram.

<p>Lago Azul</p>	<p>Texto</p>
	
	
<p>FOTO DA MAQUETE</p>	

4.4 – QUADRA POLIESPORTIVA SIDNEY DE FREITAS

Esta página está reservada para a produção dos alunos sobre a Quadra poliesportiva Sidney de Freitas, bem como para colocar as fotografias que eles tiraram do local e da maquete que eles fizeram.

Quadra Poliesportiva Sidney de Freitas



Texto

FOTO DA MAQUETE

4.5 CAMPO MUNICIPAL MÁRCIO DE OLIVEIRA MENDES

Esta página está reservada para a produção dos alunos sobre o Campo Municipal Márcio de Oliveira Mendes, bem como para colocar as fotografias que eles tiraram do local e da maquete que eles fizeram.

Campo Municipal Márcio de O. Mendes	Texto
	
	FOTO DA MAQUETE



Após todas as atividades realizadas anteriormente pelos alunos e com os grupos já formados orientaremos os alunos a organizar o Atlas dos espaços públicos de lazer. É preciso retomar o arquivo de leitura constituído no decorrer de todo o percurso e as anotações feitas no diário de bordo.

PROPOSTA 05

ANO/SÉRIE	ATIVIDADE	TEMPO PREVISTO
9º ANO	Elaboração do Atlas dos espaços públicos de lazer	8 aulas (60 minutos).

Conteúdo

Produção escrita e organização do Atlas.

Objetivo geral

Organizar o Atlas e dar visibilidade aos gestos de leitura e escrita dos estudantes.

Objetivos específicos

- Mobilizar o arquivo de leitura sobre os espaços públicos de lazer;
- Orientar a escrita, realizar revisão textual.
- Organizar o Atlas;
- Dar visibilidade à assunção da autoria para a comunidade escolar e cidade;
- Propor um trabalho de leitura nos espaços públicos de lazer (Geladeira de Leitura).

Metodologia

1.Primeiramente decidiremos com a turma um sumário para o Atlas, deixaremos eles decidirem, opinarem, podemos sugerir, mediar a escolha.

2. Relembraremos com o aluno tudo que fizeram durante o desenvolvimento do trabalho e retomaremos o texto que eles produziram nas aulas em que estudaram sobre a fundação do município de Araputanga. A ideia agora é rever esses textos com a turma para escrever/reescrever um texto coletivo sobre a história do município de Araputanga para colocar no Atlas, dando visibilidade à autoria dos seus alunos.

3. Orientaremos os estudantes a retomarem os textos que cada grupo escreveu sobre os espaços públicos de lazer pesquisados, faremos apontamentos/orientações para as reformulações necessárias, poderão reportar à memória, à leitura de arquivo, que foi sendo construída durante a proposição das aulas.

4. Retomaremos com os estudantes os gráficos que eles produziram, para que façam uma seleção para colocar no Atlas, escolham também as fotografias dos espaços públicos de lazer visitados, registrados por eles, as fotografias das maquetes e as tabelas que eles fizeram dos espaços públicos de lazer estudados.

5. Providenciaremos a diagramação do Atlas: Após a escrita e revisão dos textos, indicamos a diagramação do Atlas e é importante dizer que para a diagramação solicitaremos a participação dos professores de geografia e matemática, por exemplo, para auxiliar os estudantes quanto a presença de mapas, gráficos, tabelas e outros elementos pertinentes para a produção/organização do Atlas.

ATENÇÃO Professor!!

É importante notar que todas estas produções já foram feitas, e aqui nesta etapa serão retomadas para revisão, melhoramento e seleção. Além disso, cada uma dessas produções tem um capítulo definido para ser colocada no Atlas. Aqui foi só a organização.

6-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Silvia Couto de. Autoria –no risco daquilo que escapa à estabilidade. **Revista Organon**, Porto Alegre, no 53, julho-dezembro, 2012, p. 15-25.

ARAPUTANGA. **Cento de História, Educação e Cultura (CHEC)**. Araputanga, MT, 2020.
GUIMARÃES, José. **Homenagem às mulheres**. Tangará da Serra: Ideias, 2013.

HELIODORO, Rafael. **Portal L7: Registrando e noticiando o que há de melhor na região!** [Araputanga, 2019]. Disponível em: <https://www.portall7.com.br/>. Acesso em: 10 de nov. 2020.

LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **Texto e autoria**. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy e ORLANDI, Eni P. (orgs.). Campinas-SP: Pontes Editores. 2017, p.89-11.

MICROSOFT. **Windows 10 Pro: Modelos 3 D em estoque**. Versão 2004. Washington: Microsoft Corporation, 2004.

MARIANI, Bethânia. O político, o institucional e o pedagógico: quanto vale a língua que ensinamos? **Matraga**, Rio de Janeiro, v.23, n.38, jan/jun. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br>. Acesso: 20 de out. 2020.

MOTTA, Ana. Luiza Artiaga. Rodrigues da. Palavras em movimento: um modo de dizer e de significar. **Traços de linguagem**. Cáceres, v. 2, n. 1, p. 76-82, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br > tracos > article > download>. Acesso: 27 jan.2021. Acesso em 27 de jun. 2021.

NUNES, José Horta. Praças públicas na contemporaneidade: história, multidão e identidade. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, nº53, v.2, jul. /dez. 2011. p.157-168. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636985>. Acesso em: 12 de jan. de 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 9ª ed. Campinas- SP: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni. P. **Cidade dos sentidos**. Campinas-SP: Pontes, 2004.

RASIA, Gesualda de Lurdes dos Santos; CAZARIN, Ercília Ana. Os gestos de leitura–escritura em uma perspectiva discursiva. **Lublin studies in modern languages and literature**, 32, p. 148-161, 2008. Disponível em: <http://simelp.fflch.usp.br > sites > files > inline-files>. Acesso em 10 jun.20